UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais

Mara Isis de Souza

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2010

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

MARA ISIS DE SOUZA

Homem como professor de creche:
sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia

Área de Concentração: Psicologia

Orientadora: Profª Drª. Ana Paula Soares da Silva

RIBEIRÃO PRETO - SP

2010

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Souza, Mara Isis de

Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais. Ribeirão Preto, 2010.

248 p.: 30 cm

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, 2010.

Área de Concentração: Psicologia

Orientadora: Ana Paula Soares da Silva

1. Professor de creche. 2. Masculinidades. 3. Creche. 4. Gênero.

MARA ISIS DE SOUZA

Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____Assinatura: _____

A meu pai e a minha mãe que, nos constantes movimentos de fusão e diferenciação ao longo de meu desenvolvimento, constituíram-se nos principais responsáveis por minha chegada até aqui.

AGRADECIMENTOS

A finalização de um trabalho como este, em que muito de mim se faz presente, implica agradecer neste momento não só àqueles que dele tomaram parte diretamente, mas a todos que, de uma maneira ou outra, fizeram-se presentes em minha longa caminhada até aqui:

À Profª Dra. Ana Paula Soares da Silva, minha orientadora, importante parceira nesse processo de compreender a experiência de participação do homem na educação infantil, agradeço pela orientação, pelo respeito aos meus limites e pelo incondicional apoio para que eu pudesse superá-los; e ainda, por contribuir de maneira singular para meu desenvolvimento como pessoa e como profissional.

À toda a equipe da creche onde foi desenvolvida a pesquisa, pelo acolhimento e pela valorosa contribuição, especialmente aos membros que me concederam as entrevistas, mesmo estando num momento de intensa atividade com os preparativos para o ano letivo seguinte.

Um agradecimento especial ao educador aqui batizado de Vicente, pela enorme exposição a que foi capaz de se sujeitar para que eu pudesse realizar meu trabalho, por sua postura sempre colaborativa, pela enorme paciência em todos os momentos, e pela sugestão dada acerca da observação do período de adaptação, a qual enriqueceu bastante as observações em relação às famílias e às crianças. Muito obrigada!

Às famílias que se dispuseram a conceder-me entrevista, especialmente àquelas que foram entrevistadas, não só pela contribuição de seus relatos para meu trabalho, mas pelo carinho com que me receberam em suas casas e pela postura séria e interessada com que falaram de suas experiências.

À pesquisadora Regiane Sbroion, pelo auxílio com o mapeamento iniciado mas, infelizmente, não concluído.

Aos meus "colaboradores" Delma Rosa dos Santos Bezerra, Gabriela Campos Darahem, Eduardo Name Risk, Juliana Bezzon da Silva, Bruna Calefi Gallo, Regiane Sbroion e Patrícia Moreira de Souza, pelas sugestões acerca das apresentações da qualificação e da defesa, bem como pelas leituras e sugestões de modificações das diversas versões do texto e pelas indicações de referências bibliográficas. Obrigada também pelo carinho nas horas mais difíceis, pelo apoio em todas as fases do trabalho e, principalmente, pela preciosa amizade!

Aos docentes responsáveis pelas disciplinas cursadas durante o mestrado, pela contribuição para a minha pesquisa e para minha formação.

Às companheiras do meu grupo de pesquisa, Ana Paula (a parceira mais experiente), Andréa, Bruna, Delma, Gabriela, Juliana, Lígia, Luciana, Mariana e Regiane, pelas produtivas discussões sobre ética, ciência e vida, e pelos deliciosos momentos juntas!

A todos os Cindedianos e Cindedianas, desse e de outros momentos, por todo o conhecimento construído ao longo da história do grupo, pelas profícuas discussões, especialmente durante os Encontros anuais, e por terem constituído um grupo que é um exemplo do que a Universidade como um todo deveria ser, mas do qual ela vem cada vez mais se distanciando! Obrigada por me permitirem vivenciar a experiência única de fazer parte deste grupo!

Ao Ronie, à Dona Alda e à Mara, pelo apoio logístico, pelas caronas e, especialmente, pela gostosa companhia e pela solidariedade nos momentos difíceis;

Às companheiras da O^{T}PM, Elaine, Gabriela, Rosilene, Silvia, Ana Paula, Adriana, Juliana, Malucian e Flávia, pelas aprendizagens, pela possibilidade do trabalho coletivo e pela renovação das energias e das esperanças!

Às professoras Elisabeth Spinelli e Elenice M. Varanda, pelos primeiros ensinamentos sobre como fazer ciência, por seus exemplos de comprometimento, engajamento, seriedade, integridade e ética, e pela preciosa amizade;

Às amigas e companheiras de curso, e agora de vida, Cidinha, Delma, Malu e Patrícia, por tudo o que crescemos juntas nestes últimos anos, pela amizade que construímos e, ainda, à primeira, por sua força e coragem diante da vida, que também me fortalecem;

Aos meus amigos da 35ª turma de Ciências Biológicas desta Faculdade, por tudo o que aprendemos juntos sobre a maravilhosa 'Vida', no sentido evolutivo, bioquímico, anátomo-fisiológico, taxonômico, ecológico, e ainda no sentido de vida como luta, que compartilhamos na tentativa de contribuir para o curso, para a Universidade e para a sociedade, esta tão esquecida às vezes no interior dos nossos muros;

Aos grandes amigos que fiz no Movimento Estudantil da USP, em especial àqueles que coordenaram comigo o Centro Estudantil da Biologia, nas tantas gestões e na representação discente, aos companheiros da greve do ano 2000, e aos que trabalharam comigo no Coletivo Gota D'água, buscando novos rumos na gestão de um DCE Livre 'mesmo' da USP, mais democrático e menos partidário: obrigada por partilharem comigo nossos sonhos de um outro movimento estudantil, de uma outra sociedade, e por tornarem-se amigos inesquecíveis;

Aos Docentes e às Educadoras do Curso de Pedagogia, pela enorme contribuição para minha formação como educadora, e pelas maravilhosas lembranças de um corpo docente dedicado ao curso e comprometido com a formação de seus estudantes;

Aos funcionários desta Faculdade que, com competência e humanidade, contribuíram para minha formação ao longo destes mais de dez anos de Filô, e especialmente a Isilda Alves, pela paciência, pela compreensão e pelo apoio na realização deste trabalho. Que sua dedicação sirva de exemplo a todos!

A meus grandes amigos da “família A3”, Amanda, Ana Paula, Fer Aroni, Fernando, Roseli, Sofia, Tadeu, Veridiana, Vinícius e agregados, pela amizade e companheirismo em momentos tão difíceis e pela alegria do convívio diário, especialmente na ‘hora do leitinho’;

Aos meus amigos de todas as horas, Adolfo, Amanda, Charles, Jorge, Neila, Sandro, Marcos e Fernando, pela amizade e por suas existências, que mesmo com a distância se fazem presentes, e me ajudam a encontrar razões para sorrir, até mesmo nos momentos mais difíceis;

Aos meus amigos de infância e adolescência, Belzinha, Fernanda, Alessandro “Pitá”, Fabiana, Serginho, Cristiane e Adriano, pelo compartilhamento de muitos momentos de nossas vidas, e pela beleza de nossa amizade, que resiste ao tempo e às distâncias;

A Teresinha P. N. F. de Arruda, minha terapeuta, pelo engajamento em meu crescimento como pessoa e como profissional;

A minhas companheiras de profissão, que tanto vêm contribuindo em meu trabalho com as crianças, e especialmente a Helena Zago, Camila Mariana e Mirtes Mourão, grandes companheiras na busca pela qualidade profissional e na tentativa de superação de nossos limites. E também a Daniela Quimelo e Camila Mariana, pelo enorme apoio na reta final deste trabalho.

A minhas crianças, deste e de outros anos, por participarem de maneira ímpar da construção de minha identidade profissional, por me doarem tanto de sua energia, por me trazerem tantas felicidades em nosso convívio diário e, principalmente, por constituírem a esperança de um mundo melhor! E, ainda, a seus pais, pelas relações estabelecidas a partir de um grande respeito mútuo, e que me ajudaram/ajudam a compreender os meus limites como profissional na vida de minhas crianças, bem como a extensão, por vezes, de meu papel de educadora também a eles.

À família Bezerra, pelo acolhimento, pelo apoio e pelo carinho neste e em outros momentos.

À minha Família, primeiro espaço de interação e desenvolvimento, por me incentivarem em minhas escolhas, por contribuírem para minha autonomia e independência, e por estarem sempre dispostos ao tão necessário papel do “outro”, permitindo fusão nos momentos de fraqueza e dor e, principalmente, a tão construtiva diferenciação, me impelindo sempre a andar com minhas próprias pernas.

A meu companheiro de sonhos, de projetos e de vida, Dejair Bezerra, pela paciência e compreensão em tantas ausências, pelo apoio nos momentos mais difíceis, pelo carinho no dia-a-dia e pelo amor que traz grandes alegrias e aponta a futura realização de muitos sonhos!

RESUMO

Souza, M. I. **Homem como professor de creche:** sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais**.** 2010. 248 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

Em meio às diversas mudanças que vêm ocorrendo na relação entre gênero e profissão, a presença do homem atuando na educação e cuidado de crianças em contextos coletivos, particularmente de crianças de 0 a 3 anos de idade, suscita debates que fazem aflorar o senso comum e desafiam a construção do conhecimento dessa realidade. Ainda em número reduzido, a presença do homem como professor de creche vem sendo preconizada como parte das políticas de promoção de igualdade de oportunidade entre homens e mulheres, do movimento de profissionalização da educação infantil e das tentativas de promover uma educação pautada na diversidade, étnica e de gênero, de figuras de referência para as crianças. O presente estudo tem como objetivo investigar de que maneira um homem se constitui professor de creche, nas relações com suas colegas, com a direção e com as crianças e suas famílias. A construção do *corpus* da pesquisa, ancorada no referencial teórico-metodológico da Rede de Significações, foi feita por meio de: (1) visitas e observações, com registros, em caderno de campo, das práticas e relações estabelecidas pelo professor com as crianças, com as famílias, com suas colegas e a direção; (2) entrevistas semi-estruturadas, gravadas em áudio e transcritas na íntegra, com os atores envolvidos neste processo (professor, professoras, direção e famílias). A análise do material foi feita no sentido de identificar o masculino na relação com as colegas de trabalho, com a direção, com as famílias e com as crianças. Análises dos registros de observação e das entrevistas trazem a experiência de inserção do homem como professor de creche de maneira positiva e recomendável. Dentre os argumentos apresentados acerca das possibilidades que se abrem ante a presença do homem como professor, a figura masculina é representada fortemente pela imagem do pai, justificada especialmente para as crianças que não convivem com esta figura em suas famílias. Em relação à questão do cuidado com o corpo, a decisão da direção, acatada pela equipe, foi de afastar o educador dessas atividades com as meninas, o que evitou a emergência de conflitos e resultou em instrumento para tranquilizar as famílias. Como consequência desta inserção, a possibilidade de interações do professor com as famílias, mesmo que de maneira indireta por meio dos relatos e manifestações das crianças, parece resultar em uma (re)significação da presença de um homem professor na creche, que caminha do estranhamento inicial ao estabelecimento de uma relação de confiança com este profissional.

Palavras-chave: Professor de creche, Masculinidades, Creche, Gênero.

ABSTRACT

Souza, M. I. **Man as a daycare teacher:** objectives and meanings assigned by different institutional players. 2010. 248 p. Dissertation (MA) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

Amid the many changes that have occurred in the relationship between gender and occupation, the presence of men working in the education and care of children within collective contexts, particularly with children between 0-3 years of age, gives rise to debates that bring forth the common sense, and challenges the existing knowledge within such reality. Although few in number, the presence of men as daycare teachers has been recommended as part of policies to foster equal opportunity between men and women, the movement to professionalize the early childhood education and attempts to promote an education based in the diversity, both ethnic and gender, of role models for children. This study aims to investigate how a man becomes a daycare teacher, his relationship with colleagues, with his superiors and with the children and their families. The construction of the corpus of research, rooted in the network of meanings theoretical- methodological perspective, was made by way of: (1) visits and observations, with records in a field book of practices and relationship established by the teacher with the children, with families, with their colleagues and school management, (2) semi-structured interviews, recorded on tape and transcribed in its entirety, with the players involved in this process (teacher, colleagues, school management and families). The analysis was performed to identify the male in the relationship with coworkers, with management, with families and children. Analysis of the observation records and interviews showed that the experience of integrating a man as a daycare teacher is positive and recommended. Among the arguments presented with regards to new possibilities opened up by the presence of a man as a teacher, the male figure is strongly represented by the father image, justified especially for children who do not have a father figure in their families. As far as the children's hygiene and use of toilet, the decision of the school management, embraced by the team, was to remove the male teacher from the girls' bathroom activities, which prevented the emergence of conflicts and became a tool to reassure the children's families. As a result of this integration, the possibility of teachers interacting with the families, even if indirectly by way of reports and children's manifestation, seems to bring about a (re)signification of the presence of a man teacher at the daycare, which moves away from the initial strangeness to the establishment of a trusted relationship with this professional.

Keywords: Daycare teacher, Masculinities, Daycare, Genre.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 17

1 INTRODUÇÃO 19

1.1 ORIGENS DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E DA PROFISSÃO DE EDUCADOR 21

1.2 IGUALDADE DE OPORTUNIDADES E COMPARTILHAMENTO DA EDUCAÇÃO E CUIDADO DA CRIANÇA PEQUENA 25

1.3 HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE JÁ FOI DITO SOBRE ISSO? 30

2 OBJETIVO 33

3 METODOLOGIA 35

3.1 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS 35

3.2 CONSTRUÇÃO DO CORPUS DE PESQUISA 38

3.2.1 A escolha da instituição 38

3.3 A INSTITUIÇÃO 39

3.3.1 Organização e funcionamento da Instituição 40

3.3.2 A gestão da creche 43

3.3.3 Visitas e Observações 44

3.4 SOBRE AS ENTREVISTAS 45

3.4.1 As entrevistas com a equipe 46

3.4.2 As entrevistas com as famílias 47

3.4.3 Tratamento das entrevistas 49

3.5 PARTICIPANTES ENTREVISTADOS 49

3.5.1 Educador Vicente 50

3.5.2 Educadora Roberta 51

3.5.3 Diretora Helena 53

3.5.4 Família de Douglas 56

3.5.5 Família de Clara 56

3.6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS 57

4 RESULTADOS 59

4.1 O HOMEM COMO PROFESSOR NA CRECHE: SIGNIFICADOS E SENTIDOS NA RELAÇÃO COM AS COLEGAS 59

4.2 O HOMEM COMO PROFESSOR NA CRECHE: SIGNIFICADOS E SENTIDOS NA RELAÇÃO COM A DIREÇÃO 71

4.3 O HOMEM COMO PROFESSOR NA CRECHE: SIGNIFICADOS E SENTIDOS NA RELAÇÃO COM AS FAMÍLIAS 78

4.4 O HOMEM COMO PROFESSOR NA CRECHE: SIGNIFICADOS E SENTIDOS NA RELAÇÃO COM AS CRIANÇAS 96

5 DISCUSSÃO 107

5.1 O HOMEM COMO PROFESSOR DE CRECHE - SIGNIFICADOS QUE EMERGEM NA REDE RELACIONAL 107

5.1.1 O impacto da entrada de Vicente na instituição: significados na relação com um homem genérico 107

5.1.2 A vivência de Vicente na instituição: significados na relação com um homem concreto .. 110

6 CONSIDERAÇÕES 115

6.1 HOMEM COMO PROFESSOR DE CRECHE: O QUE DIZER DESSA HISTÓRIA 115

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: 119

APÊNDICES 125

APRESENTAÇÃO

A questão do masculino e do feminino é algo que me toca desde minha infância, marcada pela convivência familiar com seis irmãos mais velhos e pela descoberta de que o mundo não era igual para homens e mulheres.

Como ser mulher era uma constatação imutável, o que sempre acreditei então era que o único caminho para tentar modificar esta situação seria por meio da extinção dessas desigualdades, que ao longo do tempo fui descobrindo serem bem maiores e mais sérias que simplesmente ter obrigações domésticas, ou não ganhar jogos interessantes e nem poder soltar pipa.

No início desta década, militante no movimento estudantil da universidade, entrei em contato pela primeira vez com trabalhos sobre gênero e participei de discussões sobre as relações entre estudantes de cursos "masculinos" e "femininos", a partir da perspectiva desses estudos.

Posteriormente, ao ingressar na Educação Infantil como docente, à época cursando o segundo ano da graduação em Pedagogia, tive a oportunidade de ter um homem como colega, responsável por uma turma na faixa etária de seis anos.

Se hoje o número de homens que trabalham como professores na Educação Infantil ainda é bastante reduzido, que dirá naquele ano de 2003.

Foi então que minhas questões pessoais uniram-se à curiosidade de conhecer mais de perto esse processo de entrada do homem numa carreira profissional até então exclusivamente feminina, e iniciei meu trabalho de iniciação científica focando esse tema.

Após finalizar minha monografia, analisando a questão a partir do ponto de vista de homens que estavam optando por esta profissão, interessei-me por conhecer o que os demais atores envolvidos no processo (educadoras, crianças, famílias, dirigentes), pensavam sobre o assunto e de que maneira influenciavam e eram influenciados por esta novidade.

A partir do referencial teórico-metodológico da Rede de Significações, desenvolvido pelas pesquisadoras do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil - CINDEDI, no qual estou inserida, nossa proposta neste trabalho foi tentar compreender melhor os aspectos envolvidos nesta inserção dos homens em um espaço historicamente feminino, e quais as implicações dessa inserção para os envolvidos.

De início, no primeiro capítulo, apresentamos um panorama histórico da educação infantil, procurando recuperar os caminhos pelos quais essas instituições foram se constituindo como espaço de trabalho feminino. Em seguida, procuramos situar no contexto atual alguns elementos que podem estar relacionados ao fato do trabalho na creche começar a ser considerado uma opção também para os homens e, por fim, trazemos um pouco do que a produção científica na área tem dito sobre essa mudança.

No segundo capítulo, apresentamos o objetivo de nosso trabalho, desenvolvido com base em um referencial teórico-metodológico que será apresentado no terceiro capítulo, juntamente com os passos para construção do corpus da pesquisa e a contextualização do ambiente institucional em que a mesma foi desenvolvida.

No quarto capítulo, apresentamos os resultados de nossas idas e vindas ao material empírico, numa tentativa de compartilhar um pouco da complexidade envolvida na situação investigada.

O quinto capítulo, por sua vez, traz as discussões acerca dos sentidos e significados que vão sendo atribuídos ao homem que atua como educador/professor na instituição, indicando uma dialética relação entre este homem concreto e um homem genérico na construção desses sentidos e significados pelos diversos atores institucionais.

No sexto e último capítulo, apresentamos as considerações finais, indicando, por um lado, as possibilidades que se abrem ante a presença do homem como professor na creche, e por outro as limitações que podem haver em função do modo como esse homem vai se inserir naquele espaço.

1 INTRODUÇÃO

Em meio às diversas mudanças que vêm ocorrendo na relação entre gênero e profissão, a presença do homem atuando na educação e cuidado de crianças pequenas em contextos coletivos, particularmente de crianças de 0 a 3 anos de idade, é ainda bastante reduzida, ainda que crescente.

A relação entre as mulheres e a educação e o cuidado de crianças pequenas é condição culturalmente construída, estabelecida no mundo ocidental de maneira atrelada à história da infância e da construção da identidade de papéis de gênero, bem como das relações de poder resultantes da dicotomia de papéis masculinos e femininos.

Atualmente, diversas discussões acerca do compartilhamento desta tarefa por homens e mulheres têm estado em pauta. Contudo, a relevância dada ao tema por diversos países e organizações internacionais parece não encontrar reflexo na produção acadêmica. A escassez de trabalhos que relacionem gênero e educação já foi apontada por diversos autores (BRUSCHINI; AMADO, 1988; SPONCHIADO, 1997; ROSEMBERG, 2001a).

No que se refere ao cuidado e educação de crianças pequenas em instituição, dados nacionais referentes à profissão de educador infantil vêm revelando a perpetuação desta profissão como uma das mais femininas no país (ROSEMBERG, 2001b).

Este quadro não é exclusividade do Brasil e parece corresponder a uma realidade do mundo ocidental. Nos Estados Unidos, dados de 1988 apontavam 97% de mulheres dentre os profissionais de creche, numa amostra de 227 instituições e 1.309 profissionais (PHILLIPS; HOWES; WHITEBOOK, 1991 apud ROSEMBERG; CAMPOS, 1998). Estes dados confirmam a perpetuação da ideologia e das práticas presentes à época de surgimento dos "jardins-de-infância" naquele país, em meados do século XIX, que estabelecia uma vinculação entre mulher e jardineira (termo relativo às educadoras destas instituições), caracterizando estes equipamentos como espaços de trabalho exclusivamente feminino (ROSEMBERG, 1998).

Já na Europa, a Suécia, um país com grandes incentivos para a participação masculina no cuidado parental de crianças, possui dados específicos do ano de 1984 que apontavam apenas 6% dos cargos no setor de atendimento à infância sendo ocupados por homens. Na interpretação da pesquisa, esse fato é considerado um problema, em função da defesa da ampliação da presença masculina neste setor como meio não só de reduzir a preocupante carência de profissionais, como também de interferir de maneira positiva no ambiente das

creches, proporcionando às crianças modelos masculinos diferentes daqueles já estereotipados (GUNNARSSON, 1994).

> A ausência de homens trabalhando nas creches tem sido discutida há anos na Suécia e parece não ser fácil estimular rapazes a trabalharem no setor. Salários relativamente baixos, baixo prestígio ocupacional, atitudes estereotipadas quanto aos papéis sexuais seriam as principais razões para tal relutância (GUNNARSSON, 1994, p. 158-159).

Conclusões de um trabalho de mapeamento da Educação Infantil em 11 países da Comunidade Econômica Européia apontam uma maciça maioria de mulheres ocupando os cargos de professor de pré-escola, em detrimento de uma baixíssima proporção de homens, proporção esta inclusive em queda em alguns países (PASCAL; BERTRAM; HEASLIP, 1992).

O argumento que relaciona a escassez de homens, neste segmento, aos baixos salários e más condições de trabalho perde sua força ao verificarmos que esse fenômeno também ocorre em países cujas condições são melhores e os salários mais altos. Mesmo em países onde foram desenvolvidos programas específicos no sentido de atrair homens para o trabalho em instituições de educação e cuidado da primeira infância, como Noruega, Dinamarca e Reino Unido, a participação masculina ainda permanece irrisória (OCDE, 2002).

Dados da Noruega do ano de 2002 apontavam um percentual de 7% de profissionais pertencentes ao sexo masculino, quando a meta do governo era de 20% já no ano 2000. Esta expectativa do governo estava relacionada à inserção, em 1998, de uma regra de discriminação positiva que beneficiava possíveis candidatos do sexo masculino aos serviços de educação e cuidado da criança pequena, em adição a um conjunto de medidas de incentivo tomadas ao longo de toda a década de 1990 (OCDE, 2002).

No Reino Unido, a meta estabelecida para o ano de 2004 era de 6% de participação masculina no cuidado e educação da primeira infância em instituições, contrapondo a realidade de um percentual de 2% em 1998 (OCDE, 2002).

Se a presença do homem nas instituições de educação infantil se dá ainda hoje de maneira incipiente e, à semelhança do que ocorria na década de 1980, associada na maioria das vezes a funções consideradas masculinas – zeladoria, vigilância, direção (CAMPOS; GROSBAUM; PAHIM; ROSEMBERG, 1984) –, podemos tentar compreender este fato analisando os condicionantes históricos relacionados à profissão de educadora infantil e à construção da identidade de papéis de gênero.

1.1 ORIGENS DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E DA PROFISSÃO DE EDUCADOR

As instituições de educação infantil, nas sociedades ocidentais, surgiram como resultado de um processo sócio-histórico vinculado às transformações no mundo do trabalho e, conseqüentemente, nas dinâmicas e papéis familiares.

No Brasil, as primeiras instituições voltadas à educação da criança foram as creches, que surgiram no advento da República, em fins do século XIX, em função da necessidade de liberar a mão-de-obra da mãe pobre (ex-escrava) e, ao mesmo tempo, contribuir para a redução dos altos índices de abandono e de mortalidade infantis, grande preocupação dos médicos higienistas da época (CIVILETTI, 1991).

Seu caráter educacional não se dava por meio de uma intencionalidade pedagógica por parte de seus trabalhadores, mas de objetivos associados a sua destinação específica às classes populares, visando o disciplinamento e apaziguamento das relações sociais (KUHLMANN JR., 1998).

Fortemente marcadas pelos ideais franceses, tanto no que se refere a sua finalidade quanto a seu funcionamento, as creches, no Brasil, foram descritas como:

> um estabelecimento de beneficência que tem por fim receber todos os dias úteis e durante as horas de trabalho, as crianças de dois anos de idade para baixo, cujas mães são pobres, de boa conduta e trabalham fora de seu domicílio (A MÃI DE FAMÍLIA, 1879 apud CIVILETTI, 1991, p. 36).

Não seriam, portanto, todas as mães que poderiam encaminhar seus filhos para estas instituições. As creches eram destinadas exclusivamente à camada pobre e trabalhadora, restando às mulheres das classes abastadas o cumprimento de seu papel de mãe, que acabava por justificar seu afastamento do mundo do trabalho (CIVILETTI, 1991).

Considerando tamanha valorização do papel de mãe naquele contexto sócio-histórico, apenas às mulheres poderia ser dada a incumbência de cuidar das crianças nestas instituições, sendo conclamada a esta tarefa a Irmandade da Misericórdia, já responsável pelo cuidado das crianças oriundas das Rodas dos Expostos (CIVILETTI, 1991).

No início do século XX, a filantropia surge como modelo assistencial que se propõe a substituir o modelo de caridade religiosa, vindo a fortalecer-se na década de 1930 (MARCÍLIO, 1997). As associações filantrópicas traziam não só preocupações ligadas ao

higienismo como também questões relativas à família, ao trabalho e à criminalidade infantil, numa composição de forças que visava garantir a "constituição de uma modernidade que não viesse a ameaçar a manutenção de privilégios sociais" e a construção de uma "cidadania limitada aos interesses dominantes" (KUHLMANN JR., 1998, p.101).

A segunda metade do século XX assiste à ampliação da participação da classe média feminina no mercado de trabalho que, somada a um intenso processo de urbanização que tomava os espaços antes utilizados para o brincar, resultou em um aumento pela demanda de creches, não só para os filhos das operárias como também de professoras, funcionárias públicas e domésticas (OLIVEIRA, MELLO, VITÓRIA & ROSSETTI-FERREIRA, 1992).

Nesse ínterim, as ideias trazidas pelas teorias psicológicas ligadas ao apego encontraram terreno fértil e se disseminaram amplamente, inaugurando um novo momento na história das creches, o do modelo substitutivo-materno, e reforçando a ideia destas instituições como mal menor, desvalorizando o trabalho nelas realizado (HADDAD, 1991).

Com o período militar, emerge o discurso de que a educação infantil deve promover a estimulação cognitiva e preparar a criança para a alfabetização, como forma de solucionar os altos índices de fracasso escolar resultantes da "privação cultural". Tratava-se da incorporação, por meio da influência de organizações multilaterais como a UNESCO e o UNICEF, das práticas discursivas norte-americanas e européias proponentes da "educação compensatória", construída no Brasil por meio de programas de educação a baixo custo, do tipo não-formal, com uso de prédios já existentes e participação de profissionais leigos ou com formação profissional insuficiente (KRAMER, 1982; OLIVEIRA et al., 1992; ROSEMBERG, 1996).

Durante as décadas de 1970 e 1980, mulheres com baixo nível educacional e nenhuma formação prévia foram chamadas pelo Estado ao trabalho nas creches, realizado em moldes voluntário ou semivoluntário, resultando em um enfático estímulo ao viés de gênero na Educação Infantil. Diagnósticos feitos por volta de 1996, em diversas regiões do país, mostravam os resquícios desta ação governamental, apontando um elevado número de mulheres com nível educacional equivalente ao ensino fundamental incompleto trabalhando em creches, recebendo baixa remuneração e muitas vezes sem usufruir seus direitos trabalhistas, numa clara busca de alternativa ao trabalho como empregadas domésticas (ROSEMBERG, 1996).

Em 2006, quase dez anos depois da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)[1] entrar em vigor, dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) (BRASIL, 2006) mostram que esta marca ainda não foi superada: incluindo o meio urbano e rural, temos, de um total de 94.038 profissionais de creche, 1,2% (1.204) com o fundamental incompleto e 3,9% (3.714) com o fundamental completo, totalizando 5,1% de profissionais sem a formação mínima exigida para atuação na Educação Infantil. Para completar o quadro, temos ainda 61% (57.133) de profissionais formados em nível médio e apenas 34% (31.987) formados em nível superior.

Apesar de muita luta ao longo das últimas décadas pelo reconhecimento da creche como espaço privilegiado de educação e cuidado, refletida nos textos da Constituição Federal de 1988 e da LDB de 1996, e de muito trabalho no sentido de construir um projeto de instituição que prime por estas duas dimensões da educação infantil, ainda são percebidos, nos equipamentos deste segmento, os resquícios do ideário que pautou seu funcionamento ao longo de sua história. É comum a defesa da creche como exclusiva aos filhos de mães trabalhadoras, como alternativa de assistência às famílias pobres e como local de trabalho feminino.

A Educação Infantil, já na Constituição de 1988, é garantida como direito da criança, e não mais apenas das mães trabalhadoras. Mas essa ideia de que a criança só pode frequentar a creche se a mãe estiver trabalhando, também presente em diversos municípios que ainda exigem registro da mãe em carteira de trabalho para matricular a criança nestas instituições, deixa evidente que a compreensão da creche como espaço de cuidado-educação, com um planejamento pedagógico que por si só justificaria a importância da criança não interromper sua frequencia à creche sem motivo, ainda está longe de ser alcançada[2].

Em outra vertente da educação infantil brasileira estão as instituições para crianças pequenas criadas com objetivos nomeadamente educacionais e destinadas à elite. As

[1] A Lei nº 9.396/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), determina a formação em nível médio como mínima para a atuação na educação infantil e dá o prazo de 10 anos em suas disposições transitórias para que todos os sistemas de ensino se adequem a suas exigências.

[2] Um caso ocorrido recentemente no município de Valinhos-SP, ilustra bem a rescindiva da visão assistencialista da creche. Prestes a dar à luz ao segundo filho, uma mãe que tinha um filho de 3 anos de idade em creche foi informada de que, durante o período de sua licença maternidade, seu filho mais velho teria de ficar com ela em casa, uma vez que ela não estaria impedida pelo trabalho de ficar com seu filho. Esse caso chegou ao conhecimento do Movimento Ciranda em Defesa da Educação Infantil Pública, Gratuita e de Qualidade (Ribeirão Preto-SP) por intermédio da COEDI/MEC, que solicittou ao movimento intervenção na situação a fim de contribuir para que a mãe garantisse o direito de seu filho de 3 anos de idade de frequentar a creche durante a licença maternidade da mãe.

primeiras originaram-se com base nas ideias froebelianas dos jardins-de-infância, em instituições de caráter privado, na década de 1870 (CIVILETTI, 1991; KUHLMANN JR., 1998).

Em 1935, surgiram os primeiros parques infantis que, inicialmente destinados às famílias de baixa renda, acabaram por sofrer, ao longo do tempo, um processo de elitização, especialmente em função da redução do atendimento em período integral para tempo parcial (OLIVEIRA & ROSSETTI-FERREIRA, 1986).

Posteriormente, diversas instituições nos moldes dos parques infantis foram criadas pelos municípios paulistas, originando a maioria das EMEIs atuais, algumas ainda chamadas de "parques" pela comunidade.

Ainda que estas instituições tenham tido diferentes origens, suas funções, ligadas ao cuidado e educação de crianças pequenas, por muito tempo foram consideradas relacionadas à maternidade e ao doméstico, aspectos vistos como parte da natureza da mulher. Em função disso, a profissão de educador infantil teve sua construção historicamente atrelada àquela da identidade de papéis de gênero, constituindo-se em ocupação associada à figura feminina (ARCE, 2001; BRUSCHINI & AMADO, 1988).

Em relação a isto, Rosemberg (1999) declara ser a educação infantil:

> tanto na vertente creche quanto na vertente pré-escola (...) uma atividade historicamente vinculada à produção humana (isto é, à esfera da reprodução) e considerada de gênero feminino, tendo, além disso, sido sempre exercida por mulheres (...). Isto é, diferentemente de outras formas de ensino (...), que eram ocupações masculinas e se feminilizaram, as atividades do jardim-da-infância e de assistência social voltadas à infância pobre iniciaram-se como vocações femininas já no século XIX, tendo ideais diferentes das ocupações masculinas que evoluíam no mesmo período (p. 11).

A associação das ideias de que para 'cuidar' de crianças basta gostar e de que esta tarefa é feminina tem levado à aceitação, na educação infantil, de pessoas com baixa ou nenhuma formação, e a uma conseqüente má remuneração que, somada às más condições de trabalho (longas jornadas, proporção adulto-criança inadequada), à falta de perspectivas na carreira e ao desprestígio da profissão (CRUZ, 1996), configuram um contexto profissional pouco atraente.

Izquierdo (1991 apud ROSEMBERG, 1996) ressalta a existência de uma concepção hierárquica de dominação do gênero masculino sobre o feminino, acompanhando um preconceito com relação a diferenças de capacidades entre homem e mulher. Corresponderiam ao gênero feminino as atividades ligadas à esfera da produção e reprodução humanas, tidas como de menor importância social que aquelas exercidas pelo gênero

masculino, ligadas à produção e administração, consideradas de primeira ordem para o funcionamento e desenvolvimento da sociedade. Isto implica em uma espécie de categorização das atividades profissionais, que são identificadas como relacionadas a um ou a outro gênero, independente do sexo de quem as exerça.

A existência de uma divisão social do trabalho em função do gênero, segundo Barrett (1980 apud APPLE, 1988) resulta numa correspondência entre os tipos de ocupação predominantemente femininos e a divisão do trabalho familiar: cuidados com alimentação e saúde, o serviço doméstico, o vestuário e as necessidades humanas fazem parte dessa relação entre o trabalho doméstico e o exercido fora de casa pela mulher.

Dado que as relações de gênero estão associadas a relações de poder (GARCIA, 1998), e ainda o fato da educação infantil ter sido por muito tempo considerada uma ocupação para a qual não havia necessidade de formação, mas apenas da posse de características natas da mulher, acabou por configurar-se uma situação de desprestígio e baixa remuneração deste profissional (BEATTY, 1989 apud ROSEMBERG, 1996), outra razão para que esta profissão fosse vista como inadequada ao homem, compreendido como o responsável pela função de sustento da família.

1.2 IGUALDADE DE OPORTUNIDADES E COMPARTILHAMENTO DA EDUCAÇÃO E CUIDADO DA CRIANÇA PEQUENA

A luta das mulheres pela ocupação dos espaços da vida pública acabou por colocar em foco a participação masculina na vida doméstica. A atual produção teórica e política sobre paternidade vem propor uma nova forma de olhar para o homem, desviando o foco do alegado machismo para as condições oferecidas pela sociedade para um efetivo envolvimento masculino na vida familiar (FONSECA, 1998).

O princípio da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres vem sendo alvo de discussões não só no que se refere à vida pública, mas também à esfera privada, tomando parte inclusive no cenário de políticas públicas internacionais, visando à promoção de igualdade entre os gêneros.

Em vários países da Europa, discute-se a necessidade de maior participação masculina no cuidado e educação parental e formas de incentivo a esta participação, como descrito no

documento “Educação e Cuidado na Primeira Infância: grandes desafios”, elaborado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2002).

Na Suécia, por exemplo, homens e mulheres têm a oportunidade de compartilharem, igualmente, uma licença maternidade/paternidade no primeiro ano de vida da criança, bem como o seguro-licença, destinado ao cuidado da criança em caso de doença, ambos remunerados. Importante ressaltar que, no caso da licença paternidade, dados do início da década de 1990 mostravam que os homens faziam uso desse direito numa proporção de um a cada quatro homens, e num período de tempo de um a dois meses (GUNNARSSON, 1994).

A República Tcheca também oferece licença maternidade/paternidade, de até quatro anos, mas esta vem sendo gozada quase exclusivamente pelas mães (OCDE, 2002).

Outros países europeus também têm criado incentivos para o cuidado parental masculino, porém mais tímidos: a Noruega oferece licença maternidade/paternidade de um mês; Portugal oferece a mesma licença em até seis meses, porém sem remuneração; a Itália oferece dez meses, mas com apenas 30% do salário; na Finlândia, além de uma licença paternidade de três semanas, há ainda a possibilidade de licença maternidade/paternidade por vinte e seis semanas, com remuneração correspondendo a cerca de 60 a 70% do salário; na Bélgica, a licença maternidade/paternidade possui um sistema que garante quinze semanas remuneradas, mais um sistema parcialmente remunerado de três meses em tempo integral e seis meses em tempo parcial, que pode ser utilizado até que a criança complete quatro anos; a Austrália, por sua vez, oferece cinqüenta e duas semanas de licença não remunerada, após trabalho ininterrupto por doze meses na mesma empresa, podendo este período ser compartilhado entre o pai e a mãe, mas não simultaneamente (OCDE, 2002).

O Brasil ainda está distante desses avanços no sentido da igualdade de direitos e oportunidades.

Apesar do novo Código Civil Brasileiro (BRASIL, 2002) transformar o ”pátrio poder” sobre os filhos em “poder familiar” a ser exercido igualmente pelo pai e pela mãe, desaparecendo com a figura do “chefe de família”, e não colocar a mãe em situação privilegiada ante o direito de guarda dos filhos após a dissolução do casamento, a Constituição Federal (BRASIL, 1988) destina para a licença-paternidade apenas cinco dias enquanto estabelece licença-maternidade de cento e vinte dias.

No momento atual, enquanto a Lei nº 11.770, de 09 de setembro de 2008, que permite a prorrogação por mais 60 dias da licença-maternidade, já foi aprovada (BRASIL, 2008), existem três projetos em tramitação no Congresso Federal acerca da licença-paternidade. Um

deles, já aprovado pelo Senado[3], é de autoria da mesma senadora do projeto que permite ampliação da licença maternidade e propõe aumento de cinco para 15 dias de licença. Outros dois[4], que ainda não passaram pelo Senado, preveem ampliação para 30 dias.

Considerando que, pelo menos desde 1988, há projetos de lei sendo propostos no sentido de regulamentar os direitos às licenças parentais, garantidos na Constituição Federal promulgada no mesmo ano, podemos inferir que a demora em definir a questão e ainda a diferença entre o tempo de ampliação proposto para cada licença reforçam a concepção de que é à mãe que cabem os cuidados com a prole.

Fonseca (1998) chama atenção para o fato de que as políticas afirmativas em relação a uma maior participação masculina no cuidado parental não são suficientes para garanti-la, uma vez que a organização social, em função da desigualdade de gênero, acaba por resultar num maior número de horas de trabalho exercidas pelos homens.

Com relação ao cuidado de crianças em instituições, há diversas questões a serem superadas na busca de uma participação mais igualitária entre os gêneros, em especial as que se referem ao status da profissão. No entanto, a discussão sobre vantagens e desvantagens da participação masculina na educação e cuidado de crianças em instituição tem sido, em alguns casos, ofuscada por um debate centrado na possibilidade de ampliação, em função da presença masculina nestes equipamentos, dos riscos de maus-tratos e abusos, temidos pelos pais e pelas próprias instituições. O discurso da naturalização, pautado num padrão hegemônico de masculinidade, posiciona o homem que se dispõe a trabalhar com crianças ou como abusador em potencial ou como homossexual, por realizar um trabalho considerado feminino (OCDE, 2002; CAMPOS et al., 1984).

O relatório da OCDE (2002) mostra que com as mudanças recentes no(s) modelo(s) de família, a criança nem sempre tem a possibilidade de conviver com homens em casa – por isso defende a importância do contato com modelos masculinos e femininos nas instituições, garantindo a diversidade. O relatório ainda comenta os benefícios pedagógicos que a presença masculina pode trazer, como o trabalho com o corpo e a exploração de áreas livres.

A Rede Européia de Acolhimento à Criança (REAC), por sua vez, publicou em 1996, após 10 anos de atividades, um relatório que faz um apanhado geral acerca do trabalho desenvolvido por ela, incluindo diversos seminários e conferências promovidos ao longo da

[3] Projeto de Lei nº 666/2007, de autoria da senadora Patrícia Saboya (PDT-CE), apresentado em 21/11/2007.

[4] Projeto de Lei nº 2.430/2007, de autoria da deputada Maria do Rosário (PR-RS), apresentado em 13/11/2007, e Projeto de Lei nº 4.028/2008, de autoria da deputada Rita Camata (PMDB-ES), apresentado em 16/9/2008.

década, os quais originaram relatórios específicos, e ainda outras publicações. Dentre os vários documentos publicados, alguns tocaram diretamente na questão dos homens como cuidadores. No documento "Os homens como prestadores de cuidados", foram registradas as discussões de um seminário internacional realizado em maio de 1993, em Ravenna, com o objetivo de "analisar as formas de promoção e apoio ao reforço da participação dos homens em matéria de cuidados e educação das crianças" (p. 27). Os registros apontam para conclusões no sentido de que mudanças em relação à participação dos homens, nestes cuidados, teriam potenciais benefícios a todos, homens, mulheres e crianças, salientando para a existência de potenciais riscos também. Discutem que estas mudanças implicam novos papéis, identidades e relações, tanto para homens como para mulheres, e conclamam os diversos segmentos sociais a apoiarem as mudanças necessárias, que devem se dar em vários níveis e diversificados contextos sociais.

Um outro documento da REAC, denominado "Fathers, nurseries and childcare" (Pais, creches e cuidado infantil), traz relatos sobre experiências desenvolvidas em creches da Itália e do Reino Unido, visando maior encorajamento e reforço à responsabilização dos pais com a prestação de cuidados e educação das crianças. Estas experiências estariam pautadas na ideia de que as instituições poderiam funcionar como "centros estratégicos" de promoção da mudança no desempenho dos papéis e relações masculino/feminino, bem como no "desenvolvimento de uma cultura de responsabilidade, partilha e reciprocidade entre homens e mulheres na prestação de cuidados e educação dos filhos" (REAC, 1996, p. 28).

Um terceiro documento, "Men as workers in childcare services" (Homens como trabalhadores em serviços de cuidado infantil), vai tratar especificamente da participação dos homens como cuidadores em instituições, realçando a necessidade de ampliação do número de homens nos serviços de acolhimento, educação e recreação para crianças pequenas, com uma meta de ampliação que resulte em 20% de trabalhadores do sexo masculino nestes equipamentos. As conclusões giram em torno da importante contribuição desta ampliação para o objetivo de promoção da igualdade de oportunidades no mercado de trabalho, e de melhorias para as próprias crianças, considerando que um maior equilíbrio entre o número de homens e mulheres nos equipamentos constituiria fator de qualidade. Este documento também aponta para a preocupação com a questão do abuso, salientando que este argumento é muito forte em países como o Reino Unido, mas que nem sempre é colocado em questão, como no caso da Dinamarca, ainda que também haja casos de abuso neste país. Outra preocupação diz respeito a uma ocupação pelos homens de postos de trabalho femininos, para a qual propõem que seja compensada com um incentivo à ocupação pelas mulheres de ocupações tidas como

"masculinas". Por fim, é discutida a importância da melhoria das condições de trabalho e da remuneração como formas de atrair mais homens para o trabalho com crianças pequenas, o que implicaria em melhorias também para as mulheres que já trabalham nestes serviços, apontando os sindicatos como um segmento importante neste processo. E o relato sobre este documento é fechado com a seguinte afirmação: "existem muito poucos conhecimentos e investigação sobre este tema, pelo que é necessário e urgente um maior investimento" (REAC, 1996, p. 29).

Um outro documento da mesma Rede de Acolhimento, "Qualidade dos serviços às crianças" (BALAGEUR, MESTRES & PENN, 1991), traz, no bojo dos critérios tidos como de qualidade, a presença dos homens nas instituições, bem como a promoção de práticas pedagógicas não discriminatórias, que incluam princípios de igualdade. Em referência aos aspectos relacionais, por exemplo, questiona-se se estão representados modelos de referência masculinos e femininos. Em relação à apreciação da diversidade, as problemáticas de "como é reconhecida a diferença de sexo e como é que se integrou esta diferença", bem como se "existe uma vontade de compreender, de ultrapassar os estereótipos, de representar e considerar a diversidade cultural e física no material didático e nos equipamentos utilizados nas atividades cotidianas" (p. 16) também fazem menção à questão de gênero. De uma perspectiva ética, questiona-se se "a creche ou serviço de acolhimento reconhece a igualdade de oportunidades, sem discriminação sexista, racial, ou em relação aos deficientes" (p.19). Finalmente, em relação aos trabalhadores, é questionada a proporção entre homens e mulheres no serviço.

Os discursos são consensuais ao defenderem a participação masculina na educação infantil. Porém, muitas questões sobre o modo de inserção do homem neste espaço permanecem em aberto. Os documentos ressaltam a importância desta inserção, mas não apontam de que maneira ela deveria ou poderia se dar. As características próprias e especificidades do homem fazem parte do modo como se insere? Ou o homem simplesmente se enquadra no modelo feminino já construído? Esta inserção traz a possibilidade de se repensar concepções acerca do cuidado e educação de crianças pequenas em instituição? O homem traz contribuições para o trabalho neste espaço? Como sua presença influencia a dinâmica do equipamento? Como ela questiona as relações de gênero cristalizadas na instituição? E em relação às famílias, existem tensões? De que tipo? Quais as razões?

Estas são algumas questões que este trabalho busca responder e que podem auxiliar na compreensão das razões pelas quais parece ser tão difícil conseguir uma efetiva ampliação da participação masculina no cuidado/educação de crianças pequenas.

1.3 HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE JÁ FOI DITO SOBRE ISSO?

No Brasil, parece haver, ainda que tímida, uma contínua ampliação da inserção masculina na função de professor/educador de creche, conforme apontam os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), no período de 2003 a 2007 (BRASIL, 2007).

Possivelmente por esta razão, este assunto já foi pautado em revistas direcionadas a educadores, por meio de relatos de experiências positivas em diversos municípios e regiões do país e uma breve argumentação na defesa da ocupação pelo homem deste espaço (GENTILE, 2005; ROMÃO, 2008; OLIVEIRA, 2008-2009).

Na área acadêmica, o primeiro estudo, segundo a própria autora, a se debruçar sobre este tema, foi feito por Saparolli (1997) que, em sua dissertação de mestrado, realizou um mapeamento, no município de São Paulo, de homens que ocupavam, naquele momento, a função de professor/educador de creche. A partir deste levantamento, no qual encontrou trinta e três homens nessa função, pareou-os a educadoras para tentar, por meio de questionários bastante abrangentes, analisar as semelhanças e diferenças nos perfis sócio-demográficos e nas práticas profissionais relatadas. Em seus resultados, Saparolli constatou que o fato de pertencer a tipos diferentes de creche teve mais impacto na divergência entre as respostas dos (as) educadores(as) que a variável sexo. Também observou a existência de uma relação entre o nível de profissionalização presente na concepção de educação e na estruturação das propostas pedagógicas da instituição e o grau de aceitação de homens como educadores, argumentando que quanto maior a profissionalização, menor a vinculação com o feminino e maior a presença de homens como educadores na instituição.

Em uma pesquisa realizada como extensão de seu trabalho de mestrado, numa creche do município de São Paulo, Cruz (1998) investigou as representações de masculino manifestadas por adultos e crianças. Nos grupos focais realizados com as famílias e nas entrevistas individuais com as educadoras, a pesquisadora colocou em questão, entre outras, a possibilidade da presença, na creche, de homens trabalhando como educadores. As atitudes e respostas dos participantes diante desta e de outras perguntas sugeriram, segundo a autora, indícios de um momento de transição ou pelo menos de avaliação, diante das reificadas representações de masculinidade ainda predominantes, inclusive no âmbito daquela creche.

Também a tese de Sayão (2005) trouxe importantes contribuições para esta questão. A partir do estudo da trajetória profissional de sete professores de Educação Infantil de

Florianópolis/SC, cinco que permaneceram na profissão e dois que optaram por abandoná-la, buscou compreender como se dá a construção da identidade profissional desses educadores, considerando o caráter feminino atribuído a esta profissão. Este estudo contou com três diferentes instrumentos de coleta (observações, entrevistas e vídeo-gravação) e com a participação não só dos educadores, como também de suas colegas, diretoras e famílias de suas crianças, resultando num trabalho extremamente rico.

Ainda na área acadêmica, meu trabalho de iniciação científica buscou compreender os significados que dois educadores (um de creche e outro de pré-escola) haviam construído acerca da participação do homem na educação e cuidado da criança pequena em instituição (SOUZA, 2007). Os dois participantes compartilham do posicionamento de que os homens podem inserir-se com competência nesta profissão, sentem-se à vontade no exercício dela, e bastante satisfeitos com os resultados obtidos em seu trabalho. Definem a formação como princípio para a realização de seus trabalhos com competência e acreditam na existência de um estranhamento inicial, especialmente por parte das famílias, acerca de suas presenças neste ambiente. Porém trazem claramente a possibilidade de desconstrução deste posicionamento inicial em relação à figura masculina, resultando na (re)significação das concepções iniciais que levavam a um receio, e na conquista da confiança em suas pessoas e em seus trabalhos, que só poderiam se dar nas interações estabelecidas e na co-construção de significados acerca da ocupação pelo homem deste espaço profissional.

2 OBJETIVO

O presente trabalho tem como objetivo investigar de que maneira um homem se constitui educador de creche nas relações com suas colegas, com a direção e com as crianças e suas famílias.

3 METODOLOGIA

3.1 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

O referencial teórico-metodológico que orienta o trabalho é a Rede de Significações (RedSig), uma perspectiva que, inicialmente desenvolvida para compreender os processos de desenvolvimento humano numa abordagem complexa e semiótica, vem sendo utilizada como um instrumental que abarca os diversos sentidos e significados presentes na realidade institucional, nas interações entre as pessoas, nos contextos educacionais, nas práticas cotidianas que se tornam objetos de nossa investigação. A RedSig considera o desenvolvimento humano como um processo que ocorre durante todo o ciclo vital e que se dá "*nas e por meio das* múltiplas interações estabelecidas pelas pessoas em contextos social e culturalmente organizados" (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM, SILVA & CARVALHO, 2004, p.23).

Esses contextos não são considerados nesta perspectiva como meros panos de fundo para os processos de desenvolvimento, nem conferem algum tipo de determinação da direção desses processos. Ao contrário, os contextos são compreendidos como parte constitutiva dos processos desenvolvimentais e de constituição das pessoas, sendo ao mesmo tempo um meio que dá limites e que abre possibilidades.

Os contextos são marcados pela articulação das histórias geral e local de um grupo cultural ou de pessoas em interação, entrelaçadas com elementos ligados ao tempo presente. Essa complexidade histórica materializa-se na organização e ocupação do espaço físico, em normas e rotinas de funcionamento e no estabelecimento de estruturas de poder, nas interações cotidianas estabelecidas entre e pelas pessoas. Aspectos da matriz sócio-histórica atualizam-se e se (re)constituem na dialética inter-relação de elementos discursivos e práticas cotidianas com as condições socioeconômicas e políticas nas quais estão inseridas as pessoas. Estas, interagindo e se desenvolvendo, ao mesmo tempo são constituídas e constituem os contextos em que estão situadas, contextos estes que são constituídos e constituem a matriz sócio-histórica, resultando disto que, tanto a matriz contribui para a circunscrição do desenvolvimento e constituição das pessoas, como é nas ações e interações entre as pessoas, em contextos específicos, que ela é constituída, ora sendo transmitida e preservada, ora sendo modificada e reconstruída.

Definindo e definidos pelas pessoas que os frequentam, os contextos também definem e são definidos pelos papéis sociais e pelas formas de coordenação desses papéis/posicionamentos, contribuindo para a construção dos diversos tipos de relação entre seus participantes.

Sendo assim,

> o contexto desempenha um papel fundamental, visto que, inseridas nele, as pessoas passam a ocupar certos lugares e posições – e não outros –, contribuindo com a emergência de determinados aspectos sociais – e não outros – delimitando o modo como as relações podem se estabelecer naquele contexto (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004, p. 26).

Além da importância dos contextos, nos quais se estabelecem os campos interativos dialógicos, e da matriz sócio-histórica, há múltiplas dimensões temporais também envolvidas na complexa realidade investigada.

Estas dimensões temporais encontram-se intimamente interligadas: o tempo presente, do aqui-agora, é o tempo em que se dão as práticas discursivas interpessoais e no qual as várias vozes e práticas oriundas dos outros três tempos tornam-se presentes, de forma combinada; o tempo vivido é o tempo da história da pessoa, cujas vozes são compartilhadas com aqueles que vivenciaram experiências e contextos similares; o tempo histórico refere-se a um tempo coletivo, relacionado à história de um grupo social em períodos relativamente longos, que originam as práticas cotidianas, as formações discursivas e ideológicas que compõem a matriz sócio-histórica; o tempo prospectivo, por sua vez, integra expectativas, desejos e planos individuais ou coletivos, sendo também estruturado por formações discursivas e ideológicas.

Para dar conta da complexa e dialética articulação entre os diversos elementos envolvidos na situação investigada é que se optou pela metáfora de rede, na qual:

> A articulação dos diferentes elementos é entendida como estruturando um universo semiótico, promovendo a emergência de um conjunto de significados e sentidos possíveis de serem atribuídos à situação. Essa diversidade de significados e sentidos pode ser mais ou menos ampla, revelando-se ora francamente diversa e polissêmica, ora bastante restrita e exclusiva (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004, p. 28).

A partir dessa perspectiva, o desenvolvimento humano é considerado como um processo de reconfigurações de redes de significações, que vão se dando conforme ocorrem novos eventos. Reconfigurando-se a RedSig, novos papéis ou posições são atribuídos/assumidos pelas pessoas em interação.

"Em um movimento alternado, do tipo figura e fundo, reconfiguram-se a RedSig e os limites e as possibilidades dos comportamentos das pessoas e de seu desenvolvimento, com emergência de novas emoções e significações" (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004, p. 17).

Olhar a participação masculina na educação infantil a partir desta perspectiva permite compreender o educador e seus parceiros como pessoas em desenvolvimento e em processo de constituição de si, de suas identidades pessoais e sociais, lidando a todo momento com novas situações, em diversos contextos, nos quais vão se dar as interações por meio das quais eles se constroem e se reconstroem, atribuindo sentidos e significados diversos a novos elementos ou (re)significando outros.

Os discursos, situados na história, na cultura e na instituição, que perpassam a vivência da pessoa nos diferentes contextos em que atua, acabam por circunscrever os posicionamentos que ela pode assumir nestes mesmos contextos.

A influência das formações discursivas é levada em conta neste trabalho pois a forma como o educador infantil se posiciona e é posicionado por colegas, pais e crianças no interior da instituição, e até por amigos e familiares, está intrinsecamente ligada e em negociação com as práticas discursivas dominantes acerca do que é ser educador infantil e do que é ser homem, em nossa sociedade.

A própria pesquisadora está sujeita a esta influência, tanto na realização das entrevistas quanto na análise das mesmas, uma vez que traz consigo seus componentes pessoais, suas histórias de vida e seus contextos próprios, estabelecendo uma relação dialógica com os entrevistados e com as falas construídas pelos mesmos. Por este motivo, na perspectiva da RedSig, a pesquisadora também é considerada participante da pesquisa.

Dentre os autores de referência da perspectiva da RedSig, nesse trabalho interessa mais particularmente as contribuições de Wallon. Para esse autor (1986), também estão presentes, nas relações estabelecidas pela pesquisadora com os participantes da pesquisa, elementos categoriais, relativos aos grupos aos quais pertencem as pessoas em interação.

É em relação a um *outro*, que não é definido apenas por características pessoais, mas também por elementos que o situa no interior de determinados grupos, que a pessoa vai assumindo papéis e posicionamentos nas interações (WALLON, 1986).

Esta relação estabelecida com um outro categorial, que não há como ser evitada por nenhuma das partes em interação, é mais um motivo para que a pesquisadora seja considerada participante da pesquisa, pois é em relação não só a ela, como também em relação aos grupos que estará representando naquele espaço, que os demais participantes vão se posicionar ao longo da pesquisa.

3.2 CONSTRUÇÃO DO *CORPUS* DE PESQUISA

3.2.1 A escolha da instituição

Por intermédio de contatos pessoais com educadoras de creche da rede pública municipal, procurou-se obter informações acerca da existência na rede de algum homem trabalhando como educador em creche. Avaliava-se que seria mais proveitoso para o trabalho a investigação da presença do homem em creche (crianças de 0 a 3 anos de idade), caracterizando o trabalho com crianças bem pequenas, motivo pelo qual foram excluídas as pré-escolas (4 e 5 anos de idade). Foi apurado, então, que existiam dois homens trabalhando nesta função, com crianças de três anos, em duas creches públicas diferentes, sendo ambos docentes responsáveis por turmas.

Foram contatadas as duas instituições que confirmaram ter em seus quadros funcionais um homem na função de educador.

O passo seguinte foi o agendamento de uma reunião com as diretoras, para o dia 29 de maio de 2008, para que fosse formalizada a proposta de participação na pesquisa, com a apresentação do projeto e explicação das implicações da pesquisa para a instituição, especialmente no que se refere às determinações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Nas instituições, as diretoras foram bastante acolhedoras, mostrando-se interessadas no projeto e, depois de informadas acerca da autorização concedida pela Secretaria Municipal de Educação para realização da pesquisa na rede municipal, manifestaram-se favoravelmente a sua realização na instituição pela qual eram respectivamente responsáveis.

A partir da anuência das duas diretoras, refletiu-se acerca da possibilidade da pesquisa ser feita nas duas instituições, já que elas atendiam diferentes camadas sociais, fato que poderia enriquecer os resultados. A opção pela instituição participante seguiu o critério de maior tempo de trabalho do educador na instituição, já que em uma delas era o segundo ano de trabalho do educador, enquanto o outro estava em seu primeiro ano de trabalho na respectiva creche.

O projeto foi, então, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP, que o aprovou em reunião do dia 02 de julho de 2008, sob o registro CEP-FFCLRP nº 393/2008 – 2008.1.1115.59.5.

3.3 A INSTITUIÇÃO [5]

A creche escolhida para a pesquisa pertence à rede municipal de ensino de uma cidade de médio porte, localizada no interior do estado de São Paulo, que atende a famílias oriundas de camadas populares, provenientes de seu entorno.

Conquista de um grupo de mães que já exerciam trabalho voluntário com as crianças do bairro, a creche iniciou oficialmente suas atividades em meados da década de 80. As mães, que assumiram a função de cuidadoras, tinham como supervisores profissionais voluntários da área de saúde.

Após alguns anos, a prefeitura, atendendo a um aumento da demanda, realizou uma reforma para adequação do espaço e designou para a creche uma coordenadora.

Inicialmente vinculada à Secretaria do Bem Estar Social, durante vários anos a creche atendeu a um grande número de crianças, contando com o trabalho de apenas algumas cuidadoras voluntárias, o que resultava em turmas com mais de 30 crianças por adulto.

Algumas dessas cuidadoras, após algum tempo, foram contratadas pela prefeitura como agentes de ação comunitária, para continuarem atuando nas creches junto às crianças. Aos poucos também foram sendo designadas outras funcionárias para o trabalho na creche, contratadas pela frente de trabalho da prefeitura.

Mais tarde, um concurso público realizado para legalização dos funcionários que prestavam serviço à prefeitura oficializou essas funcionárias da frente de trabalho no cargo de auxiliar de serviços gerais, mantendo-as no atendimento e cuidado das crianças nas creches.

Nos anos 2000, as creches do município em questão são transferidas para a Secretaria da Educação, conforme determinação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (BRASIL, 1996). Em meados dos anos 2000, após os profissionais obterem a formação mínima exigida por lei, houve um processo de criação de cargos da função docente. Na creche em especial, algumas das funcionárias obtiveram a formação, outras foram remanejadas para outros serviços na mesma instituição (merenda, limpeza) e outras acabaram sendo transferidas para outros espaços da administração pública.

No início da pesquisa, a creche contava com 22 funcionários, distribuídos em diferentes funções.

---

[5] As informações utilizadas neste tópico foram extraídas das notas de campo, elaboradas a partir das observações feitas durante as visitas à instituição, do site da prefeitura do município em que foi feita a pesquisa e de alguns documentos entregues pela direção aos pais, na primeira reunião do ano letivo de 2009.

Funções	Número de profissionais
Auxiliar de Serviços Gerais	5
Merendeira	1
Professoras[6]	16
Auxiliar Administrativa	1

Quadro 1- Distribuição dos funcionários da creche por função.

No mês de setembro, uma nova educadora, contratada na função de apoio, ingressou na creche na turma acompanhada pela pesquisa.

Ao final do ano, mais modificações ocorreram no quadro funcional da creche, em função da remoção de algumas das educadoras para outras creches e do consequente ingresso de novas educadoras na mesma. Houve também substituição de uma funcionária de serviços gerais, em razão de problemas de saúde, por um funcionário, e ainda a saída da funcionária administrativa, que pediu remoção para uma EMEI.

Em 2010, apenas uma das educadoras efetivas e duas das educadoras de apoio que trabalharam na creche no ano de 2009 permaneceram na equipe da creche.

3.3.1 Organização e funcionamento da Instituição

Atualmente, a creche atende crianças entre dois e três anos, a maioria oriunda de outra instituição, também pública e próxima a ela, que atende a faixa etária de zero a dois anos.

Com esta distribuição de faixa etária entre as duas creches, a criança permanece na instituição em foco apenas durante um ano, sendo encaminhada depois para as pré-escolas.

O horário de funcionamento da creche era das sete às dezessete horas. As crianças eram recebidas na sala, por uma das educadoras. Algumas famílias chegavam um pouco antes

[6] Ainda que estas profissionais exerçam a função docente e, por esta razão, deveriam ser tratadas por "professoras", neste trabalho vou referir-me a elas como "educadoras", já que esta é a forma como se denominam, em função do cargo que ocupam, de educadora de creche, na rede municipal a que pertencem. Mesmo havendo um educador na creche, utilizarei muitas vezes o plural no feminino, pelo fato de as mulheres serem maioria quase absoluta neste grupo.

do horário e a orientação da Direção era que a criança fosse recebida, mesmo que as educadoras ainda não estivessem em horário de trabalho.

A saída, segundo documento entregue aos pais, deveria ser das dezesseis e vinte às dezessete horas, porém, na prática, a maioria das famílias vinha antes desse período, sendo que às dezesseis e trinta grande parte das crianças já havia voltado para casa. Neste momento, as famílias também vinham até a porta da sala, caracterizando os horários de entrada e saída como momentos de interação entre as educadoras e as famílias.

Ainda que as turmas tivessem suas próprias salas, sendo uma sala para cada duas turmas, elas faziam diariamente um rodízio por diversos espaços da creche, devido a uma organização em salas temáticas que correspondem, cada uma, determinado tipo de recurso: sala de leitura, sala de jogos, sala de brinquedos, sala de vídeo, sala de música, sala de artes. Além das salas, o rodízio incluía também os espaços externos: playground, areia, pátio, casinha do faz-de-conta, piscina (utilizada sem água, era apenas mais um espaço para brincadeiras), campinho e horta (reimplementada em 2009).

As turmas eram compostas por cerca de doze crianças para cada educador, sendo que, em função do espaço físico e da rotina, cada duas turmas acabavam funcionando como uma turma única com duas educadoras, as quais tinham inclusive um nome único a identificá-las, escolhido pela equipe da creche.

Ao longo da semana, as turmas seguiam uma rotina pré-estabelecida, na qual estavam discriminados os horários para cada uma das atividades a serem realizadas e/ou espaços a serem utilizados.

Dentre as atividades que compunham a rotina, aquelas que diziam respeito ao cuidado com o corpo (uso do banheiro, alimentação, escovação, banho) eram as que resultavam em momentos de grande tensão para as educadoras e o educador, como também para as crianças.

No caso das atividades realizadas nos banheiros, a tensão tinha origem no fato de serem estes, um banheiro feminino e um masculino, espaços bastante inadequados, em função não só do número de crianças da creche como em relação a questões de segurança.

Nos momentos de uso dos vasos sanitários, especialmente no banheiro das meninas, as educadoras tinham grande dificuldade em coordenar o auxílio às crianças que estavam utilizando os vasos e àquelas que ficavam à espera de sua vez, num espaço contíguo, mas separado por uma parede. A solução era manter as crianças em situação de espera sentadas no banco, sob vigilância, enquanto as que utilizavam o vaso eram auxiliadas, sendo apenas um adulto no banheiro neste momento, pois cada um acompanhava uma parte da turma, ou os meninos, ou as meninas. As crianças não eram orientadas a lavarem suas mãos após

utilizarem o banheiro e, mesmo que quisessem fazê-lo, não havia sabonete nas saboneteiras fixadas na parede, ou a saída estava entupida e o sabonete não saía.

No momento do banho, a tensão se dava por causa da falta de tapetes antiderrapantes que cobrissem todo o chão (eles cobriam apenas as áreas sob os chuveiros), pelo frequente mau funcionamento dos chuveiros, ora com a saída de água entupida - o que tornava mais demorado o banho de cada criança -, ora pela falta de água quente em alguns deles e, principalmente, pelo pouco tempo destinado a cada turma para uso do banheiro, fato que exigia das educadoras estratégias para lidar com a situação.

Estas questões referentes à infra-estrutura do banheiro foram colocadas pelas educadoras em reunião da equipe no início de 2009, mas até o momento em que permaneci na creche, nada havia sido feito.

No refeitório, que atendia cerca de três turmas por vez, o tempo destinado à refeição de cada turma também era fator de tensão. As crianças mais lentas acabavam terminando a refeição no caminho ou na porta da sala.

> Vicente e sua parceira de sala estão incomodados com a lentidão de uma das crianças para comer. Vicente chamou crianças que já haviam terminado para irem para sala com ele. A criança que ainda não tinha terminado também se preparou para sair, jogando fora um pedaço do pão e o resto do leite. Ao saírem do refeitório, outra turma já estava na porta esperando para entrar (nota de campo, 12/02/2009).

O ruído das crianças, num espaço completamente fechado, acabava incomodando bastante, e elas eram convidadas o tempo todo a pararem de conversar e comerem somente. Tanto no momento do café (em que eram servidas por uma educadora de apoio) como no do almoço (em que elas mesmas serviam-se, com o auxílio da mesma educadora), as crianças eram orientadas por suas educadoras a servirem-se ou aceitarem apenas o que iriam comer, sendo, com frequência, repreendidas quando deixavam de comer algum alimento pego ou aceito, e às vezes até obrigadas a comê-lo. A preocupação das educadoras em ensinar às crianças a importância do alimento era genuína e em nenhum momento pareciam perceber que deveriam fazer isso de outra forma.

3.3.2 A gestão da creche

A creche tinha como responsável uma Diretora, nomeada pelo poder executivo, e, até o início de 2009, contava também com uma funcionária administrativa.

A funcionária tinha por função cuidar de toda a parte burocrática dos trabalhos da creche, como documentações vindas da ou enviadas à Secretaria de Educação, verificação de assinatura de ponto pelos demais funcionários, inclusive aquelas correspondentes às saídas e retornos dos intervalos de almoço. As educadoras retornavam à sala logo depois que almoçavam, no próprio refeitório da creche, e acabavam não passando pela secretaria.

A funcionária administrativa era também responsável pela medicação das crianças em tratamento de saúde, mediante receita médica apresentada pelas famílias, bem como pelo controle do material pedagógico estocado no almoxarifado que, por determinação da direção, só era cedido às educadoras mediante pedido com justificativa e quantidade necessária. Muitas educadoras compravam material para utilizar com as crianças.

Além dessa funcionária e da diretora, uma auxiliar de serviços gerais que era a funcionária mais antiga da creche assumia as funções da diretora, que se encontrava em tratamento médico em virtude de uma doença bastante grave. As ações dessa auxiliar eram no sentido de organizar e coordenar os trabalhos na creche, porém, ainda que ela fosse extremamente dedicada à instituição, muitas vezes havia questões que ela não conseguia resolver sem a diretora.

Em relação à diretora, sua relação com as famílias poderia ser chamada do tipo carismático[7], aquela que se dá em virtude de uma vinculação e devoção afetiva. Seu discurso apoiava-se em expressões como o amor, a humanidade e a formação de caráter.

Essa forma de relação estende-se aos profissionais da creche. Nas reuniões pedagógicas, predominava a emocionalidade.

A definição dos educadores pela diretora era a "educadores-luz, educadores de alma", que ela definia como o profissional disposto a fazer qualquer coisa pela instituição e pelas crianças.

Sua relação com as profissionais era também baseada no uso das leis e estatutos garantindo a diferenciação entre as funções e certa hierarquia institucional.

[7] Esta definição do tipos de liderança presentes nas relações institucionais foram extraídas de "Weber", Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982.

Os documentos entregues às famílias ao longo do ano letivo sempre eram assumidos pela diretora, com sua assinatura de punho, o que auxiliava a associação entre sua pessoa e a instituição.

3.3.3 Visitas e Observações

Visando o estabelecimento de vínculo entre a pesquisadora e os membros da instituição pesquisada, bem como a familiarização da pesquisadora com o contexto estudado, foram feitas várias visitas à creche. Essas visitas foram registradas em caderno de campo onde se anotavam as diversas situações observadas e se buscava organizar elementos que pudessem auxiliar na sistematização das entrevistas e, posteriormente, enriquecer as análises.

As visitas e observações foram iniciadas no segundo semestre de 2008. Aconteceram três visitas semanais em agosto, duas visitas semanais em setembro e participação em reuniões e eventos comemorativos nos três meses seguintes. Foram feitos registros também das práticas e relações estabelecidas pelo educador, no dia-a-dia da instituição, com as crianças, as famílias, suas colegas e a direção.

O tempo de duração das visitas foi variável, sendo que a maioria delas durou entre três horas e meia a quatro horas, havendo variações em função de acontecimentos que despertavam maior interesse. Houve dias também em que a permanência foi durante o período todo, visando acompanhar toda a rotina ou as reuniões pedagógicas, realizadas ao fim de cada bimestre com a dispensa das crianças naqueles dias.

A partir de uma sugestão do educador foco da pesquisa, decidimos por acompanhar o período de adaptação no início do ano letivo de 2009.

Em janeiro de 2009, houve participação da pesquisadora na primeira reunião com as famílias realizada pela direção, na qual estavam presentes todas as educadoras da creche, ainda que estivessem em seu período de férias. Nesta reunião, pude acompanhar o primeiro contato das famílias com a instituição e com as educadoras de seus filhos e filhas.

Posteriormente, em fevereiro de 2009, foram feitas visitas diárias durante as três primeiras semanas de funcionamento da instituição. Neste período, a duração das visitas foi de três horas e meia a quatro horas.

Por tratar-se do período de adaptação, nestas visitas de 2009, houve um grande envolvimento da pesquisadora nas atividades com as crianças e suas famílias, as quais nos

primeiros dias tinham de permanecer na creche. Esta permanência se daria em períodos cada vez mais curtos, teoricamente até que as crianças se sentissem tranquilas e seguras.

As orientações dadas às famílias em reunião, inclusive por escrito, foram sendo modificadas pela direção ao longo do período de adaptação.

Nesses primeiros momentos, o que pôde ser observado foi o mesmo clima que caracterizava as atividades observadas na creche ao longo do período anterior de observação.

3.4 SOBRE AS ENTREVISTAS

A utilização da entrevista como instrumento de pesquisa teve como objetivo provocar a emergência de ideias e concepções acerca dos diferentes momentos do processo de inserção do educador na creche, permitindo, assim, maior acesso ao processo, aos movimentos e aos sentidos que foram sendo construídos acerca desta inserção, pelos diversos atores nela envolvidos.

As entrevistas seguiram um modelo semi-estruturado, com base em roteiros previamente elaborados (apêndice A), com o intuito de permitir que a(s) pessoa(s) entrevistada(s) falasse(m) livremente sobre tópicos do tema em questão.

Antes de iniciar as entrevistas, foi apresentado a cada participante, em duas vias, um Termo de Consentimento Esclarecido (apêndices B e C), onde estavam explicitados os objetivos e procedimentos a serem utilizados neste estudo, tanto na coleta como na análise do material obtido, bem como as garantias de anonimato dos participantes. Este Termo foi lido e assinado pela pesquisadora e pelos participantes, permanecendo uma via com cada um.

Como o roteiro previa temáticas relacionadas à vida pessoal dos entrevistados, foi enfatizada pela pesquisadora a liberdade do entrevistado em não responder a questões sobre temas que não quisesse abordar, sem necessidade alguma de justificar-se pela recusa.

CATEGORIA	EDUCADOR	EDUCADORAS	ESTAGIÁRIAS	DIRETORA	FAMÍLIAS*
TOTAL NA CRECHE	1	16	3	1	21
NÚMERO DE ENTREVISTADOS	1	14	3	1	5

Quadro 2 – Número de participantes envolvidos na pesquisa no ano de 2008 e número de pessoas entrevistadas em cada categoria.

3.4.1 As entrevistas com a equipe

Ao final do período letivo em 2008, foram iniciadas as entrevistas com os diversos atores envolvidos no processo estudado.

Em dezembro daquele ano, foram entrevistados o educador em foco, catorze educadoras e as três estagiárias da creche, contratadas em um programa da prefeitura de estágio remunerado.

A pedido dos educadores, as entrevistas foram realizadas na própria creche, fato que atrelou a realização das mesmas à necessidade de um momento mais tranquilo na rotina da instituição. As entrevistas, previstas no cronograma inicial para terem início no final de setembro, acabaram sendo realizadas nos últimos dias de atividade da creche, em dezembro, quando havia um número menor de crianças frequentando-a, mas o preparo das salas para o ano seguinte já estava a todo vapor. Uma das educadoras, naquele momento envolvida também em atividades administrativas, não quis conceder a entrevista. Outra não foi entrevistada por falta de tempo, uma vez que estava bastante envolvida na decoração de sua sala para o ano seguinte.

A duração das entrevistas das educadoras variaram de vinte minutos a uma hora e dez minutos e a do educador em foco teve duração de quarenta e seis minutos.

As entrevistas foram realizadas em locais reservados, permitindo que os participantes ficassem bastante à vontade. Foram feitas anotações em caderno de campo dos contextos de entrevista, por considerar que os espaços físicos e seus elementos constitutivos funcionam como uma espécie de materialização do meio cultural, constituindo-se circunscritores na construção das falas dos entrevistados.

Especialmente no caso do educador em foco e da educadora que foi sua parceira de sala[8], considerando a grande possibilidade de serem identificados por meio de seus relatos, pelos outros membros da instituição, suas entrevistas transcritas foram entregues aos mesmos para que verificassem a necessidade de supressão de algum trecho que, por alguma razão, pudesse lhes causar constrangimento ou mesmo prejuízo no ambiente institucional. Na devolução das entrevistas à pesquisadora, tanto o educador como a educadora solicitaram apenas a adequação de suas falas à norma culta da língua, uma vez que a forma coloquial transcrita os fazia sentirem-se muito expostos.

Em janeiro de 2009, também no espaço da creche, foi feita a entrevista com a diretora. A entrevista da diretora teve duração de duas horas e vinte e dois minutos.

3.4.2 As entrevistas com as famílias

Além dos membros da equipe da creche, também foram entrevistadas as famílias de quatro meninas e de um menino, pertencentes ao grupo de vinte e uma crianças que constituíam a turma do educador em foco, no ano letivo de 2008. O(s) membro(s) da família entrevistado(s) foi(foram) escolhido(s) em função de um vínculo maior com a instituição, bem como da disponibilidade em participar da entrevista.

As famílias foram convidadas a participar da pesquisa durante uma reunião da direção com os pais, realizada em novembro daquele ano, sendo informadas de que, posteriormente, seria conversado com cada uma em particular para saber se concordariam em participar da pesquisa.

Na festa de encerramento do ano letivo, foram estabelecidas conversas com os familiares das crianças da turma do educador que compareceram ao evento, mesmo com aqueles que não estiveram presentes à referida reunião, explicando-lhes o intuito da entrevista com as famílias. Após anuência em colaborarem com o trabalho, foram registrados os contatos telefônicos de cada uma delas para posterior agendamento dos encontros.

[8] Educadora cuja turma ficava na mesma sala que a dele, sendo que as atividades desenvolvidas com as crianças das duas turmas eram feitas conjuntamente resultando, na prática, em uma turma que ficava sob a responsabilidade conjunta dos dois educadores.

Todas as famílias se dispuseram a participar e forneceram informações sobre como encontrá-las posteriormente, uma vez que no ano seguinte as crianças iriam para outra instituição.

No mês de janeiro de 2009, foram realizados os contatos e as entrevistas, conforme agendamento com as famílias. Algumas famílias tinham menos disponibilidade naquele momento, outras tinham horários disponíveis mas não conciliáveis com os da pesquisadora e outras, ainda, tiveram mudanças em seus números de telefone, tornando impossível o contato. A escolha das famílias deu-se, portanto, com base na disponibilidade delas naquele momento.

Mesmo diante da possibilidade de surgirem dificuldades em contatar as famílias após o encerramento do ano letivo, considerou-se que nesse momento não haveria receio das famílias em falarem sobre a experiência vivida na creche, já que desta forma não haveria possibilidade alguma de suas declarações resultarem em conflitos na relação da instituição com elas e/ou com suas crianças. Esse cuidado foi tomado considerando-se que, apesar da ênfase dada à garantia de sigilo e anonimato, o fato da pesquisadora ter passado um longo período na instituição poderia de alguma maneira transmitir às famílias a ideia de que a mesma era parte daquele espaço e daquela equipe.

As entrevistas com as famílias foram feitas no local escolhido pelas mesmas, a própria residência.

Como as únicas pessoas das famílias que haviam tido contato maior com a pesquisadora eram as crianças que frequentaram a creche, a ida da pesquisadora à casa dessas pessoas com quem havia tido apenas encontros esporádicos, ou que veio a conhecer somente no momento da entrevista, foi uma situação que exigiu planejamento e um intenso esforço de se colocar no lugar do outro, buscando imaginar quais seriam os receios e dificuldades que sentiriam ao receberem-na para aquela atividade e lhe concederem parte de seu tempo que, rotineiramente, era utilizado para atividades que deixariam de ser feitas.

Neste sentido, houve cuidado da pesquisadora em manter atenção em relação à postura e contribuir de alguma forma para minimizar os efeitos de sua presença como, por exemplo, oferecer a possibilidade de levar alguém para brincar com as crianças durante o período em que estivesse sendo realizada a entrevista.

Todas as famílias foram muito receptivas e acolhedoras, demonstrando preocupação em receber bem e realmente contribuir com o trabalho. Apenas uma não recebeu a pesquisadora no interior de sua casa, preferindo realizar a entrevista na calçada, talvez pelo fato das crianças estarem brincando ali.

As entrevistas realizadas com as famílias tiveram uma duração entre trinta e sessenta minutos.

3.4.3 Tratamento das entrevistas

As entrevistas, gravadas em áudio, foram transcritas na íntegra (apêndice D), com os devidos cuidados para o resguardo do anonimato dos participantes, por meio tanto do uso de nomes fictícios como da supressão de informações que permitam a identificação dos mesmos.

Nessa dissertação, são analisadas e apresentadas as entrevistas do educador em foco, de sua companheira de sala, da diretora e de duas das cinco famílias entrevistadas.

No caso da entrevista do educador em foco e de sua parceira de sala, foi feita uma revisão, com o intuito de adequá-las o máximo possível à norma culta de nossa língua, sem que houvesse prejuízos para a compreensão do processo de construção das falas. Também foi feita uma revisão nas entrevistas das famílias e da direção.

3.5 PARTICIPANTES ENTREVISTADOS

Neste tópico, serão apresentadas as famílias e as pessoas da equipe da creche participantes da pesquisa.

PARTICIPANTE	VICENTE	ROBERTA	HELENA	MÃE DE DOUGLAS	MÃE DE CLARA
IDADE	33	27	cerca de 55	cerca de 35	cerca de 40
ESTADO CIVIL	casado	solteira	casada	casada	casada
FILHOS	2 (1 menino e 1 menina)	nenhum	2	5	4
FORMAÇÃO	Magistério em nível médio	Magistério em nível médio; Graduação em letras	Graduação em Enfermagem e Pedagogia	-------	-------

Quadro 3 - Caracterização dos participantes das entrevistas.

3.5.1 Educador Vicente[9]

Segundo relato de Vicente, 33 anos, ele cresceu em cidade pequena do interior, onde brincava à vontade, principalmente com amigos e o irmão, oriundo, como ele, do segundo casamento da mãe.

A família era composta pelo pai, carpinteiro, a mãe, funcionária de uma escola, uma irmã caçula e o irmão, além de uma irmã e dois irmãos mais velhos, filhos do primeiro casamento da mãe, que já haviam constituído suas próprias famílias e por essa razão não residiam com ele.

A organização familiar era tradicional. Quando o pai e a mãe estavam em casa, exerciam os papéis de mãe-cuidadora e pai-provedor. Quando a mãe estava no trabalho, Vicente e os irmãos continuavam sendo cuidados por mulheres (a avó e/ou a irmã mais velha).

Em seu casamento, atualmente, vivencia uma experiência diferente, compartilhando com a esposa o papel de cuidador de seus filhos, uma menina de nove anos e um filho de dois.

Em sua infância, preferia brincadeiras que implicavam movimento (futebol, bicicleta, corridas) àquelas relacionadas a concentração e raciocínio. Tinha como parceiros principais o

[9] Com exceção do nome da pesquisadora, todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios.

irmão e seu grupo de amigos, brincando com a irmã apenas esporadicamente, decidindo com ela, de comum acordo, quais seriam as brincadeiras, sem que houvesse preocupação com estereótipos.

Em relação aos estudos, sempre gostou da escola, especialmente pelo espaço e pela existência de parceiros para as brincadeiras. No período de 1991 a 1994, fez dois cursos em nível médio: inciso/colegial e magistério. Começou graduação em Educação Física, interrompida pela gravidez não planejada da namorada, a atual esposa.

Iniciou sua trajetória profissional aos dezoito anos, tarde em sua opinião, com emprego na prefeitura de sua cidade natal, na área de esportes. Deu aulas emergenciais, também no mesmo município, para crianças entre sete e doze anos. Também lá trabalhou em um núcleo municipal de assistência, com crianças de sete a dezesseis anos.

Em busca de melhor remuneração, participou de processo para ocupar a função de conselheiro tutelar, mas não foi até o final. Recebeu convocação, após aprovação em concurso público que prestou por incentivo da irmã, também professora, para ocupar o cargo de educador de creche no município em que atua no momento. Desde que ingressou como educador no município, em janeiro de 2007, atua na mesma creche.

3.5.2 Educadora Roberta

Roberta, 27 anos, nasceu na mesma cidade em que está localizada a creche. Nesta cidade, cresceu ao lado do irmão quase dois anos mais novo, com quem brincava muito.

Morava com o pai e a mãe, a qual ficava com os filhos enquanto o marido ia para o trabalho. Tinham uma vida financeira difícil, morando de início em uma casa de Conjunto Habitacional.

Teve sérios problemas de saúde no nascimento e ainda nos primeiros anos de vida, o que acredita ter prejudicado a atenção dos pais para com o irmão, já que sua condição demandava muito cuidado.

Depois de um tempo, a mãe começou a trabalhar e ela e o irmão começaram a ser cuidados por uma pajem, por vizinhos ou por outros familiares, especialmente duas tias maternas e a avó paterna. Às vezes tinham de ir para a casa da avó materna, uma pessoa difícil com quem não gostavam de ficar. Com o falecimento da avó paterna, isso se tornou

mais freqüente, até que os dois passaram a ficar sozinhos em casa, indo e voltando da escola com transporte escolar.

Nessa época, o irmão era seu companheiro quase todo o tempo: faziam suas lições, arrumavam a casa juntos, iam e voltavam juntos da escola. Mas também tinham seus atritos, especialmente por causa do jeito metódico do irmão, que não cedia em nenhuma circunstância. E os atritos, então, eram resolvidos com chineladas pela mãe, que sempre foi brava, ao contrário de seu pai.

Roberta fala do pai como alguém sempre disponível, quando não estava trabalhando. Especialmente à noite, conversava bastante com os filhos, o que resultou em uma relação bastante aberta entre eles, na qual cabe qualquer assunto.

Sua trajetória educacional começou com uma tentativa frustrada da família em colocá-la na Educação Infantil, por volta dos três anos. Apesar de terem, de início, acreditado que ela se adaptaria bem (já que na época ia com a avó para a escola de ensino fundamental em que esta trabalhava como merendeira, e adorava ficar ajudando as professoras), após alguns dias chorando muito, a mãe ainda queria que ela continuasse frequentando, mas o pai e o avô não permitiram, argumentando que ela chorava demais.

Uma nova tentativa foi feita quando chegou à idade do antigo pré-primário e, daí em diante, não houve mais problemas.

Gostava muito de estudar e da escola. Não tinha preferência por nenhuma matéria em especial. Gostava de tudo. Também era muito prestativa com as professoras, auxiliando-as em diversas tarefas. Exigia muito de si mesma, ficando decepcionada quando não tirava boas notas. Tinha de ser a melhor aluna da sala, ou ficava estressada.

Conversava com todo mundo, mas tinha poucos amigos, a maioria meninas.

Começou a trabalhar aos dezesseis anos, como recepcionista na academia de uma tia, de onde saiu quando foi cursar o magistério, em período integral. De sua formação em nível médio, guarda uma importante experiência vivenciada em uma creche que a levou a prestar o concurso de educadora, anos depois.

Ao terminar o magistério, trabalhou em diversas escolinhas particulares, das quais não tem boas recordações. Seu desejo era trabalhar numa instituição pública, mas a decisão de cursar uma faculdade não lhe permitia esperar, já que precisava buscar recursos financeiros próprios.

Fez graduação em Letras em instituição particular, iniciada numa faculdade localizada em município vizinho, tendo de se transferir para outra em seu próprio município, no meio do

curso, quando não conseguiu mais emprego como professora e teve de ir trabalhar numa pizzaria, mudando seus horários.

O término da graduação lhe abriu novas possibilidades e Roberta começou a lecionar como professora eventual na rede estadual, até ser chamada pela prefeitura para assumir a vaga de educadora de creche. Assumiu sua vaga na instituição pesquisada e nela trabalha desde janeiro de 2007.

3.5.3 Diretora Helena

Helena foi criada em uma grande família com sete irmãos, que eram mais velhos, e cinco irmãs. Conta que teve apenas uma boneca e que na maior parte do tempo brincava com brinquedos considerados de meninos, que passavam de um irmão para o outro, ou com aqueles que eles mesmos construíam utilizando espigas de milho ou abóboras. O pai não cobrava ou incentivava um comportamento diferente para meninos e meninas, o que permitiu a Helena vivenciar as mais diversas brincadeiras e também realizar diferentes tipos de tarefas, o que no meio rural em que foi criada incluía algumas mais pesadas, como colher café e recolher os animais.

Seu pai aproveitava os momentos em que construíam seus brinquedos para ensinar aos filhos coisas sobre as pessoas e o mundo, ensinamentos que ela diz terem ficado em sua memória de maneira muito viva. E que foram passados a seus filhos, educados da mesma forma não estereotipada, brincando livremente com todo tipo de brinquedo e aprendendo a realizar tarefas domésticas independente de serem homem ou mulher, tanto que os homens hoje dividem com suas esposas as tarefas da casa e o cuidado dos filhos.

Helena pondera que poderia ter tido uma educação bem diferente da que teve, considerando sua idade, e por isso acredita que a forma como o pai a educou e a seus irmãos implicava numa forma de compreender a vida bastante avançada para a época. Um aprendizado que a mãe construiu com o pai depois dos tempos de convivência.

Após ter vivido um primeiro casamento de 27 anos com um marido que a tolhia muito, Helena está casada pela segunda vez, com um homem muito parecido com seu pai nas qualidades que ele tinha e na forma de se relacionar com ela.

Trabalhando naquela região da cidade, próxima a sua residência, há trinta e três anos, Helena faz parte da história da instituição, tendo acompanhado o movimento de mães do

bairro que conquistou o espaço onde a creche funciona até hoje. Na época, Helena trabalhava na área da saúde e atuava como voluntária de uma igreja, auxiliando a comunidade em questões de saúde e documentação; posteriormente buscou formação na área de educação, tendo cursado pedagogia, psicopedagogia e especializações em educação infantil e educação especial. Também fez cursos paralelos a sua atuação, como o PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores).

Segundo Helena, sua vinda para a creche como diretora foi consequência do desejo da própria comunidade de que ela assumisse o cargo. Antes de decidir abandonar a área de saúde para vincular-se definitivamente à instituição, Helena já havia sido convidada em várias gestões para assumir a administração da creche, mas sempre havia recusado o convite.

Quando finalmente aceitou, ciente de que estava trocando um bom salário por uma remuneração inferior, Helena alega ter sido convencida a assumir a creche por um sentimento fundado na percepção de que poderia fazer muito mais pelas crianças do que era possível fazer no hospital pelos seus pacientes. Pelas dificuldades que teria de enfrentar, inclusive em relação ao posicionamento do ex-marido com quem viveu 27 anos e que era contrário a sua escolha, Helena acredita ter assumido o compromisso de administrar a creche por "ideal, por paixão, por amor ao próximo", e mais tarde veio a compreender sua mudança para a educação como um "chamado de Deus", vendo sua atuação na creche como uma "missão".

Apesar de acumular as funções de direção e coordenação pedagógica, Helena recebe remuneração inferior à dos professores, ainda que seu salário tenha melhorado após a mudança das creches para o setor de educação.

Helena diz ter sido a responsável na instituição por implementar um sistema de rodízio inédito nas creches de seu município. Também afirma ser responsabilidade sua a reorganização do controle de merenda e a elaboração da primeira proposta pedagógica da rede desvinculada da assistência social para a faixa etária de 0 a 3 anos.

Segundo Helena, mesmo antes das creches se tornarem parte do sistema educacional, ela já promovia na creche ações pedagógicas, sem no entanto compreender exatamente o que fazia, ainda não tinha formação em educação. Com os estudos, Helena se deu conta de que muitas das coisas que fazia podiam ser melhor compreendidas à luz dos conhecimentos ligados à área. O apoio dos membros que à época compunham a equipe técnica da secretaria municipal de educação também foi importante para sua formação e para a qualidade do trabalho oferecido pela creche.

Ao avaliar hoje sua escolha, Helena acredita ter acertado em sua decisão de migrar para a educação, especialmente ao considerar que a faixa etária atendida pela creche é aquela em que se dá a formação do indivíduo.

Falando das dificuldades que ainda encontra em seu trabalho, conta que uma delas é conseguir formas de melhorar a qualidade da participação dos pais na gestão da escola.

A participação da comunidade na instituição é algo que faz parte de sua história, uma vez que foi por meio do movimento de mães do bairro que a creche tornou-se realidade.

Helena defende que a comunidade deve ser a base de sua gestão e diz não concordar com a sobrecarga de trabalho do diretor, que é responsável sozinho por toda a parte administrativa e de coordenação pedagógica da creche. Defende, também, que a instituição contemple os aspectos técnico-pedagógico e social, tanto da equipe quanto da comunidade, pois para ela "sem humanização a creche não funciona".

Outra dificuldade trazida por ela é a postura dos funcionários concursados, para ela preocupados apenas com plano de carreira, cargos e direitos. Helena posiciona-se contrariamente à estabilidade funcional conferida aos funcionários concursados, por considerar que ela influencia negativamente a qualidade do trabalho, conforme diz observar tanto entre seus educadores como no grupo de diretores de instituição. Para ela, o comprometimento dos educadores emergenciais e dos dirigentes que não possuem estabilidade é maior. Além disso, na sua opinião, a estabilidade tira o poder da direção e da família de demitir um educador que não esteja fazendo um bom trabalho. Para Helena, o discurso atual de ampliar a participação da família na escola é contraditório ao fato da família não poder decidir quem ela quer que permaneça na instituição, inclusive em relação à direção, e no caso dela garante que a família tem sim esse poder e que só permanece na creche porque a comunidade assim deseja.

Acredita que há aspectos de sua atuação como educadora que não são uma questão de técnica ou formação, mas nasceram com ela. Acredita, também, que seu pai, mesmo sendo uma pessoa simples e sem formação, foi um educador nato, capaz de educar seus doze filhos dentro de preceitos religiosos, dando a eles formação moral, de caráter e ao mesmo tempo chamando-lhes a atenção para questões "avançadas para a época" como a importância de aprenderem com a natureza e a preservarem.

Helena crê que foi bastante influenciada por ele e por seu exemplo, de um homem que não tinha latos níveis de escolaridade, mas que foi capaz de administrar propriedades e ser referência para investimentos econômicos. Por ocasião de sua morte prematura, Helena diz ter compreendido que apesar do pai ser analfabeto era um grande educador, que mesmo sem

nunca ter lido teóricos importantes falava com a propriedade de um deles, pois tinha o dom da palavra, e apesar de não saber escrever ele tinha capacidade para fazer, e que isso a fez compreender logo cedo que mais importante que as palavras são as ações.

Helena diz ter escolhido aquilo que seu pai dizia que era o mais difícil, saber educar, e que costuma pensar que o pai já sabia o que o futuro reservava para ela, que lhe contara quando pequena que seu nome tinha o significado de trazer luz e que isso seria cobrado dela um dia. Para ela é como se ele soubesse o quanto ela amaria sua profissão e como iria doar-se à educação.

3.5.4 Família de Douglas

Douglas, 3 anos, vive em uma família nuclear, composta por quatro pessoas: ele, um irmão mais novo, o pai e a mãe. Ele possui, ainda, mais três irmãos oriundos do primeiro casamento de sua mãe, que moram com o pai deles.

A responsabilidade pelo sustento da família é compartilhada pela mãe e pelo pai, sendo que este, à noite, costuma fazer alguns serviços autônomos em sua própria casa. Por conta disso, as atividades domésticas são de responsabilidade da mãe.

A família reside em uma casa popular de Conjunto Habitacional, que fica relativamente distante da creche que Douglas frequentava.

O irmão mais novo de Douglas, por falta de vaga na creche que atende o bairro, passa o dia todo com uma mulher que toma conta de crianças, a qual também se responsabiliza por Douglas no período da tarde, já que a EMEI atende em tempo parcial.

Participou da entrevista a mãe. O pai não quis participar, mas fez questão de se manifestar positivamente sobre a experiência vivida com o educador.

3.5.5 Família de Clara

Clara tem 3 anos. Sua família é composta por seis pessoas, sendo que a filha mais velha não reside mais na mesma casa, uma vez que já se casou. Trata-se de uma família

recomposta, formada pelo padrasto/pai, a mãe e quatro filhas (a mãe tinha duas filhas quando se casou com o atual marido). Também se enquadra em um modelo nuclear.

Tanto a mãe como o pai são trabalhadores, sendo que este tem sociedade com um colega em um pequeno negócio próprio. Apesar de dividirem a responsabilidade pelo sustento do lar, as atividades domésticas ficam por conta apenas da mãe, justificada pelo fato do pai trabalhar fora a maior parte do tempo.

As duas irmãs de Clara que moram com a família, uma com onze e outra com dezessete anos, estão cursando a sexta série do Ensino Fundamental, sendo que a mais velha delas teve quatro reprovações nesta série.

Clara atualmente frequenta a Educação Infantil em uma instituição filantrópica conveniada à prefeitura municipal, que fica no mesmo bairro em que mora.

Apenas a mãe participou da entrevista.

3.6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Todo o material produzido ao longo da pesquisa foi analisado qualitativamente, a partir da perspectiva da Rede de Significações (RedSig).

Num primeiro momento, as entrevistas foram lidas inúmeras vezes, para uma familiarização com os discursos trazidos pelos participantes, buscando formas de compreender os caminhos trilhados por eles para falar sobre suas experiências e concepções acerca de educação, cuidado de crianças pequenas e identidades de gênero, bem como sobre a experiência de inserção de um homem como educador na creche.

Nesta fase, as entrevistas foram tratadas individualmente, de forma a dar visibilidade aos componentes pessoais envolvidos nos processos de significação do homem na função de educador/professor de creche.

Foram feitos mapeamentos no sentido de reconstruir um pouco da história dos participantes e de suas relações com os temas em foco.

Um segundo momento de análise foi marcado pela tentativa de unir todos os elementos trazidos nas entrevistas àqueles presentes nos registros do caderno de campo, construindo a partir disso uma única história, a do homem como educador/professor na situação investigada.

Um novo mapeamento foi elaborado, tendo como eixos as relações estabelecidas entre esse homem e os representantes dos diversos grupos categoriais presentes na instituição: as educadoras, a direção, as crianças e as famílias.

A análise das entrevistas e das notas de campo buscou, então, identificar de que maneira os diversos atores envolvidos no processo de inserção do homem na creche, como educador, foram atribuindo sentidos e significados a este homem, à instituição e à profissão de cuidar e educar crianças pequenas em instituição.

No caso do educador, procurou-se, ainda, compreender de que maneira esses sentidos e significados foram posicionando-o e marcando a construção de sua identidade profissional e de gênero.

4 RESULTADOS

4.1 O HOMEM COMO PROFESSOR NA CRECHE: SIGNIFICADOS E SENTIDOS NA RELAÇÃO COM AS COLEGAS

Tentando compreender a presença do homem na creche que como educador é responsável por todas as atividades de educação/cuidado das crianças, começamos a análise focando de que maneira este educador masculino se constitui e é constituído nas relações com suas companheiras de trabalho, no interior da instituição.

A relação de Vicente com suas colegas era bastante profissional. Ainda que, algumas vezes, o tenha observado conversar com algumas delas sobre a vida pessoal das mesmas, inclusive sobre relacionamentos amorosos, na maior parte do tempo Vicente permanecia numa postura profissional e reservada, até mesmo nos momentos mais descontraídos que antecediam as reuniões, ou durante o almoço que acontecia no refeitório da creche.

> Fiquei meio perdida na hora em que entrei no refeitório. Uma das educadoras presentes me falou onde pegar prato e talheres. Vicente estava sentado sozinho e sentei no banco em frente ao dele, mas meio de lado para poder interagir também com as educadoras que estavam ali. Logo que terminou ele se levantou e saiu, depois de quase não ter se manifestado (nota de campo, 11/08/2008).

Segundo a diretora da creche, Helena, em relato no primeiro contato que tive com a instituição, sua presença no refeitório inclusive havia tornado mais sério o momento do almoço, uma vez que inibia comentários inapropriados por parte das educadoras (nota de campo, 29/05/2008).

Esta postura das educadoras em relação a Vicente foi confirmada em observações durante alguns momentos de atividade sem as crianças, quando assuntos mais íntimos só eram abordados pelas educadoras em sua ausência.

A forma reservada de Vicente em relação às colegas também é trazida por Helena em sua entrevista.

> **Mara:** E... como que é a relação dele com as colegas? (1039)
> **Helena:** Olha, eu, eu, eu vejo que o Vicente, ele assim... por ele ser homem, ele... às vezes ele é mais retraído. Ele... ele fica mais afastado, ele se recua, ele não participa tanto das ações, que as meninas falam, no momento de lazer delas, no horário de almoço tem o relaxamento, né. E eu acho ele bastante ético. Então, neste momento, ele volta pra sala dele, ele não participa muito dos ti-ti-tis, né, de mulher, aquela coisa toda. Então, eu vejo que ele tem um bom relacionamento, porque ele é muito ético, né. E essa forma ética de ser, ela tem que ser uma postura do educador, tanto figura masculina quanto feminina, né. Não teria que ser só dele.

> Teria que ser de todos, né. Então aí está a controvérsia. Ele não causa constrangimento, mas nós temos muitos educadores que já nos causaram muitos constrangimentos em relação ao ser educador, pelas posturas inadequadas frente à educação infantil. Mas, em relação a ele, eu acho bastante ético, eu acho que as meninas gostam muito dele. É... Eu não vejo nenhum... nunca vi ninguém falando mal dele. Isso é um sinal muito positivo. Eu nunca o ele envolvido em conversas fiadas, né, um... conversas, é... que levassem a obter uma... sensação de discórdia do grupo. Eu vejo ele sim, se colocando como mestre, eu vejo ele se colocando como educador. "Olha, Helena, eu gostaria que isso... isso é certo, isso é errado... Como que você vê isso? Olha, Helena, eu poderia fazer assim? O que que você acha assim...". Se ele tem uma dificuldade, ele vai até mim e ele "Olha, Helena, eu posso fazer assim? O que que você pensa?". Em relação aos colegas eu percebo que também é assim, né. [...] (1040-1058)

Helena traz aqui um ideal de professor que corresponde ao papel desempenhado por Vicente, pautado numa ética para além das questões de gênero e desejável para ambos os sexos. Nessa afirmação, ela de certa forma avalia positivamente Vicente/educador em relação às educadoras.

Ao ser perguntado acerca da relação com suas colegas, Vicente diz que considera que seja tranqüila. Relata que todas ficaram surpresas ao ver um homem como educador, num primeiro momento, mas que depois perceberam que podem ser amigos.

> **Vicente:** [...] eu acho que é tranquila (a relação com elas), [...] todas tiveram aquela surpresa de ver um homem mas, passado aquele, aquela primeira impressão elas viram que, que além de ser homem ainda sou amigo delas e elas podem conversar comigo, eu também converso com elas. (307-310)

Vicente fala aqui da relação inicial de suas colegas com um *homem genérico*, fora de lugar naquele espaço, e de uma mudança na postura delas em relação a ele, ao conhecerem um pouco de suas características e passarem a se relacionar com o homem que ele é, o *homem concreto*.

Na fala de Helena, podemos observar que a relação com esse homem genérico faz emergir duas categorias de significados: a do *homem afeminado* e a do *homem ameaçador*.

> **Helena:** [...] As meninas "Nossa, Helena, mas você não tem medo... não tem...". O pessoal ficou meio assustado. "Um homem no meio de mulher, mas como é que será que vai ser... Meu Deus do céu! Como é que é e tal." Como eu já havia tido outras experiências anteriores com educadores, não tive problema nenhum, mas, assim, não eram os edu, educadores de alma. Quando o professor Vicente chegou, eu per... os outros, eu tinha um que tinha um problema de sexualidade, eu tive outro que tinha alguns problemas, então a pessoa falava "Ai, Helena, deve ser igual aquele." E eu "Olha, gente, olha a boca, olha a língua", né, a gente até em brincadeira e... pra descontrair, aí uma "Ai, mas será que um homem desse tamanho, mas será que ele não é *gay* não?". As próprias professoras tinham uma visão até que um pouco distorcida. [...] (518-527)

O fato de questionarem a orientação sexual de Vicente em função de sua escolha por uma profissão tradicionalmente ocupada por mulheres sugere uma grande influência dos discursos naturalizantes relacionados a um padrão hegemônico de masculinidade na maneira como essas mulheres compreendem o lugar que Vicente vem assumir naquele espaço.

Em pouco tempo, talvez pelo fato da aparência e dos modos de Vicente não serem condizentes com o estereótipo do homossexual, outros significados emergem, como o do *homem conquistador*, e ao mesmo tempo objeto de desejo em meio a tantas mulheres.

Na maneira como falam dele para Roberta, conforme relato dela sobre seu primeiro dia na creche, são focadas apenas questões relativas a uma possível relação homem-mulher, ficando esquecido o real motivo da presença de Vicente ali, ou seja, o trabalho com as crianças.

> **Roberta:** Você sabe que eu conto isso pra todo mundo, né. Eu cheguei aqui... falei... aí a (nome da funcionária) perguntou assim pra mim "qual que é a sua letra?". Aí eu falei "ah, minha letra é G". Ai... aí eu não sei... a... a (nome de outra funcionária), que trabalhava aqui, fal... virou pra mim e falou assim "ah, ela vai trabalhar com o bonitão". Aí eu olhei, pra mim, falei "bom, tô aqui pra trabalhar, se é bonito, se é feio...". Daí, né... mas eu não entendi que era homem, falou "vai trabalhar com o bonitão", mas sabe quando não... não cai na su... a ficha, porque eu olhei aquele bonitão, eu olhei uma forma vulgar de se falar de uma pessoa num local de trabalho, sabe... eu cheguei, falou assim pra mim "ela vai trabalhar com o bonitão", se tivesse falado pra mim, falado assim "oh, você vai trabalhar com um homem", é diferente, você vai pen... pensa, agora virou e falou assim pra mim "você vai trabalhar com o bonitão", aí eu peguei e falei assim "gente, que que é isso, sabe?". Eu assustei por... por isso. A hora que eu cheguei na sala que era ele, e... eu... ah, não sei, Mara, eu... achei, eu não achei diferente. Eu não achei assim, igual todo mundo fala, sabe, "ai, é diferente!". Não sei, eu cheguei, comecei a conversar com ele, falei "e aí, tal, cê tá aqui faz tempo?", ele "não, cheguei igual a você", "cheguei dois dias antes que você", sabe, falei "e... você já pegou a rotina?", comecei a conversar normal, eu não sei... porque eu não sei, assim, quando eu chego pra trabalhar eu penso assim "é meu trabalho". Então, pra mim, foi indiferente... ser homem ou não. Mas aí depois, a partir da convivência, eu com... eu falei assim "bom...", que eu já sou meio, como é que eu vou falar, assim... já sou meio recatada, assim, meio... né, eu já não... assim, apesar de lá em casa ser muito lib... livre, tudo e tal, eu sou assim, pra falar eu sou, né, falo tudo, mas assim, em ação, eu já sou meio... eu já sou meio reservada assim, pra certas coisas. Então, eu não tinha dificuldade eu olhei, eu fui percebendo que tinha coisa que eu não podia fazer, que as meninas podiam fazer na sala e eu não podia, eu fui percebendo. Mas, isso não me incomodou... sabe, não me incomodou assim. Nada, eu olhei assim era como uma pessoa normal que tava trabalhando comigo! Sabe? Normal, assim... não sei, eu não tive muito problema, assim, no olhar pra ele, ele é homem... Não tive assim. Eu assustei só com esse bonitão, aí, que eu falei "uai, gente, o que que...", sabe, eu falei "mas peraí, eu vim trabalhar, que está acontecendo?", sabe? Eu assustei com essa fala, mas com ele, assim, quando eu cheguei lá e vi que era ele "oh, você vai trabalhar com ele, é o professor Vicente, não sei que", isso não, não assustei assim. (462-490)

Roberta diz ter ficado assustada com as falas das funcionárias da creche, pois as achou inadequadas para um ambiente profissional. E afirma que não estranhou um homem naquele espaço, compreendendo-o simplesmente como mais um profissional com quem iria trabalhar.

Talvez a compreensão de Roberta da creche como espaço de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, e da educadora como a profissional responsável por esses processos, tenha circunscrito sua maneira de compreender um homem na função de educador, sobressaindo assim o *homem professor/profissional*.

Já os funcionários e funcionárias da creche, mesmo tendo aceitado posteriormente Vicente na equipe, pela fala trazida por Helena parece que continuam se espantando com o fato dele conseguir ser um educador competente, sendo um homem.

> **Mara:** E em relação aos outros funcionários da creche? (1084)
> **Helena:** Nunca ouvi comentários, é... é... é..., da pessoa dele. Os comentários que eu ouço são extremamente positivos. São "Puxa! Como pode, né? Um homem ter tanta educação, tanta fineza, tanta clareza dos seus objetivos, né, como que um homem pode ser tão bem formado!" [...] Mas nos outros anos nós tivemos, os... as pessoas da, da limpeza que, que trabalhavam com ele, as pessoas da equipe de modo geral acho que perceberam essa tranquilidade mesmo de... do que ele é como educador. E... e chega a ser preconceituoso, porque todas as vezes as pessoas dizem pra mim assim "Ó, ele é melhor do que muita mulher!". Olha o preconceito, né. Ele é melhor do que muita mulher. E isso eu ouço diariamente. Eu falo "Gente, olha o preconceito contra a mulher também. Aí vocês já tão com preconceito contra mulher." E sem querer a gente mesmo fala, porque são as expressões do cotidiano que calam nosso bom senso técnico, né. (1085-1112)

Essa exaltação ao trabalho de Vicente e às suas características como educador, de fato, vincula-se com a concepção geral de homem na nossa sociedade, num diálogo com a hegemonia da presença feminina nesse lugar de trabalho chamado creche. Causa assim estranhamento aos funcionários o fato dele ser homem, trabalhar em função majoritariamente feminina e não ser nem afeminado, nem abrutalhado.

Essa avaliação, quando feita a partir da concretude de suas práticas e da avaliação feita por Roberta, sua parceira de sala, adquire outros contornos:

> **Mara:** E em relação ao trabalho dele, o que você esperava? Suas expectativas se confirmaram, ou não? (491-492)
> **Roberta:** Eu não sei te explicar, porque a gente foi como que um complemento. Eu não esperava... ah, como assim... não sei... foi tão... foi tão normal, não tinha assim "ai... eu esperava que ele fizesse isso, que eu esperava que ele fizesse aquilo". Porque...eu não sei explicar. Foi normal assim, sabe, a gente começou, a gente decidiu e... e, eu acho que eu não esperava muito dele, porque eu fui fazendo muita coisa, eu já cheguei, olhei a sala vazia eu já fui querendo decorar, já fui catando tudo e ele foi permitindo, sabe, ele não ficou falando "ai, isso está... isso é assim, isso eu não gostei, isso não sei quê", porque eu acho assim, se fosse uma mulher teria falado, "ah, eu não gostei disso". Igual a (nome de uma colega) já falou "ai, não gostei disso", "ah, essa ideia não", "ah, não sei o que". Ele não, eu acho que... por conta, é, dele também... dele estar se acostumando mais que eu, porque ele não trabalhava com essa idade, e acho que ele nunca trabalhou, eu acho, porque ele falou também pra mim, falou assim "ai, eu estou aprendendo umas coisas com você", então eu acho que ele me deixou à vontade pra fazer. Eu fazia, ele não reclamava. Então, a gente começou a decidir as coisas juntos e a gente... decidia e fazia e pronto. Ou se não eu trazia pronto, ele não reclamava, então foi uma coisa muito assim... ele foi, é... permitindo umas coisas, depois a gente foi conversando outras, sabe, aí a gente começou a se enturmar, mas não teve atrito, eu não esperava muita coisa, eu não fiquei esperando dele, eu fui fazer, não fiquei esperando, ai, ele fazer isso, o Vicente fazer isso, não, eu fui fazendo. Depois a gente foi... conversando, foi encaixando as coisas, e... às vezes a gente não precisava nem conversar, às vezes ele olhava pra mim, eu olhava pra ele, "vamos!" (risos). Sabe umas coisas assim, eu não sei... não sei, deu certo! Não sei se porque a gente é... tem... um sistema parecido, se a gente tem o mesmo signo, não sei se tem a ver, se a gente tem, não sei, eu sei que deu certo, foi fazendo, deu certo. Então eu acostumei. Nesse ano eu senti um pouco mais, eu esperava um pouco mais. Porque eu já sabia que eu não gostava da

> idade que eu peguei, quando a Helena pediu, eu peguei, mas eu já sabia que eu não gostava. Porque eu já tinha trabalhado na outra escola com essa idade e eu não tinha gostado. Então eu já sabia que eu não gostava. Mas eu falei "eu vou tentar! Fazer o quê, vou tentar!". Então, eu esperava é que esse ano, eu acho que esse ano que eu comecei a esperar algumas coisas dele... sabe, e às vezes, eu fiquei um pouco... frustrada, eu esperava mais coisas na área pedagógica. Então, o fato de estar assim, ter pego uma turma muuito triste, porque nossa! Mara do céu! Nossa, esse ano eu sofri, sofri mesmo, muito. Eu tentei, mas eu sofri, Nossa Senhora! Aquelas meninas naquele banheiro, umas meninas que não paravam, eu achava que ia vir uma turma melhor, um pouco mais trabalhada. Não melhor, não porque eles são piores, mais trabalhada, porque eles vieram da (nome de outra creche), então achava que eles iam vir um pouco melhor, porque no ano passado a minha turminha começou com a gente e pegou o ritmo, sabe? E eles não eram de creche nenhuma! Era a primeira vez que eles estavam chegando. Eles estavam chegando aqui. Então eu achei assim "já que vai vir de lá, já vai vir num esquema mais trabalhado, já vai vir melhor". Mas, Nossa Senhora, o que é isso? Entrava no banheiro, parecia que ia derrubar o banheiro, ia não sei aonde, parecia que ia derrubar tudo, eu falei "gente do céu, mas o que se trabalhou nesse negócio?" E aí eu fui ficando meio desesperada, e eu já não gostava muito da idade e eu tentando, tentando, o negócio não ia, o negócio não ia, sabe? Esperava uma ajuda dele, também, porque essa turma de três anos você tem que dar alguma coisa pra eles desenharem, pra eles pintarem, pra eles fazerem, porque senão eles não ficam, eles não param. Toda hora você tem que dar alguma coisa, não é igual a minha turma do ano passado, era mais calma... "Senta!", sentavam, "vamos cantar?", vamos cantar, "vamos contar uma história?", vamos contar uma história. Essa turma desse ano estava muito tumultuada, muito... sei lá eu que... não sei nem explicar o que aconteceu ...eu fiquei meio, um pouco decepcionada, mas eu vi que ele também fez o possível. Porque se pra mim estava difícil, pra ele também devia estar muito difícil. Agora uma coisa que é difícil é virar pra ele e falar que eu não gostei de uma coisa. É mais difícil do que se fosse uma mulher. Isso é difícil! (493-545)

Ao ser questionada acerca do que esperava do educador, no primeiro contato, declara não ter tido nenhuma expectativa em relação a Vicente, assumindo toda a responsabilidade em relação ao preparo da sala para receber as crianças e depois ao longo do ano na elaboração das atividades que eram desenvolvidas com as crianças, especialmente aquelas feitas no papel.

Somente no segundo ano de trabalho conjunto é que Roberta começou a esperar mais iniciativa da parte de Vicente, porém não manifestou a ele essa mudança.

Na entrevista, Roberta diz esperar mais de Vicente especialmente na "parte pedagógica", que compreendi como sendo as atividades desenvolvidas no papel, que Roberta declara serem mais necessárias para a turma de 3 anos, como forma de mantê-los sob controle por algum tempo. Este entendimento também se deve ao fato de que era nessas atividades havia uma coordenação de ações, entre Vicente e Roberta, sendo que ele procurava ajustar suas ações às dela..

> Cheguei à creche e a turma de Vicente e Roberta já estava na sala de artes. Quando entrei, as crianças estavam todas sentadas à mesma mesa, com um desenho fotocopiado à frente. Roberta colocou na parede uma cópia já pintada por ela. Uma criança perguntou a Vicente que cor de giz deveria pegar para pintar o desenho e Vicente respondeu que poderia usar qualquer cor. Um pouco depois, ouço Roberta dizendo às crianças que era para pegarem o marrom para pintar a pedra, que a boca deveria ser vermelha e a pele salmão. Um pouco depois, ouvi

> quando ele disse a uma das crianças para pegar o marrom, que era para pintar a pedra de marrom. (nota de campo, 18/08/2008)

Em sua entrevista, Roberta mostra-se bastante tolerante em relação às dificuldades apresentadas por Vicente. Mesmo quando relatou sentimento de frustração com ele, acaba justificando-o num movimento de reflexão que alega que ele fez o possível, e que se a situação estava difícil para ela, devia estar para ele também.

Tanto a hipervalorização da competência de Vicente por parte das funcionárias como a condescendência de Roberta em relação a suas dificuldades podem ser consideradas exemplos de uma facilitação, por parte dessas mulheres, da ocupação de um espaço tradicionalmente feminino por um homem.

Também pode estar associada a esta ideia a dificuldade de Roberta em abordar com Vicente questões que lhe incomodam.

Ao ser questionada se a dificuldade de falar para Vicente de algo que não gostou, a que se refere em sua fala, é pelo fato dele ser homem ou pelo jeito dele, Roberta recorre à segunda explicação, já que não sente essa dificuldade de colocar sua opinião em suas relações com outros homens, como o pai e o namorado, ou até mesmo o funcionário da creche.

> **Roberta:** Ai, por que (é difícil falar)? O Vicente é, ele é reservado, né? Ele é bem reservado, assim. E, às vezes, eu fico com medo de, eu fico pensando assim "e se falasse pra mim?", entendeu? Porque ele é reservado e às vezes ele está tentando fazer o melhor dele e, e eu acho que essa parte que você fala assim, da parte masculina, isso é uma coisa difícil! Você virar pra pessoa e falar assim "ai, eu não gostei disso... disso... de tal coisa que você fez". Sabe, às vezes eu falava, falava assim "Oh, Vi, isso daí... vai dar problema, não sei quê, tal..." sabe? Mas eu não falava assim "eu não gostei!", sabe? É difícil, assim, você virar pra pessoa e falar "isso eu não gostei!". Sabe? Eu falo pro meu namorado, falo pro meu pai, eu falo... falo pro meu irmão, falo pro... fa... falo até pro (nome do funcionário de serviços gerais), mas pra ele é difícil eu falar "eu não gostei!". Não sei! É difícil! Pra ele é difícil falar "não gostei!", é difícil. (547-556)

Como Roberta declara não ter essa dificuldade com outros homens, questiono-a se sua dificuldade não seria, então, em função do *homem reservado* que é Vicente, uma vez que ela concorda, mas não nega que seja também pelo fato dele ser homem. E retoma isso, ao falar da diferença da relação com as outras educadoras.

> **Mara:** Você acha que é pelo fato dele ser homem ou pelo jeito dele? (556)
> **Roberta:** Eu acho que pelo jeito dele, mais... (pausa de alguns segundos) Muito assim... sei lá, não sei explicar. Eu... eu acho que pelo jeito... mais pelo jeito dele também. Tem muitas coisas, por exemplo, igual eu te falei, da diferença, eu percebi a diferença das meninas. As meninas ligavam... ele, por ele ser homem, casado... né, tudo, tal, eu, por exemplo, eu nunca liguei pra ele, eu não tinha o telefone dele. Ele foi me ligar semana passada, no meu celular, a primeira vez... Em dois anos! Ele ligou, eu assustei até! Falei "gente!" (risos). [...] "Está morrendo! Está morrendo, vamos sair daqui correndo e acudir o tio Vicente, está morrendo!". Ele me ligou pra falar dos saquinhos que ele estava comprando! Foi a primeira vez que ele me ligou. Sabe? Eu nunca liguei pra ele! Nunca liguei pra ele. Eu tenho o e-mail dele, eu nunca

> mandei um nada pra ele, mesmo porque eu odeio computador, né? Tô aprendendo na marra, assim, né? Mas... eu nunca mandei nada pra ele, nunca, sabe? Nada! Nada, nada, nada! A g... a pessoa que vier trabalhar com ele, ela vai ter que também ter um... não sei. Não sei como vai ser! (557-571)

Roberta também fala sobre a falta de uma intimidade maior com Vicente, comparando-a à liberdade que suas colegas têm de se relacionarem com suas parceiras para além do espaço da creche. Roberta atribui a diferença em sua relação com Vicente em parte ao fato dele ser casado e de sua esposa não procurar interagir com as pessoas que trabalham com seu marido.

> **Roberta:** Eu acho que ainda, se ele fosse solteiro, não ia ser... ia ser um pouco mais... mas ainda o fato dele ser casado, então... por exemplo, posso ligar lá, a mulher dele pode achar... "ah, que que ela está falando com ele", né? É chato também, né? É chato também, né, penso se fosse eu, né. Apesar que eu sou mais liberal, assim, eu não ligo não. Se ligar alguém do serviço do (nome do namorado)... liga mulher toda hora, eu não ligo muito, não, mas, como eu não a conheço... que eu também, outra coisa que eu pensei, já, falei até pra minha mãe, falei "oh, mãe, se eu fosse mulher dele 'ai, tem uma coisa assim na creche, você quer ir?'". Igual, o ano passado teve a confraternização, ela mandou a filha dela! Ela não veio! Eu vinha! (575-582)

Apesar dessa diferença na relação que tem com Vicente, em comparação à que tem com as outras educadoras, Roberta descreve de maneira bastante positiva o relacionamento do educador com as colegas.

> **Roberta:** Ele é bem respeitador, ele não... ele não falta com respeito com ninguém... sabe? Ele é divertido, ele brinca... então às vezes morro de rir dele, ele fala umas coisas que eu falo "ai, Vi..., ai... (rindo)", até quando ele fica bravo ele é divertido, assim, né... mas com a gente ele não... às vezes, assim, uma coisa que ele não concorda, tal, né... aí ele fica bravo, assim, mas ele não... não responde pra ninguém... sabe? Ele respeita bastante, ele... é muito, assim, uma pessoa muito jóia, assim... ele é homem, mas ele é uma pessoa assim, ele sabe o lugar dele, assim, assim, não, sabe o lugar dele, assim, ele sabe que ele... é dele, eu acho... sabe, é dele, da pessoa dele, assim, ele não desrespeita ninguém, ele brinca com todo mundo, ele conversa com todo mundo, ele... põe, assim, a opinião dele mas de uma forma que não vai, é... te ofender, sabe? Eu já vi várias vezes ele falar as coisas assim, até pra mim ele fala algumas coisas, mas é... ele não ofende, sabe? Ele dá ideia, às vezes ele fala assim dando ideia, assim, de uma coisa. Mas é... muito boa, assim... eu não... mas e... também quando ele tem que falar uma coisa que ele não... não acha certo ele fala "não, isso eu não acho certo", igual o negócio da cesta[10] da (nome de uma das estagiárias), sabe? "Oh, eu não acho certo, a menina tem que levar, ela contribuiu, ela não sei que", sabe? Então é de um jeito assim, que não ofende ninguém... entendeu... bem assim... É muito... jóia, assim, com a gente. Eu... não tenho o que reclamar, não. Falar assim "ah, ele destrata...". Não. Nunca... (749-763)

[10] Referência a um episódio ocorrido na creche durante a confraternização de final de ano, quando uma cesta montada por toda a equipe da creche foi sorteada para uma das estagiárias que, por já haver cumprido seu horário e ter outro compromisso, não estava presente à hora do sorteio. Algumas pessoas achavam que deveria ser feito um novo sorteio e algumas disseram não concordar. A questão foi resolvida quando Vicente posicionou-se, dizendo que a sorteada também havia contribuído com a cesta e que, portanto, ela tinha direito à mesma (nota de campo, 12/12/2008).

Em sua fala, Roberta dá ênfase ao fato de que Vicente é respeitador e que conhece seu lugar, ou seja, indica que, apesar de ser homem, ele sabe como deve se relacionar com as mulheres, sem ofendê-las ou ser inconveniente, algo que ela parece esperar de pessoas do sexo masculino, e que faz com que ela valorize esta postura diferenciada do colega.

Essa expectativa de Roberta pode ser compreendida a partir do repertório hegemônico em nossa cultura, acerca da masculinidade, que induz a esperar de seus representantes uma atitude agressiva e/ou desrespeitosa em relação às mulheres.

Roberta traz, também, em suas falas, um questionamento sobre uma possível valorização do trabalho de Vicente em detrimento de um reconhecimento do seu trabalho, que se sentia às vezes injustiçada.

> **Roberta:** [...] Eu achei... eu não entendia porque que (nome) falava tanto dele... porque eu briguei com a (nome), por causa disso, que era a sala do Vicente, era não sei o que do Vicente, era não sei que lá do Vicente, falei assim "ô, eu trabalho na sala, viu?". (...) Teve reunião de pais, a Helena pôs o Vicente lá dentro e me deixou pra fora! (pausa) Aaaah... Cheguei aqui, ela falou assim "cê vai ficar lá na sua sala, que o tio Vicente está aqui!" Que o que? Fui, na hora não falei nada, falei "não vou dar escarcéu aqui, tem um monte de pai aqui, deixa...". Acabou a reunião eu falei assim "ó, você está diminuindo meu trabalho, você está desvalorizando meu trabalho, porque eu sou professora tanto quanto ele dessa sala"... sabe? E no começo, eu ... eu, por ser desse jeito, pegar tudo e ir fazendo, eu achava que eu tinha feito muito mais que ele! E ela só falava ele! "Não, porque é o tio Vicente!", tudo era o tio Vicente, falava "gente, espera aí!". Não era ciúmes, sabe, Mara, é que eu existia ali dentro, também! Sabe? Fazia, contribuía, tinha minha parte ali. Não era só ele! Falei "ô, espera aí!" Aí, eu briguei com ela. Aí ela falou que não era bem assim, aí ela começou a modificar... sabe? Falei "não, espera aí! Tudo é ele? Tudo ele? E eu, estou aqui dentro fazendo o quê? Hã?!" Aí ela parou com esse negócio, sabe? Tudo era o Vicente, a sala do Vicente, não sei o que do Vicente, nãnãnã do Vicente. Eu falava "gente, mas espera aí! Eu existo aqui dentro dessa sala! Ent... eu sou gente aqui dentro! Eu trabalho!"... Mas, depois, eu entendi! E eu não tinha preconceito... e... pra mim estava tudo bem, ele, lá na sala, trabalhando, com as crianças, tudo! Mas os pais tinham! ... Depois, eu comecei a pensar do lado dos pais, eu parei e pensei "não, vamos começar a refletir". Aí na reunião... na... na...no começo do ano pass... desse ano, ela virou pros pais e falou assim "oh, esse é o professor Vicente, trabalha aqui, ótimo educador"... as meninas olharam... eu vi que elas olharam e fal... e pensaram assim "nossa, só ele é ótimo educador, o resto morreu aqui dentro!". Mas eu olhei e falei assim "não é isso, é que pensa um pai chegar e ter uma menina, e olhar e falar "mas é...", igual a mãe da (nome de uma das meninas da turma) falou "mas é homem que vai cuidar da minha filha?". Então e... eu fal... pensei assim "ela tinha realmente que ressaltar a figura dele, porque o pai tem que se sentir seguro de trazer a filha dele e colocar dentro da sala! Depois eu comecei a pensar... sabe? Eu falei assim "vamos ver também o lado... porque que ela está fazendo isso", né? Porque não tem só o seu. Parei e comecei a pensar, falei "bom, se eu tivesse uma filha, e chegasse na porta da sala... né, pequena"... porque grande é normal, grande já tem um monte de professor, "mas pequena, e colocasse ela lá dentro e olhasse e é um baita dum homem daquele tamanho ia falar 'mas esse homem vai fazer o que, aí dentro, com a minha filha?'"... não é? Porque ninguém pensa que você está lá pra trabalhar, já pensa o outro lado! Né? Então eu comecei a entender, sabe, que não era b... que não era que ela tava falando porque ninguém mais existia, porque ninguém mais trabalhava, era por conta do... preconceito. Ela foi bem mais rápida do que eu, mesmo porque ela é dirigente, ela já sabe como que é... né? O lugar aqui, como que as pessoas podiam interpretar, e eu já não interpretei assim porque eu já não tenho esse negócio... né? (629-666)

Após refletir acerca das razões da diretora para ressaltar as qualidades de Vicente, Roberta se convence de que esta atitude estava ligada a uma tentativa de facilitar a aceitação de Vicente pelas famílias, algo que não havia ocorrido a ela por não ter preconceito algum em relação ao educador.

As educadoras também estabeleciam relações entre a presença do homem na creche com significados culturais comumente atribuídos à masculinidade.

Na primeira reunião realizada após meu ingresso na instituição, apresentei à equipe toda o projeto e várias falas foram feitas em relação ao tema. Algumas educadoras falaram dos possíveis significados que a presença de um homem como educador poderia ter para as crianças. Outras falaram dos significados para si mesmas:

> "Tendo mais de um homem no meio da gente (já havia um homem na creche como auxiliar de serviços gerais) parece que a gente se sente mais segura!" disse uma das educadoras. "Mais protegida", disse outra. (nota de campo, 29/08/2008)

Nesta mesma reunião, uma das educadoras questionou Vicente sobre como ele se sentia em meio a tantas mulheres, ao que ele respondeu que já trabalhou no meio de mulheres e que achava normal.

Também em sua entrevista, quando perguntado acerca de como se sente como homem no papel de educador, Vicente responde que se sente bem, que já trabalhou antes com mulheres e se sente muito tranquilo fazendo o seu trabalho Fala também de seu comportamento em relação ao grupo, que às vezes se isola, mas que isso parte dele, pois tem intenção de deixá-las mais à vontade para conversarem, porque às vezes sua presença como homem atrapalha.

> **Vicente:** [...] Eu já trabalhei com outras mulheres, eu me sinto tranqüilo de fazer o trabalho. Às vezes eu mesmo me isolo, não que as meninas queiram, mas eu mesmo fico mais separado pra dar um pouco mais de liberdade pra elas, às vezes elas querem conversar de outras coisas, mas, em relação a isso acho que tranqüilo, eu me sinto bem trabalhando aqui com as crianças, com as meninas, com o pessoal aqui da creche. Me dou bem com elas, mas às vezes é isso, às vezes eu me afasto pra deixar elas um pouco mais à vontade, porque eu acho que a minha presença como homem às vezes as atrapalha. (299-305)

Ao falar de suas expectativas iniciais em relação ao próprio trabalho, Vicente revela que, graças ao apoio da direção e principalmente aos ensinamentos da parceira e à boa relação entre elas, foi possível superar as dificuldades do início: o medo do fracasso e o estranhamento das famílias.

> **Mara:** Em relação a suas expectativas iniciais, quando você chegou aqui, pensou tudo o que você ia ter que enfrentar e agora, olhando o que já passou, você acha que você correspondeu a suas expectativas em relação ao seu desempenho ou foi diferente do que você imaginou que ia ser? (412-415)
>
> **Vicente:** Olha, num primeiro momento eu fiquei com muito medo de vir, de mudar de serviço, vir trabalhar com crianças menores, aí teve aquele... aquele... aquele impacto das famílias te olhando por você ser homem, eu achei até que em certos momentos eu não ia dar conta, né, ia

> ter que voltar a trabalhar lá onde eu estava. Mas... a direção da escola me apoiou bastante, me ensinou muito e... acho que foi por Deus mesmo que, que ele colocou uma parceira na sala que pôde me ensinar muita coisa e a gente se deu super bem, entendeu, porque poderia também não ter dado e... ia acabar sendo mais frustrante. Mas deu tudo certo, graças a Deus, e eu acho que o trabalho foi bom e a tendência agora acho que é melhorar com o passar do tempo. (416-423)

Vicente declara que seu trabalho com as crianças acabou sendo pautado na experiência da colega de sala com a faixa etária:

> **Vicente:** É, alguns dias depois, a minha colega de sala, que é a Roberta, veio [...] nestes dois anos que a gente trabalhou junto foi super legal, ela é uma profissional e tanto, pude aprender bastante com ela é... porque ela já havia trabalhado em creche e espero que agora, nesse próximo ano, aí, eu consiga dar conta do recado sem ela, né! [...]. (234-238)

Em função desse sentimento de Vicente de estar aprendendo com uma parceira mais experiente, penso que se sentia inseguro para tomar a frente da situação. Roberta assim contribuiu para o posicionamento de Vicente, desde o início, em certo lugar daquele que é menos capaz e que, por isso, aceita e recebe.

Além de sua inexperiência com o trabalho nessa faixa etária, desde o momento da atribuição de sala, pela Secretaria da Educação, Vicente viu questionada sua capacidade para a função:

> **Vicente:** [...] me chamaram pra assumir o cargo aqui, de educador de creche. Foi uma surpresa, foi bem-vinda, aliás, bem grata, e eu fiquei imaginando a hora que eu assumisse, como seria, porque eu trabalhei com crianças de sete a dezesseis anos, mas nessa faixa etária dos três anos nunca tinha tido experiência nenhuma. E quando eu fui assumir lá, as pessoas que estavam lá, as moças a... própria secretária estava lá fazendo a inscrição, falou "nossa, mas você vai assumir, um homem? Você sabe que nesse cargo aí você tem que trocar fralda, tem que fazer isso, fazer aquilo!". Falei "Ah, a gente tem que aprender com a vida e... mas eu vou assumir sim!" E aí eu peguei, vim pra cá, cheguei aqui no (nome do bairro), fui bem recebido pelo pessoal da escola. (224-232)

Ainda que estivesse seguro de que queria assumir o cargo para o qual havia sido aprovado em concurso, o medo que ele diz ter sentido e o fato de cogitar a possibilidade de voltar a sua atividade anterior sugerem um grande sentimento de insegurança, *sugerem o homem educador com medos e receios*.

E o questionamento que lhe foi feito sobre assumir o cargo, sendo um homem, parece ter levado Vicente a acreditar que as mulheres é que tinham competência para a função e que, por esta razão, elas deveriam servir de modelo para sua atuação.

Em minhas observações, pude perceber a forte influência das educadoras, especialmente de Roberta, na atuação de Vicente.

Essa relação estabelecida entre Vicente e Roberta também aparece na entrevista de Helena, que fala do aspecto mais ativo da educadora em relação a Vicente.

> **Helena:** [...] Achei positivo ele sair agora, ir pra outra sala. É... porque ele vai lidar com outra pessoa, que vem de fora e que eu também quero observar esse comportamento[...]. (1058-1060)

> **Helena:** [...] Então, na verdade, lá eu falo que ele ocupava a figura do... da, da, da mãe e ela do pai. Era uma coisa, assim, engraçada, né (risos). É, e, e... foi muito interessante isso pra minha vivência, né. E, muitas vezes, ele precisava ficar lá, e aceitar, então eu acho que ele agiu mais passivamente, porque ele teve o respeito de educador ético, entendeu? E que as ações dele, ao arrumar outra sala pra esse novo ano, já foram diferentes de que quando ele arrumou com ela. Ele só, tipo, obedecia ordens, eu percebi. Engraçado, né. É uma coisa assim, é... E a gente respeita as pessoas exatamente como elas são. Elas nem percebem mas a gente respeita. Porque a gente deixa tão à vontade, mas elas pensam que a gente não tá percebendo, entendeu? Ele, assim, não me trouxe... ele, educador, é..., não fe... figura masculina, ele educador, eu estou olhando e falando dele educador, ele teve todo o bom senso, ele teve toda a ética profissional, que um bom educador teria. Entendeu? Talvez outras pessoas não tivessem, mas ele teve. Ele é um grande educador. Ele nasceu educador. (1065-1083)

Apesar de Vicente possuir uma formação específica na área de educação, outro fator que pode estar relacionado à necessidade de um outro como referência pode ser o fato de que, à época de sua formação em magistério, no período de 1991 a 1994, a creche não era tida, ainda, como espaço educacional, o que significa que além de não ter experiência alguma com a faixa etária, Vicente possivelmente não possuía também referenciais teóricos que pudessem lhe servir de base em sua atuação.

Ao avaliar-se, Vicente traz a seriedade e a concentração naquilo que está fazendo como características suas que acredita contribuir para o seu trabalho.

> **Vicente:** Eu acho que a seriedade, né, eu acho, é... concentração naquilo que está fazendo, fazer porque gosta de fazer, como a própria Helena diz, né, "a gente tem que, se está fazendo isso é porque gosta" e eu aprendi a gostar. No começo eu vim é... procurando melhorar, melhoria salarial porque eu tava com a família nova ali, outro filho, procurando melhores condições pra mim, mas eu aprendi a gostar de trabalhar com a criança e eu acho que eu trabalho... a seriedade em trabalhar com ela é o que me ajuda a ser o educador que eu sou. (262-267)

Vicente nos remete a uma fala da diretora, indicando a influência que esta consegue alcançar com seu discurso.

Também o apoio dado por ela é mencionado por Vicente como importante para a superação das dificuldades iniciais.

Mas, com certeza, a maior influência na constituição de Vicente como educador foi sua parceira de sala, Roberta, que foi o principal referencial do educador no início de seu trabalho, especialmente nas interações e intervenções com as crianças.

Possivelmente observando as colegas e refletindo sobre o que esperariam de um homem naquele espaço, ou talvez em suas experiências anteriores de trabalho em espaços predominantemente femininos, Vicente foi constituindo-se como um *homem educador que*

sabia ouvir e opinar acerca dos assuntos que as colegas lhe traziam, e ao mesmo tempo o *homem respeitador* que sabia manter a distância de que elas necessitavam para não se sentirem invadidas em seu espaço, nem como profissionais, nem como mulheres.

Nos dois primeiros anos na instituição, nos quais permaneceu com a mesma parceira, posicionou-se no papel de *homem educador aprendiz*, pautando-se no trabalho da parceira como exemplo a ser seguido.

Às vezes ousava tomar a frente em alguma situação, mas logo que ela fazia alguma intervenção que ia de encontro a sua, reposicionava-se como aprendiz, seguindo à risca o exemplo da parceira.

Já em 2009, quando a parceria de Vicente e Roberta foi desfeita pela diretora, Vicente assumiu uma turma em conjunto com Ângela, uma educadora contratada, recém-chegada à instituição.

Uma grande mudança pode ser observada na atuação de Vicente que, nesta nova condição, posicionou-se como o *homem educador mais capaz*, tomando a frente nas situações e, em alguns momentos, até se impondo um pouco ante a parceira, algo inesperado para quem estava acostumado a vê-lo sempre numa postura de maior passividade e aprendizado.

Um episódio de conversa com a mãe de um dos meninos da turma, que estava deixando a fralda, ilustra um pouco essa nova postura:

> Mãe de (nome da criança) chega com ele na sala. Ela pergunta se seu filho está fazendo xixi no banheiro da escola. Ângela responde que sim e Vicente responde que não, que a criança está ficando sem a fralda mas que ainda não fez nem xixi, nem cocô, nenhuma vez. Explicou à mãe que tira a fralda e que cada vez que vão ao banheiro o coloca para fazer xixi com os outros, para incentivá-lo a fazer, mas que ele ainda não conseguiu. Acha que ele está segurando porque está sem a fralda e ainda não se acostumou (nota de campo, 11/02/2009).

Em outro momento, Vicente decide voltar para a sala com as crianças que já terminaram o café e simplesmente pede que venham com ele, decidindo que Ângela ficaria esperando uma das crianças, que estava atrasada (nota de campo, 12/02/2009).

Mas a constituição de Vicente como educador não ficou restrita aos campos interativos estabelecidos com a equipe da creche.

Também as famílias e especialmente as crianças foram atores importantes nesse processo.

4.2 O HOMEM COMO PROFESSOR NA CRECHE: SIGNIFICADOS E SENTIDOS NA RELAÇÃO COM A DIREÇÃO

Ao referir-se à diretora, Vicente declara que, juntamente com Roberta, ela foi a responsável por sua experiência, como educador, ter sido bem sucedida.

Helena acredita que desde o momento em que assumiu a direção da creche estava sendo preparada para o trabalho que teria de desenvolver mais tarde, ao receber Vicente na instituição, uma vez que já no início seus projetos acabavam perpassando a questão do preconceito e da inclusão social.

> **Helena:** [...] Hoje eu entendo, o que eu vim fazer aqui era muito sério. Era desmistificar. Tanto que meu primeiro projeto foi preservação do verde e o cultural na escola viajando pelo mundo, o reconhecimento. "Bem, eu quero saber quem é sua família". Se você ver os livros lá, você vai ver que eu já fazia, sem saber o que eu tava fazendo, eu fazia um estudo psicológico da família. Pedia foto, "Não, vamos resgatar! Vamos... me dá uma foto." Eu ia pra favela, tirava foto, colocava no caderno. Depois você pede pra C. pra você olhar. Têm registros importantíssimos "Mas quem é você?" "De onde você veio?" "Como é que você vive?" "Vamos fazer, vamos reconhecer a sua árvore genealógica?" E eu percebi que 99% na época eram afro-descendentes. Quer dizer, muito antes da inclusão do negro, eu já trabalhava com a inclusão social. Diferente, por isso que eu falo com muita tranquilidade da figura masculina, entendeu? Porque lá atrás... já, já me... Deus já me prepara, eu acho que é... eu... eu fico muito preocupada em colocar Deus no meio dessa história toda, mas eu tenho Deus muito presente na minha vida, né, eu acho, assim, que eu venci pela fé e sou vencedora pela fé. [...] (798-812)

Ao longo de toda a sua entrevista, Helena fala da importância da relação que teve com seu pai para que hoje seja uma pessoa sem preconceitos.

Helena acredita que o relacionamento afetuoso e aberto que teve com ele lhe deixou um sentimento muito positivo em relação à figura masculina, bem como a crença de que as tarefas voltadas à educação dos filhos devem ser divididas. Até mesmo assuntos mais delicados, como a questão da sexualidade, era o pai quem tratava com ela.

> **Helena:** [...] olha a lição que ele me deu lá atrás em termos de sexualidade, por exemplo. "Minha filha, olha, o homem, ele tem o pênis, a mulher é assim.". Meu pai, olha que brilhante, né, eu com cinquenta e tantos anos, você vê, naquela época isso não era comum. Quando eu menstruei, o meu pai me falou "Minha filha, você vai ficar mocinha, as, seus mamilos já cresceram...". A minha mãe nunca falou comigo sobre sexualidade. Então, eu tinha um negócio dentro de mim muito positivo em relação à figura masculina já vinda dessa característica de pai, e que eu sempre acreditei que... tinha que ser dividido essa tarefa dentro de casa, entendeu? Então, eu já tinha muito positivo isso dentro de mim. [...] E, falando do professor, eu só voltei pra você entender qual é essa relação de dificuldade que eu não tive, por conta desta formação que eu já tive. Então, você há de convir comigo que essa formação intelectual que eu tive, moral, social, ela não foi discriminatória. Eu não tive uma educação discriminatória. Então, fez com que eu aceitasse com muita tranquilidade, positivamente e porque acreditava nesse educador luz. Esse acreditar, porque quando esse educador já chegou pra mim, talvez eu já tivesse rompido os meus preconceitos, que eram adquiridos, que seriam adquiridos desde o passado. (531-550)

Diante disso, Helena relata não ter tido dificuldades em aceitar um *homem como educado*r. E foi capaz de acreditar nesse educador como um *profissional competente*, segundo ela porque suas experiências de vida já tinham sido suficientes para romper preconceitos adquiridos ao longo de sua história.

Helena afirma que também não houve problemas de aceitação do educador na instituição como um todo, inclusive em função das características pessoais de Vicente.

> **Helena:** [...] Aqui, não se teve problema nenhum, porque também a figura do Vicente trouxe uma... uma espécie de... de respeito. O Vicente é uma pessoa extremamente séria, ele é uma pessoa feliz, ele é uma pessoa... um pai muito presente na vida dos filhos e eu acho que isso ajudou com que elas também o respeitassem, porque ele passa tudo isso também, né. Agora, se lá na frente não aceita, nada funciona. Eu acho que começa lá no diretor. A escola é a cara do diretor. O secretário tem que ser a cara do diretor. Se não for, não serve. Se ele não enfrentar chuva, não ficar no portão, se não beijar, entendeu? Você conhece o seu diretor pelo, por quem te recebe. Entendeu? Então é assim que eu penso. Eu penso que começa lá na frente e eu nunca tive preconceito nenhum [...]. (631-640)

Mas acredita que o fator determinante para sua aceitação na creche foi o fato dela, diretora, aceitá-lo, sem preconceitos, pois acredita que a escola é e deve ser a cara do diretor.

Helena diz que sua expectativa em relação à vinda de um homem para trabalhar como educador em sua creche foi extremamente positiva, uma vez que tinha conhecimento de que a maioria das famílias atendidas pela creche eram de pais separados ou pais ausentes, e por outro lado observava um encantamento nas crianças com figuras masculinas nas festas, como o Papai Noel e o coelho da Páscoa.

> **Helena:** [...] eu me formei com a comunidade. E aí, percebendo que as nossas famílias é, eram a maioria pais separados, filhos que não tinham pais, eu comecei lá atrás a pensar "Puxa vida, por que, como que é importante a figura masculina na vida dessa criança". Eu via quando eles viam uma figura homem, tipo Papai Noel, o coelho, em algumas festas que a gente organizava, eu percebia que a afetividade da criança em relação ao homem era muito grande. Era uma expectativa de, de... como se fosse aquela coisa de pôr a mão e querer saber o que que era aquilo, né. Principalmente pras crianças que não tinham os pais presentes, porque a maioria na época não tinha. A árvore genealógica da família não era reconhecida. "Você é filho de quem?" "Não sei. Eu não tenho certidão." "Mas o pai é quem, minha querida?" "Olha, essa é de um, esse é de outro, mas eu não sei qual que é.". Então, nosso histórico social era um tanto quanto que... complexo. E, a partir disso, eu... eu tive uma expectativa muito positiva com a chegada do professor, por acreditar é... que... essa contribuição homem-mulher na formação do caráter do indivíduo, ela é muito importante. Então, eu acreditava assim que a figura masculina nos traria um aprendizado na equipe de como lidar com essa criança aonde os pais eram faltosos... Então foi... extremamente positiva a minha... [...] (502-517)

Por acreditar na importância da participação do homem e da mulher na formação do caráter, Helena esperava que Vicente trouxesse uma contribuição à equipe no trabalho com as crianças que não conviviam com seus pais.

Esperava que ele também, de certa forma, viesse ocupar na vida das crianças o lugar dos *pais ausentes*, numa crença de que o educador pudesse ter para elas a mesma importância de um pai.

Helena enfatiza que, além da figura masculina ter sido bem-vinda, seu enfoque não foi no fato dele ser homem, mas na função que iria ocupar na instituição, e é isso que leva em conta quando se dirige a ele ou o observa. Aqui ela faz uma distinção entre *homem* e entre *educador*, uma função que, segundo ela, independe do sexo.

> **Helena:** [...] pra mim, a figura masculina, ela foi de su... ela foi muito bem-vinda, muito querida. Eu não enxergo o educador homem e mulher. Eu não consigo. Pra mim, o Vicente é um educador e a... por exemplo, a Roberta, que estava com ele, é uma educadora. Ele, os dois são educadores daquela sala, entendeu? Eu não olho ele como homem. Eu converso com ele como se estivesse conversando com um educador. Ele foi muito bem recebido por mim, eu tenho certeza absoluta, sabe. É... dei a ele as condições é... de sobrevida (risos) no meio de... vinte mulheres e... importante é que ele realmente veio satisfazer os meus anseios enquanto diretor de escola, ele veio desmistificar aquilo que era mi, que era... místico, né, dentro da sociedade. Ele veio contrapor, ele veio dizer "Olha, o educador, ele tem que ser realmente luz. É como a dona Helena falou.". Ele um dia falou isso pra mim. O educador tem que ser educador, independente de sexo ou não. Então ele falou pra mim que tinha sentido muita... liberdade de estar aqui, na vez que ele foi numa reunião que... era diferente estar aqui, que ele queria que as outras escolas fossem como aqui. Ele me falou algumas coisas assim, mais ou menos nesse sentido. Então eu percebi que ele também deve ter ficado à vontade, eu não sei, pelo menos é a fala que ele... né, ele teve dificuldade, assim, com o todo. Isso não tem dúvida. [...] Mas eu acho que foi muito saudável o Vicente aqui na escola por eu ter é... é... esse pensamento, é..., diferente, por eu ter, é.. é.., tido um pai como eu tive, que foi na idade de formação do caráter, por eu ter tido uma educação que não era centralizadora, por eu ter tido uma educação que não foi manipuladora, por eu ter tido uma educação que não foi discriminadora, discriminatória [...]. (553-593)

Diz ter certeza de tê-lo recebido muito bem na instituição e de ter lhe dado as condições de sobrevivência em meio a tantas mulheres, e acredita, pelas falas do próprio Vicente, que ele sentiu-se à vontade na instituição para fazer seu trabalho, mesmo tendo dificuldades.

Salienta que Vicente foi capaz de satisfazer aos anseios dela no sentido de desconstruir junto à equipe e à comunidade a crença de que apenas mulheres poderiam exercer com competência a função de educador de creche, mostrando que independente do sexo o que vale é ser um bom profissional.

Em relação à experiência de ter um homem na creche como educador, Helena avalia como extremamente positiva, uma vez que trouxe abertura para trabalhar junto à equipe questões de gênero que afetam a educação das crianças na instituição, como os estereótipos ligados a determinados brinquedos.

Focando a dificuldade das educadoras em lidar com a ideia de meninos brincando de boneca, Helena conta que uma de suas estratégias para convencê-las foi questioná-las sobre

como desejariam que fosse o homem com quem se casassem. A partir disso, esperava fazer com que as educadoras pensassem na brincadeira como uma possibilidade para as crianças de experimentarem papéis da vida adulta, neste caso o de pai e marido.

> **Mara:** E como tem sido a experiência de ter um homem como educador aqui na creche? (648)
> **Helena:** Extremamente positiva. Eu acho assim, a nível da família, eu acho que a nível da... dos educadores, né, eu acho que trouxe essa, esse bom entendimento com a figura masculina, relacionada a esse educador luz. Nos deu, assim, muita abertura pra temas em, em reunião pedagógica. Nos leva a discutir isso de uma forma menos [...] discriminatória, né. E... tem, é provocado, é... bastante reflexão. Muitas vezes elas nem percebem o tanto que a gente reflete em relação a isso, porque eu não fico apontando o dedo. A gente coloca ações e deixa ela... é... é que nem, é como o caldeirão da bruxa, né, você coloca tudo lá, do mundo lúdico, e deixa vazar, né. E... tem gerado uma reflexão muito boa por conta disso que eu te falei agora, em relação à dificuldade que elas tinham da criança brincar com a boneca, que era homem, se podia, se não podia, né. [...] Aí, outro dia eu ainda fiz uma pergunta pra elas sem elas perceberem numa reunião pedagógica, eu falei "Escuta. Que tipo de marido vocês queriam ter?". Aí, elas todas ficaram... E eu "Então, por que que vocês tão educando pra eles não cuidarem da boneca, da criança, das coisinhas, fazer comida... Vocês não querem um marido que ajude, que participe, que seja participativo nas... porque hoje as mulheres estão na rua trabalhando!" "Ah, não! É verdade!" Aí eu falei, "Engraçado, né. E as crianças aqui da escola não pode!" Até por... por conta de uma ação reflexiva, negativa, de alguma educadora que eu tive essa ação intencional. Então, provoquei uma reflexão na pessoa do Vicente. Eu falei "Olha, se você me permitir eu vou usar você nesse momento. O Vicente é menos homem do que os homens que gritam, que batem, que fazem e acontecem, que são machistas?" "Nãão! Pelo amor de Deus! Não!" "Então, mas por que que vocês estão fazendo isso com as crianças? Por que que, por exemplo, o meu neto não pode brincar com boneca? Se eu coloquei ele nessa escola é porque eu acredito nessa escola. Se eu ficar enfatizando o que ele não pode...". Tanto que houve um reforçamento em relação a... ao rosa e... ao azul. Porque a gente não pode ter esse reforçamento, né. Mas aconteceu e foi muito interessante que o (nome de seu neto) leva isso até hoje. Roupa azul é de homem e rosa é de mulher. Porque elas querendo ajudar e o medo de que isso fosse negativo pra ele, elas começaram a trabalhar cores. Eu falei "Gente, trabalha cores... é... trabalha... é... áreas de conhecimento, de cumplicidade, de ajuda mútua. Não fica falando que boneca não é coisa de homem, mas pergunta quem é aquela criança, se é um bebê, se ele está brincando. Entra na brincadeira ludicamente pra que você reforce nele uma atitude menos machista." Mas o educador tem muita dificuldade de aceitar esse preconceito pré-estabelecido dentro dele. Tanto que o meu neto saiu daqui, com professores ótimos e, inclusive, com o Vicente e com a Roberta, que eu acho os melhores professores da escola, eu adoro, tenho... gosto demais, mas ainda saiu com preconceito. Olha que interessante! [...] Então eu percebi que, apesar de tudo, houve um reforçamento do homem e da mulher. [...] (649- 688)

Helena também usou como estratégia para reflexão comparar Vicente com o estereótipo masculino vinculado ao machismo e à agressividade, questionando-as se o fato de Vicente não se enquadrar nesse estereótipo o fazia menos homem, o que elas negaram veementemente.

Helena lamenta, porém, que apesar de seu investimento na formação das educadoras, no sentido de desconstruir estereótipos, ainda assim seu neto acabou aprendendo na creche que azul é cor de menino e rosa cor de menina, o que mostra como estes elementos estão disseminados em nossa cultura e arraigados em nossa conduta.

Helena fala da diversidade na creche em relação à figura masculina, já que no ano que se iniciava, 2009, haveria três homens na equipe da creche, Vicente e dois auxiliares de serviços gerais, um que já era funcionário em 2008 e outro que veio para substituir uma funcionária.

> **Helena:** [...] E essa figura que vem faltando cada vez mais na vida da sociedade, na vida das famílias, ela vem contemplar a nossa escola com uma única presença e mais um servente, que agora são dois. Nós tínhamos duas figuras e agora temos três. E como eles são diferentes, né. Então, pode ter na administração, na escola, homens? Deve ter, porque se nós somos sociedade, se nós somos seres humanos, educadores que aceitamos a convivência fraterna, que aceitamos a convivência, eu acho que a figura do homem vai trazer aprendizado pra vida da mulher. Como lidar com esse homem em casa. Pena que as pessoas não se apercebem disso. Pena que ela não tira a lição de exemplo de um educador, que é figura masculina, de um senhor que vem trabalhar na escola, que acaba tomando outras posturas frente às mulheres. Porque existem homens e homens, existem mulheres e mulheres. E essa discriminação, ela não é feita pelo ápice que é no final da figura masculina e feminina. Ela é feita no cotidiano, nas ações intermediárias do ser humano. Ele é ação positiva e ele é ação negativa. Dentro daquilo que ele faz. Por isso, eu falo pra você, eu não consigo enxergar o educador homem e o educador mulher. Isso pra mim é fora de cogitação. Não existe mesmo. Porque eu vim pra cá, desmistificar justamente esse preconceito existente [...]. (781-797)

Helena pondera que também na administração da creche poderia haver homens e fala de como os três homens da equipe são diferentes entre si, e que para ela a maneira de ser e de se relacionar não está vinculada ao ser homem ou ser mulher, mas à pessoa.

Ao ser questionada em relação a possíveis desvantagens de se ter um homem como educador na creche, Helena afirma que não há. Mas se remete à figura de Vicente, alegando que não há nada de negativo, principalmente por ele ser uma figura muito diferenciada.

> **Mara:** Tem alguma desvantagem em relação à presença de um homem como educador na instituição? (849-850)
> **Helena:** Eu só vejo vantagem. Não tem nada negativo pra relacionar. Assim, principalmente porque... o Vicente é uma figura muito diferenciada. (851-852)

Essas falas de Helena sugerem uma compreensão de que os benefícios trazidos pela presença de Vicente na instituição estão ligados não a qualquer figura masculina, mas a uma que se encaixe nos padrões que ela considera como ideais para um homem.

Enfatiza que Vicente possui várias qualidades como competência, simpatia e docilidade, e que para ela não cabe comparações entre homem e mulher, mas entre profissionais, e para ela Vicente é um grande educador.

> **Helena:** Eu quero que você entenda bem isso. O professor Vicente é uma figura extremamente importante, extremamente capaz, extremamente... simpático, extremamente dócil, extre... ele, ele dá conta disso tudo. E eu tenho outras pessoas, independente da figura, que não são o que ele é.[...] (911-914)

> **Helena:** [...] Então, eu, eu não consigo mais, é..., olhar e... e che... e falar homem e mulher, entendeu? Então, é complicado. Eu consigo olhar e falar "Olha, o professor Vicente, o educador Vicente é um grande educador". (922-924)

As características de Vicente, a experiência com esse *homem concreto* que ele é, vão servindo para a construção das características e competências do educador geral. Sobre a relação de Vicente com a direção, Helena define como muito tranquila, sempre exaltando as qualidades de Vicente como profissional. Dentre as características elogiadas por Helena destaca o fato de Vicente utilizar seu próprio dinheiro para comprar materiais para as crianças e para ajudar a escola, o que coaduna com uma marca da história dessas instituições, que ainda persiste e, se já aproximou a figura da mãe à de cuidadora/educadora, nesse caso, associa a figura do educar à de pai, aproximando a creche do ambiente doméstico.

> **Mara:** E com a direção? A relação também é tranquila? (1115)
> **Helena:** Muito tranquila. Nunca tive problemas. Ele é um educador extremamente zeloso, ele é um educador que faz seus planejamentos muito bem feitos, ele é muito crítico, ele é participativo, ele ajuda, ele, ele, ele usa dinheiro do bolso pra comprar as coisas pras crianças, pra ajudar na escola. Ele, ele... ele tem uma... uma boa desenvoltura, ele... compreende as dificuldades da direção e eu vejo nele, assim, esse grande educador porque tem momentos que o dirigente, ele está no auge do limite e as pessoas tem que ter essa compreensão, porque senão a escola não caminha bem. E tem pessoas que independente, é... é..., disso ou daquilo, não tem aquela compreensão. E é onde às vezes o trabalho, ele não se... Então, o Vicente, desde o, do dia que ele chegou na escola, é..., eu não tive nenhum tipo de problema em relação a ess... a falta de ética, a falta de respeito, a falta... Sabe, ele respeita muito, ele sabe a hora de falar comigo, ele sabe a hora de se calar, ele sabe... ele tem muita ética. Ele é muito... Falei até com a esposa dele, quando esteve aqui, ela falou "Olha, ele é assim em casa, ele é assim com a família dele." Que é dele mesmo. É um educador que nasceu pra ser educador, né. Ele é um educador de alma, né, eu acho. Então... Com a direção também nunca... tivemos algum... nenhum problema. Nenhum, nenhum, nenhum que eu possa... Nem de estremecer, né. Ele está sempre sorrindo, sempre simpático, sempre cordato. Ele é um grande educador mesmo, eu acho. (1116-1132)

Helena fala, também, da sensibilidade de Vicente em perceber quando ela está em momentos mais difíceis, demonstrando compreensão e respeito, e ressalta que nunca teve nenhum tipo de problema em relação a Vicente, que sabe a hora de falar e a hora de calar-se, sendo sempre muito ético em suas ações.

Ao comentar com a esposa de Vicente sobre as qualidades que vê nele, esta diz que no âmbito familiar ele também age da mesma forma, o que leva Helena a concluir que esse é mesmo o modo dele ser e que ele é um educador que nasceu pra ser educador; atribui assim a ideia de educador a um conjunto de características inerentes à pessoa. No caso de Vicente, um *educador nato*.

Ao avaliar mais especificamente o trabalho de Vicente, Helena diz que o considera um excelente educador, com defeitos que fazem parte de todo ser humano e que não estão relacionados ao fato dele ser homem, mas ao exercício de sua função.

> **Mara:** E como você avalia o trabalho dele? (1133)
> **Helena:** Olha, eu... eu acho ele um excelente educador. Eu acho ele um excelente educador. Tem defeitos? Temos. Como todos nós temos. Eu não posso achar ele o maior dos educadores. Isso eu falo pra ele mesmo, né. Tem muito a melhorar, como educador, não como figura. Gente, então vamos separar isso porque senão fica complicado pra eu explicar isso. (1134-1137)

Helena acredita que o educador deve estar sempre buscando se superar, que para ela Vicente tem mais qualidades que defeitos, mas que se considerá-lo o máximo como profissional estará desestimulando sua busca pela superação.

Mas acaba dizendo que para ela, considerando todo o conjunto de educadoras e educadores da rede municipal em que estão inseridos, Vicente é um dos melhores nessa função. Segundo Helena, o diferencial de seu trabalho é a disciplina e a técnica, e a criança é o centro de suas ações.

> **Helena:** Então o, o... trabalho do educador, ele tem que estar sempre melhorando. O educador em si. O Vicente, eu percebo que ele tem mais qualidades do que defeitos. Então, está muito próximo de ser um grande educador, né. Mas, assim..., o dia que eu achar que ele é nota mil, eu vou dizer pra ele que ele não precisa estudar mais. É o que eu te falei. O dia que você achar que eu sou uma grande diretora, eu estou morta, enterrada. "Olha, ela... até onde ela trabalhou ela foi grande". É aí que o ser humano termina sua tarefa. Então, eu dou sempre nove, oito e meio, pra, pros grandes educadores, pra que eles não pensem que eles sabem tudo, que eles já têm todo o conhecimento necessário, né. Mas, perto do que se tem, a nível de educação, a nível de educador como um todo, eu acho que ele é um dos bons educadores que se tem na rede municipal, contando um todo, todos, né. Vamos esquecer a figura. Eu acho que o trabalho dele é muito bem realizado. Ele é muito disciplinado, né, essas pessoas disciplinadas, elas têm, é... é..., as técnicas mais voltadas pra criança. Eu percebo que ele se abaixa à altura da criança, ele corresponde a ações positivas. Então, aqueles erros menores que a gente comete, eles não são importantes, porque as ações positivas foram mais importantes no dia. E eu acho as ações dele mais positivas do que alguns educadores que eu tenho dentro da escola, entendeu? Então, o que eu quero dizer é isso, em relação não à figura, mas sim à pessoa dele. (1141-1157)
> **Mara:** Como profissional. (1158)
> **Helena:** Eu acho que ele é muito profissional. E ele vem melhorando a cada dia, é..., nós nunca vamos ser dez, mil, essas coisas. O pessoal fala que a gente é, mas a gente não é. A gente tem defeitos, né. A família avaliou ele nota mil também e eu também se pudesse dar uma nota pra ele, daria essa nota. Mas eu não dou, pra ninguém essa nota. Porque nós somos passíveis de errar sempre. Porque educar é estar em movimento. E o ser em movimento erra, né. Você erra o compasso da dança, você errou o passo. Então, eu avalio ele como um educador que está atuando numa área que cabe a ele. Eu acho que ele tem perfil. (1159-1165)

Helena também compara Vicente às educadoras de sua própria equipe, dizendo que considera as ações de Vicente junto às crianças mais positivas que as de algumas de suas educadoras, e considera que isso esteja relacionado não ao fato de ser homem, mas à pessoa dele.

Helena diz que considera Vicente muito profissional e percebe que evolui diariamente, atuando em uma área para a qual tem perfil.

Conta que a família o avaliou com nota mil, e que se ela fosse lhe dar uma nota também seria essa, mas não o faz por sua crença de que ser educador é estar sempre em movimento e passível de cometer erros.

Comenta que ele tem só o magistério e que já o orientou a cursar pedagogia, por acreditar que ele está no caminho certo.

Considerando a falta de experiência de Vicente com a faixa etária atendida pela creche, uma vez que só havia trabalhado com crianças maiores, Helena diz que foi uma experiência nova também para ele e acredita que tenha sido muito positiva, inclusive em aspectos de sua relação com os próprios filhos.

> **Helena:** [...] Você vê, o Vicente... Ele tem só o magistério, se não me engano. E... eu ainda falei "Olha, Vicente, busca Pedagogia, vá, porque você está no caminho certo", sabe? Eu acho que... Pra ele também foi uma experiência nova, porque ele trabalhava eu acho que com educação de até quarta série, eu não me lembro, no diálogo que nós tivemos, eu me lembro que era com crianças maiores, né. E pra ele, ele veio como experiência, é..., foi muito positivo também eu acho que pra ele em relação a, a qualidade do trabalho que ele pode dá pros filhos também... Eu acho que isso deve ter uma colaboração grande. Eu não parei pra sentar com ele esse ano ainda pra fazer um fechamento. [...] (1088-1095)

Helena faz uma avaliação de Vicente um pouco romantizada, fato que talvez justifique avaliações diferenciadas em relação a ele, quando comparado com as demais educadoras. Isto parece ser dar em função de emergirem em sua relação com ele significados como autoridade e competência, aspectos que, nas observações realizadas, não estiveram em maior evidência nele do que em suas colegas.

Talvez a grande importância do pai em sua vida e a qualidade da relação que teve com ele sejam as razões para a predisposição de Helena em esperar o melhor do educador.

4.3 O HOMEM COMO PROFESSOR NA CRECHE: SIGNIFICADOS E SENTIDOS NA RELAÇÃO COM AS FAMÍLIAS

Uma figura determinante para a aceitação da presença de um homem como educador na instituição, pelas famílias, foi a direção.

A visão que a comunidade tem de Helena foi trazida pela mãe de Clara durante sua entrevista. Segundo ela, Clara foi matriculada na creche em que foi desenvolvida a pesquisa porque a mãe já havia ouvido falar bem da direção e de sua equipe.

> **Mara:** [...] por que que você resolveu colocar ela lá na (nome da creche), teve alguma razão especial, como é que foi essa decisão? (51-53)

> **Mãe de Clara:** É que os comentários, né, falaram que lá a diretora era muito legal, boa, todos os educadores, aí eu resolvi pôr lá, aí gostei. (54-55)

Também foi essa confiança na direção que, a princípio, levou a mãe de Clara a aceitar a situação de ter um homem como educador de sua filha.

Ao falar sobre as expectativas em relação ao trabalho de Vicente como educador, a mãe de Clara diz que, apesar de seu preconceito inicial, acreditava que ele iria cuidar muito bem de sua filha, pois, para ela, se não fosse assim ele não estaria na instituição.

> **Mãe de Clara:** Ai, por mais preconceito que eu tava, eu achava que ele iria cuidar muito bem dela, porque eu pensava "se ele tá lá, não é a primeira vez que o...", eu pensava assim que aquele não era o primeiro ano que ele tava trabalhando lá, né, eu imaginei que ele já tava bem antes, eu não cheguei a perguntar, nada, mas aquilo ficou na minha cabeça, ele já tava lá, então sinal que ele é um bom educador, cuida muito bem das crianças. (224-228)
> **Mara:** Entendi. (229)
> **Mãe de Clara:** Imaginei! (230)
> **Mara:** Você nem quis ter certeza! (risos) (231)
> **Mãe de Clara:** É, nem quis ter certeza, falei..., eu ficava com vergonha, sabe, de perguntar pra dona Helena se ele já tava lá antes, aí eu não perguntei, fiquei... mas eu acho que ele já tava lá, aí eu fiquei com aquilo na cabeça. (232-234)

Por ter vergonha de questionar a diretora em relação a esta questão, decidiu convencer a si mesma de que aquele não era o primeiro ano dele na instituição e se ele ainda permanecia ali era porque estava fazendo um bom trabalho com as crianças.

Essa ideia de que não há motivo para preocupação por parte das famílias é intencionalmente passada por Helena a elas.

> **Helena:** [...] A gente não fica enfatizando "Ó, tipo, isso é pecado. Não vai lá. Não pode." Você fica reforçando no ser desconfiança. Então, como eu trabalho adaptação com a criança e eu falo pros pais "Olha, não fica falando da escola 'Ó, mudou, vai pra escola'". Eu vejo também em relação aos pais essa ação. Então, eu também não fico reforçando muito não, sabe, Mara. Eu acho que reforçar é querer mostrar que algo não poderia ser daquele jeito. Então, eu estaria fazendo o inverso do que eu acredito. Então, eu não reforço muito não. (1006-1012)

Como estratégia, Helena diz que evita enfatizar a questão de ter um homem como educador na creche, pois acredita que a ênfase pode dar uma ideia equivocada às famílias de que há algo errado que se está tentando justificar.

Sendo assim, Helena não antecipa às famílias que há um homem como educador na equipe da creche, quando estas vão fazer a matrícula.

> **Mara:** Mas lá na (nome da creche) (sobre a matrícula).
> **Mãe de Douglas:** Na (nome da creche)... Foi de transferência pra lá... Eu já tava com o papel de transferência... Foi só... Fui só lá é... Reservar, deixar reservada, né? Falar que queria ir pra lá, confirmar matrícula. Só fui lá pra confirmar.
> **Mara:** Você fez isso com a diretora ou não?
> **Mãe de Douglas:** Não, foi acho que, foi uma moça que fica lá na diretoria lá, não era a diretora, não.

Mara: Tá. E ela chegou a conversar alguma coisa com você sobre a creche, sobre a turma em que o Douglas entraria?
Mãe de Douglas: Não, não.
Mara: Falou alguma coisa sobre os educadores, quem seria responsável?
Mãe de Douglas: Não, não.
Mara: Não foi conversado nada nesse momento?
Mãe de Douglas: Não.
Mara: Você teve alguma oportunidade de conversar com os educadores antes de iniciar as atividades?
Mãe de Douglas: Não, não porque eu trabalhava, então muitas vezes nem era eu que ia às reuniões, era minha sogra. Então, eu, na época, eu nem sabia que ia ter um educador é... masculino, né? Professor. Depois que eu fiquei sabendo, né? Até porque eu não ia às reuniões, né? Mais a minha sogra é que ia.

Mara: E como que foi, no momento da matrícula? Quem que te recebeu, o que foi conversado? (58-59)
Mãe de Clara: Foi a dona Helena, a diretora, né, a diretora mesmo que me recebeu, fez a matrícula, pediu todos os documentos necessários, né, entreguei a ela o xerox da certidão e da vacina, né, e eu fui muito bem recebida. (60-62)
Mara: É, e sobre o que vocês conversaram, ela falou da creche... (63)
Mãe de Clara: Falou da creche, dos educadores, né, falou da alimentação da escola, falou dos horários, conversou tudo isso. (64-65)
Mara: Uhum, e ela chegou a comentar alguma coisa sobre a turma que a Clara ia frequentar, alguma coisa sobre os educadores que iam ficar responsáveis por ela? (66-67)
Mãe de Clara: Não, ela comentou só sobre os educadores, né, falou que até o neto dela estudava lá, que ela amava os educadores, adora eles. (68-69)
Mara: Mas ela falou dos educadores de uma maneira geral? (70)
Mãe de Clara: Isso, geral, não falou só de quem... (71)
Mara: Ela não falou de quem ficaria, quem ia ficar responsável pela Clara? (72)
Mãe de Clara: Isso, no geral. (73)
Mara: Entendi. E você teve oportunidade de conversar com eles antes de começarem as atividades? (74-75)
Mãe de Clara: Não. (76)
Mara: Não? (77)
Mãe de Clara: Não tive. (78)
Mara: Foi só quando começou? (79)
Mãe de Clara: Foi, só quando começou, isso. (80)

As famílias só tomam conhecimento da existência de Vicente no corpo docente da creche na primeira reunião que é feita com os pais no início do ano letivo, e desde o momento em que as famílias tomam conhecimento desse fato, Helena trata a questão de maneira natural, como se homens trabalhando em creche como educadores fosse algo comum na realidade das instituições.

Helena: [...] eu tive dificuldade de lidar com as meninas, com a família, mas não dentro de mim. E eu só consegui passar isso pra família porque dentro de mim era forte. Então que que acontece? Que que eu quero te dizer com isso? Eu não consigo passar o que eu não sinto, percebe? Pra nós não foi problema, eu não precisei ficar falando "Olha, ele é homem, ba ba ba ba ba ba", entendeu? "Figura masculina!", ficar enfatizando o tema. Nós temos essa equipe de trabalho, temos sim uma, um educador homem, que vem a su, que vem se juntar a nós, que está aqui pra educar, que... fala um pouquinho da educação. Mas eu não fico enfatizando é, é... coisas assim... que a pessoa, que leve a pessoa a ficar desconfiada. Porque dentro de mim não existe essa necessidade, porque eu não tenho dúvida. E quando você não tem dúvida de que o

> educador, ele é importante dentro da escola... Quando você não tem dúvida que independente do sexo, da sexualidade desse educador, quando você respeita o ser como ser humano, independente de sua sexualidade, independente da sua cultura, entendeu? É... você passa essa força. Então não precisa ficar falando, é... é... alongando grandes assuntos em relação a essa figura. Mas eu procuro ouvir as famílias, eu procuro... é gostoso você ver que a família chega e fala "Nossa, Helena! Eu tava com tanto medo. Será que não tem perigo?", "Não, minha querida, fica tranquila, pode ir embora tranquila, fica tranquila." Se o dirigente, ele passa essa segurança, a família passa a ir seguindo tranquilamente. E ao final ela percebe o quão foi bom aquela figura dentro da escola. "Nossa, bem que a senhora falou, dona Helena, eu tava com medo à toa. Eu tenho até vergonha de dizer que eu tinha preconceito", né. [...] (569-589)

Helena fala sobre o reconhecimento de que há um temor por parte dos pais, e que considera isso compreensível, dados os fatos que têm estado presentes na mídia de maneira recorrente.

> **Helena:** [...] Eu nunca tive problemas em relação a isso, em relação à figura do professor homem. Na escola, eu percebo que os pais têm essa preocupação. "Ai, será que ele vai dar banho na minha filha? Será que não sei o quê...", né. Tem ainda esse preconceito e, pra se livrar desse preconceito, vai demorar, né. Não é agora. Agora, eu posso te garantir, não existe problema nenhum. Isso tudo é realizado com a maior naturalidade do mundo aqui nessa escola. Pelo menos enquanto eu estiver dirigindo eu acho que é com a maior tranquilidade, pelo menos eu acredito assim, entendeu. Eu não posso te garantir que isso permaneça se for um outro dirigente, mas eu posso te garantir que enquanto eu estiver dirigindo eu percebo isso com muita naturalidade, com muita tranquilidade. Não tenho problema nenhum, é, é... porque o pessoal hoje fica muito preocupado e tem razão de se preocupar por conta da pedofilia e todo esse, esse... essas coisas que vêm acontecendo aí na internet.[...] (946-957)

Mas mesmo reconhecendo que há esse medo, Helena diz achar importante não ficar trazendo o assunto à tona, colocando-o em discussão apenas quando trazido pelas próprias famílias, nos espaços que elas têm para se manifestarem.

> **Mara:** Você não faz nenhuma discussão específica... (1013)
> **Helena:** Não. Não. Nunca. (1014)
> **Mara:** ...sobre isso. Não prepara os pais... (1015)
> **Helena:** Não. Nunca travei um diálogo discriminatório. Eu acho que se eu travar esse diálogo, eu vou... Nós fazemos sim uma avaliação anual, como eu faço de toda a equipe escolar que você presenciou e, nessa discussão, é abordado todos os temas que eles quiserem, inclusive a sexualidade, o tema da figura masculina, o negro na escola, o projeto pedagógico, é... Avaliação se o diretor fica ou não. É... A gente não tem esse medo e essa preocupação, porque o saber, ele vem desvincu... ele vem realmente desvinculado dessa ação negativa. E eu acredito que, se eu ficar reforçando, é meio que como a criança mesmo. Você vai ficar causando interrogações desnecessárias. Eu acredito muito mais nesse poder potencial de... do educador luz, entendeu? Do que ficar mostrando "Ó, é homem...". Eu falo "Olha, nós temos um professor que é homem...". Lógico, eles tão vendo ali. A gente apresenta "É o professor Vicente. Veio somar com a equipe. Nós temos uma equipe muito boa." Mas eu não fico enfatizando, é..., aquela figura, é... é..., como se fosse uma coisa pra ser descoberta, porque eu estaria aí, é... é..., indo contra o que eu penso, entendeu? Então, eu não trago diálogos que venham reforçar que é estranho a presença de um professor a..., homem na educação. Se eu quero que ele seja tratado como educador, eu não posso ficar sinalizando que ele é homem, que ele é homem, que ele é homem, que ele é homem. Eu tenho que reforçar sim que eu sou uma educadora, que ele é um educador e que o outro é um educador e que juntos, nós vamos ter ações positivas sem discriminação junto à vida da criança. Então, eu não reforço nunca, mas trago sim diálogos, é..., semestrais de avaliação, é..., junto aos pais, e nessas avaliações

> eles se colocam sim. Você presenciou a última, "Nossa, olha, eu pensei que, que, que... Ah eu tenho até vergonha de falar que eu fiquei com medo". A gente dá liberdade deles falarem o que querem. Entendeu? Então, nós não ficamos reforçando não. (1016-1038)

Essa postura da direção de tentar evitar possíveis conflitos em função da presença de Vicente na equipe foi observada nas reuniões feitas com as famílias no início de 2009.

Na primeira reunião, realizada em 26 de janeiro com todas as famílias, o educador é apresentado pela diretora como "figura masculina" na Educação Infantil, e em seguida ela informa que até têm na creche uma mestre em educação, fazendo uma tese sobre esse tema, e que têm sido bem sucedidos na creche, que o educador já estava lá no ano anterior e que tem realizado um bom trabalho (nota de campo, 26/01/2009).

Numa segunda reunião, feita com parte das famílias, a diretora, em dado momento, diz que quer falar principalmente com as famílias da última sala (a de Vicente), que têm presença de figura masculina na escola. E pergunta: "alguém tem algum preconceito pelo fato de termos um educador-pai em nossa escola?" (nota de campo, 09/02/2009).

Ao usar o termo *educador-pai*, a diretora movimenta seu discurso numa zona de sentido que aproxima a figura de Vicente não só à do pai, de modo geral, mas a cada um dos pais e mães da creche, numa relação de identidade desse papel. Em nossa sociedade, a esse papel estão ligados significados positivos como proteção, segurança, carinho, autoridade. Nesse movimento, a diretor afasta possibilidades de vinculação com outras imagens e significações relacionadas ao masculino e que têm uma conotação negativa, como a do abusador, tão presente na mídia na atualidade.

Helena coloca em discussão, na mencionada reunião, a questão do homem como educador. Isso possivelmente se deu em função de minha presença, da mesma forma que ela relata ter ocorrido com o questionário de avaliação entregue às famílias no final do ano.

> **Helena:** [...] a sua presença nos trouxe uma reflexão de que na avaliação de final de ano, eu deveria sim perguntar o que eles achavam da figura masculina. Mas ele nunca veio como um ponto de pauta. Mas já se... Esse ano já perguntamos. Mas perguntamos também de uma forma não discriminatória, nem incisiva, mas eu achei importante colocar. Por quê? Porque eu acho assim, os pais que quiseram escrever, escreveram, aquilo que acharam que tinham que escrever. Já que eu tinha que forçar algumas respostas, porque tem gente que só sabe escrever aquilo que é dirigido. Isso acontece até com educador, que tem dificuldade de se colocar na escrita ou de verbalizar o que pensa. Isso acontece com a família. Então, eu tive que criar dez perguntas. Uma delas, e a última delas, é "O que você acha da figura masculina na escola?". Então, eu achei importante esse ano colocar essa pergunta, entendeu? Porque foi uma coisa de pauta da reunião. Os próprios pais levantaram essa questão. Aí, se eles levantaram, e o todo? Como é que ele vê isso? Eu quis saber como o todo vê isso. Então foi muito importante. Então ele já passou a ser pauta de pergunta sim, mas por conta da gente estar refletindo, que neste momento seria importante, que a família se colocou e colocou isso como pauta. (1317-1331)

A reunião de avaliação a que Helena se refere foi realizada em novembro de 2008, e as manifestações das famílias presentes naquele momento se deram após eu me apresentar a elas, falando brevemente da proposta da minha pesquisa e da participação das famílias prevista na mesma.

Naquele momento, duas mães se manifestaram.

A mãe de Sara, que estava acompanhada do marido, único homem presente na reunião, manifestou-se com entusiasmo, dizendo que no início, quando soube pela filha que ela tinha um professor, foi um grande susto, e que saiu perguntando para as pessoas com quem tinha relação se já haviam visto um homem como professor na creche. Mas aos poucos foi se tranquilizando, segundo ela porque a filha sempre respondia a seus questionamentos dizendo que o "tio" era maravilhoso (nota de campo, 26/11/2008).

Esse processo vivido pela mãe de Sara também foi relatado pela mãe de Clara durante sua entrevista.

> **Mara:** [...] E agora assim, pensando um pouco, né, lá no primeiro dia quando você levou a Clara pela primeira vez, como foi, né, esse dia da reunião que foi o primeiro encontro, como foi você encontrar um homem lá como educador? (110-112)
> **Mãe de Clara:** Eu fiquei muito preocupada né, ficava pensando assim "nossa minha filha é uma menina vai ser tratada por um homem", né, fiquei preocupada, fiquei com medo também, mas depois eu vi que não tinha nada disso, que foi só uma coisa que tava na minha cabeça mesmo, porque o povo fala tanta coisa, né, a gente põe na cabeça, mas eu vi que não era nada disso, gostei muito. (113-117)

A mãe de Clara relata que no início ficou preocupada e com medo ao pensar na possibilidade de sua filha ser cuidada por um homem. Com o passar do tempo, porém, percebeu que seus temores não tinham relação com a realidade, mas eram resultado das falas das pessoas acerca de possíveis problemas na relação de um homem com uma criança.

Os temores da mãe também foram verbalizados pelo pai, ao tomar conhecimento de que a filha teria um professor.

> **Mara:** Você chegou a conversar com as pessoas da sua família sobre isso, com seu marido? (118)
> **Mãe de Clara:** Conversei, ele também falou "oh, não tem perigo não?", eu falei "não, não tem nada não, porque tem uma mulher junto, ele vai cuidar dos meninos na forma do banheiro, ele ficava preocupado com isso, né, eu falei "não, a professora leva as meninas e o professor leva os meninos". (119-122)

A mãe de Clara se apóia na ideia de que os cuidados corporais ficariam a cargo da professora, no caso das meninas, e do Vicente, no caso dos meninos, convencendo assim a si e a seu marido sobre a ausência de risco dessa presença masculina na educação e cuidado de sua pequena filha, forma de dar conforto ao incômodo e à dúvida inicial.

Mara: Então isso foi esclarecido pra vocês desde o primeiro dia de aula? (123)
Mãe de Clara: Não, eu comentei isso com meu marido, com meu esposo, né. (124)
Mara: Mas na creche eles não tinham falado isso? (125)
Mãe de Clara: Não, não falou, não chegou a comentar. (126)
Mara: Foi você que deu essa aliviada! (risos de ambas) (127)
Mãe de Clara: Eu cheguei, falei assim pra aliviar, isso, mas eu acho que é assim, né? (128)

Nestas falas, observamos que tanto a mãe como o pai de Clara vão olhar inicialmente para a presença de Vicente na creche a partir do estereótipo do *homem como uma ameaça à criança*, mais especificamente à menina, já que a ideia de restringi-lo ao cuidado dos meninos acaba sendo motivo para sentirem-se mais tranquilos.

Este fato parece ter sido previsto por Helena que, conforme relato de Roberta, estabeleceu desde a chegada de Vicente à instituição uma separação das crianças para as atividades de cuidado com o corpo em dois grupos, sendo um de meninas, que deveriam ser acompanhadas por Roberta, e um de meninos, que seria responsabilidade de Vicente.

> **Roberta:** Mas, é isso que a Helena faz, ele não vai com as meninas por conta desse preconceito dos pais, então eu vou com as meninas, eu sempre vou com as meninas, as meninas são sempre minhas, mas ele cuida normalmente de todo mundo, ele, se precisar trocar uma roupa, normal, é como se, é uma coisa totalmente normal, não tem nada de... é um... eu... não sei... é tudo como se fosse uma mulher... igual. Não tem esse negócio "ai, porque é menina, não sei que", a Helena tem isso... sabe, mas é normal, ele vai, ele cuida, é como se ele tivesse fazendo a mesma coisa do menino, cuidando do menino, cuidando... Eu não percebi nada diferente. Eu não sei, assim... eu não tive nada assim... não olhei pra ele assim, é igual te falo, não olhei pra ele como se fosse assim "ai, é um homem que vai trabalhar", é normal, ele faz as coisas assim, normal, como se tivesse fazendo num filho dele. Na filha dele! Normal, assim, não tem... Eu não percebo nada de diferente... ele faz as coisas, ele não fica parado esperando nada, ele vê que precisa tirar uma blusa, vai e tira, ele vê que precisa isso, vai... só, assim, ele só não vai pro banheiro com as meninas não é porque ele não quer, ou porque ele vai fazer... é porque a Helena falou que é pra eu ir. "Você é que vai! Com as meninas você é que vai!". Por conta **dos pais** (ênfase), não porque ele não tenha capacidade pra fazer, ou porque ele vá fazer alguma coisa, ou porque não sei quê lá... não, ele cuida normalmente, ele faz as coisas normalmente... Não tem nada... é totalmente profissional mesmo! Ele vai, faz aquilo que tem que fazer e pronto... num... eu não ve... assim, não sei. (681-699)

Roberta diz que essa separação não foi motivada por Vicente, que se sente à vontade em realizar qualquer tarefa relacionada a esta questão quando se faz necessário, mas pelo receio de como os pais reagiriam a sua participação em atividades de cuidado com o corpo das meninas.

A mãe de Clara diz em sua entrevista jamais ter imaginado a possibilidade de existir um homem trabalhando como educador em uma creche, pois, talvez por preconceito, achava que isso não era permitido. Achava que um homem nunca iria pensar que cuidar de criança pudesse ser uma possibilidade de trabalho, que antes escolheria qualquer outro emprego. Além do que, ela mesma diz não ter paciência para exercer essa profissão, deduzindo a partir disso que um homem também não teria essa paciência.

> **Mara:** E antes de vocês levarem a Clara pra creche, né, antes dela frequentar até a outra creche aqui, vocês já tinham imaginado alguma vez a possibilidade de ter um homem como educador? (154-156)
> **Mãe de Clara:** Não, nunca imaginei. (157)
> **Mara:** Por que você nunca imaginou? (158)
> **Mãe de Clara:** Porque eu achava que homem não podia ser professor de criança, eu pensava assim, o professor homem não cuidava de criança, não sei, acho que era preconceito, sei lá (riso), mas aí tudo de bom. (159-161)
> **Mara:** E você consegue, assim, pensar algum motivo pra isso, você falou que achava que homem não podia ser educador de criança pequena, por que razão o homem não poderia ser? (162-163)
> **Mãe de Clara:** Eu achava que homem não... nunca ia pensar em cuidar de criança, ia arrumar um outro serviço, né, mas menos cuidar de criança, porque eu penso assim "ai, gente, eu não seria professor de criança, porque eu não tenho muita paciência, né", ai pensei "mas homem?!", mas graças a Deus deu tudo certo, né. (164-167)

Ao falar do inesperado da situação, a mãe de Clara faz questão de afirmar que apesar de seu estranhamento inicial, foi uma experiência bem sucedida.

Vicente, ao relatar como foi difícil o início na creche, demonstra ter consciência desse movimento que ocorre nas famílias em relação a sua presença na instituição.

> **Vicente:** É, foi bastante difícil de começar a trabalhar aqui, porque [...] chegava aqui e dava de cara com um homem, eu via muito isso na reação das famílias, das crianças nem tanto, porque elas nessa idade elas não veem essa coisa de homem, mulher, sexualidade, mas pelas famílias sim, pela reação das famílias eu senti muita dificuldade em relação a isso porque as mães ficavam preocupadas porque hoje em dia a gente vê notícia também dessas coisas de pedofilia, essas coisas, então, é difícil trabalhar sim, sendo homem na Educação Infantil porque tem muito desse preconceito. Mas, a família vai vendo seu trabalho no decorrer do ano e ela vai sentindo confiança e vê que um homem pode fazer o trabalho de uma educadora, como se fosse uma educadora também. Como tem mulheres que fazem o serviço de homem, tão bem quanto o homem. Então, mas a maior dificuldade é realmente a hora em que, a primeira impressão que, eles chegam e veem um homem ao invés de uma mulher. Mas muito disso passa e depois seu trabalho flui naturalmente. (278-290)

Mesmo percebendo inicialmente, na reação das famílias, certo preconceito pelo fato de ser homem, Vicente conta que, ao acompanhar seu trabalho ao longo do ano, as famílias vão ficando mais confiantes e percebem que um homem pode fazer o trabalho de educadora com a mesma competência.

Portanto, a maior dificuldade está mesmo no impacto inicial de encontrarem um homem onde esperavam encontrar uma mulher, mas com o tempo isso é superado.

Considera ruim a questão do preconceito com a figura masculina, que gera na família uma apreensão de que o homem que está ali vá ter alguma conduta indevida com seu filho ou filha.

> **Mara:** Vamos... tentar pensar agora de uma maneira mais geral, mais ampla, o que você acha do homem na creche? Se você vê vantagens ou desvantagens em relação a isso e essas vantagens e desvantagens estão no homem exercendo esse papel ou em outros fatores que não dizem respeito ao papel em si? (479-482)
> **Vicente:** Eu acho que o homem trabalhar na creche... eu tenho essa visão de que é igual pra todos, ele trabalha igual, depende da pessoa, ela tem que se dedicar àquilo que ela faz, se ela

> fizer bem feito ou mal feito ela tem que fazer do jeito dela, mas acho que a pessoa tem que procurar fazer da melhor maneira possível o trabalho. Não vejo diferença entre homem e mulher. Benefício, que eu acho, é que a criança que vem de casa, que não tem uma estrutura boa, vai chegar na escola ela vai encontrar essa estrutura, ela vai ter a parte que a toca pelo lado da mulher, que vai ser a educadora, e tem a parte que toca pelo lado do homem, que ele vê a figura do homem ali, a figura masculina junto. É, vai suprir aquilo que não tem em casa. Isso eu acho que seria interessante, a parte boa. A parte ruim é essa do preconceito, da família vir, ver você ali e falar "opa, esse cara está pens... está querendo alguma coisa com a minha filha, com meu filho", porque a gente vê, escuta muitos casos assim. (483-494)

Mas ao responder sobre como se sentiria, como pai, se fosse sua filha a ser cuidada por um educador, Vicente reconhece que no primeiro contato teria o mesmo sentimento de medo, pois compreende que encontrar um homem em um espaço onde só costuma ter mulheres gera preocupação.

> **Mara:** Se fosse... sua filha já é maiorzinha agora, mas... seus filhos frequentaram a Educação Infantil? (348-349)
> **Vicente:** A minha filha começou com três anos numa escolinha particular, mas lá não tinha essa situação de ter um homem... (350-351)
> **Mara:** Mas vamos imaginar que tivesse. Você acha que você iria ficar tranquilo, como você acha que ia ser? (352-353)
> **Vicente:** Eu acho que ela... (354)
> **Mara:** Tenta se pôr no lugar do pai, agora. (355)
> **Vicente:** Então, é aquilo que eu falo, a primeira impressão a gente fica com medo, eu também sinto isso nos pais, mas compreendo. Que é... você vai lá, dá de cara, numa área onde só tem mulheres, você vê um homem, você fica meio preocupado, mas é aquilo que eu falei, conforme você vai trabalhando, os pais vão vendo seu serviço, vão vendo que... vão conversando com a criança, também a criança fala como é o tio e eles vão se tranquilizando e vê que não tem... não é aquela coisa que eles pensavam antes. Eu acho que se a minha filha tivesse tido um professor, é claro que na primeira impressão sim, eu ia ficar um pouco preocupado, mas conversando com ela eu conseguiria, eu entenderia a situação do mestre dela. (356-364)

Vicente retoma que, da mesma maneira que os pais vão observando seu trabalho, vão ouvindo das crianças como é o educador e vão se tranquilizando e percebendo que primeira impressão era equivocada, ele de início ficaria preocupado, mas depois superaria o medo. Finaliza esse trecho trazendo o caráter profissional da atividade na relação com as crianças "eu entenderia a situação do *mestre* dela"

Esta ressignificação do homem como educador, trazida pela mãe de Clara ao avaliar a experiência vivida pela família, faz com que ela acredite que, caso aconteça novamente de uma de suas filhas ter um homem como professor, não terá mais as preocupações que teve no início.

> **Mara:** É, como é que foi, como é que você se sentiu, hoje, você olhando essa situação, o que você pode falar, como é que você avalia tudo isso que vocês viveram, sua família, a Clara? (247-248)
> **Mãe de Clara:** Eu achei que foi uma experiência muito boa, né, e agora eu não tenho mais essa... vamos supor, se cair outro professor homem eu não vou ficar com isso na cabeça, porque minha filha já teve, né, a experiência de estudar com um educador homem, e eu gostei

> muito, gostei muito dele ter cuidado... a Roberta também... ter cuidado da minha filha, nunca tive uma reclamação, nem ela mesmo falou nunca falou nem um "a", assim, "o professor me relou a mão", assim, "me deu um tapa", nunca reclamou, sempre falou muito bem deles. (249-254)

A mãe de Clara diz ter gostado muito da maneira como Vicente e Roberta cuidaram de sua filha, que sempre falou bem dos dois profissionais.

Chama atenção, nesta fala, a mãe de Clara trazer o fato de Vicente nunca ter batido em sua filha, o que significa que esta possibilidade foi considerada por ela. Poderíamos justificar essa ponderação da mãe como resultado de estarmos imersos em uma cultura em que o castigo físico ainda é tido como educativo. Porém, o movimento de sua fala, que inclui Roberta quando fala de outros aspectos, mas a exclui ao falar do bater, sugere uma vinculação entre o fato de Vicente ser homem e a possibilidade dele utilizar o castigo físico como recurso.

O fato de acreditar que um homem teria menos paciência que uma mulher, conforme ela traz em um momento anterior da entrevista, pode ser a explicação para essa preocupação da mãe de Clara referir-se apenas a Vicente. Outra razão seria a expectativa em relação ao educador ter por base um padrão de masculinidade que seria caracterizado por certa agressividade.

A mãe de Douglas também fala de uma compreensão do *homem como impaciente*, ao explicar porque também não esperava encontrar um homem na profissão de educador de creche.

> **Mara:** Quando vocês colocaram ele lá, então, você falou que não esperava, você nunca tinha imaginado... (101-102)
> **Mãe de Douglas:** É, né... (103)
> **Mara:** ...um homem numa creche? (104)
> **Mãe de Douglas:** Não. (105)
> **Mara:** Nunca tinha passado isso pela sua cabeça? (106)
> **Mãe de Douglas:** Não, não. (107)
> **Mara:** Por que você acha que nunca tinha pensado nisso? (108)
> **Mãe de Douglas:** Ah... Sei lá, pra mim as mulheres têm mais jeito com criança, né? Mais paciência, mas depois que eu vi, eu vi que ele também tem a mesma paciência como a mulher tem... Só que é uma presença masculina, né? Eu achei interessante, porque... eu tive um sobrinho que num teve uma presença masculina, né, na família. Na época que ele morava com a gente, assim, nós éramos em quatro irmãs, era minha mãe... Então, fez muita falta uma presença masculina em casa. Aí lá, eu achei interessante por causa disso, porque não era só tia, não era só mulher, podia ter uma figura masculina, assim, com quem se espelhar, né, durante o dia que eles passavam lá... Foi muito interessante também. (109-116)

Porém, uma compreensão bem diferente da experiência que a família e o filho tiveram é trazida pela mãe de Douglas em sua entrevista, apontando elementos que desenvolve

posteriormente, sobre a importância de um modelo de homem na creche que substitua a falta de uma figura masculina na família.

Em relação a como se sentiu e o que pensou quando soube que havia um homem como educador na creche, respondeu que estranhou, pois, mesmo já tendo trabalhado em escola de educação infantil, nunca tinha visto, nem em sua época quando frequentou. O fato remeteu-a à lembrança de um filme em que um policial vai trabalhar disfarçado como professor em um jardim de infância.

> **Mara:** [...] o que que você... pensou, assim, quando você ficou sabendo que tinha um homem lá como educador? O que que você sentiu, o que que você pensou, como é que foi esse primeiro momento? (75-77)
> **Mãe de Douglas:** Ah... Eu estranhei, porque eu nunca tinha visto, né? E eu trabalhei em escolinha também, era sempre mulher, era sempre tia, nunca tinha visto, nem na minha época que eu frequentava assim, né? A não ser escola, mas é normal, né? Ter. Mas em escolinha assim pra criança, primeira vez. Lembrei daquele filme lá do... do Arnold Schwarzenegger. (78-81)
> **Mara:** "Um tira no jardim de infância", né? (82)
> **Mãe de Douglas:** É, "Perdido...", é, acho que esse aí mesmo. Lembrei dele... Mas eu achei muito legal, achei muito bom ter uma presença masculina assim, né? As meninas, pras meninas só acrescentou, agora pros meninos eu acho bom ter uma... tipo um espelho de um pai, né? Por que eles ficam a maior parte do dia também lá na creche... Então pra mim foi bom, achei muito bom. (83-87)
> **Mara:** Você teve algum tipo de preocupação? (88)
> **Mãe de Douglas:** Não, nenhuma. (89)

A mãe de Douglas afirma ter aprovado o fato da creche ter uma presença masculina que para os meninos seria a possibilidade de ter um espelho de *pai*, já que eles ficavam a maior parte do dia na creche. Para as meninas, crê ter sido apenas um complemento.

Ao ser confrontada com a hipótese de serem dois homens como educadores de uma mesma turma, em vez de um homem e uma mulher como no caso da turma de seu filho, a mãe de Douglas é enfática em afirmar a importância de ter na turma um educador e uma educadora.

> **Mara:** [...] você falou que seria bom que tivessem mais homens, né, dentro das instituições, mas vamos imaginar que na sala onde o Douglas tava, tivessem dois homens, em vez de um homem e uma mulher... né, então teria um homem que poderia acompanhar os meninos e o outro teria que acompanhar as meninas. O que que você acha disso... dessa situação hipotética? Você acha que faria diferença? (322-327)
> **Mãe de Douglas:** Não, aí não, aí acho que faria diferença, eu acho que teria que ter um homem e uma mulher, né, que aí ia ter um equilíbrio, assim, né, iria ter tipo uma figura de um pai e de uma mãe, eu acho que... dois homens, assim, eu acho que, pras meninas não ia ser bom, né, que elas não iam ter aquela figura feminina, elas não iam, sei lá, elas não ia... não sei... uns gestos masculinos, assim, elas não iam ter aquela presença, assim, né de... da figura feminina, assim, no caso. (328-333)
> **Mara:** Mas os meninos ficaram por tanto tempo sem a figura masculina?! (334)
> **Mãe de Douglas:** Então, mas sei lá, pros meninos... agora... por isso que eu falei que é uma boa ideia ter, né, surgido isso... porque acho que f... ficou faltando, né, acho que ficou tipo,

> agora... agora tá um equilíbrio, né... os meninos... fizeram falta mas... demorou pra acontecer essa revolução (riso). (335-338)

A figura masculina como educador de creche é consentida desde que na presença complementar da mulher. Observamos ainda, em sua entrevista, a emergência de outro significado em relação ao homem na creche: o de um *modelo de homem* a ser seguido pelos meninos.

As falas seguintes indicam que este modelo não é o de qualquer homem, mas de um *heterossexual*, que assumisse o papel de um pai.

> **Mara:** E... pensando agora, hoje, né, que você já passou por essa experiência, o que que cê pensa sobre isso, de ter um homem como educador numa creche? (220-221)
> **Mãe de Douglas:** Ah... Podia ter mesmo, né, em todas as áreas, porque lá só tinha um, né? Podia ter mais, assim, em todas as salas, podia ter mais participação, né, de professores. Achei bastante interessante e pras crianças ia fazer bem, né, ainda mais, principalmente pros meninos, né, que iam ter uma presença masculina assim, um... tipo uma figura de um pai, né, pra eles. (222-225)

Esta visão da mãe de Douglas está circunscrita por uma experiência familiar: a de um sobrinho que teve sua opção sexual, segundo ela, influenciada pela ausência do pai e da convivência apenas com mulheres na família. Para ela, isso ocorreu porque o garoto não tinha um homem que lhe servisse de modelo e acredita que a presença de um homem na creche poderia evitar casos como este.

É o que ela relata com mais profundidade quando é questionada sobre o que diria a uma família que fosse vivenciar a experiência de ter um homem como educador de um filho ou filha na creche.

> **Mara:** [...] Se você encontrasse alguém, hoje, preocupado porque ia colocar o filho ou a filha numa creche e teria um homem lá como educador. O que que cê diria pra essa pessoa que tá preocupada com essa situação? (376-378)
> **Mãe de Douglas:** Ah, eu diria pra não se preocupar, que a criança só tem a ganhar com isso, porque, é... ah... eles tão preparados pra isso também, né, então... ficar tranquilo que... (riso) porque, sei lá, né, porque... pra criança é bom ter a presença masculina e feminina assim, né... porque tem criança que, certa idade, só presta atenção no que a mãe faz, né, aí passa uma certa idade ela só quer saber o que o pai faz, né, nos gestos, no jeito, então tendo uma figura masculina e feminina ele vai perceber os dois gestos, vai tá ali, né, aprendendo o jeito de ser dos dois tipos, o jeito de ser... [...], é no caso que eu te falei do meu sobrinho, né, que teve uma época que ele só ficou observando a mãe, na hora que ele foi observar o pai, não tinha pai, aí ele voltou a observar a mãe, aí ele ficou assim, meio afeminado, né, o gesto dele meio afeminado, por causa disso, não tinha uma figura masculina... pra ele se espelhar, então pra criança eu acho que é bom. (379-390)

Apesar de seu temor inicial, a mãe de Clara também diz aprovar a presença de um educador na creche. Ao ser colocada diante da hipótese de ter de aconselhar uma família que está se sentindo da mesma forma que ela quando soube que sua filha teria um homem como educador, afirma que tranquilizaria esta família, pois acredita que tanto o homem como a

mulher fazem bem o papel de educador. Traz o discurso da preparação: “eles tão preparados para isso”. E ainda diz que o homem talvez até faça melhor, por acreditar que fica mais atento, talvez no sentido de imaginar que está sendo posto à prova.

> **Mara:** [...] Vamos imaginar que hoje você conhecesse alguém, que fosse colocar uma criança numa creche e nessa creche tivesse um homem como educador, então você tá conhecendo essa família, ou é uma família que você já conhecia e ela tá cheia de dúvida, de medo, o que você diria pra essa família? (429-432)
> **Mãe de Clara:** Eu diria... eu diria pra ela que podia colocar tranquila, tanto um homem como uma mulher faz o mesmo papel igual, que eles cuidam muito bem, direitinho, talvez até melhor que a mulher (risos), que eles ficam mais, vamos dizer assim... como se diz, atencioso, né, que se diz, que eles olham muito bem, eu diria que poderia colocar... (433-436)

A mãe de Douglas também traz uma visão de que há superioridade do homem em alguns aspectos do trabalho, em especial no que diz respeito à *firmeza* necessária para que a criança seja obediente.

> **Mara:** E do educador, o que que cê esperava dele? (152)
> **Mãe de Douglas:** Esperava dele? (153)
> **Mara:** É, qual que era a sua expectativa, como que você achava que ia ser o trabalho dele? (154)
> **Mãe de Douglas:** Ah... Eu acho que era esse mesmo, assim, de marcar presença como um pai, assim, né? Ser mais duro, porque às vezes a criança ali, na... na... na teimosia, lá na escola às vezes a tia ele não obedece muito, mas uma voz assim mais firme, às vezes a criança dava mais, né, atenção, ela ficava mais assim... Acho que ela ficava mais atenciosa assim... Sei lá... A mulher, né, é... mais, assim, do jeito carinhoso, a criança acaba achando que pode fazer as coisas, não obedecer, mas o homem ... o homem, em si, já representa uma figura mais forte, assim né?... Muito bom. (155-161)

Para a mãe de Douglas, o jeito carinhoso da mulher leva a criança a acreditar que pode fazer tudo o que quer, enquanto o homem, em si, já representa uma *figura mais forte*.

Questionada acerca da ideia presente no senso comum de que criança precisa de carinho, ela não nega que seja verdade, mas diz que Vicente deu carinho ao filho na dose certa, porque a mulher dá carinho demais, especialmente no caso dos meninos, que na opinião dela não se deve ficar melando ou “carinhando” muito.

> **Mara:** Uhum. Você comentou que... É... As mulheres geralmente são mais carinhosas, né? (241)
> **Mãe de Douglas:** É. Têm mais paciência... (242)
> **Mara:** Mas a gente costuma dizer que criança precisa de carinho. Eu queria que você falasse um pouquinho o que é que você pensa sobre isso. E se você acha que o educador deu conta de oferecer pro Douglas o que ele precisava nesse sentido, de afeto. (243-245)
> **Mãe de Douglas:** Ah, eu acho que sim. Deu... Ele deu carinho na dose certa, né? Porque a mulher é mais assim... É um carinho a mais, e ele deu carinho sim, só que na dose certa que a criança... ainda mais menino assim, né? Num pode ficar melando muito não, carinhando muito não, né? Então, acho que na dose certa ele deu carinho sim. (246-249)

A mãe de Clara também fala da importância do carinho na relação entre educadores e crianças, trazendo o ser carinhoso como uma qualidade necessária ao profissional da educação infantil.

> **Mara:** Então, assim, pensando em tudo isso, né, que um educador pode trabalhar com a criança desde que ela entrou na creche até o momento que ela saia, por volta dos três anos hoje, né, o que você acha que esse homem tem que ter, o que que tem que saber, como é que ele deve ser pra ele poder exercer esta função? (366-369)
> **Mãe de Clara:** Acho que ele teria que saber cuidar de criança, né, eu acho que se ele é o educador, ele já ia saber, né, dar o banho na criança, que mais poderia falar... (370-371)
> (Silêncio) (372)
> **Mara:** Pensa na sua expectativa, imagina sua filha lá, com esse educador, o que é que você acha que ele tem que ter, como que ele deve ser, né... (373-374)
> **Mãe de Clara:** Ele tem que ser carinhoso, né, tem que gostar muito de criança, né, tem que gostar muito. (375)
> **Mara:** Tem uma coisa que você já me falou, você disse que não tem, que pra você precisa ter... (376)
> **Mãe de Clara:** Eu falei? (377)
> **Mara:** Falou, você não serviria pra cuidar de criança... (378)
> **Mãe de Clara:** A paciência, é verdade, muita paciência, porque eu não tenho muita paciência ultimamente, eu tinha muito, mas depois que eu tive minhas filhas minha paciência acabou tudo, ainda mais ela que tá agora adolescente, dá mais trabalho ainda, aí minha paciência foi tudo embora, é isso, teria que ter muita paciência mesmo. (379-382)

Ao contrário da mãe de Douglas, a mãe de Clara olha esse aspecto do carinho de uma maneira positiva, sem ressalvas.

Mas, ainda que não traga preocupações com essas questões, é a mãe de Clara que menciona a questão do preconceito em relação ao exercício da função de educador por um homem.

> **Mara:** E a sua família agora, né, o seu esposo, outras pessoas, como você acha que eles veem essa situação hoje, depois dessa experiência da Clara lá na creche? (297-298)
> **Mãe de Clara:** Eles também acharam muito bom, depois que eu comecei a comentar, acharam muito bom e eles também, ele também parou com isso, parou de ficar fazendo muitas perguntas, achou também que deveria ter mais homens como educadores. (299-301)
> **Mara:** Ah, legal. (302)
> **Mãe de Clara:** Porque no começo, no começo quando entrou lá, ele falava assim, ai "aquele homem deve ser viado porque pra cuidar de criança", aí vem outro, até comentei com essa menina minha mesmo, "nossa, o preconceito do povo, só porque o homem é homem tá cuidando das crianças, o povo já acha que o homem é viado", eu até comentei com minhas filhas isso daí. [...] (303-307)

Apesar dessa visão ainda predominante em nossa sociedade de que a educação e o cuidado de crianças é um aspecto ligado ao feminino, tanto a mãe de Douglas como a mãe de Clara consideram, ao falarem dos papéis de pai e mãe, que essas tarefas deveriam ser divididas igualmente por ambos os sexos.

> **Mara:** Qual a função do homem e da mulher na educação das crianças? Pensando de uma maneira geral, o que é que você acha que é o papel do homem e o que é que você acha que é o

> papel da mulher, no cuidado das crianças, seja dos filhos, sejam na creche, o que é que você acha que é papel de cada um, existe um papel que é diferente, você acha que não? 406-409)
> **Mãe de Clara:** Eu acho que não. (410)
> **Mara:** Que você comentou que seu marido não tem muito tempo. (411)
> **Mãe de Clara:** Não, meu marido não tem. (412)
> **Mara:** Mas, se ele tivesse tempo, você acha que ele teria o mesmo papel que você? (413)
> **Mãe de Clara:** Ele teria. Tenho certeza que teria. (414)
> **Mara:** Então você acha que os dois têm que... (415)
> **Mãe de Clara:** Eu acho que os dois têm que ter o mesmo papel pra cuidar da criança. (416)
> **Mara:** Entendi, e a nossa sociedade? Você acha que a nossa sociedade também pensa assim, que o homem e a mulher têm o mesmo papel? (417-418)
> **Mãe de Clara:** Não pensa. (419)
> **Mara:** O que a nossa sociedade espera? (420)
> **Mãe de Clara:** Eu acho que não pensa, eles acham que só a mulher tem que cuidar, porque tem homem que é assim que só a mulher tem que cuidar da criança, eles não tem que ajudar, eu penso assim (riso). (421-423)
> **Mara:** Acha que é. (424)
> **Mãe de Clara:** Foi comentário que eu já até escutei já, eles falam "ah, é só a mulher que tem que cuidar do filho, meu papel é só trabalhar". (425-426)
> **Mara:** E você acha que não? (427)
> **Mãe de Clara:** Eu acho que não, eles têm que ajudar também! (428)

> **Mara:** E... eu queria que você me dissesse, assim, existe alguma diferença na função do homem e da mulher, pra educar e cuidar de criança, você acha que existem papéis diferentes, um papel do homem, um papel da mulher, como é que você vê isso? (356-358)
> **Mãe de Douglas:** É, não deveria, mas, né, é o que acontece, tem homem que não faz o que a mulher faz, tem homem que não... ou não leva jeito, ou não quer fazer, dar um banho, trocar, fazer mamadeira, essas coisas, mas deveria ter os mesmos pap... fazer as mesmas coisas, né, ajudar em tudo, assim. (359-362)
> **Mara:** Na sua opinião, você acha que não teria que ter diferença? (363)
> **Mãe de Douglas:** Não, na minha opinião não teria que ter diferença. Tanto homem como a mulher tinha que estar preparado, né... porque aí também não cansa nenhum dos dois (risos). (364-365)
> **Mara:** Mas, a nossa sociedade, o que que você acha que ela espera, hoje? (366)
> **Mãe de Douglas:** Ah... Bom, eu acho que ela espera, assim, igualdade, né, tanto do homem quanto da mulher, igualdade, porque tem muito homem que, hoje em dia, troca, dá banho e faz dormir, faz mamadeira, prepara, tudo. Então... acho que os homens de hoje fazem isso, porque uns cuidam dos irmãos, né, a maioria, assim, hoje em dia, as mães trabalham, os mais velhos cuidam dos mais novos, né, então quando nasce, quando eles crescerem e tiverem seus filhos, eles vão saber fazer isso, saber cuidar. Os de antigo que não, né, que às vezes até sabe mas não faz, porque é homem! Coisa de mulher! (risos). (367-373)

Estas falas sugerem uma influência dos discursos feministas e da igualdade de direitos que não são condizentes com a realidade de suas famílias, mas que podem estar influenciando a relação estabelecida por elas com Vicente e com a ideia da ampliação da presença masculina nas creches, que elas defendem.

> **Mara:** E... você comentou, né, um pouquinho de como você se sente hoje, né, em relação a ele, e, pensando de uma maneira geral, né, nessa coisa do homem como educador, o que você pensa hoje sobre isso, passado todo esse tempo, depois dessa experiência que você teve, o que você pensa sobre isso, em ter um homem como educador? (274-277)

> **Mãe de Clara:** Eu penso que é muito bom, poderia ter mais, né, homens como educadores, né, porque foi uma experiência muito boa que eu vivi, eu acho que deveria ter mais agora, mais homens como educadores. (278-280)
> **Mara:** E... (281)
> **Mãe de Clara:** Professores, né? (282)
> **Mara:** ... que vantagens você veria nisso, você acha que tem vantagens em ter o homem lá, você falou que deveria ter mais, por que que você acha? (283-284)
> **Mãe de Clara:** Eu acho que tem vantagem, porque, a gente tem muito preconceito na nossa cabeça, né, aí eu vi que, depois que a minha filha teve um educador como homem, eu vi que não tem nada a ver, que eles cuidam como se fosse uma mulher cuidando, eles cuidam igualzinho. (285-287)

Enquanto a mãe de Clara defende a ampliação da presença masculina nas creches com o argumento de que os homens têm a mesma capacidade das mulheres de fazer um bom trabalho com as crianças, a mãe de Douglas, por sua vez, faz a defesa em função de uma contribuição que seria restrita à figura masculina e que viria melhorar o trabalho feito pelas mulheres.

> **Mara:** Agora vamos falar um pouco assim... [...] de uma maneira mais geral, né, pensando não nessa experiência de vocês, mas de uma maneira geral na Educação Infantil. O que é que você acha é... de ter um homem como um educador nesse espaço, da Educação Infantil? Você acha que é uma coisa que cabe em qualquer momento, em qualquer instituição, ele (o Douglas) passou por uma creche que trabalhava com crianças mais novas e depois veio pra essa outra, né? E agora ele tá numa EMEI que trabalha com crianças um pouco mais velhas. Eu queria que você falasse do homem na Educação Infantil, o que é que você acha sobre isso? (255-263)
> **Mãe de Douglas:** Ah... Eu acho que é uma presença assim pras crianças vai ser bastante válida. Vai ser uma figura assim forte, né? E... Ah, sei lá, né? As crianças vão respeitar mais, assim, vão ter um respeito diferente, assim, né? Porque às vezes as crianças da... as crianças num param, né? Elas correm, elas brigam, elas ficam, assim... Às vezes elas perdem o controle, então acho que um homem lá, um professor assim chamando a criança assim, ela já fica mais atenta... Eu acho que ela vai respeitar mais... Eu acho que é outro tipo de educação, assim, não, não que as professoras não... também não sabem educar, não é isso, é que só a voz de um homem assim, a criança já fica mais... né? Que nem quando, quando um... Não. Nem vou comparar isso. Ia comparar com uma, um chamado quando a gente chama um cachorro, né? Quando a gente chama um cachorro, se a gente num chamar firme ele nem vem, né? Então, criança tem que usar uma forma, uma voz firme. E o homem, a figura masculina no caso, seria bom por causa disso, né? Às vezes eu chamo o Douglas e ele finge que nem me escuta, aí o pai dele chama, só de chamar uma vez, ele já, né, ele já... já vem correndo, então é... Até o tom de voz já, já é diferente. (264-277)

Neste trecho, a mãe de Douglas traz novamente a questão da firmeza, que compreende como uma característica masculina, associada a um comportamento de obediência por parte da criança, e afirma que para ela este seria um importante ganho que a figura masculina traria para a creche. Chama atenção a comparação da criança a um cachorro, sugerindo uma forma naturalizada de compreender o comportamento. Também é marcada por uma naturalização a compreensão que tem da firmeza na relação com a criança, e traz a voz como a materialização dessa característica que para ela é masculina.

Essa naturalização também aparece nas falas da mãe de Douglas quando conta sobre uma experiência com um professor de matemática, possivelmente do segundo ano de um de seus filhos. Ela diz que com este professor o filho parecia aprender mais, captava mais, em função do jeito de explicar, porque a mulher às vezes "enrola demais", dá muitas voltas, enquanto o *homem é mais direto*, razão pela qual o filho aprendia mais.

> **Mãe de Douglas:** Tiveram um professor de matemática, acho que foi do (nome do irmão), então teve sim... Acho que foi até no segundo, acho que foi no segundo ano dele. (180-181)
> **Mara:** Na segunda série? (182)
> **Mãe de Douglas:** Na segunda série. (183)
> **Mara:** E como é que foi essa experiência na época, você lembra? (184)
> **Mãe de Douglas:** Ah... Sei lá... Parecia que ele aprendia mais com o professor. (185)
> **Mara:** É? (186)
> **Mãe de Douglas:** Com o professor ele captava mais. (187)
> **Mara:** Por que que você acha? O que acontecia? (188)
> **Mãe de Douglas:** Sei lá, acho que o jeito de explicar, né? Porque às vezes a mulher enrola demais, dá muita volta, o homem não... já é mais direto, né? Então, eu acho que ele aprendia mais por causa disso, né? Ensinava do jeito que tinha que ensinar... Ele... acho que captava melhor. (189-192)

Essa tendência da mãe de Douglas de naturalizar as características relacionadas ao masculino e ao feminino, ignorando os aspectos histórico-culturais envolvidos na construção dessas características, aparece também em sua fala acerca das qualidades necessárias a um homem para que possa assumir a função de educador de creche.

> **Mara:** E você falou um pouquinho, né, dessa coisa do jeito pra trocar, né, pra cuidar, que característica você acha que um homem tem que ter, pra trabalhar na Educação Infantil, pra trabalhar com criança pequena? Como que esse homem deve ser, que que ele...? (339-341)
> **Mãe de Douglas:** Ah, ele não pode ser aqueles homens estourados, sem paciência, né... têm que ter, assim, aquela tranquilidade, aquela... sei lá... ah, não sei te explicar, só tem que ter paciência, gostar de criança, né, porque tem homem que não tem paciência e não gosta de criança e não vai saber né... e... e... educar também, então... tem que gostar, né, tem que ter ... tem que ter tranquilidade. (342-346)
> **Mara:** Ser tranquilo, ser paciente, gostar de criança? (347)
> **Mãe de Douglas:** É, tem que ter calma né, porque homem, porque homem fica... se estoura por qualquer coisa, né, não tem a mesma paciência que uma mulher, então ele tem que ter tranquilidade, ter equilíbrio, ser equilibrado... porque lidar com criança não é fácil, né, criança, nossa, tem hora que estressa (riso), e homem é estressado né... então... (348-351)

A mãe de Douglas traz mais uma vez a importância da *paciência* como qualidade essencial ao profissional da educação infantil, reconhecendo que o trabalho com crianças é desgastante e alegando que por isso não é fácil manter-se equilibrado.

Esta também parece ser uma qualidade esperada pela mãe de uma das crianças da turma de Vicente do ano de 2009, considerando sua fala feita em meio a algumas manifestações das famílias no primeiro contato com o educador, na reunião realizada no mês de janeiro.

> Na sala preparada por Ângela, a nova parceira de Vicente, as famílias foram convidadas a sentar em roda. Ângela iniciou a conversa, se apresentando e dizendo que seria uma "experiência nova estar trabalhando com um companheiro homem". [...] Uma das mães presentes começou a falar de como seu filho é teimoso, chegando a jogar-se no chão quando é contrariado, e disse que com um tio agora vai ter quem o segure. Outra mãe comentou que vai ser diferente, pois vai ter um tio agora. "Acho que vai ser bom" foi a fala de uma terceira, enquanto outra comentou que na creche de baixo, há algum tempo atrás, também tinha tido um homem como educador. (nota de campo, 26/01/2009)

O brincar também aparece como expectativa de uma das famílias da nova turma.

Já no primeiro dia de atividades da creche, uma avó comentou com Vicente que seu neto agora teria com quem jogar bola. A fala dessa avó, a princípio, sugere uma expectativa estereotipada em relação ao educador. Em seguida, porém, dirige-se ao neto, perguntando "É o nenê no seu carrinho?", e voltando-se novamente para o educador, comenta que o neto gosta de passear com a boneca no carrinho, dizendo que é seu bebê (nota de campo, 03/02/2009), o que permitiu compreender sua fala inicial não como uma restrição relacionada à presença de Vicente, mas como uma ampliação de possibilidades para a criança.

Todas essas formas de olhar e compreender o educador, trazidas pelas famílias, de alguma forma tomaram parte na constituição de um *profissional sensível aos temores e às necessidades destas*.

As características observadas em Vicente e que são trazidas como necessárias ao homem que se dispõe a assumir a função de educador de creche, como a paciência, o carinho, o equilíbrio, o gostar de criança e o saber cuidar, foram sendo construídas na relação entre o educador e as famílias. Estas, por um lado, tinham expectativas iniciais vinculadas a padrões de masculinidade vigentes, e foram construindo, a partir da experiência com Vicente, uma concepção de homem-educador vinculada à prática deste profissional.

Já Vicente foi constituindo sua identidade profissional a partir do que acreditava serem as expectativas da família em relação a sua conduta, expectativas estas que possivelmente potencializaram o desenvolvimento de características do educador que eram consideradas adequadas e inibiram a manifestação de ações relacionadas a aspectos de um masculino genérico que poderiam gerar conflitos nessa relação entre as famílias e o profissional.

O fato das famílias trazerem os relatos das crianças acerca da relação com o educador como ponto de partida para uma modificação da postura das mesmas frente a Vicente sugere que a relação dele com as crianças foi um dos pontos mais importantes na construção da concepção de homem-educador pelas famílias.

E, sem dúvida, foram também constitutivas da identidade profissional do educador.

4.4 O HOMEM COMO PROFESSOR NA CRECHE: SIGNIFICADOS E SENTIDOS NA RELAÇÃO COM AS CRIANÇAS

A relação que Vicente estabelece com as crianças da instituição, especialmente com aquelas que fazem parte de sua turma, é mediada pelos sentidos e significados por atribuídos ao que é educação infantil e o que é criança.

Ao falar da educação infantil, Vicente traz como principal enfoque a formação moral da criança.

> **Mara:** O que você acha que é Educação Infantil, qual que é o papel da Educação Infantil? (239)
> **Vicente:** Eu acho que é um momento que a gente está moldando a criança, principalmente nestes dias atuais, de muita violência. Então a gente tem que tomar muito cuidado naquilo que a gente faz porque eles estão ali, vendo a gente; eles vêm de famílias desestruturadas, muitos, às vezes, têm só o pai, às vezes têm só a mãe, às vezes não têm nem pai nem mãe, é a avó que toma conta. Então tudo aquilo que a gente faz, reflete nas ações deles, então acho que a Educação Infantil está aqui pra moldar, mesmo, essa criança, pra que no futuro ela possa ter um desenrolar da vida dele num caminho certo, brilhante, que não se envolva com drogas, eu acho que é isso. (240-247)

Vicente concebe a criança como um "vir a ser". Para ele, o objetivo de seu trabalho é preparar a criança para o futuro, auxiliando-a a construir uma possibilidade para sua vida diferente daquela que é dada pelo ambiente em que vive, um bairro de camadas populares na periferia.

Os educadores teriam um papel *substitutivo-familiar*, em função da "inadequação" de muitas das famílias, por ele denominadas "desestruturadas".

Vicente define seu papel de educador, na creche, a partir das vivências do âmbito de sua experiência como *pai*, a única que já havia tido com crianças pequenas.

> **Mara:** E qual que é o seu papel como educador? (248)
> **Vicente:** Então, está nisso daí, de tratar as crianças assim, como se fossem filhos, eu vejo assim como se eles fossem meus filhos e eu faço com eles o que eu faço com meus filhos em casa, quero que eles tenham aquela conduta, porque muitas vezes eles vêm, como eu falei, eles vêm de famílias desestruturadas e não têm essa visão do que é certo e do que é errado, porque eles veem de tudo em casa, então em casa está certo, chega na escola entra em conflito, "oh, o professor fala que não é", e eu espero passar da melhor maneira possível isso, de que eles sigam uma linha, que um dia eles possam falar assim "não, eu passei lá naquela escola, com aquele mestre, e ele me ensinou alguma coisa e hoje eu estou aqui graças a ele". (249-257)

> **Mara:** Você acha que o fato de ser pai influencia de alguma maneira? (446)
> **Vicente:** Eu acho que sim, porque eu os trato como eu trataria meus filhos e às vezes até minha esposa fica brava "ah, você fica o dia inteiro com as crianças lá, chega em casa você não dá um abraço no seu filho, na sua filha, ou então você está muito cansado, você vai dormir, você não fica com eles", mas eu os trato como eu trato meus filhos, é... com bastante respeito, procuro ouvi-los, sabe, não os deixo falando sozinhos. E é assim. (447-451)

Roberta também acha que o fato de Vicente ser pai influencia em sua relação com as crianças, já que muitas vezes age como pai das mesmas, lembrando-a até de seu próprio pai ao falar com eles em algumas situações.

> **Mara:** E como que é a relação dele com as crianças? (726)
> **Roberta:** Ah, eu acho assim... às vezes ele dá uma de pai mesmo, (rindo...) eu olho assim, eu falo "está parecendo pai, Vicente!" (risos), "você está igualzinho a um pai!", eu falo pra ele. Ele fala umas coisas, às vezes, que é igualzinho. Eu falo "Vi, está parecendo meu pai falando," (risos). É muito legal, assim... ah, eu... ele tem...um... normal... uma relação muito boa, assim, Ele é paciente, ele brinca. As crianças gostam bastante dele, mas às vezes ele tem umas coisas de pai, ele fala umas coisas, eu falo "está parecendo meu pai, Vicente" (risos). "Está falando as coisas como meu pai, meu pai fala isso daí". Às vezes ele fala "isso não pode fazer, não, não sei o que", aí eu falo... eu olho assim pra ele, eu falo "você está parecendo meu pai, falando isso" (risos). (727-735)

Diz que Vicente tem uma relação muito boa com as crianças, que brinca com elas, é paciente e que as crianças gostam bastante dele.

No cotidiano da creche, Roberta afirma que o fato de Vicente ser pai fazia diferença em algumas situações, pois isso lhe trazia conhecimentos que ela, solteira e sem filhos, não tinha.

> **Mara:** Você acha que o fato de ele ser pai, ser casado, faz alguma diferença? (700)
> **Roberta:** (pequena pausa) Ah, eu acho que faz! Porque às vezes ele tem algumas atitudes que... eu vejo assim, por mim... eu não tenho. Às vezes ele sabe algumas coisas que eu não sei. Às vezes ele olha na criança e fala "Roberta, eu acho que está acontecendo isso, isso e isso. Eu acho que, por ele ser pai, ele sabe por isso mesmo, porque ele é pai. Umas coisas assim de pai mesmo? Que eu vejo assim... eu comparo com meu pai. Às vezes meu pai sabe umas coisas que ele é pai, ele sabe aquilo, que eu não sei porque eu, apesar de ter a minha irmã, a responsabilidade total da minha irmã não é minha, então eu sei algumas coisas dela, mas não é como o pai sabe. Sabe? Então, às vezes, eu acho que o fato de ele ser pai ajuda, eu vejo assim, por mim, que eu sou solteira, não tenho filho, nada, então acho assim, às vezes o fato de ser pai ajuda. (701-710)

Helena, a diretora, ao falar das vantagens ou desvantagens de ter um homem como educador na instituição, também traz a questão do pai, mas no sentido de Vicente representar para as crianças a *segurança* comumente atribuída a esta figura.

> **Mara:** E além dessa, assim, você vê outras vantagens ou desvantagens em relação à presença dele? (698-699)
> **Helena:** Vejo. Em relação à criança mesmo que, que... pela dificuldade que eu te falei anteriormente de não ter é... é... o, a família, ela... a nomenclatura de família modificou. Nós tínhamos uma família mononuclear, uma família totalmente diferente do que é hoje. Nós tínhamos pai, mãe, avós, aquela família toda certinha. E o contexto atual é diferenciado, né. Nós temos filhos de vários pais, irmãos que são irmãos por parte de mãe, pais separados, avós postiços e etc e tal. Essa família se modificou, né. Então, essa figura masculina, ela nos ajuda independente de reforçar, é... que o pai é obrigado a viver com uma mulher que ele não ama, é uma coisa, mas ele tem que ter uma vivência com essa criança de respeito, no mínimo. Então, a figura do Vicente, ele traz em muitos momentos a segurança do pai. Não só a segurança, eu vejo que o menino, ele se espelha nele como educador, entende? Lançado essa figura

> masculina pra gerenciar nele o pensamento diferente em relação a uma proposta de vida, uma proposta humana. Como eu te falei, eu não vejo nele o homem, a mulher. Eu vejo nele o educador. E para a criança tem sido, e a gente tem procurado que, é... é... que isso seja tranquilo. Não é, conforme eu te falei anteriormente. O meu próprio neto saiu com preconceito pré-estabelecido dentro da escola que eu trabalho, com professores excelentes, inclusive com o Vicente no começo. Mas não é uma crítica. É uma ação que eu tenho que trabalhar muito em relação ao educador, entendeu? A essa figura masculina. Então, eu percebi que também só ser positivo pra mim, não mostrar pra eles com mais ênfase essas ações não vai adiantar. E eu achei que eles iriam perceber com tranquilidade, essa questão de enfatizar, entendeu? (700-719)

Helena também fala da possibilidade trazida pela presença de Vicente de trabalhar com as crianças questões relacionadas a *gênero*, buscando desconstruir estereótipos que muitas já trazem consigo.

> **Helena:** [...] Então, o Vicente, ele veio num momento especial, onde a criança, ela olha pra ele e aprende. A menina aprende a respeitar a outra figura masculina como integração de uma sociedade mais fraterna, entendeu? Eu não vejo assim homem e mulher, entendeu? Não sei se eu tô sendo clara, mas eu vejo essa... o olhar da menina pra ele, com esse respeito, porém com amor de respeito ao seu colega. Que pra ele ali não fica feio o colega tá brincando com a boneca, pra ele não é tão complicado, porque têm crianças que já chegam aqui com preconceitos pré-estabelecidos. "Oh, isso é de homem, viu? Isso é de mulher!". Você vê crianças nessa idade falando isso. Você concorda porque você deve ter visto. Então, nós, é... é... essa figura que eu quero que reforce nas crianças. Muito mais do que mostrar que ele é um homem, que ele é uma mulher, é mostrar que nós somos figuras humanas, que vivemos num mundo e que, através dessa figura humana, homem, que trabalha com a gente, nós vamos aprender a ter um comportamento melhor com os nossos filhos, com uma sociedade menos discriminatória. E essa criança vai ter esse olhar. Então esse é o positivo da criança em relação à figura dele. É o olhar pra ele, pra Roberta, e dissociar, que ainda não é agora, viu? Ainda vai demorar um pouco. Por exemplo, tem criança que achava que o Vicente era marido da Roberta. "Ah, ele é...". E se a Roberta aparecesse com o namorado, eles tinham raiva do namorado da Roberta, porque eles achavam que ela tava traindo o Vicente com aquele namorado. Olha que interessante. Como é importante isso, eu conseguir visualizar que realmente acima de tudo existe um preconceito pré-estabelecido, na mente da própria criança. [...] E... e o que é positivo é isso. É poder olhar pra menina e pensar que ela pode olhar sim pro seu colega como parceiro, como ser humano, que eu posso construir, a partir dessa geração, história. Esse educador é educador e esse aqui também é educador. Essa é mulher e esse é homem. Aí é sexualidade, porque o educador homem tem alma e a educadora mulher tem alma. E se eles têm alma e nasceram pra ser educador, não tem problema nenhum. Então, eu acho que positivo para as crianças é isso. É desde cedo, quando estão formando o caráter, começar aprender a não discriminar, a já, imediatamente, aprender que homem pode ser educador sim. E que ele pode assim como mulher. E que não pode ser educador não, quando ele não é educador de alma. Não é só a figura masculina, é a figura educador. [...] Então, eu tenho que te dizer o quê? O que vai ser importante pra criança, e o que vai ser tanto pra menina como pro menino, é essa convivência fraterna, de solidariedade, de respeito, entendeu? Se eu respeito o homem como homem e o homem respeita a mulher como mulher, o homem pode ocupar, e a mulher também, qualquer espaço no mundo, em qualquer lugar do mundo. Isso é positivo na vida das crianças. [...] (725-781)

Helena diz que, na relação com as crianças, muitas vezes o educador se sai melhor que uma educadora mulher. Depois, para que sua fala não fosse compreendida como

discriminação, Helena se explica dizendo que, independente de homem ou mulher, Vicente é um dos melhores educadores da creche.

> **Mara:** [...] Como que é a relação dele com as crianças? (853)
> **Helena:** Ah, eu acho... melhor do que uma educadora mulher, muitas vezes, em termos... Tá vendo? É complicado, é... é... essa contradição, né, a gente fala "Olha, eu não quero discriminação", mas se você, muitas vezes a gente discrimina falando. Tá percebendo? Eu já tô discriminando a mulher. Eu não estou discriminando. O que eu quero dizer é assim, ó. É... Se eu sou bom educador, eu quis dizer que ele é melhor que muito educador que tem uma formação maravilhosa. Pronto! Vamos esquecer a figura da mulher, pra eu ser mais clara. Eu acho que ele é um dos melhores educadores que eu tenho. Pronto! Acho que fica melhor assim. (854-861)

Vicente diz que procura estabelecer uma relação de *amizade* com as crianças, buscando neutralizar os efeitos que seu tamanho pode causar a princípio.

Retoma que procura fazer amizade com eles, tratá-los como filhos mesmo, ter carinho por eles, gostar deles.

> **Mara:** Você acha que o fato de você ser homem, de alguma maneira... acaba implicando numa relação diferente deles com você? (437-438)
> **Vicente:** Eu acho assim, pelo fato de ser homem não, eu acho que pelo fato de eu ser muito grande. (439)
> **Mara:** Grande. (440)
> **Vicente:** Porque eles são pequenos, já veem o mundo de outra maneira, aí chega perto do tio, o tio é um enorme, parece um gigante (risos), então eles ficam um pouco com medo mas... na convivência do dia a dia eles vão vendo que o tio brinca com eles, o tio quando vai conversar com eles se abaixa na altura deles, então eles sentem aquela coisa ali e a gente fica amigo mesmo, e as crianças passam a gostar da gente como a gente gosta deles. (441-445)

Acredita que haja diferença na relação dele com as crianças não pelo fato de ser homem, mas pelo fato de ser "muito grande", especialmente em relação ao tamanho das crianças, e que isto as deixa um pouco com medo. Mas isso é superado na convivência diária, quando percebem que o "tio" brinca, abaixa-se para falar com eles, e assim vão construindo um vínculo.

Na contramão de seus esforços, as educadoras insistem em colocar Vicente em suas falas de intimidação das crianças.

> **Mara:** E em relação às crianças, você procura se relacionar com elas de que forma? O que você acha que é importante na sua relação com elas? (426-427)
> **Vicente:** Acho que importante é se tornar amigo das crianças, mostrar que o tio, apesar do tio ser grandão, altão, ter cara feia, mas não é bravo, é... às vezes eu até brinco com as outras educadoras que eles falam assim que "Ah, se você não ficar quieto vou lá chamar o tio,", às vezes pra intimidar as crianças e às vezes eu brinco com elas, assim, "Ah, o tio é o lobo mau da história, o tio é o bicho-papão". Então já é difícil pra mim, como homem, ter que... aí você ainda pega as outras professoras falando isso pras crianças, teve criança que no começo do ano passava até longe do tio, porque o tio... a professora falou isso. Mas eu procuro é fazer amizade com eles, tratá-los como se fossem meus filhos, mesmo, ter carinho, gostar deles, e é isso que eu faço. (428-436)

Em relação a suas próprias crianças, porém, o educador consegue estabelecer o vínculo de amizade que busca, conforme relata a mãe de Douglas sobre a relação de seu filho com o educador.

> **Mara:** [...] Como é que você acha que foi a relação que o Douglas estabeleceu com o Vicente? Fala um pouquinho da relação dos dois. (232-233)
> **Mãe de Douglas:** Ah... era de amizade, né, assim... De... que ele ficava bem à vontade, tudo o que ele queria ele pedia, ele não tinha receio nenhum. Ele gostava tanto da, da professora, da Roberta, né, como dele... Não tinha diferença. Eles eram bem amigos e... Não tinha medo, porque... às vezes, né, criança fica meio assim, né... Porque na escola, na outra creche que ele tava antes não tinha professor masculino, né, assim, então... ele não teve nenhum receio, nenhum preconceito, nem medo, nem... Tratava os dois normal, assim, naturalmente, né? (234-240)

Para Douglas, desde o princípio parece ter se estabelecido uma relação tranquila com o educador.

> **Mara:** E como é que foi pro Douglas, ele comentou alguma coisa? (93)
> **Mãe de Douglas:** Ah... Ele gostava, né? Porque... era tudo o professor que... que encaminhava eles, né, pra... ele gostava assim do professor, é... Vicente, né? Vicente? (94-95)
> **Mara:** Isso. (96)
> **Mãe de Douglas:** Ele gostava dele... Só comentava coisa boa. (97)
> **Mara:** Tinha alguma coisa que ele falava assim, que cê tenha observado, achado interessante? (98)
> **Mãe de Douglas:** Não, só achava... ah o tio, o tio, porque é só a tia, tia, né? Então... (99)

A mãe de Douglas diz que seu filho gostava de Vicente e só comentava coisa boa em relação a ele, chamando sua atenção o fato dele dizer "o tio, o tio...", algo a que não estava acostumada.

A mãe de Clara também fala da relação entre sua filha e o educador, definindo-a como muito boa. Menciona o fato de a filha falar muito bem dele e demonstrar certo encantamento pelo educador.

> **Mara:** E como é a relação que a Clara estabeleceu com ele, como é que você descreveria a relação dos dois? (308-309)
> **Mãe de Clara:** Foi muito boa. (310)
> **Mara:** É? (311)
> **Mãe de Clara:** Muito, muito mesmo. (312)
> **Mara:** Você acha que, é, ele foi uma figura importante pra ela? (313)
> **Mãe de Clara:** Foi, foi uma figura muito importante pra ela, porque como ela chegava e falava tão bem desse professor, eu ficava gente, parecia que tava até apaixonada, no bom sentido, né (riso), ela falava muito bem dele. (314-316)
> **Mara:** Ai que bom! (317)
> **Mãe de Clara:** Parece que ela se desenvolveu muito bem também com ele, né. (318)

Ela conta que mesmo Clara tendo dificuldade no início para adaptar-se à creche, logo começou a falar bem dos seus educadores.

> **Mara:** [...] E a sua filha, como é que foi pra ela, ela chegou a comentar alguma coisa nos primeiros dias? (132-133)

> **Mãe de Clara:** Nos primeiros dias ela ficou quase um mês chorando na creche, né, porque não estava acostumando, depois que começou a acostumar bem, mas ela falou que gostava muito do tio, da tia, dos amiguinhos, chegou a comentar essas coisas, chegava em casa começava a cantar as musiquinhas que eles cantavam lá, fiquei até alegre depois, falei "nossa, tava tão preocupada, né!". (134-138)

As crianças observadas durante o período de adaptação no ano letivo de 2009 também, aparentemente, não tiveram nenhum problema em relacionar-se com o educador.

Ao contrário, havia aqueles que pareciam se acalmar mais facilmente no colo de Vicente, que ia falando baixinho e tentando inseri-los no grupo.

> Ângela, a parceira de Vicente, estava mais uma vez muito animada, dando bom dia a todas as crianças que chegavam. Perguntei-me se seu tom de voz mais alto incomodava as crianças. Vicente andava com Gabriel no colo pela sala, falando baixinho com ele e tentando que ele se sentasse na roda para cantar com as outras crianças. Mais tarde perguntei a Vicente o que achava que acontecia com Gabriel, já que todas as outras crianças estavam bem e ele era o único a chorar e por muito tempo. Sugeri que pudesse ser sono, mas Vicente disse ter a impressão de que Gabriel não quer interagir com as outras crianças. [...] (nota de campo, 18/02/2009)

Foi interessante, nesse momento de adaptação, observar uma das meninas do grupo procurar uma forma de adequar-se à situação de ter um homem como educador.

> Uma das meninas chegou com a mãe, que chamou Vicente um pouquinho na porta da sala, pois a filha tinha trazido algo para o educador que demais crianças não podiam ver. A mãe, então, contou que a filha, em casa, questionou-a, pois tinha levado flores para a tia Helena, flores para a tia Ângela, mas tio Vicente era homem. A mãe então sugeriu que ela desse um chocolate, e a criança então entregou a Vicente um bombom. (nota de campo, 18/02/2009)

Este exemplo mostra como as crianças dessa turma reconhecem a diferença física entre homens e mulheres e percebem aspectos culturais que estão associados a cada sexo. As práticas vivenciadas pelas crianças no espaço da creche, na concretude de uma relação que tem o homem como educador, (des)constroem estigmas e preconceitos.

Vicente parecia estar sempre bastante atento às preferências das crianças, respeitando possíveis limites que lhe fossem impostos, como o fato da criança querer entrar na sala com sua parceira e não com ele. Por outro lado, às vezes mostrava-se impaciente com a demora ou teimosia de alguma criança, geralmente em situações relacionadas à mudança de sala ou saída para o banheiro ou refeitório.

> Ângela saiu com as crianças para o refeitório, juntamente com uma educadora de apoio. Vicente e eu permanecemos na sala. Enquanto eu fazia algumas anotações sobre choros e outros detalhes da chegada, observei Vicente bravo com um dos meninos, que havia tirado o sapato e afastava-se de Vicente cada vez que este o chamava. Continuei fazendo as anotações e vi quando Vicente, após repetir algumas vezes que precisavam ir para o refeitório, conseguiu fazê-lo sentar-se para calçar a sandália. Enquanto pegava um dos calçados, o menino pegou o outro, tentando colocá-lo no pé errado. Vicente irritou-se com a situação e acabou afastando a mão do menino. (nota de campo, 20/02/2009)

Essa tensão relacionada ao cumprimento da rotina da instituição por vezes era intensificada pelas situações de conflitos que envolviam crianças mais agitadas, comumente repreendidas pelos adultos em função de sua inadequação aos limites impostos a eles e às crianças pela rotina da creche.

Nessas situações, Vicente assumia uma postura bastante severa em relação à criança considerada responsável pelo conflito, colocando a criança sentada, impedida de continuar a atividade que estava sendo realizada pelo grupo.

A vivência de Vicente como educador de adolescentes, no núcleo de assistência social, aparece em sua fala, relacionada a situações de conflito. E ele avalia a inadequação de uma possível repetição dessa experiência.

> **Vicente:** É, porque eu trabalhei no núcleo, eu lembro quando eu comecei, na primeira semana eu separei umas dez brigas lá (riso). Criança se pegando de pau, você ter que entrar no meio, acabava sobrando paulada pra todo lado lá e, não é interessante fazer isso agora de novo não. (401-404)

Ao falar sobre possíveis resultados a longo prazo da inserção do homem como educador na creche, Vicente diz acreditar que esta inserção possa vir a melhorar a educação, uma vez que o homem representa para a criança uma figura de mais *autoridade*, e a convivência com essa autoridade, desde cedo, nas instituições educacionais, poderia influenciar a criança no sentido de desenvolver um respeito maior por estes espaços.

> **Mara:** E, a longo prazo, você acha que essa presença pode ter efeitos a longo prazo? (495)
> **Vicente:** Eu acredito que sim, isso vem para melhorar a educação, porque a gente pega hoje, hoje em dia, aí, muita violência, é... a criança chega numa certa idade aí já não quer obedecer pai, mãe, e vai obedecer menos ainda o professor! A gente vê casos, aí, que professor apanha de aluno, então se a criança tiver um acompanhamento assim, desde que ele sai da casa dele até entrar numa primeira série, ele vindo assim, tendo um professor junto com a professora, criando esse espaço de convivência assim, harmoniosa, não... acho que vai chegar uma época que vai fazer efeito, sim, o homem estar dentro da Educação Infantil. Vai dar mais respeito... não mais respeito, mas, ah... acho que vai dar um respeito... amplo, junto com a professora. Porque às vezes o aluno vem, vê a professora, fala "ah, essa tia aí é igual minha mãe, vou xingar, vou fazer o que eu quiser". Tendo a presença do homem acho que já inibe esse tipo de atitude. (496-506)
> **Mara:** Você acha que é diferente, então? (507)
> **Vicente:** Eu acho que sim. (508)
> **Mara:** A relação com o homem e com a mulher? (509)
> **Vicente:** Eu acho que sim. (510)

Vicente atribui essa relação entre autoridade e figura masculina ao fato das famílias terem um modelo patriarcal, em que o homem tem poder sobre a mãe e os filhos, o que passa para a criança uma ideia de que o homem é mais forte e a mulher mais fraca. Isso faz com que a criança tenha mais respeito pela figura masculina, que na creche seria, então, representada pelo educador.

> **Mara:** Você tem alguma ideia sobre porque existe uma relação mais respeitosa em relação ao homem? (511-512)
> **Vicente:** Eu acho que é por causa daquela questão da família ser patriarcal, entendeu? Vem a criança, vê o pai, respeita mais o pai, ou porque o pai é mais bravo do que a mãe, ou porque... o pai bate na mãe, vê essa situação do homem ter mais força do que a mulher. Isso acho que, na cabeça deles, acho que eles veem o professor homem uma pessoa forte ali dentro, pra suprir a necessidade que eles têm em casa. Acho que bem... bem isso. Não sei se eu passei a mensagem certa. (513-518)
> **Mara:** Não, deu pra entender. Deu pra entender. (519)
> **Vicente:** É o homem "forte!", a professora "ah, é mulher, é fraca, igual minha mãe, vai chorar, vai fazer isso", e acho que o homem... apesar que tem homem que chora (riso). (520-521)
> **Mara:** Tem. (522)
> **Vicente:** Mas eu vejo a coisa da força, mesmo, relacionada ao homem e é isso que vai... que põe o respeito nas crianças. (523-524)

Essa postura de Vicente talvez se associe à sua compreensão do papel do educador como agente moralizador, e da educação da criança para o futuro, concepções que parecem ser hegemônicas no interior da instituição e compartilhada por demais educadoras.

Na maior parte do tempo, porém, tanto no período de adaptação como no período de atividades observado em 2008, Vicente mostrava-se bastante paciente, brincalhão e por vezes bastante carinhoso com as crianças, pegando-as no colo, auxiliando nos brinquedos do parque e na construção de bolos de areia.

Roberta também traz o afeto como parte da relação de Vicente com as crianças. Salienta que ele é bem afetuoso. Conta que há situações em que é mais afetuoso que ela mesma, até no jeito de conversar, já que ele mede bastante o que vai dizer à criança.

> **Mara:** A relação dele com as crianças é afetuosa... (736)
> **Roberta:** É... (737)
> **Mara:** Ele é mais distante? (738)
> **Roberta:** Não, é afetuosa. Ele põe as crianças no colo, ele conversa, ele faz um carinho no cabelo. Ele é bem afetuoso sim, ele não é... tem situações que ele é até mais que eu... Tem momentos que ele é até mais do que eu... às vezes eu peço até ajuda pra ele, eu falo "Vi, me ajuda aqui!" (riso)... Então, às vezes ele é até mais que eu... ele é bem afetuoso sim, não é... não é... arisco com as crianças... não é, sabe? Não... não é não, ele é bem afetuoso, sim, é bem carinhoso com as crianças, o jeito de conversar. Às vezes eu falo mais as coisas, ele mede mais do que eu, às vezes eu falo as... alg... coisa, vai saindo, assim, ele não, às vezes ele até mede mais do que eu pra falar, ele é sim, ele é bem afetuoso com as crianças.(739-747)

Helena também afirma que Vicente tem uma relação afetiva com as crianças e associa essa característica à função de educador bem preparado, segundo ela, no caso de Vicente, justificado pelo fato dele ser originário de uma família de educadores que lhe oferece condições diferenciadas de educação e socialização.

> **Mara:** Você acha que ele dá conta então dessa questão da afetividade com as crianças? (894)
> **Helena:** Tranquilamente, ele é uma pessoa, é..., muito dócil. Eu acho que ele é uma pessoa... muito bem preparada. Ele vem, é..., como a gente fala pra vocês, né, a gente estuda um pouco

> o educador, observa. Eles pensam que a gente fica fechado lá e não está vendo, mas eu sei tudo deles. Por exemplo, o Vicente, ele vem de uma família de professores, é..., uma família toda diferenciada também. Ele teve um histórico sócio-educativo diferenciado. A família toda dele é de educadores. [...] (895-900)

Em relação às atividades de cuidado com o corpo da criança, Helena diz que não vê problema no fato de Vicente participar dessas atividades, pois na creche desenvolvem um trabalho no sentido da criança aprender a realizar sozinha o autocuidado, ficando as educadoras e o educador apenas na supervisão e orientação das ações da criança. Novamente ressalta que ela não o vê como homem, mas como profissional e que, portanto, não vê problema nenhum nessa questão.

Helena diz que a separação de banheiros de meninos e meninas foi feita pensando que no ano seguinte as crianças vão para a EMEI, onde os banheiros são separados, então a intenção é prepará-las para a nova situação com a qual terão de lidar. Diz que para as crianças também não haveria problemas em tomarem banho todas juntas, meninas e meninos, pois, conforme observa em seus próprios netos, a criança nessa idade não tem curiosidade de ficar olhando o corpo do outro.

> **Mara:** E a questão do cuidado? Né, principalmente na relação com o corpo da criança... (925)
> **Helena:** Eu não vejo problema nenhum, porque assim, ó, aqui nós trabalhamos a autonomia independente, né. Quando se trabalha autonomia e independência, o homem tem que educar e ensinar a criança pra que ele aprenda a se cuidar, tanto a criança de figura masculina quanto a feminina. Este ano a gente tá trabalhando um pouco diferente. Não que isso seja necessário, mas nós estamos fazendo. Nós temos pouco espaço e fizemos um banheiro masculino e um banheiro feminino. Por quê? A criança passa aqui um ano. O ano que vem ela vai pra EMEI. Lá já vem escrito "masculino" e "feminino". Isso é uma questão hierárquica de organização, organizacional, né. Então, é... eu não vejo problema nenhum, não sinto problema nenhum, porque sin... se eu não sinto ele como homem, eu sinto ele como educador, eu não consigo ver problema. Entendeu? Eu acho que as crianças nessa idade, elas podem tomar banho juntas. Não vejo nenhum tipo de problema, porque lá em casa toma... entendeu? Eles tomam banho junto e não tem aquela curiosidade. [...] (926-938)

Vicente, porém, traz outra explicação a esta separação, que é compartilhada por Roberta. Ao ser questionado sobre o fato dele não participar das atividades de cuidados com o corpo das meninas, conforme foi observado durante a permanência da pesquisadora na instituição, Vicente diz que foi algo combinado entre ele, a direção e as parceiras de sala (referindo-se à educadora e às estagiárias que acompanhavam a turma), em função da preocupação dos pais pelo fato dele ser um homem.

> **Mara:** [...] eu quero tocar num ponto bem delicado agora. Você estava falando da questão das famílias, da preocupação, ... (327-328)
> **Vicente:** Hã, hã. (329)
> **Mara:** Você acha até que é compreensível... eu observei, durante o tempo que eu estava aqui, a gente também já conversou algumas vezes sobre isso, que você, nos momentos de relação mais íntima com o corpo da criança, que é o momento de banho, ou num outro momento delas

> irem ao banheiro, que geralmente você acompanha os meninos e não as meninas. Isso foi uma escolha sua? (330-334)
> **Vicente:** Isso foi um... acho que um... vou dizer acordo, mas não é essa palavra que eu estou procurando, entre a direção, eu e as minhas parceiras de sala, pelos pais terem essa visão, assim, preocupada de eu ser um homem, nós achamos por bem que eu acompanhasse os meninos e que a Roberta acompanhasse as meninas. Mas, pela visão da direção, pela minha visão e dos outros colegas acho que isso não tem... não devia ter essa separação. (335-339)
> **Mara:** É porque, vamos imaginar que fossem dois homens ali... (340)
> **Vicente:** Pois é. Teria uma situação que, quem iria com quem? Iria chamar outra pessoa pra na hora do banho, então acho que não... eu não tenho essa visão. Ela é criança, e criança como se fossem meus filhos, eu não vou fazer nada de mal pra eles como não quero nada de mal para os meus filhos. Então, eu sou um profissional, trabalho ali, sou obrigado a fazer aquilo, vou fazer aquilo, da melhor maneira possível. (341-345)
> **Mara:** Pra você não tem nenhuma diferença. (346)
> **Vicente:** Não, pra mim não. (347)

Vicente afirma que pela direção, por ele e pelas outras educadoras não precisaria haver essa separação, e novamente, além de afirmar-se como profissional, traz sua identidade de pai e aproxima as crianças aos seus filhos, estando elas protegidas uma vez que não quer nada de mal para os próprios filhos.

A constituição de Vicente como profissional da educação infantil, nos momentos acompanhados durante a pesquisa, parece ter sido fortemente marcada pela relação com as crianças, que lhe atribuíram os papéis de *pai*, *amigo* e *professor*. O desempenho desses papéis não se deu somente por meio das relações concretas estabelecidas com aquelas crianças especificamente, mas também em relação a uma criança genérica, que para Vicente possivelmente trazia como elementos principais características de seus próprios filhos.

Também a concepção de criança presente em nossa cultura, como um ser que suscita proteção, aconchego, carinho e cuidados, deve ter influenciado na maneira de Vicente posicionar-se em relação às crianças da creche.

Considerando aspectos culturais relacionados a uma forte diferenciação na educação dada a homens e mulheres em nossa sociedade, esperava-se observar em Vicente uma postura em relação às crianças que fosse diferente daquela observada nas educadoras. Porém, o que pudemos observar nas interações do educador com as crianças foram ações bastante semelhantes às das educadoras, não sendo possível destacar aspectos que indicassem uma singularidade na maneira de Vicente relacionar-se com as crianças nos momentos de atividades ou de cuidados com o corpo.

5 DISCUSSÃO

5.1 O HOMEM COMO PROFESSOR DE CRECHE - SIGNIFICADOS QUE EMERGEM NA REDE RELACIONAL

A análise das relações estabelecidas por Vicente com suas colegas e a direção, com as famílias e as crianças permite-nos compreender como os diversos atores envolvidos na constituição do homem como educador vão atribuindo sentidos e significados a essa figura masculina, em um espaço caracterizado pela feminização. O material produzido na pesquisa permite visualizar a riqueza do processo de negociação dos significados e sentidos construídos sobre o homem como educador/professor de creche, ora pautados na (des)construção das imagens e ideias vinculadas ao homem genérico, ora na concretude das características pessoais daquele que vivencia esse proceso no interior de uma instituição (como as destacadas por todos em relação à Vicente).

5.1.1 O impacto da entrada de Vicente na instituição: significados na relação com um homem genérico

O momento do ingresso de Vicente na rede de ensino e na instituição é marcado pela emergência de sentidos e significados relacionados aos padrões de masculinidade e às concepções de homem e mulher, de creche, de criança e do processo de educação e cuidado de crianças pequenas.

A princípio, Vicente é analisado pelas colegas e pelas famílias a partir de dois referenciais de masculinidade: o do heterossexual, que suscita ideias e sentidos circunscritos pela ameaça e medo, e o do homossexual, que traz ideias e sentidos de inadequação e desvio.

Essas preocupações geradas em função da presença de um homem na instituição podem ser compreendidas como resultado dos discursos que reafirmam um modelo hegemônico de masculinidade e colocam sob suspeita o homem que decide ocupar um espaço feminino, seja em relação a sua macheza, por realizar um trabalho que o desvia de um enquadramento nesta forma dominante de masculinidade, ou às reais intenções de sua

presença ali (OCDE, 2002; CAMPOS et al., 1984). O temor gerado pela presença desse homem, especialmente nas famílias, é atribuído pelos diversos atores aos crescentes casos de pedofilia que vêm sendo divulgados pela mídia.

Para evitar que essa preocupação se manifestasse por meio de conflitos, a estratégia da direção, que já havia recebido homens anteriormente na instituição, desde o princípio, foi afastar o educador das tarefas de cuidado com o corpo das meninas. Neste caso, a estratégia, associada à confiança das famílias na direção, serviu para conter manifestações e questionamentos que pudessem por em risco ou dificultar a permanência do educador na creche.

O Relatório da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2002), já mencionado neste trabalho, também traz esta questão como presente nas discussões que vem ocorrendo na Europa sobre a ampliação da participação masculina nas instituições de educação infantil.

Em relação a isto, há exemplos de alguns cuidados tomados com a inserção masculina nas instituições em questão, como a exigência de certidão de bons antecedentes e a criação de regulamentações como a necessidade da presença feminina às trocas de fralda realizadas por um educador pertencente ao sexo masculino (OCDE, 2002).

Pesquisas relacionadas à questão do abuso, porém, indicam que os atestados de bons antecedentes não oferecem garantia alguma neste sentido, uma vez que os resultados desses trabalhos apontam o fato de que a maioria dos pedófilos não apresenta antecedentes criminais e são considerados pelas pessoas com quem convivem como trabalhadores, religiosos e cuidadores zelosos de sua família (HABIGZANG; KOLLER; AZEVEDO; MACHADO, 2005). Abordar a questão por essa temática é portanto reduzir a diversidade de sentidos que circula na instituição, as negociações possíveis, as (des)construções vividas pelo coletivo de sujeitos (homens e mulheres) da creche.

O acompanhamento desses homens por mulheres nos momentos de troca, por sua vez, é uma estratégia que só reforça a naturalização do abuso como prática masculina resultante de uma sexualidade incontrolável (CRUZ, 1998), e da mulher como ser cuja maternidade, efetiva ou potencial, impedisse ou bloqueasse a erotização de suas interações com a criança (CAMPOS et al., 1984).

O ponto mais importante desta discussão é que a visão naturalizante da questão acaba por tirar de foco a maneira como os diversos elementos da matriz sócio-histórica em que os sujeitos estão inseridos podem circunscrever seus posicionamentos e ações.

Os discursos relacionados à vivência da sexualidade, por exemplo, costumam ser bastante restritivos em relação às mulheres, e bem mais permissivos no que diz respeito aos homens, até porque têm origem numa sociedade de dominação masculina. Também o fato da mulher, em nossa cultura, ser o principal adulto responsável pela criança a coloca numa posição que permite a construção de um vínculo com esta, que os homens, mantendo-se/mantidos à distância, acabam não tendo oportunidade de estabelecer.

Outra questão que se coloca no momento do ingresso de Vicente é uma certa desconfiança da família e até mesmo de colegas em relação à capacidade de um homem para o trabalho com as crianças. Esta desconfiança pode ser explicada pelo fato de possivelmente haver ainda uma visão de que a educação e o cuidado de crianças é uma tarefa feminina, vinculada à "natureza" da mulher, o que leva a uma compreensão de que a creche não seja um espaço de trabalho para o homem, apontando a preponderância de uma perspectiva doméstica dessa instituição em detrimento de uma perspectiva profissional (CRUZ, 1998).

A possibilidade de Vicente ser homossexual também foi cogitada no início, tanto pelas colegas como por familiares das crianças, numa clara manifestação da dominância de um padrão de masculinidade no qual não cabem comportamentos ou características consideradas femininas. A ausência de possibilidades de flexibilização nesse padrão aponta para uma bipolarização entre masculino e feminino, que faz com que um homem que faz "coisas de mulher" seja considerado um homem "não muito homem" (CRUZ, 1998).

Em função de aspectos físicos, Vicente também foi posicionado no papel de possível parceiro amoroso nas falas de algumas colegas em seus primeiros dias de trabalho. Também as crianças o posicionaram dessa forma ao considerarem que ele e Roberta formavam um par, representando ali um pai e uma mãe.

Diante de todos esses aspectos, Vicente parece ter buscado uma estratégia de sobrevivência naquele espaço que, a princípio, mostrava-se pouco receptivo a ele, dispondo-se a enfrentar os desafios que se colocavam por razões de cunho financeiro.

Na relação com as colegas, Vicente adotou um comportamento reservado, mantendo-se muitas vezes à distância, com o intuito de não incomodar a rotina já estabelecida em relação aos momentos de descanso e relaxamento.

Com a parceira de sala, buscou aprender como ser educador, desenvolvendo um trabalho que se pautava na experiência de Roberta com a faixa etária ali atendida. A experiência anterior da educadora colaborou para que Vicente se colocasse no papel de aprendiz, reificando a competência da mulher vinculada a essas instituições, mas ao mesmo tempo, introduzindo novidade nesse reduto ainda feminino.

Esse posicionamento de Vicente no papel de aprendiz é algo esperado para alguém que se insere num meio profissional em relação ao qual não tem nenhuma experiência, e, no caso de Vicente, nem formação específica.

A atitude de pautar-se no trabalho de colegas mais experientes também foi manifestada por educadoras de creche em processo de formação em nível médio, ao falarem de suas experiências no início da profissão e das estratégias utilizadas para superarem a falta de treinamento e de informação acerca da atividade para a qual foram designadas (BEZERRA; SOARES-SILVA, 2008).

Em relação à preocupação das famílias, Vicente, mesmo não achando correto, aceitou ser afastado dos cuidados com o corpo das meninas, sem questionar uma decisão que, em vez de negar a possibilidade de que ele cometesse um abuso, parecia simplesmente indicar que isso não ocorreria porque ele não teria chance de fazê-lo.

Se pensarmos que em nossa sociedade as relações de gênero são marcadas por uma clara dominação do masculino em relação ao feminino, esta atitude de Vicente de submeter-se às mulheres parece ser inusitada, inclusive porque não se dá apenas na relação com a direção, marcada por uma hierarquia institucional, mas também em relação às próprias colegas.

Porém, por meio de um olhar cuidadoso para a dinâmica das relações estabelecidas no interior da instituição, podemos perceber que elas se dão a partir de uma perspectiva doméstica desse espaço, no qual as mulheres são as detentoras do saber.

5.1.2 A vivência de Vicente na instituição: significados na relação com um homem concreto

Após superar as suspeitas iniciais em relação a sua pessoa, Vicente pode centrar-se no desafio do trabalho junto às crianças.

Como não tinha experiência nenhuma na educação infantil, trouxe para o espaço da creche a experiência de sua relação com os filhos, estabelecendo com as crianças de sua turma um relacionamento nos mesmos moldes. Constitui-se assim um homem-educador-pai.

Este recurso também é apresentado pelas participantes da pesquisa de Bezerra e Soares-Silva (2008), porém duas delas apontam a insuficiência da experiência parental para o trabalho com crianças em ambientes coletivos.

Além de sua experiência como pai, seu trabalho com as crianças teve como outro referencial importante o trabalho de Roberta, sua parceira.

Roberta tinha o domínio do espaço da sala de aula e assumiu a liderança nas tarefas, posicionando Vicente em papel complementar ao seu. Ela prepara e define as atividades a serem desenvolvidas com as crianças.

Tanto em suas falas na entrevista como nas ações descritas por ela, podemos observar um movimento de Roberta em compreender sua relação com Vicente no âmbito profissional, já que reconhece e valoriza o espaço em que estão como tal. Contudo, ainda que a relação entre Vicente e Roberta fosse estritamente profissional, a dinâmica dessa relação era marcada pela relação homem-mulher na sua face doméstica. Correntemente, na entrevista, reincide esse aspecto da relação entre os dois.. É com o passar do tempo que Roberta expressa maior expectativa e exigência do colega de responsável pela turma, posicionando essa relação num patamar cujo parâmetro passa pelo profissionalismo.

Pela descrição de Roberta, podemos observar que inicialmente, como uma esposa, ela toma para si a responsabilidade pelas tarefas com as crianças, sendo Vicente um ajudante que age conforme ela orienta.

Tendo conhecimento de que a relação de Vicente e Roberta não tem nenhuma conotação amorosa, havendo um grande respeito mútuo e até certo distanciamento entre eles, o que poderia explicar, então, que a dinâmica da relação tenha como referência o ambiente doméstico?

A explicação, na verdade, não está na relação entre Roberta e Vicente, mas no fato de serem sujeitos que compartilham uma prática no interior de uma instituição que ainda preserva de maneira marcante os elementos de sua história como instituição assistencialista.

A fragilidade das instituições de educação infantil no sistema de ensino ainda é flagrante. A falta de profissionalização manifesta-se presente na ausência de atividades pedagógicas elaboradas com vistas à promoção da aprendizagem, na inadequação de espaços e tempos que se organizam mais para atender necessidades e interesses dos adultos do que das crianças e caracterizam-se pela espera e o improviso.

Os discursos dos participantes são representativos de um momento histórico situado. A valorização de características pessoais, a crença em um dom para a função de educador, a justificativa no amor em detrimento da formação atualizam imagens e práticas que resistem, ao longo do tempo, às tentativas de profissionalização da área, de inserção no sistema de ensino, da obediência ao marco legal e regulatório das instituições de educação infantil. Dentre esses aspectos, a inserção do homem como educador/professor, se por um lado

ressignifica essas concepções, por outro, apesar da novidade, apesar da provocação que essa presença no interior da instituição provoca, ela é também significada com base em velhas ideias, discursos arraigados sobre a responsabilidade da educação e cuidado da criança pequena e sua relação com a questão de gênero.

A entrevista de Vicente também traz sua compreensão do papel de educador como equivalente ao do pai, circunscrevendo o aspecto educacional de seu trabalho à formação moral. O termo aprendizagem aparece relacionado à criança por duas vezes, referindo-se a uma aprendizagem relacionada a questões morais.

As justificativas dadas para uma contribuição da presença do homem como educador/professor na creche vincula a identidade com a figura do pai – que traz para o interior da instituição elementos de autoridade – à concepção de família atendida pela instituição. Nesse sentido, justifica-se a importância do homem educador/professor a partir do imaginário das condições de vida das crianças atendidas pela instituição, sendo ele um representante do pai para as crianças que não possuem ou não convivem com seus progenitores. Essa concepção fala de uma concepção de família desejada, assim como coloca-se numa zona de sentido que estabelece como uma das funções da creche a substituição, o suprimento daquilo que a família não oferece à criança.

Nessa valorização da autoridade masculina, a presença do homem educador/professor garante seu uso para o controle e disciplinamento das crianças, materialização da força e do poder, nos momentos em que não se consegue fazer valer a própria autoridade

Em relação às crianças, na prática cotidiana há um empenho maior de Vicente nas situações de conflito e naquelas relacionadas à higiene e à saúde, como o momento do banho e das refeições. Os momentos de brincadeira, potencialmente importantes para o trabalho pedagógico com essa faixa etária, também tinham um investimento de Vicente no sentido de estimular as crianças a superarem dificuldades.

Conforme Vicente vai desenvolvendo seu trabalho, é atentamente acompanhado pela equipe da creche e pelas famílias.

As pessoas da equipe aos poucos vão observando seu trabalho e sua maneira de relacionar-se com elas, definindo Vicente como respeitador na relação com elas e competente na relação com as crianças.

Tanto uma característica como outra, no entanto, parecem causar surpresa, possivelmente por não serem condizentes com suas expectativas em relação a um homem. E no caso da competência, há até um exagero na avaliação feita por algumas dessas pessoas, no sentido de classificá-lo como mais competente que as educadoras.

Em relação às famílias, fosse por meio dos relatos das crianças, fosse por meio de observações furtivas do trabalho de Vicente em áreas externas, o educador aos poucos ia sendo aceito, respeitado, até por fim conquistar a confiança delas.

Uma importância atribuída a Vicente era a de servir como modelo de uma masculinidade desejável, marcada por atributos como o heterossexualismo e a paternidade participante.

Com o passar do tempo, e com a mudança de colega de sala, a nova postura de Vicente, agora na relação com uma profissional contratada e iniciante na instituição, passa a ser de protagonista, indicando a aquisição de uma segurança em relação a sua competência e ao seu papel de educador/professor de crianças pequenas.

O primeiro contato com as famílias também foi bem tranquilo, inclusive durante o processo de adaptação, em que as interações educador-família são mais constantes e mais intensas.

Tanto no caso da educadora como no das famílias, parecia que o fato de Vicente já possuir uma história na instituição tornava o reinício mais tranquilo, sem que fosse possível observar qualquer dificuldade no comportamento dos pais ou no da colega.

6 CONSIDERAÇÕES

6.1 HOMEM COMO PROFESSOR DE CRECHE: O QUE DIZER DESSA HISTÓRIA

O estudo da inserção do homem em uma instituição de educação infantil, como professor, provoca a emergência de uma série de sentidos e significados relacionados a padrões estereotipados de gênero e de papéis associados ao masculino e ao feminino, geralmente fundamentados em argumentos biológicos que naturalizam características que são, na verdade, construídas histórica e culturalmente. Além disso, emergem sentidos e significados sobre família, sobre infância e sobre a responsabilidade do cuidado e educação da criança assim como sobre a própria função da educação infantil.

Ao acompanharmos as vivências desse profissional no espaço da creche, pudemos observar que esses sentidos e significados vão sendo negociados todo o tempo, a partir das interações que são estabelecidas com este homem e com as ideias relativas a um masculino genérico, construídas a partir dos significados culturais e dos sentidos pessoais de cada ator envolvido nas relações.

De início, esse professor é compreendido preponderantemente a partir das características de um masculino genérico, emergindo em relação a esse homem um sentimento de suspeita, materializado por termos como agressividade, abuso, homossexualismo e inadequação para o trabalho, todos eles vinculados a uma naturalização desse homem.

Este professor, por sua vez, é posicionado por essa suspeita, e no caso da falta de competência para o trabalho, assume o papel de aprendiz de sua parceira.

Em relação às suspeitas vinculadas à sexualidade desse homem, a experiência concreta, no caso investigado, vai mostrando que ele não se enquadra nos estereótipos a partir dos quais ele foi inicialmente julgado, e sua prática junto às crianças, pautada especialmente em sua experiência no âmbito da paternidade, vai construindo uma outra imagem do professor e possivelmente também do homem. Nessa experiência, a identidade com os papéis vividos no contexto doméstico ganharam força.

A partir disso, podemos concluir que os resultados do trabalho realizado por Saparolli (1997) acerca da inserção de homens em creches no município de São Paulo, indicando haver uma melhor aceitação do homem nesta profissão de professor de creche quanto maior a

profissionalização da instituição, não correspondem exatamente ao observado no caso da creche estudada no presente trabalho, em particular no momento de inserção do homem na instituição.

Chamou a atenção o fato de nenhum dos atores participantes da pesquisa ter manifestado a necessidade de formação para que um homem pudesse ocupar a função assumida por ele na creche.

Além desses aspectos, os sentidos e significados atribuídos à inserção do homem como educador de creche, ao longo do processo de pesquisa, são marcados ainda pelo ideário que define sua função como a de compensação de um familiar insuficiente.

Diante disso, as expectativas de contribuição dessa presença masculina, no sentido de desconstrução de estereótipos, como trazidas pelo Relatório da OCDE (2002), são complexificadas, uma vez que essa inserção, se provoca o novo, se provoca professores, diretores e famílias em suas concepções, também é significada por essas mesmas concepções, construídas e sustentadas por mais de século de práticas de educação e cuidado da criança em contexto coletivo. Essa concepções arraigadas sobre o papel do homem e da mulher, sobre a função da educação infantil emergem com força nos sentidos e significados que os participantes tentam atribuir a essa experiência.

Quanto à possibilidade de uma contribuição no sentido de tornar o espaço da creche mais profissional, trazida por documentos da REAC (1996), isso também é discutível, pois se a inserção e as práticas da figura masculina se derem pela via da aprendizagem de modelos e da reprodução de relações parentais, como no caso estudado, e não pela via da formação e qualificação profissional, dificilmente o fato de um homem assumir a função de professor em uma creche influenciará na profissionalização do espaço.

Na relação com a criança, foi possível corroborarmos a ideia de que pode haver igualdade na atuação de homens e mulheres, que o homem pode ter a mesma capacidade que as mulheres nas ações de educação e cuidado dos pequenos, o que significa que é possível a atuação do homem nesse espaço da creche sem que as crianças sejam prejudicadas por uma ineficiência desse homem. Além disso, é possível se perguntar quanto aos possíveis impactos e benefícios na educação da criança que tem tanto modelos masculinos como femininos responsáveis por atividades de cuidado e educação e quanto ao desenvolvimento dessas crianças que convivem em um espaço onde a presença do homem é tão significativa quanto a da mulher.

O presente estudo não consegue responder a esses questionamentos, mas permite falar que um ganho significativo que parecer ter vindo dessa inserção, no caso estudado, foi a

reflexão desencadeada na equipe acerca da importância de promover a igualdade entre meninos e meninas em relação aos brinquedos e brincadeiras, desconstruindo os limites de gênero impostos pela cultura para essas atividades lúdicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

APPLE, Michael. Ensino e Trabalho Feminino: uma Análise Comparativa da História e Ideologia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, nº 64, p. 14-23, fev. 1988.

ARCE, Alessandra. Documentação Oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, nº 113, p. 167-184, 2001.

BALAGEUR, Irene; MESTRES, Juan e PENN, Helen. **Qualidade dos serviços às crianças**: Documento de discussão. Rede Européia de Acolhimento de Crianças. Bruxelas: Comissão das Comunidades Européias, 1991.

BEZERRA, Delma Rosa dos Santos; SOARES-SILVA, Ana Paula. Profissionalização do educador de creche: negociações identitárias no momento de formação em nível médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Ribeirão Preto: ABOP, vol. 9, nº 2, p. 97-112, dez. 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 18ª edição. São Paulo: Saraiva, 1998.

BRASIL. Congresso. Senado. **Projeto de Lei nº 666/2007**. Acrescenta arts. 473-A a 473-C à Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, para regulamentar a licença-paternidade a que se refere o inciso XIX do art. 7º da Constituição Federal. Disponível em: <http://www.senado.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2009.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 2.430/2007**. Dispõe sobre a regulamentação do inciso XIX do art. 7º da Constituição Federal, altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e modifica o art. 208 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: <http://www.camara.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2009.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 4.028/2008**. Dá nova redação aos arts. 3º, 4º e 5º e acrescenta art. 5º-A e §§ 3º e 4º ao Art. 1º da Lei n° 11.770, de 09 de setembro de 2008, Disponível em: <http://www.camara.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de Janeiro de 2002**.** Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 jan. 2002.

BRASIL. Lei nº 11.770, de 09 de setembro de 2008. Cria o Programa Empresa Cidadã, destinado à prorrogação da licença-maternidade mediante concessão de incentivo fiscal. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 set. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). **Censo escolar**. Brasília, DF: MEC/INEP, 2006.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais 2007**. Brasília, DF: MTE, 2007.

BRUSCHINI, Cristina e AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, nº 64, p. 4-13, 1988.

CAMPOS, Maria M. M.; GROSBAUM, Marta W.; PAHIM, Regina e ROSEMBERG, Fúlvia. Profissionais de creche. **Caderno CEDES**, Campinas: CEDES/Papirus, nº 9, p 39-66, 1984.

CIVILETTI, Maria Vittoria Pardal. O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, nº 76, p. 31-40, 1991.

CRUZ, Elizabete Franco. "Quem leva o nenê e a bolsa?": o masculino na creche. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S.G.U.; MEDRADO, B. **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: Ecos, p. 235-255, 1998.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. Reflexões acerca da formação do educador infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, nº 97, p. 79-89, maio 1996.

FONSECA, Jorge Luiz Cardoso Lyra da. Paternidade Adolescente: da Investigação à Intervenção. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S.G.U.; MEDRADO, B. **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: Ecos, p. 185-214, 1998.

GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S.G.U.; MEDRADO, B. **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: Ecos, p. 31-50, 1998.

GENTILE, Paola. O papel positivo do homem na educação das crianças. **Nova Escola**, São Paulo: Fundação Victor Civita, nº 183, p. 50-53, jun./jul. 2005.

GUNNARSSON, Lars. Política de cuidado e educação infantil na Suécia. In: ROSEMBERG, Fúlvia; CAMPOS, Maria Malta (Orgs.). **Creches e Pré-escolas no Hemisfério Norte**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Cortez, p. 135-187, 1994.

HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Sílvia H.; AZEVEDO, Gabriela Azen & MACHADO, Paula Xavier. Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 21, nº 3, p. 341-348, Set-Dez 2005.

HADDAD, Lenira. **A Creche em Busca de Identidade**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

KRAMER, Sonia. **A Política do Pré-escolar no Brasil**: a Arte do Disfarce. São Paulo: Cortez, 1982.

KUHLMANN JR., Moisés. **Infância e Educação Infantil**: uma Abordagem Histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A Roda dos Expostos e a Criança Abandonada na História do Brasil – 1726-1950. In: Freitas, Marcos C. (Org.). **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, p. 53-79, 1997.

OCDE. **Educação e Cuidado na Primeira Infância**: Grandes Desafios. Brasília: UNESCO Brasil/OCDE/Ministério da Saúde, 2002.

OLIVEIRA, André. Questão de gênero ou preconceito. **Carta Fundamental**, São Paulo: Editora Confiança, nº 4, p. 58-59, dez. 2008/jan. 2009.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes & ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Propostas para o Atendimento em Creches no Município de São Paulo: Histórico de uma Realidade. 1986. In: ROSEMBERG, F. **Creche**. São Paulo: Cortez, p. 28-89, 1989.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes; MELLO, Ana Maria; VITÓRIA, Telma & ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. **Creches**: Crianças, Faz de Conta & Cia. Petrópolis: Vozes, 1992.

PASCAL, Christine, BERTRAM, Anthony & HEASLIP, Peter. Mudanças no Contexto da Formação do Educador Infantil na Europa. In: ROSEMBERG, Fúlvia; CAMPOS, Maria

Malta (Orgs.). **Creches e Pré-escolas no Hemisfério Norte**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Cortez, p. 299-321, 1994.

REAC. **Rede da Comunidade Européia de acolhimento de crianças, 1986-1996**: uma década de realizações. Bruxelas: Rede da Comissão Européia para o Acolhimento de Crianças e outras Medidas para a Conciliação das Responsabilidades Familiares, 1996.

ROMÃO, Juliana. Escola não é lugar de homem. **Pátio**: educação infantil, Porto Alegre: Artmed, v.6, nº 16, p.44-47, mar./jun. 2008.

ROSEMBERG, Fúlvia; CAMPOS, Maria M. (Orgs.) **Creches e Pré-escolas no Hemisfério Norte**. São Paulo: Cortez, 1998.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação Infantil, Classe, Raça e Gênero. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo: Cortez; Fundação Carlos Chagas, nº 96, p. 58-65, 1996.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação infantil nos Estados Unidos. In: ROSEMBERG, Fúlvia; CAMPOS, Maria M. (Orgs.) **Creches e Pré-escolas no Hemisfério Norte**. São Paulo: Cortez, p. 15-102, 1998.

ROSEMBERG, Fúlvia . Expansão da educação infantil e processos de exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Cortez; Fundação Carlos Chagas, n. 107, p. 07-40, 1999.

ROSEMBERG, Fúlvia. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, nº 1, p. 47-68, 2001a.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9, n. 2, p. 515-540, 2001b.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia de Souza; SILVA, Ana Paula Soares da; CARVALHO, Ana Maria Almeida. **Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. **Educador infantil**: uma ocupação de gênero feminino. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e Trabalho Docente na Educação Infantil**: um estudo de professores em creche. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação - UFSC, Santa Catarina, 2005.

SOUZA, Mara Isis de. **O masculino na Educação Infantil**. 2007. Monografia de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, Ribeirão Preto, 2007.

SPONCHIADO, Justina Inês. **Docência e relações de gênero**: estudo da produção acadêmica no período de 1981 a 1995. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da PUC-SP, São Paulo, 1997.

WALLON, Henri. O Papel do outro na consciência do eu. In: WEREBE, M. J., NADEL-BRULFERT, J. **Henri Wallon**. São Paulo: Ática, 1986.

APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIROS DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O EDUCADOR

- Me fale um pouco de sua infância: Onde nasceu? Com quem morava? Qual era a dinâmica na casa? Como eram divididos os trabalhos? Quem era responsável pela educação das crianças? E pelo cuidado? Como era relação com irmãos? Como era relação entre adultos e crianças? Que tipo de brincadeiras mais gostava?

- Freqüentou a Educação Infantil? A partir de que idade? Qual a razão da família para a decisão de colocá-la ou não?

- Como foi sua vida escolar? Com quem costumava brincar? O que mais gostava de estudar?

- Como foi sua trajetória profissional, o processo de escolha de sua profissão?
- E seu processo de formação (em que é formado, há quanto tempo)?

- A Educação Infantil foi uma escolha?
- Qual é, para você, o papel da Educação Infantil?
- Como e quando começou a trabalhar em creche?
- E nesta creche?
- O que você considera como papel do educador de creche?
- Você acredita desempenhar bem esse papel? Que atributos seus você acredita que ajudam ou atrapalham nessa função?
- Como sua família o vê, em seu ponto de vista? E os amigos?
- Como se sente como educador infantil? Há situações que são complicadas?
- Já trabalhou ou pensou em trabalhar em EMEI? Acredita que as funções do educador de EMEI sejam as mesmas do educador de creche? Por quê?

- Como avalia sua experiência, considerando as expectativas que tinha inicialmente?
- Como é sua relação com colegas, funcionários, direção?
- E sua relação com as crianças (afeto)?
- E com as famílias, como é sua relação?

- Como vê a questão do homem como educador infantil?
- Acredita que a esta inserção possa ter efeitos a longo prazo? Quais?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EDUCADORAS

- Me fale um pouco de sua infância: Onde nasceu? Com quem morava? Qual era a dinâmica na casa? Como eram divididos os trabalhos? Quem era responsável pela educação das crianças? E pelo cuidado? Como era relação com irmãos? Como era relação entre adultos e crianças? Que tipo de brincadeiras mais gostava?

- Frequentou a Educação Infantil? A partir de que idade? Qual a razão da família para a decisão de colocá-la ou não?

- Como foi sua vida escolar? Com quem costumava brincar? O que mais gostava de estudar?

- Como foi o processo de escolha de sua profissão?
- E seu processo de formação (em que é formada, há quanto tempo)?

- A Educação Infantil foi uma escolha?
- Qual é, para você, o papel da Educação Infantil?
- Como e quando começou a trabalhar em creche?
- E nesta creche?
- O que você considera como papel do educador de creche?
- Você acredita desempenhar bem esse papel? Que atributos seus você acredita que são positivos ou negativos nessa função?
- Já trabalhou ou pensou em trabalhar em EMEI? Acredita que as funções do educador de EMEI sejam as mesmas do educador de creche? Por quê?

- Como foi encontrar um homem exercendo este papel de educador?
- Que expectativas você tinha? Elas se confirmaram?
- Como você avalia o trabalho realizado pelo educador?
- O que acha da relação dele com as crianças (cuidado, afeto)?
- E com vocês, educadoras?
- Acha que o fato dele ser homem faz diferença nessas relações?

- O que você acha do homem neste papel?
- Existem vantagens/desvantagens na presença de um homem na instituição? Estão relacionadas ao trabalho dele como educador ou a outras questões?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A DIREÇÃO

- Há quanto tempo está na Rede Municipal?
- Há quanto tempo está nesta instituição?
- Qual a sua formação?
- A Educação Infantil foi uma escolha?
- Como veio para esta instituição?

- Qual é o papel da Educação Infantil na vida da criança?
- Qual é o papel do educador?
- Há diferenças entre o papel da creche e o da EMEI?

Em relação ao educador em foco:
- Existe algum critério da instituição que contribuiu para a presença do educador em questão nesta creche?
- Quais foram suas expectativas quando soube que viria um homem para cá?
- Como tem sido a experiência de ter um homem no corpo docente da creche?
- Existem vantagens/desvantagens na presença de um homem na instituição? Estão relacionadas ao trabalho dele como educador ou a outras questões?
- O que acha da relação dele: com as crianças, com as famílias, com as colegas, com as funcionárias e funcionários e com a própria direção?

- Como vê o trabalho realizado pelo educador?

- O que pensa sobre o homem neste papel? Há vantagens e/ou desvantagens? Deve haver algum incentivo?
- A creche já promoveu alguma discussão sobre esta questão entre a equipe? E com as famílias?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS FAMÍLIAS

- Queria que você começasse me falando sobre a sua família: quantos filhos você tem, quem mora na casa...?
- As crianças frequentam creche, escola...?
- No caso de (nome da criança), por que você decidiu colocar na creche? Tinha outras alternativas (avó, tia, vizinha...)? Colocaria na creche se tivesse outras alternativas? Por quê?
- Desde quando (nome da criança) frequenta a educação infantil?
- E por que escolheram esta creche?

- Como foi o momento da matrícula?
- Você fez a matricula na direção da escola?
- Houve alguma conversa da diretora com você sobre como era a creche? Como foi essa conversa? E sobre a turma da criança? E sobre a/o educador/a? Houve uma explicação sobre quem ficaria com a criança?
- Antes de começar as atividades, você teve oportunidade de conversar com a/o educador/a?

- E como foi encontrar um homem como educador? O que pensou, como se sentiu?
- E as outras pessoas de sua família? O que pensaram/falaram/sentiram?
- Como foi para a criança?
- Conversaram com ela sobre isso? O que ela dizia?

- Quando colocaram a criança na creche, imaginaram que ia ser cuidado(a) por um homem? Por quê sim ou por quê não?

- E em casa, como é? Quem é que cuida mais, quem é que cuida menos e por quê?

- O que você esperava da creche? E do educador?

- Algum de seus filhos tiveram aula com educadores homens? Em que momento da vida escolar?

- Como foi a experiência que a família e o filho tiveram?
- Você tinha reuniões com o educador? Como era a relação? Tinha problemas que você não conseguia falar para ele? Existia conversa no cotidiano?

- E hoje, o que pensa sobre isso?
- E as outras pessoas de sua família?
- Como é a relação que seu filho(a) estabeleceu com o educador?
- Acha que o educador fez bem o seu papel?

- O que pensa sobre o homem neste papel?
- Quais as vantagens/contribuições que vê?
- Há desvantagens? Quais?

- Para a criança, tem diferença ser cuidado/educado por homem ou mulher? Quais as vantagens e desvantagens, se é que existem?
- Para você, há diferença a criança ser cuidada/educada por homem ou mulher? Se sim, explique por quê.

- E em relação à idade, você acha que tanto faz ser homem ou mulher, independente da idade da criança: por exemplo, um bebê de 6 meses, uma criança de 3 anos, uma criança de 6 anos...? Por quê?

- E em relação ao sexo: tem diferença menino e menina ser educado por professora mulher ou homem?
- Quais as características de um homem que decide trabalhar em creche com crianças?

- Qual a função do homem e qual a função da mulher na educação das crianças? O que pensa a nossa sociedade? E o que você pensa?

- Hoje, se você encontrar alguém que está preocupado porque o filho vai ser cuidado por um homem na creche, o que você diria a essa pessoa?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO
(EDUCADOR - EDUCADORAS - DIREÇÃO)

Meu nome é Mara Isis de Souza, sou pós-graduanda da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP e, como parte das exigências do curso de Mestrado, devo desenvolver um trabalho de pesquisa científica nos moldes de uma dissertação.

Para este trabalho, que está sendo realizado sob a orientação da Profª Dra. Ana Paula Soares da Silva, pesquisadora do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil – CINDEDI, escolhi como tema a participação masculina na educação infantil.

O objetivo deste estudo é investigar de que maneira vem se dando a inserção do homem em instituições de educação infantil, sob o ponto de vista dos(as) educadores(as), da direção e das famílias.

Pretendo realizar 1 entrevista individual com cada um dos participantes. Essas entrevistas serão feitas em local e horário convenientes para os entrevistados.

Durante as entrevistas serão feitas perguntas que dizem respeito tanto a sua vida particular quanto a sua vida profissional e escolar. Preciso muito de sua colaboração, mas você pode deixar de responder uma ou mais perguntas, caso não se sinta à vontade para fazê-lo, ou até mesmo interromper a entrevista a qualquer momento, se julgar conveniente. As entrevistas serão gravadas em fita cassete, transcritas na íntegra e analisadas para o desenvolvimento do trabalho em questão, sendo garantido seu direito ao anonimato.

O anonimato da sua identidade será garantido em todas as fases do trabalho.

Quaisquer dúvidas que você tenha quanto aos procedimentos do trabalho, poderão ser esclarecidas em qualquer momento deste. Sua participação é inteiramente voluntária, sendo-lhe conferida total liberdade para desistir das entrevistas a qualquer momento.

Considerando o que foi explicado acima:

Eu, _____,

aceito participar deste estudo, sabendo que a minha participação é inteiramente voluntária. Eu recebi uma cópia deste termo e tive a possibilidade de lê-lo com atenção.

Data: _____

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura da aluna: _____

Mara Isis de Souza

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP

CINDEDI – tel: (16) 3602-4549

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO (FAMÍLIAS)

Meu nome é Mara Isis de Souza, sou pós-graduanda da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP e, como parte das exigências do curso de Mestrado, devo desenvolver um trabalho de pesquisa científica nos moldes de uma dissertação.

Para este trabalho, que está sendo realizado sob a orientação da Profª Dra. Ana Paula Soares da Silva, pesquisadora do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil – CINDEDI, escolhi como tema a participação masculina na educação infantil.

O objetivo deste estudo é investigar de que maneira vem se dando a inserção do homem em instituições de educação infantil, sob o ponto de vista dos(as) educadores(as), da direção e das famílias.

Pretendo realizar 1 entrevista, individual ou coletiva, com cada uma das famílias participantes. Essas entrevistas serão feitas em local e horário convenientes para os entrevistados.

Durante as entrevistas serão feitas perguntas que dizem respeito a sua vida pessoal e familiar. Preciso muito de sua colaboração, mas você pode deixar de responder uma ou mais perguntas, caso não se sinta à vontade para fazê-lo, ou até mesmo interromper a entrevista a qualquer momento, se julgar conveniente. As entrevistas serão gravadas em fita cassete, transcritas na íntegra e analisadas para o desenvolvimento do trabalho em questão, sendo garantido seu direito ao anonimato.

O anonimato da sua identidade será garantido em todas as fases do trabalho.

Quaisquer dúvidas que você tenha quanto aos procedimentos do trabalho, poderão ser esclarecidas em qualquer momento deste. Sua participação é inteiramente voluntária, sendo-lhe conferida total liberdade para desistir das entrevistas a qualquer momento.

Considerando o que foi explicado acima:

Eu, _____,

aceito participar deste estudo, sabendo que a minha participação é inteiramente voluntária. Eu recebi uma cópia deste termo e tive a possibilidade de lê-lo com atenção.

Data: _____

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura da aluna: _____

Mara Isis de Souza

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP

CINDEDI – tel: (16) 3602-4549

APÊNDICE D

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Entrevista com o educador **Vicente**

Duração: 46 minutos

M: Você já sabe bastante do meu trabalho, qual é a ideia do projeto. Eu quero saber bastante sobre a creche, mas antes disso eu queria conversar um pouco sobre a sua vida.

V: Falar o quê?

M: Eu queria que você falasse um pouquinho sobre a sua infância, depois, adulto, da sua trajetória até chegar aqui e aí, então, a gente vai falar um pouco do seu trabalho aqui na creche.

V: Minha infância foi de uma criança de interior, vivia na rua brincando com os amigos.

M: Você nasceu onde?

V: Eu nasci em (nome de cidade vizinha) mesmo. Sou natural de lá. Vivi minha vida toda lá, agora nesses dois anos é que eu vim trabalhar aqui, em (nome da cidade), eu trabalhava lá também. E, assim, a gente tinha total liberdade pra correr, brincar, é cidade pequena, todos conhecem as famílias, então não tinha muito violência como tem em cidade grande, apesar de que hoje lá está mudando, acho que meus filhos já não vão fazer as coisas que eu fiz, mas continua sendo uma cidade tranquila, cidade de interior mesmo.

M: Você tem irmãos?

V: Tenho dois irmãos do segundo casamento, que são filhos da minha mãe e do meu pai, e tenho três irmãos que são filhos da minha mãe de um casamento anterior ao do meu pai.

M: E como era a relação de vocês quando eram pequenos?

V: A gente brigava muito com a minha irmã, juntava eu e meu irmão, nós três temos dois anos de intervalo um do outro, mas eu e meu irmão tínhamos mais afinidade, e praticamente a minha irmã ficava; como caçula, a gente a via como a queridinha dos pais, a gente tinha um pouco de ciúmes disso, então a gente juntava os dois e éramos meio que contra ela (risos), a gente dava um jeito de castigá-la, sabe, mas hoje a gente é bem unido, tudo que a gente vai fazer... vamos lá pra casa dos pais, vamos fazer lá, é Natal, é Ano Novo, é festa, então a gente se reúne bem agora, acho que deu certo depois de velho (riso).

M: Recuperaram (risos de ambos). Que legal! Com os dois mais velhos vocês não tinham muita convivência?

V: Quem cuidou bastante da gente quando era criança foi a minha irmã do outro casamento. Ela praticamente não trabalhava, ela era dona de casa, ela tomou conta da gente pra minha mãe poder trabalhar. Os outros irmãos, a gente conversa, mas não teve um contato assim tão próximo. Hoje a gente tem esse contato de reunir na casa da mãe de domingo.

M: Aí vai todo mundo.

V: Aí vão todos pra lá, não tem essa, porque é do primeiro casamento, porque é do segundo, a gente não vê assim, é tudo junto.

M: Na minha família também, meu pai casou, ficou viúvo e aí casou com a minha mãe. Então com a primeira esposa ele teve também dois filhos e... é muito engraçado assim, porque eu fui saber que eles não eram filhos da minha mãe eu já tinha eu acho que uns oito anos de idade, então, pra gente também eu acho que não tem muita diferença porque a gente cresceu como se fosse irmão como qualquer outro e eu acho que é legal isso, porque, independente da origem, eu acho que essa relação de irmãos não tem muito a ver com o pai, com a mãe, acho que tem a ver com a convivência mesmo, com os laços.

V: É, eu acredito que sim, porque meus irmãos também, o primeiro casamento da minha mãe foi bem antes do com o do meu pai, porque eles já eram todos maiores, aí veio a gente e eles receberam a gente mesmo, como irmãos, não teve aquele ciúme porque era criança pequena, eles já eram velhos.

M: É grande a diferença?

V: É muito grande. O meu irmão mais velho, do casamento do meu pai, tem hoje trinta e três e a irmã mais nova do outro casamento já tem quase cinquenta. Teve uma diferença bem grande. E ela, praticamente, foi quem cuidou de nós quando a gente era criança, era ela e minha avó. As duas ficavam ali e tomavam conta da gente, éramos muito arteiros (riso), acho que elas tiveram bastante trabalho, as duas.

M: Tinha que ter um exército pra tomar conta.

V: Ah, tinha! Hoje eu vejo meu filho fazer arte, aí eu penso pra trás, eu falo “não, eu era pior do que ele”.

M: Vou ter que ter paciência, não é? (risos de ambos) E como era a relação de vocês com os adultos. Vocês moravam com quem?

V: A gente morava com meu pai e com minha mãe, eles, como sendo mais velhos, já tinham a família deles, já moravam em outras casas, mas a nossa relação assim sempre foi boa, tranquila, amigável, não tinha ciúmes, não tinha nada disso. Eles sempre iam visitar minha mãe, meu pai sempre os acolheu lá, nunca fez diferença, e até hoje é assim, faz uma festa, chama todo mundo, vamos lá na casa da Dona (nome da mãe), do Seu (nome do pai) e vamos fazer a festa.

M: E seus pais, os dois trabalhavam, você falou que sua mãe também trabalhava.

V: Sim, meu pai trabalhava aqui em (nome da cidade), é carpinteiro, então ele praticamente só dormia lá em (nome de sua cidade), saía às cinco da manhã e voltava às cinco da tarde e essa rotina ele fez por uns trinta, trinta e cinco anos. E a minha mãe trabalhava na escola, então ela saía, também, cedo, sete horas, voltava só às cinco da tarde. E a gente vivia o dia

inteiro, assim, era meio período na escola e o outro meio período era com essa minha irmã mais velha do outro casamento e com a minha avó.

M: Você chegou a frequentar a Educação Infantil?

V: Não. Lá a gente entrava direto na pré-escola, dava os seis anos, sete anos era pré-escola, e daí fazia o primeiro grau até a faculdade.

M: Você lembra como era na sua casa, quando seus pais estavam presentes, a questão das tarefas, como eles se organizavam em relação às tarefas de casa, de cuidado com vocês?

V: Ficava mais a cargo da minha mãe, porque meu pai saía às cinco da manhã, voltava às cinco da tarde, cansado, a gente até respeitava isso, e quando ele chegava a gente já tinha as tarefas de escola já prontas, mas era assim, minha mãe que tomava conta e que olhava se estava fazendo a tarefa, se não estava. E, apesar de que a minha irmã mais velha e a minha avó que praticamente ficavam o dia inteiro correndo atrás de nós, "vamos fazer a lição, vamos, sai da rua um pouco" (riso), mas era ela (a mãe) que ficava, tomava conta dessa parte, meu pai era mais pra ver se não estava faltando nada em casa, era a parte de tomar conta do lar a respeito de, se está faltando alimentação, dinheiro, roupa, essas coisas.

M: E a relação dele com vocês, como era? Era uma relação próxima, era uma relação mais distante?

V: Assim, da minha irmã mais nova era até mais próxima do que da gente, meu irmão (nome do irmão), ele é o quarto dessa... (refere-se ao segundo casamento), estudou praticamente fora, ele morou em (nome de município), morou em (nome de município), então ele pouco conviveu com a gente lá, então a relação dele com o meu pai ela é mais fechada, agora nessa reta final que ele está mais solto, que ele conversa mais com meu pai, mas ele sempre foi mais preso. Já eu e minha irmã a gente não, a gente sempre brincou com meu pai, teve essa liberdade, meu pai também, eu acho que era porque ele mandou um filho dele pra fora de casa cedo pra estudar, então esse afeto dele que podia ter dado pra ele (o irmão), ele deu pra nós. Então comigo e com a minha irmã a gente pode fazer o que quiser com ele, ele não esquenta muito, mas meu irmão já é mais fechado na relação dele com meu pai. Mas eu acho que ele agradece isso, porque hoje ele é juiz, formado, trabalha aqui no fórum de (nome do município) e acho que é um grande orgulho para o meu pai ter feito isso com ele.

M: Sempre tem uma coisa que a gente ganha e uma coisa que a gente perde, não é? Não tem jeito de ter tudo. Mas, legal. E, me fala uma coisa, você disse que entrou na escola no pré.

V: Isso.

M: Como era sua vida nessa época, do que você gostava de brincar, quem eram seus amigos, você gostava da escola, o que você gostava mais de estudar, fala um pouquinho mais dessa época pra mim.

V: É, eu sempre gostei de estudar. Hã, era difícil eu faltar da escola, porque na escola tinha tudo o que a gente queria, tinha o espaço pra brincar, tinha os amigos pra poder brincar, porque se ficava em casa, ficava sozinho ou então ficava junto com meu irmão, e aí só judiava da minha irmã e eu gostava de ir pra escola, tinha muitos amigos, mantenho os amigos até hoje, quando a gente pode a gente se reúne, conversa do tempo de criança, dá boas gargalhadas nisso.

M: Isso que é legal de cidade pequena, não é?

V: É.

M: A gente não perde o contato.

V: E, assim, a gente não faz amizade só com a pessoa, a gente faz com a família da pessoa. Às vezes você os encontra na rua, "ah, como é que está seu filho, ah, o fulano mandou um abraço pra você que faz tempo que não te vê", essa coisa de estar sempre junto, ali, ser uma família bem estendida, bendizer.

M: E do que vocês gostavam de brincar?

V: Ah, a maioria...

M: As brincadeiras preferidas...

V: Ah, pra mim era jogar futebol, pegar a bola, brincadeira de correr, essas coisas que agitava bastante, essas brincadeiras de ter que pensar muito não gostava muito não.

M: Jogos, essas coisas...

V: É, jogo de...

M: ... mais intelectuais.

V: Não, já não... não era muito atrativo pra nós. Meu negócio era correr, brincar, andar de bicicleta. Às vezes a gente até ia nas cidades vizinhas de bicicleta, eram umas loucuras que a gente fazia.

M: É que tem algumas cidades que são perto ali, não é?

V: É, dava uma coisa de cinco, seis quilômetros, como (nome de sua cidade) e (nome de cidade vizinha), (nome de sua cidade) e (nome de cidade vizinha), a gente pegava a bicicleta e "vamos pra lá". Aí tem uns amigos que tinham sítio nessas cidades, a gente ia pro sítio, quando era época de manga ia apanhar manga, ia pegar jabuticaba, era uma coisa bem... os pais não gostavam muito, não, (risos de ambos) mas a gente fazia, era muito bom. É por isso que eu falo que o meu filho não vai fazer nem um quinto do que eu fiz, entendeu, esse tipo de coisa ele jamais vai fazer, de ir numa cidade vizinha de bicicleta, pra ir apanhar manga ou jabuticaba. Hoje é, vai lá no mercado, você os chama "ah, vamos apanhar manga?", "não, vamos lá no mercado que é... tem umas mangas bonitas", então eles não vão ter.

M: É que mudou o mundo também.

V: É, mudou.

M: Você vai deixar seu filho ir sozinho, de bicicleta?

V: É, mudou.

M: Não que antes te deixassem ir (risos).

V: Mas é que antes tinha menos violência, a gente podia ir...

M: É, então eu acho que os adultos controlavam menos a gente. Agora, hoje em dia não, a gente tem medo de deixar a criança às vezes ir até na esquina, não é?

V: Mas hoje, se a gente analisar, a criança cresce mais rápido. Eu lembro que eu fui criança, mesmo, até os quinze anos. Eu não pensava em sair pra ir em boate, pra ir em festa, essas coisas não, era pra rua brincar, jogar bola e voltar pra casa, estudar.

M: A vida era de dia, não é?

V: Era. À noite a gente ia dormir. Hoje, você pega uma criança, um jovem aí de quinze anos já vai pra balada, volta às cinco da manhã, já tem todo esse ritmo diferente.

M: É. Estão perdendo, porque era muito bom, não é?

V: É.

M: Eu também aproveitei bastante minha infância. Você foi falando, eu fui pensando também nas várias coisas que eu aprontei. Você brincava com a sua irmã?

V: Sim. Ah, eu tinha uma relação, assim, com a minha irmã e com o meu irmão era muito... eu me dava bem com os dois. Agora ele com ela é que já era...

M: Você ficava no meio.

V: É, eu ficava no meio, mas ele com ela já era mais turbulento e às vezes eu entrava na briga dele com ela, ou na briga dela com ele, ficava no meio ali, mas me dava bem com os dois. Quando eu estava só com a minha irmã, a gente brincava tranquilo, quando eu estava com o meu irmão, brincava, quando os três se juntavam saía briga e minha irmã sempre que tomava a pior.

M: Sobrava, coitada. E aí, como eram as brincadeiras, era você que definia ou era ela que definia? Vocês iam jogar futebol ou vocês iam brincar de casinha?

V: Não, a gente... era de comum acordo, “Vamos fazer isso?, Vamos fazer aquilo?” Às vezes brincava de futebol, porque ela também queria, ou às vezes a gente ia brincar de carrinho, pegava as bonecas dela, os carrinhos.... Só era meio conturbado quando juntavam-se os três, mesmo, porque aí o meu irmão já queria arrancar a cabeça da boneca, e eu apoiava, a minha irmã não queria (risos).

M: É porque pra menina é a filhinha, mesmo (risos de ambos), como é que você vai arrancar a cabeça da filhinha? Eu estou perguntando porque eu e meu irmão, eu tenho um irmão dois anos mais velho que eu, e a gente ficava muito junto, só que sempre que ia brincar junto eram as brincadeiras dele, então eu tinha que jogar futebol, eu tinha que jogar bolinha de gude, eu tinha que brincar de fazendinha, eu tinha que brincar de carrinho, ele nunca brincava de boneca, de casinha, as minhas brincadeiras nunca serviam pra ele, eu sempre tinha que me adequar. E aí, como às vezes eu não tinha com quem brincar, era eu e ele, eu acabava, não que eu não gostasse, eu também gostava dessas brincadeiras, mas eu que sempre tinha que ceder no fim das contas, por isso que eu perguntei, você já era um irmão mais bonzinho, então.

V: Não, é porque a gente brincava de... não importava a brincadeira, brincava junto, mas não tinha muito tempo pra brincar porque eu estudava num período e a minha mãe colocou-a no outro período, então a gente quase não se via, era mais eu e meu irmão. Era só em final de semana, mas aí a minha mãe já estava em casa, ela mesma já não vinha brincar com a gente, porque juntávamos os três, ela via aquela situação de que ela ia sempre...

M: Se dar mal!

V: Se dar mal! Então ela não ficava junto, mas quando ficava, não tinha esse porquê eu escolher brincar de bola, ou ela... a gente... no momento, o que pintasse pra brincar a gente brincava e ficava ali tranquilo.

M: Me fala um pouquinho da sua trajetória profissional.

V: Eu comecei a trabalhar eu já estava com... bem tarde mesmo, foi com dezoito anos. Trabalhava na prefeitura lá de (nome de sua cidade), no Departamento de Esportes e fui trabalhando lá, aí, enquanto eu estudava, já professor, e... quando eu me formei eu comecei a dar aula, emergencial, pegava algumas aulas, ia dar aula, mas nunca numa Educação Infantil, eram sempre crianças mais velhas, de sete a doze anos que era primeira à quarta série... e... fazia concurso, prestava pra ver se conseguia um cargo efetivo, mas enquanto não consegui eu trabalhei lá na prefeitura, acho que foi o único local que eu trabalhei dentro do município. Aí eu trabalhei num núcleo, que também era da prefeitura, no núcleo também eu trabalhei com crianças de sete até dezesseis anos, nunca nessa faixa etária da creche. E foi assim.

M: Você se formou no magistério?

V: Me formei em magistério e me formei no segundo grau normal.

M: Fez os dois.

V: É. Aí eu comecei a fazer Educação Física, conheci a minha esposa, a gente começou a namorar, ela ficou grávida, eu tive que parar o curso, tive que fazer casa, entendeu? Aí não deu pra voltar pra fazer o curso, então eu parei no magistério e no segundo grau.

M: E, como é que foi esse concurso, pra estar aqui?

V: Foi até meio engraçado, porque quem me chamou pra fazer o concurso foi a minha irmã, ela também é professora, ela fez a inscrição dela e eu "ah, eu vou fazer!" e fiquei enrolando. Chegou no último dia, ela passou na minha casa, pegou o carro, "oh, monta aqui, vamos lá que você vai fazer a inscrição, sim. Você não vive falando que ganha pouco, que precisa melhorar, então vamos lá! É uma oportunidade!" Aí eu vim com ela, fiz a inscrição assim, na marra, nós prestamos, fiz a prova. Na época eu lembro que eu classifiquei, eu achei que eu estava muito alto na classificação, falei "não vão nem chamar". E nem lembrava mais. Aí eu prestei...

(Neste momento a entrevista foi interrompida por uma das educadoras, que precisou pegar um objeto na sala em que estávamos.)

V: Aí eu prestei assim, eu precisava mudar de vida, precisava ganhar mais porque aí... casado, tinha dois filhos, tinha acabado de nascer o segundo filho e eu falei "ó, preciso melhorar meu salário" e, na época até, há dois anos atrás, eu prestei pra ser conselheiro tutelar, passei em todas as provas, na entrevista, estava até fazendo o curso pra assumir o cargo, aí me chamaram pra assumir o cargo aqui, de educador de creche. Foi uma surpresa, foi bem-vinda, aliás, bem grata, e eu fiquei imaginando a hora que eu assumisse, como seria, porque eu trabalhei com crianças de sete a dezesseis anos, mas nessa faixa etária dos três anos nunca tinha tido experiência nenhuma. E quando eu fui assumir lá, as pessoas que estavam lá, as moças a... própria secretária estava lá fazendo a inscrição, falou "nossa, mas você vai assumir, um homem? Você sabe que nesse cargo aí você tem que trocar fralda, tem que fazer isso, fazer aquilo!". Falei "Ah, a gente tem que aprender com a vida e... mas eu vou assumir sim!" E aí eu peguei, vim pra cá, cheguei aqui no (nome do bairro), fui bem recebido pelo pessoal da escola.

(nova interrupção)

V: É, alguns dias depois, a minha colega de sala, que é a Roberta, veio, fiquei surpreso também e acho que ela mais ainda porque, colega de sala homem, mas nestes dois anos que a gente trabalhou junto foi super legal, ela é uma profissional e tanto, pude aprender bastante com ela porque ela já havia trabalhado em creche e espero que agora, nesse próximo ano, eu consiga dar conta do recado sem ela! (risos). Foi isso, foi tranquilo.

M: O que você acha que é Educação Infantil, qual que é o papel da Educação Infantil?

V: Eu acho que é um momento que a gente está moldando a criança, principalmente nestes dias atuais, de muita violência. Então a gente tem que tomar muito cuidado naquilo que a gente faz porque eles estão ali, vendo a gente; eles vêm de famílias desestruturadas, muitos, às vezes, têm só o pai, às vezes têm só a mãe, às vezes não têm nem pai nem mãe, é a avó que toma conta. Então tudo aquilo que a gente faz, reflete nas ações deles, então acho que a Educação Infantil está aqui pra moldar, mesmo, essa criança, pra que no futuro ela possa ter um desenrolar da vida dele num caminho certo, brilhante, que não se envolva com drogas, eu acho que é isso.

M: E qual que é o seu papel como educador?

V: Então, está nisso daí, de tratar as crianças assim, como se fossem filhos, eu vejo assim como se eles fossem meus filhos e eu faço com eles o que eu faço com meus filhos em casa, quero que eles tenham aquela conduta, porque muitas vezes eles vêm, como eu falei, eles vêm de famílias desestruturadas e não têm essa visão do que é certo e do que é errado, porque eles veem de tudo em casa, então em casa está certo, chega na escola entra em conflito, "oh, o professor fala que não é", e eu espero passar da melhor maneira possível isso, de que eles sigam uma linha, que um dia eles possam falar assim "não, eu passei lá naquela escola, com aquele mestre, e ele me ensinou alguma coisa e hoje eu estou aqui graças a ele".

M: Você acha que você faz bem o seu papel?

V: Eu acho que sim, poderia até fazer melhor, mas eu acho que eu faço o melhor dentro daquilo que eu posso.

M: Você acha que tem alguma característica sua que te ajuda ou te atrapalha nisso?

V: Eu acho que a seriedade, eu acho, é concentração naquilo que está fazendo, fazer porque gosta de fazer, como a própria Helena diz, "a gente tem que, se está fazendo isso é porque gosta" e eu aprendi a gostar. No começo eu vim procurando melhorar, melhoria salarial porque eu estava com a família nova ali, outro filho, procurando melhores condições pra mim, mas eu aprendi a gostar de trabalhar com a criança e eu acho que eu trabalho, a seriedade em trabalhar com ela é o que me ajuda a ser o educador que eu sou.

M: Agora já faz um tempo que você está trabalhando aqui, acho que as pessoas já estão habituadas com isso, mas como foi no começo? Porque, mesmo pra gente, que é mulher, quando a gente fala que está na Educação Infantil já tem muito preconceito, as pessoas já falam "nossa, mas você vai trabalhar em creche!", as meninas mesmo comentaram, várias vezes, conversando comigo, que as pessoas não valorizam muito, não entendem o que é, na verdade, estar na Educação Infantil, trabalhar com a criança nessa faixa etária, têm uma visão muito equivocada, eu acho, e pensando você, homem, trabalhando numa instituição que sempre foi vista como um espaço pra mulher, como é que foi essa reação das pessoas, você chegou a perceber alguma coisa, alguém chegou a falar alguma coisa?

(nova interrupção: educadora entrou com criança para pegar material)

V: É, foi bastante difícil de começar a trabalhar aqui, porque, como você falou, tem preconceito já com uma mulher, aí você chegava aqui e dava de cara com um homem, eu via muito isso na reação das famílias, das crianças nem tanto, porque elas nessa idade elas não veem essa coisa de homem, mulher, sexualidade, mas pelas famílias sim, pela reação das famílias eu senti muita dificuldade em relação a isso porque as mães ficavam preocupadas porque hoje em dia a gente vê notícia também dessas coisas de pedofilia, essas coisas, então, é difícil trabalhar sim, sendo homem na Educação Infantil porque tem muito desse preconceito. Mas, a família vai vendo seu trabalho no decorrer do ano e ela vai sentindo confiança e vê que um homem pode fazer o trabalho de uma educadora, como se fosse uma educadora também. Como tem mulheres que fazem o serviço de homem, tão

bem quanto o homem. Então, mas a maior dificuldade é realmente a hora em que, a primeira impressão que, eles chegam e veem um homem ao invés de uma mulher. Mas muito disso passa e depois seu trabalho flui naturalmente.

M: Mas em relação a sua vida pessoal, seus amigos, sua família, você teve questionamentos também, ou não, foi tranquilo?

V: Não, não tive não. A única coisa que às vezes acontece é da minha esposa ter um pouco de ciúme por eu trabalhar no meio de outras mulheres, porque a gente passa praticamente o dia todo aqui e fico pouco tempo em casa. Mas, fora isso, em casa, com a família foi tranquilo, todos apoiaram e acham até que é um trabalho bem interessante.

M: E como é que você se sente, um homem, nesse papel? Você se sente à vontade, você acha que tem situações que são complicadas?

V: Eu me sinto bem. Eu já trabalhei com outras mulheres, eu me sinto tranquilo de fazer o trabalho. Às vezes eu mesmo me isolo, não que as meninas queiram, mas eu mesmo fico mais separado pra dar um pouco mais de liberdade pra elas, às vezes elas querem conversar de outras coisas, mas, em relação a isso acho que é tranquilo, eu me sinto bem trabalhando aqui com as crianças, com as meninas, com o pessoal aqui da creche. Me dou bem com elas, mas às vezes é isso, às vezes eu me afasto pra deixá-las um pouco mais à vontade, porque eu acho que a minha presença como homem às vezes as atrapalha.

M: Mas, como é sua relação, de uma maneira geral, com elas? Você acha que...

V: Não, eu acho que é tranquila, não sei como foram as outras entrevistas, mas acho que é tranquila, todas tiveram aquela surpresa de ver um homem mas, passado aquela primeira impressão elas viram que, além de ser homem, ainda sou amigo delas e elas podem conversar comigo, eu também converso com elas.

M: Eu já presenciei, inclusive, conversas até pessoais com você e eu mesma fiquei pensando "nossa, mas... de repente, a pessoa poderia se sentir inibida, por ele ser homem, de estar conversando essas coisas", eu particularmente acho que elas ficam bastante à vontade com você. Mas eu queria saber você com elas, porque você é o único homem, então eu fico pensando "como será que ele se sente?" porque eu não consigo me pôr muito no seu lugar, é fácil me pôr no lugar delas, no seu é mais difícil.

V: Não, eu me sinto à vontade pra conversar de qualquer assunto com elas, mas às vezes eu mesmo me isolo porque eu quero deixá-las à vontade.

M: Mas não porque você se sinta...

V: Excluído, assim...

M: É...

V: Não, nada disso.

M: Ou desconfortável...

V: Não, é porque às vezes...

M: É por uma questão de respeito, de...

V: Sim.

M: Legal! E eu quero tocar num ponto bem delicado agora. Você estava falando da questão das famílias, da preocupação, ...

V: Hã, hã.

M: Você acha até que é compreensível... eu observei, durante o tempo que eu estava aqui, a gente também já conversou algumas vezes sobre isso, que você, nos momentos de relação mais íntima com o corpo da criança, que é o momento de banho, ou num outro momento delas irem ao banheiro, que geralmente você acompanha os meninos e não as meninas. Isso foi uma escolha sua?

V: Isso foi um... acho que um... vou dizer acordo, mas não é essa palavra que eu estou procurando, entre a direção, eu e as minhas parceiras de sala, pelos pais terem essa visão, assim, preocupada de eu ser um homem, nós achamos por bem que eu acompanhasse os meninos e que a Roberta acompanhasse as meninas. Mas, pela visão da direção, pela minha visão e dos outros colegas acho que isso não tem... não devia ter essa separação.

M: É porque, vamos imaginar que fossem dois homens ali...

V: Pois é. Teria uma situação que, quem iria com quem? Iria chamar outra pessoa pra na hora do banho, então acho que não... eu não tenho essa visão. Ela é criança, e criança como se fossem meus filhos, eu não vou fazer nada de mal pra eles como não quero nada de mal para os meus filhos. Então, eu sou um profissional, trabalho ali, sou obrigado a fazer aquilo, vou fazer aquilo, da melhor maneira possível.

M: Pra você não tem nenhuma diferença.

V: Não, pra mim não.

M: Se fosse... sua filha já é maiorzinha agora, mas... seus filhos frequentaram a Educação Infantil?

V: A minha filha começou com três anos numa escolinha particular, mas lá não tinha essa situação de ter um homem...

M: Mas vamos imaginar que tivesse. Você acha que você iria ficar tranquilo, como você acha que ia ser?

V: Eu acho que ela...

M: Tenta se pôr no lugar do pai, agora.

V: Então, é aquilo que eu falo, a primeira impressão a gente fica com medo, eu também sinto isso nos pais, mas compreendo. Que é... você vai lá, dá de cara, numa área onde só tem

mulheres, você vê um homem, você fica meio preocupado, mas é aquilo que eu falei, conforme você vai trabalhando, os pais vão vendo seu serviço, vão vendo que... vão conversando com a criança, também a criança fala como é o tio e eles vão se tranquilizando e vê que não tem... não é aquela coisa que eles pensavam antes. Eu acho que se a minha filha tivesse tido um professor, é claro que na primeira impressão sim, eu ia ficar um pouco preocupado, mas conversando com ela eu conseguiria, eu entenderia a situação do mestre dela.

M: Você já pensou em trabalhar em EMEI?

V: Eu já até fiz alguns serviços emergenciais, mas... com crianças de primeira a quarta série. Na EMEI não sei, não sei como seria, se seria igual à creche ou se já estaria mais por esse lado da primeira à quarta série.

M: Você acha que você se sentiria melhor trabalhando em uma EMEI?

V: Eu acho que na EMEI é diferente, porque você não teria que dar banho, você não sofreria essa discriminação que tem na creche. Você passar o dia todo com a criança, ter que acompanhar a criança na hora da necessidade, na hora de dar o banho, na EMEI acho que já não tem isso. A criança vai ao banheiro, já vai só para o banheiro, não precisa do professor acompanhar, então na EMEI acho que não tem esse preconceito, já entra mais nessa parte da criança de primeira a quarta série, o professor fica na sala, a mãe vem, traz, aí já não...

M: É, apesar de que a realidade das EMEIs está mudando um pouco, aqui ainda não foi implementada a questão dos seis anos no fundamental, mas agora tem EMEI que recebe com três anos a criança, então essa coisa do cuidado vai começar a ficar mais presente na EMEI, eu acredito, ao longo do tempo.

V: É, acho que a EMEI é um segmento da creche, até a criança entrar na pré-escola, daí definitivamente ela fazer tudo o que tem que fazer sozinha.

M: Você tem vontade de trabalhar com criança mais velha, ou agora que você está aqui você já...

V: Então, agora... é... eu acho que agora eu não trocaria, não, eu não voltaria a trabalhar com criança mais velha, não, porque eu já tive bastante experiência com isso e... em relação à creche, a creche é bem melhor de se trabalhar.

M: É? E...

V: Não sei se porque, acho que eu peguei criança muito... assim, de famílias desestruturadas também, como eu te falei, eu trabalhei no núcleo, então a criança ia lá, você via que ela ia mesmo pra comer só, não se importava em fazer as atividades, é... você ia tentar conversar com a criança, a criança te xingava, ela passava pra você o que ela sofria em casa. E essa experiência acho que eu não... não gostaria de fazer agora de novo, não.

M: Pelas próprias crianças, mesmo...

V: Isso.

M: Você prefere evitar.

V: É porque você pega criança aqui na creche, a criança não te responde, ela pode te questionar, porque que estou fazendo isso, mas ela não vai te responder, não vai te bater, e já com umas crianças mais velhas isso é passível de acontecer.

M: É, realmente eu acho que...

V: É, porque eu trabalhei no núcleo, eu lembro quando eu comecei, na primeira semana eu separei umas dez brigas lá (riso). Criança se pegando de pau, você ter que entrar no meio, acabava sobrando paulada pra todo lado lá e, não é interessante fazer isso agora de novo não.

M: É, eu também acho que ia ter uma dificuldade realmente, os mais velhos já começam a ter uma postura mais defensiva em relação ao mundo e aí... sobra pra qualquer um que...

V: Sobra.

M: Que passe pelo caminho. Como é que você avalia o seu próprio trabalho?

V: Ah, eu... posso te dizer que eu dou o máximo de mim no serviço, às vezes acho que poderia ser melhor, e às vezes eu acho que eu até me surpreendo nas coisas que eu faço. Mas, eu avalio que eu faço da melhor maneira que eu posso fazer.

M: Em relação a suas expectativas iniciais, quando você chegou aqui, pensou tudo o que você ia ter que enfrentar e agora, olhando o que já passou, você acha que você correspondeu a suas expectativas em relação ao seu desempenho ou foi diferente do que você imaginou que ia ser?

V: Olha, num primeiro momento eu fiquei com muito medo de vir, de mudar de serviço, vir trabalhar com crianças menores, aí teve aquele impacto das famílias te olhando por você ser homem, eu achei até que em certos momentos eu não ia dar conta, ia ter que voltar a trabalhar lá onde eu estava. Mas a direção da escola me apoiou bastante, me ensinou muito e acho que foi por Deus mesmo que ele colocou uma parceira na sala que pôde me ensinar muita coisa e a gente se deu super bem, porque poderia também não ter dado e ia acabar sendo mais frustrante. Mas deu tudo certo, graças a Deus, e eu acho que o trabalho foi bom e a tendência agora acho que é melhorar com o passar do tempo.

M: Você acha que deu conta. (riso)

V: Sim (riso).

M: E em relação às crianças, você procura se relacionar com elas de que forma? O que você acha que é importante na sua relação com elas?

V: Acho que importante é se tornar amigo das crianças, mostrar que o tio, apesar do tio ser grandão, altão, ter cara feia, mas não é bravo, é... às vezes eu até brinco com as outras

educadoras que eles falam assim que “Ah, se você não ficar quieto vou lá chamar o tio,”, às vezes pra intimidar as crianças e às vezes eu brinco com elas, assim, “Ah, o tio é o lobo mau da história, o tio é o bicho-papão”. Então já é difícil pra mim, como homem, ter que... aí você ainda pega as outras professoras falando isso pras crianças, teve criança que no começo do ano passava até longe do tio, porque o tio... a professora falou isso. Mas eu procuro é fazer amizade com eles, tratá-los como se fossem meus filhos, mesmo, ter carinho, gostar deles, e é isso que eu faço.

M: Você acha que o fato de você ser homem, de alguma maneira... acaba implicando numa relação diferente deles com você?

V: Eu acho assim, pelo fato de ser homem não, eu acho que pelo fato de eu ser muito grande.

M: Grande.

V: Porque eles são pequenos, já veem o mundo de outra maneira, aí chega perto do tio, o tio é um enorme, parece um gigante (risos), então eles ficam um pouco com medo mas... na convivência do dia a dia eles vão vendo que o tio brinca com eles, o tio quando vai conversar com eles se abaixa na altura deles, então eles sentem aquela coisa ali e a gente fica amigo mesmo, e as crianças passam a gostar da gente como a gente gosta deles.

M: Você acha que o fato de ser pai influencia de alguma maneira?

V: Eu acho que sim, porque eu os trato como eu trataria meus filhos e às vezes até minha esposa fica brava “ah, você fica o dia inteiro com as crianças lá, chega em casa você não dá um abraço no seu filho, na sua filha, ou então você está muito cansado, você vai dormir, você não fica com eles”, mas eu os trato como eu trato meus filhos, é... com bastante respeito, procuro ouvi-los, sabe, não os deixo falando sozinhos. E é assim.

M: E como é sua relação com seus filhos, como é a dinâmica hoje na sua casa, você divide as tarefas com a sua esposa, em relação a eles, inclusive?

V: É assim, quando eu chego em casa eu tenho que fazer as tarefas da creche, pra trazer pro outro dia, mas quando eu termino, eu brinco com eles, eles brincam comigo, a gente conversa, a minha filha já é mais velha, já procuro saber como é que ela está indo na escola, apesar que essa parte é a mãe dela que fica mais em cima, mesmo pelo fato dela estar em casa e eu ter que vir trabalhar, mas eu procuro participar da vida deles, sim, e nos momentos de folga, quando eu estou em casa de férias, no sábado, fim de semana, sábado e domingo, eu procuro ficar mais tempo com eles pra poder recuperar esse tempo que eu fico aqui na escola e não posso vê-los lá.

M: Quando eles eram pequenininhos, você ajudou a trocar fralda?

V: Ah, ajud...

M: Acordava de noite?

V: Ajudei bastante nessa...

M: Fala a verdade!

V: Ah, nessa parte você... se quiser até conversar com a minha esposa. Eu... é assim, porque eu tenho sono muito leve, então às vezes meus filhos choravam de noite, ela estava lá arrebentada, porque tinha ficado o dia todo com eles e o primeiro a chegar lá no berço era eu, pegava, já ia vendo o que é que tinha que fazer, se era trocar fralda eu trocava, ou se era ter que fazer uma mamadeira eu fazia, então nessa parte aí eu fui bem presente, mesmo, eu ajudei bastante.

M: Na hora da dor, na hora do sonho, do pesadelo era você que estava lá, então?

V: Sim, às vezes é... eu até brinco com a minha esposa, eles gritam "mãe!" e quem aparece lá é o pai! (riso) E até hoje é assim, porque minha esposa, ela... o sono mais pesado, então as crianças às vezes sonham ou meu filho, como ele rola muito na cama às vezes ele cai, a primeira pessoa que ele grita é a mãe, mas quando ele vê, assim, é o pai que está lá do lado pondo ele na cama de novo. E é legal isso. (riso)

M: Vamos... tentar pensar agora de uma maneira mais geral, mais ampla, o que você acha do homem na creche? Se você vê vantagens ou desvantagens em relação a isso e essas vantagens e desvantagens estão no homem exercendo esse papel ou em outros fatores que não dizem respeito ao papel em si?

V: Eu acho que o homem trabalhar na creche... eu tenho essa visão de que é igual pra todos, ele trabalha igual, depende da pessoa, ela tem que se dedicar àquilo que ela faz, se ela fizer bem feito ou mal feito ela tem que fazer do jeito dela, mas acho que a pessoa tem que procurar fazer da melhor maneira possível o trabalho. Não vejo diferença entre homem e mulher. Benefício, que eu acho, é que a criança que vem de casa, que não tem uma estrutura boa, vai chegar na escola ela vai encontrar essa estrutura, ela vai ter a parte que a toca pelo lado da mulher, que vai ser a educadora, e tem a parte que toca pelo lado do homem, que ele vê a figura do homem ali, a figura masculina junto. É, vai suprir aquilo que não tem em casa. Isso eu acho que seria interessante, a parte boa. A parte ruim é essa do preconceito, da família vir, ver você ali e falar "opa, esse cara está pens... está querendo alguma coisa com a minha filha, com meu filho", porque a gente vê, escuta muitos casos assim.

M: E, a longo prazo, você acha que essa presença pode ter efeitos a longo prazo?

V: Eu acredito que sim, isso vem para melhorar a educação, porque a gente pega hoje, hoje em dia, aí, muita violência, é... a criança chega numa certa idade aí já não quer obedecer pai, mãe, e vai obedecer menos ainda o professor! A gente vê casos, aí, que professor apanha de aluno, então se a criança tiver um acompanhamento assim, desde que ele sai da casa dele até entrar numa primeira série, ele vindo assim, tendo um professor junto com a professora, criando esse espaço de convivência assim, harmoniosa, não... acho que vai chegar uma época que vai fazer efeito, sim, o homem estar dentro da Educação Infantil. Vai dar mais respeito... não mais respeito, mas, ah... acho que vai dar um respeito... amplo, junto com a professora. Porque às vezes o aluno vem, vê a professora, fala "ah, essa tia aí

é igual minha mãe, vou xingar, vou fazer o que eu quiser". Tendo a presença do homem acho que já inibe esse tipo de atitude.

M: Você acha que é diferente, então?

V: Eu acho que sim.

M: A relação com o homem e com a mulher?

V: Eu acho que sim.

M: Você tem alguma ideia sobre porque existe uma relação mais respeitosa em relação ao homem?

V: Eu acho que é por causa daquela questão da família ser patriarcal, entendeu? Vem a criança, vê o pai, respeita mais o pai, ou porque o pai é mais bravo do que a mãe, ou porque... o pai bate na mãe, vê essa situação do homem ter mais força do que a mulher. Isso acho que, na cabeça deles, acho que eles veem o professor homem uma pessoa forte ali dentro, pra suprir a necessidade que eles têm em casa. Acho que bem... bem isso. Não sei se eu passei a mensagem certa.

M: Não, deu pra entender. Deu pra entender.

V: É o homem "forte!", a professora "ah, é mulher, é fraca, igual minha mãe, vai chorar, vai fazer isso", e acho que o homem... apesar que tem homem que chora (riso).

M: Tem.

V: Mas eu vejo a coisa da força, mesmo, relacionada ao homem e é isso que vai... que põe o respeito nas crianças.

M: Tem mais alguma coisa que você queira falar?

V: Não, eu acho que não. Eu acho que é só. Eu não gosto muito de falar, não. (risos de ambos)

M: Ah! Você falou bastante, felizmente! Eu te agradeço muito, muito, muito. Na verdade por tudo, não só por hoje.

Entrevista com a educadora **Roberta**

Duração: 74 minutos

M: Bom, você já sabe bastante (risos dela) das intenções do meu projeto e, antes de a gente começar a falar da creche mesmo, eu vou querer falar um pouquinho... eu vou querer que você fale um pouquinho de você: da sua infância, como você chegou até aqui, a sua trajetória, e depois a gente vai falar um pouquinho sobre a creche.

R: Está bem.

M: Você nasceu onde?

R: Nasci aqui em (nome da cidade).

M: E como foi sua infância?

R: Ah... foi normal, tinha meu irmão, a gente brincava muito; foi meio difícil em relação ao financeiro, porque lá em casa minha mãe não trabalhava, só meu pai, depois minha mãe começou a trabalhar. Mas, normal, brincava, ficava com a minha avó, muitas vezes, pra minha mãe e meu pai trabalharem, ficava com vizinho também, a minha mãe pagava uma moça pra ficar com a gente, mas... normal.

M: Você chegou a frequentar a Educação Infantil?

R: A partir do pré porque eu lembro que nessa idade de três anos eu fui, eu até tenho ideia, mas eu lembro que eu chorava muito. Chorava, chorava, nossa, eu chorava, acho que eu era muito chata (risos), tanto que eu lembro que eu chorava, acho que eu era muito chata. E aí meu pai e meu avô não me levaram mais e minha mãe não, minha mãe queria que eu fosse, mas meu pai e meu avô falaram "não, não vai não, chora demais", aí não fui. Mas no pré eu fui, e aí do pré pra frente não dei mais trabalho, eu queria mesmo ir, aí eu gostei, comecei a gostar.

M: E essa primeira vez que você foi, que você chorava, você sabe qual era o objetivo da sua família? Se era necessidade, por que...

R: Eu acho que não era necessidade porque eu ficava com a minha avó, então eu acho que era vontade mesmo que eu fosse, porque eu adorava, desde pequena eu gostava de escrever, de desenhar, fingia que estava escrevendo, sabe? E minha avó era merendeira de uma escola, então ela me levava e eu ficava com as professoras, ajudava as professoras a olhar as crianças; a escola era ensino fundamental já que ela era merendeira, mas eu ficava lá, eu desenhava, as professoras davam as coisas pra eu fazer, sabe, então eu ficava lá com ela, eu acho que eles queriam que eu fosse mesmo por causa dessa parte, mas eu não quis ficar, não, na escola da minha avó eu ficava, mas lá... (risos)

M: Até porque você tinha uma referência...

R: É, tinha minha avó lá.

M: E como era sua relação com o seu irmão?

R: Meu irmão era uma pessoa meio metódica desde pequeno. Então ele tinha as coisas dele, eu cedia mais, ele não cedia. A gente brincava, mas eu tinha que ceder! Ele não cedia nada, tudo era do jeito dele. Às vezes a gente brigava, às vezes a gente brincava separado porque dava briga. Minha mãe dava cada chinelada! Doía, Mara! (risos) Eu lembro, oh! Me batia. Minha mãe sempre foi brava. Meu pai não, mas minha mãe foi. Então, às vezes a gente brincava separado, às vezes a gente brincava junto. Quando ia brincar de amarelinha, a gente brincava junto, bolinha de gude a gente brincava, vôlei, futebol a gente brincava, mas tinha uma hora que dava briga (risos). Tinha uma hora que não tinha jeito, não! A coisa ficava feia! (risos)

M: Aí tinha que vir alguém separar.

R: Ah, é, aí só minha mãe, mesmo! (riso)

M: Eu tenho um irmão também, que a gente era meio gato e cachorro (risos).

R: É. É, meu irmão, nossa! E eu cedia, mas tinha hora que eu já não queria mais ceder. Falava "não, agora eu quero assim!" e ele não queria, aí começava. (riso)

M: E como que era a relação dos seus pais com vocês?

R: Ah, eu fui a primeira neta e a primeira filha, então eu era mais mimada, e eu fiquei muito doente quando eu nasci. Tanto que o médico falou pra minha mãe "se você tiver mútuo funerário você aciona porque ela não vai...". Porque eu tomei água do parto, tomei muita água da placenta, então, o que aconteceu?... Quando eu saí da barriga, eu peguei também infecção hospitalar. Então, eu não conseguia reagir. Não conseguia. Rasparam minha cabeça, já não tinha mais veia pra pegar, pegaram veia da cabeça, sabe, então o médico falou "olha, não sei mais o que eu vou fazer, não tem mais jeito", porque aquele tempo não era igual hoje. Ele falou "não sei mais o que eu vou fazer, se a senhora quiser levá-la embora, porque não tem mais jeito". Então, meu pai arrumou todo o meu quarto porque eles tinham pego a casa da Cohab, então estava daquele jeito. Casa de Cohab, quando você pega no começo não tem quase nada. Então arrumaram só o meu quarto e foram me tratando só com soro, falaram "vamos dar soro e vamos deixar, fazer o quê, não tem mais jeito". Aí eu melhorei! Melhorei, assim, ninguém sabe explicar. Acho que o tanto que o povo rezou, minha mãe falou assim "acho que rezaram tanto, Roberta, que acho que Deus falou assim 'deixa essa moça aí!'" (risos). Então eu melhorei, mas eu sempre ficava doente. Eu tive inúmeras pneumonias, tudo eu pegava: caxumba, catapora, sarampo, falava que estava lá não sei onde, eu estava pegando aqui. Então eu sempre fui muito doente, não teve muito tempo pra eles acompanharem o crescimento do meu irmão. Por conta disso: porque eu sempre estava doente. Então, eu acho que eles ficaram mais comigo, na infância, do que com o meu irmão, mas, nos primeiros anos de vida. Mas, é... eu acho que eu fui mais mimada que ele por conta disso.

M: Qual é a diferença entre vocês?

R: Um ano e pouco.

M: Ele...

R: Quase dois!

M: Ele é mais novo que você.

R: É, é mais novo.

M: E como era a dinâmica na sua casa, você morava com quem? Era você...

R: Eu...

M: Seu irmão e seus pais...?

R: É.

M: E como funcionava em casa, quando vocês eram pequenos, quem era responsável pelo quê?

R: Eu. Eu era responsável pela casa, o (nome do irmão), que é meu irmão, me ajudava. Então, a gente levantava... isso já maior, quando já não precisava ficar ninguém com a gente.. A gente levantava, fazia lição, tinha que fazer a lição, levantar, e fazer o que tinha... assear, tudo, o asseio da manhã, tomava café e fazia a lição. Primeira coisa. Depois, dava uma geral na casa, uma arrumada na casa pra não ficar bagunçada, lavava a louça, e depois o perueiro chegava, que a gente ia pra escola e voltava de perua, a gente ia pra escola, voltava, e logo minha mãe chegava em casa. Era assim.

M: Quando vocês eram bem pequenos, seus pais...

R: Aí a gente ficava com a minha avó, mas, minha mãe começou a trabalhar eu devia ter uns quatro anos, eu acho, então eu ficava muito com a minha avó, eu gostava muito de ficar com ela, e também gostava muito de ficar com duas tias da parte da minha mãe, minha avó da parte do meu pai e as minhas duas tias da parte da minha mãe. Então, quando eu não estava no hospital (risos), eu estava com elas. Eu gostava, sim, mas tem uma avó que a gente ficava que eu não gostava, que é a mãe da minha mãe. Ela é muito ruim, meu irmão a odiava! Nossa, eu ainda sempre contornava mais as coisas, mas o meu irmão não! Aí, ele a odiava! Mas ela era... ela é triste, ela não gosta de nenhum neto. Ela não gosta de nada, pra falar a verdade! Então (risos) era difícil ficar com ela. O dia que tinha que ir pra lá falava “ai, meu Deus do céu, não acredito!”. Mas, tinha que ir, fazer o quê.

M: Tem gente que acho que não dá conta de se envolver...

R: Não.

M: Com o outro.

R: Minha avó é assim, ela teve uma vida muito sofrida na roça, e ela não queria sair de lá mesmo assim. E, não ficou ninguém lá, ela morava em Minas, não ficou nenhum filho lá, veio todo mundo pra cá, e aí minha mãe conseguiu uma casa pra ela aqui. Então, minha mãe falou "oh, vende aí e vamos embora" e minha mãe a buscou e trouxe. Só que ela não gostou de vir pra cá, porque não tinha a família dela aqui, só tinha os filhos, e ela não ligava muito para os filhos, sabe. Tanto que ela faz intriga de um na casa do outro, então, acho que por ela não ter tido uma família que ligasse um pro outro, que a família dela é meio assim, eu não conheço muito, porque eu nunca fui lá, mas eu conheço de ouvir, das minhas tias contarem, da minha mãe falar. Então, como a família não era muito assim, eu acho que ela também não era muito unida, porque tem gente que não é, a família não é assim, mas você pensa "não, quando eu tiver minha família, não vai ser assim", mas ela não, eu acho que por conta de tudo o que ela passou, trabalhava muito em fazenda, não ficava quase com a família, então acho que pra ela também não tinha muito significado, entendeu? Então ela é assim. A gente não gostava de ficar na casa dela. Mas eu ainda obedecia mais, agora menino é mais arteiro, então era mais difícil. Ele, então, ele odiava, nossa! Ele odiava, quando ele cresceu, não podia nem vê-la, porque ela chegava lá em casa, e minha mãe trabalhava no hospital, teve um tempo que a minha mãe trabalhou no hospital. Então, minha mãe acordava às seis da manhã e saía; chegava em casa quase uma e meia, duas horas da tarde, então ela estava muito cansada, e descansava um pouco, mas ela achava que minha mãe ficava dormindo porque não queria fazer as coisas. Ai, minha avó, essa avó é muito difícil. Mas, infelizmente, a minha outra avó que eu gostava faleceu, eu tinha dez anos. Então foi difícil, porque aí tinha que ficar com ela mesmo, nossa, piorou mais ainda. Porque a gente ficava, quando era menor, ficava só de vez em quando. Mas quando minha outra avó faleceu, tivemos que ficar mais lá com ela.,. A gente não gostava.

M: Talvez por isso vocês tenham ficado tão independentes...

R: É.

M: Você falou, de se virar, de ir pra escola de perua.

R: A gente preferia ficar em casa, fazer tudo direitinho, do que ficar com ela. Deus me livre! Nossa Senhora! Era triste ficar com ela!

M: E você tem lembrança de quando você era... é que dizem que as nossas lembranças são depois dos três, mas, de ouvir falar, de história, de como era quando vocês eram bebês, se seu pai ajudava, se sua mãe era a única pessoa que cuidava mais de vocês? Porque sempre tem comentários. Essa luz não está te incomodando, não?

R: Não. Meu pai quando tinha tempo ficava com a gente... sim. Porque, era mais à noite, eu lembro que a gente esperava ele chegar, aí ele sentava com a gente, conversava, contava como tinha sido o dia, perguntava pra gente... Então quando ele tinha tempo, quando ele não estava trabalhando, não é quando ele tinha tempo, quando ele não estava trabalhando, ele sentava, conversava. Ele sempre conversou com a gente. Agora, de muito pequeno eu não lembro, mas eu lembro depois dos seis anos, cinco, seis anos, aí eu lembro. Ele

sentava, conversava, sabe? Tanto que eu converso qualquer coisa com ele, qualquer coisa. Sabe? Pode ser com relação ao meu namorado, pode ser com relação a uma coisa que eu estou precisando, pode ser até essas coisas que homem não é muito assim, como anticoncepcional, essas coisas, tudo eu converso com ele. Tudo eu falo pra ele. Às vezes eu sento e falo "ai, pai, esqueci isso", aí ele fala "ah, então... assim, assim", "ô pai, preciso disso, você compra pra mim, oh, preciso de um absorvente, você vai lá comprar", ele vai, normal.

M: Ele é afetuoso com vocês, então.

R: É, ele é. É que agora ele está muito sem tempo, porque ele trabalha com uma seguradora, então ligam lá "oh, vem, assim, assim, assim", às vezes ele está sentado, ele levanta, tem que sair, mas quando ele fica em casa, ele conversa, sim.

M: Acho que é o que é importante.

R: É.

M: A qualidade...

R: É.

M: Não adianta só a quantidade.

R: É.

M: Acho que isso diz bastante. E na escola, você entrou na escola, como era? Você gostava de estudar?

R: Gostava.

M: Tinha alguma disciplina que você gostava mais?

R: Eu gostava de tudo. Nossa, escola! Eu adorava escola! Eu era como esses que estão aí até hoje (risos), esses alunos que vieram hoje (referindo-se às crianças que ainda estavam indo à creche, já nos últimos dias do ano), eu era assim, acho que eu penso, eu falo "nossa, a professora devia me odiar quando ela me via lá!". Eu ajudav...

M: Só eu! (risos)

R: Só eu! Eu ajudava a fazer aquelas pastas, antigamente tinha aquelas pastas, a professora separava tudo, ajudava, eu era a melhor aluna da sala, sempre fui. Quando não era, eu ficava estressada (riso). Eu era. Nossa, sempre fui assim. Sempre fui de me envolver, sempre! Sempre fui assim. Eu sempre gostei de estudar, sempre! Tirava nota boa, quando eu tirava uma nota assim... que eu não gostava, já ficava emburrada (riso). Então eu estudava muito, adorava escrever, adoro até hoje, é que agora minha mão não está muito boa, preciso até ir ao médico pra ver. Mas eu adorava escrever, escrevia sem parar. Final de ano, fazia cartinha pra todo mundo da sala, de Natal, desenhava, fazia um monte de coisa! Eu sempre gostei da escola, eu sempre gostei.

M: E seus amigos, como era sua turma?

R: Eu sempre tive poucos, não tive muito amigo na sala. Eu conversava com todo mundo, mas eu sempre tive preferência por um, dois, no máximo cinco, não todo mundo, nunca fui de ter muito. Eu conversava com todo mundo, mas amigo sempre tive poucos.

M: Mais meninas, mais meninos, equilibrado?

R: Não, mais menina.

M: Fala um pouquinho, pra mim, da sua trajetória profissional.

R: Bom, eu comecei a trabalhar com dezesseis anos, eu trabalhava na academia de balé da minha tia, eu ficava na recepção pra ela. Às vezes eu arrumava, limpava e depois eu comecei a fazer Magistério. Então eu saí, porque era o dia inteiro, fiz Magistério. Aí comecei a trabalhar em escolinha. Depois, eu saí da escolinha porque... contenção de gastos, eu era a mais nova, mandaram embora. Eu também não gostava muito lá da escolinha, não. Era meio chato lá. Porque era particular, então a diretora fazia muito o que os pais queriam: "hoje eu não quero que o fulano tome banho!", "gente, ninguém toma banho!". No dia seguinte, se fosse sem tomar banho: "ai, meu filho foi sem tomar banho!", "gente, hoje dá banho!". Sabe, assim? Umas coisas que não tem uma rotina certa, uma coisa certa, sabe? Faz o que o pai quer, então eu não gostava. Quando ela me mandou embora foi até um alívio! Falei "ah, graças a Deus!". Sabe, não gostava. Mas eu sempre quis trabalhar numa instituição pública e sempre falei pra minha mãe "eu vou fazer Magistério e o prefeito ou o governador vai pagar meu salário, não sei quem, mas que vai, vai". Aí, quando me chamaram, eu fui trabalhar na (nome do local onde trabalhou), na pizzaria, porque eu não arrumei emprego... precisava pagar a faculdade e não arrumei nenhum outro lugar que me pagasse o equivalente ao que eu ganhava na escolinha, e a minha ex-sogra era dona do (nome da pizzaria) e ela estava precisando de alguém pra ficar com ela no caixa e falou "não, então vem trabalhar comigo". Eu fui, a única coisa ruim disso foi que eu tive que mudar de faculdade, eu estudava na (nome da faculdade), maravilhosa a faculdade, fui estudar na (nome da outra faculdade) que é uma porcaria.

M: Eu não conheço os cursos...

R: Uma porcaria! (nome da faculdade), Letras, estou falando do que eu fiz, fiz Letras, não quis fazer Pedagogia porque eu tinha feito Magistério. Então falei "não vou aguentar ver tudo de novo!", apesar de que é um pouco mais aprofundado, mas eu falei "não, eu não vou aguentar!". Porque eu odeio coisa repetida, então eu não vou aguentar e não vou fazer isso, eu vou fazer Letras. Aí eu fiz Letras, trabalhando no (nome da pizzaria) pra pagar, terminar de pagar esse curso, que eu fiz quatro anos de Letras por conta dessa transferência. Fiz tudo, fui trabalhar na escola do Estado, pois já podia pegar aula eventual. Peguei aula eventual, estava dando aula eventual, me chamaram na Prefeitura. Minha mãe falou "bem que você falou que alguém ia pagar o seu salário!". Eu falei "falei, mesmo! Alguém ia pagar!". Mas passei por muita escolinha, antes de entrar no (nome da

pizzaria), umas pedagogias muito loucas, eu olhava, falava “gente do céu, estou perdida!” (risos) Mas escola particular é muito ruim. Nossa, é muito ruim!

M: É...

R: Muito ruim, gente!

M: As pessoas, equivocadamente... não pensam assim, mas...

R: Nossa! As pessoas fazem o que querem, não tem uma diretriz certa, apesar de que eu passei não por essas que têm nome, não sei como é, como (nome de três escolas tradicionais da cidade), eu não fui nessas, mas as que eu passei, olha, tem cada coisa louca que você olha, você fala “não, não é possível, gente!”.

M: Um amigo meu passou num concurso, ele ia ter que sair de um emprego pra ir pro outro, e esse emprego que ele tinha dava direito a uma creche. Ele ia ganhar mais no outro. Ele não foi porque ele não conseguiu achar nenhum lugar que ele fosse se sentir tranquilo. Então ele falou “eu não vou pôr meus filhos num outro lugar. Eu vou deixá-los aqui e vou continuar ganhando menos”. E ele falou que foi em muitos lugares!

R: Nossa! Olha, é cada coisa, teve uma escola que eu trabalhei que era linda! Linda, assim! As professoras super legais, um trabalho super bacana, sabe? Só que eu não conseguia comer na escola por causa da cozinha. E a cozinheira era mãe das donas da escola! As donas da escola uma graça, um lugar ótimo! A escola que eu mais gostei de trabalhar foi lá! Quando eu estava nessa vida de... Mas, eu não conseguia almoçar no lugar, e era super longe da minha casa, então eu tinha que dar um jeito de almoçar, eu não conseguia esquentar a comida lá, se eu levasse a comida! Sabe? Então eu falei “não, eu vou embora porque eu vou morrer aqui de fome!” (riso) “Não vou ficar aqui por causa disso”, Nossa, cada lugar tem uma coisa, mas tem uns que são piores!

M: É, acho que...

R: Você olha assim, você fala “não...”.

M: Precário demais.

R: Nossa Senhora! Assim, se não é o pedagógico são as pessoas que trabalham, sempre tem um defeito, mas tem muito defeito, ainda, eu acho.

M: É...

R: Sabe?

M: É o que eu estava comentando ontem, com alguém, não lembro com quem das meninas, que eu acho que, o que você falou, sempre tem defeitos...

R: Sempre!

M: Mas eu acho que tem coisas que são aceitáveis e...

R: Isso!

M: Coisas que não são.

R: É! Tem coisa que...

M: Não é?

R: Eu olhava aquela cozinha e falava “não, gente, não dá! Não dá, não dá... sabe? Não dá, não vai dar”. Tanto que eu fui embora assim, falei “não, não vou ficar”, ela falou que ia me contratar pra professora, mas no outro ano. Falei “ah, mesmo assim, não vou ficar”. Eu adorava lá, eu gostei mesmo, mas não dava.

M: Deixa eu te perguntar uma coisa, você falou que se formou em Letras, que é PEB II (professor de Educação Básica II), você pode dar aula, então, até no Ensino Médio...

R: Posso, até o Ensino Médio.

M: A Educação Infantil foi uma opção?

R: Não, eu gosto mais daqui. Eu fiz Letras porque eu falei “se eu não conseguir...”, porque fiz Magistério primeiro, Eu fiz o primeiro ano do Ensino Médio, aí passei na prova do Magistério, fui lá, fiz tudo de novo! Falei “não, é isso que eu quero fazer, então vou fazer tudo de novo”. Tanto que queriam me colocar no segundo ano, no meio do ano, do primeiro ano, “não, você tem que ir pro segundo, você já fez o primeiro, o que você está fazendo aqui?”. Falei “não, agora eu já estou aqui, vou ficar aqui!”. Sabe? Não quis! Falei “não, vou fazer o negócio, vou fazer direito!” Aí fiz, tudo, quando eu saí de lá, estava naquele *boom* da LDB, que tinha que ter uma faculdade, falei “gente, até vou fazer faculdade, mas não vou fazer Pedagogia! Acabei de sair do magistério, quatro anos, integral, vê isso, vê aquilo, vê aquilo”, porque lá no (nome da escola) era muito bom o Magistério, minha turma tirou A na prova...

M: Era CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério)?

R: Não!

M: Que funcionava lá?

R: Não, lá não era CEFAM, a gente estudava e não ganhava nada. A gente ficava o dia inteiro...

M: Mas tinha um CEFAM por aqui...

R: Igualzinho o CEFAM!

M: Não tinha?

R: Não, aqui, não. Eu acho que o mais perto é (nome de cidade).

M: É, (nome da mesma cidade) eu seu que tinha.

R: É.

M: Eu achei que tinha...

R: Não!

M: Aqui em (nome da cidade)!

R: Não, aqui não tinha. O nosso Magistério...

M: Então ele só passou para período integral?

R: É, o nosso Magistério era o único que não recebia, e foi o único que tirou nota A. Nossa turma foi a única que tirou nota A na prova que teve. Então, era muito difícil. Foi um tempo muito difícil, meu pai me bancava, tinha almoço, não dava pra voltar pra casa. Foi assim, mas eu adorei! Adorei! Aí eu falei que eu não ia fazer Pedagogia, "ai, não vou gente, não vou aguentar, pelo amor de Deus!" Aí eu falei "não, vou fazer Letras. Vou fazer Letras, é Letras que eu vou cursar". Eu comecei primeiro trabalhando pra eu conseguir fazer, porque não tinha nada, meu pai me sustentando! E aí eu fui fazer Letras por causa disso. Porque eu falei, eu não consigo mais fazer outra coisa, e eu gostava da área da Língua Portuguesa, do Inglês não, mas da Língua Portuguesa, sim! Então, eu disse "não, eu vou fazer essa parte... Letras, não vou fazer Matemática, não vou fazer nada disso! Vou fazer Letras!" Porque Letras também ajuda, você pega uma primeira série, segunda, terceira, quarta, você consegue alfabetização, mas eu sempre pensei nessa parte. Quando eu fiz estágio do Magistério na creche, eu adorei! Até fisioterapia eu aprendi a fazer, com as fisioterapeutas, pra fazer nos bebês! Tinha um casal de gêmeos e a mãe apanhou quando estava grávida, então eles nasceram parecendo cobra! Nos braços eles já tinham força, mas nas pernas eles não tinham, então eles rastejavam no berçário. E nós entramos lá, como estagiárias, eu e mais uma moça. E aí a fisioterapeuta ia e falava assim "eu não posso vir todo dia, então, se vocês conseguirem aprender o jeito certo de fazer o movimento, pra vocês me ajudarem nos outros dias que eu não posso vir, nossa, eles vão muito pra frente!". E a gente se envolveu, tanto com eles quanto com as outras crianças. E a gente começou a fazer a fisioterapia neles, quando nós saímos de lá, eles já seguravam na grade, ficavam em pé!

M: Ah, que gracinha!

R: E davam os passinhos segurando na grade! Então, eu adorei essa fase do berçário. Aí fiz também estágio nas salinhas, porque lá era berçário e tinha salinhas também, lá perto de casa. É uma gracinha, lá! E aí eu gostei, falei "nossa, se eu pudesse, se eu conseguisse pegar nessa parte!", tanto que eu fui prestar o concurso por causa disso, porque eu lembrei daquele tempo que eu trabalhei lá na creche. Então, quando me chamaram aqui, as meninas lá da escola falaram, porque a escola que eu dei aula é aqui pertinho, "você vai, Roberta? Tudo pequeno!". Respondi "eu vou, melhor que aqui, esses cavalão (sic) tudo sem educação! Minhas criancinhas lá, você faz as coisas elas aprendem, elas querem saber de aprender, elas vão se envolver, agora aqui, esses cavalão (sic), não querem saber de

nada, Deus me livre! Vou embora daqui é logo!" (risos). Aí elas me param assim, "você está lá? Você está gostando?", eu falo "lógico, gente! Nossa, vocês não sabem como é bom! Muito melhor!" Nossa, nem que fale assim "oh, volta lá que eu vou te dar um cargo de Língua Portuguesa", vou falar "não, obrigada, não quero..." (risos)

M: É, eu também fiz Biologia com a mesma ideia, falei "eu não vou fazer Pedagogia porque eu acabei de fazer o Magistério, então eu quero fazer outra coisa" e aí eu fiz a Biologia. E todo mundo pergunta "mas, você não vai fazer nada com a Biologia?", eu falo "gente, todo dia eu uso Biologia..."

R: É!

M: "Com as minhas crianças!"

R: Aqui também. Todo dia a gente usa!

M: Porque tem uma visão que a Educação Infantil é ainda aquela ideia...

R: É!

M: Que só olha.

R: Cuida só!

M: Então, mas é, eu também...

R: Eles falam...

M: Fico sempre pensando nesse tema...

R: "Tem cocô, tem vômito, tem não sei o quê", eu falo "gente, você não faz isso?" (riso) Porque lá em casa sempre foi assim, eu nunca tive nojo. Eu ajudava a cuidar dos meus primos, cuidei da minha irmã. Então, eu nunca tive nojo, nunca. Lá em casa ninguém tranca a porta, ninguém, sempre foi liberal, então... Eu não tenho nojo dessas coisas. Eu acho que é natural do ser humano de repente dar uma ânsia, porque é o cheiro, não é questão que você tem nojo daquilo, mas o cheiro é forte! Então, às vezes, é natural te dar uma ânsia! Mas não que eu fique "ai, porque não vou relar em você, porque não vou não sei o quê", o povo olha, "ai, tem que limpar cocô", "que é que tem? Você não limpa o seu? Você não vai no banheiro?" Que é que tem isso, gente? Uma coisa natural, de todo ser humano! Fala... "ah..." não vejo assim, não vejo. (riso) A primeira coisa que o povo fala "ai, tem vômito, tem cocô, tem não sei o quê", eu falo "gente...", "tem que dar banho", "você não toma banho?". É criança, né? Porque não sei o que eles assimilam. Vê o povo grande, acha que a gente vai dar banho... lógico, se fosse uma pessoa maior eu ia falar "não, espere aí,". Mesmo porque a gente tem esses preconceitos, de dar um banho. Por exemplo, se eu for dar um banho na minha mãe, banho no meu pai, eu até dou, mas você fica meio, mesmo que você tenha liberdade, é uma pessoa adulta, agora criança, gente! É como você dar banho no seu primo, no seu sobrinho, no seu afilhado.

M: É, não tem realmente...

R: Falo “ai não, gente, por causa disso, Nossa Senhora, hein?”. Eu encontro, eu falo “ai, não!”.

M: Mas é... é uma visão preconceituosa que eu acho que ainda tem...

R: É!

M: Mas eu acho que é uma questão de tempo.

R: É. Principalmente quem não faz Pedagogia. Eles não tem essa noção. Enquanto você não é pra aquela coisa, não adianta.

M: Qual é a concepção que você tem de Educação Infantil, qual você acha que é o papel da Educação Infantil?

R: Eu acho que o cuidar e o pedagógico não se separam, os dois estão juntos, apesar de que você está cuidando, mas você está ao mesmo tempo ensinando. Eu acho que a Educação Infantil, pra mim, é isso. Você unir o cuidar com o lado cuidar daquela criança, ensinando que ela vai crescer de uma maneira melhor, aprender, porque acho que o pai e a mãe a gente não pode substituir, mas o pai e a mãe não têm tempo, hoje, de ensinar a criança “olha, você vai fazer isso porque isso é bom pra você, porque isso você vai conseguir assim, você vai...”, além de ampliar os outros conhecimentos deles,. Então acho que é isso, uma ampliação daquele conhecimento que eles trazem aqui, porque eles já têm bastante coisa formada. E esse cuidar também. Eu acho que o cuidar é muito importante. Eu acho que o cuidar é mais que tudo! Principalmente pelo lugar, pelo jeito que você vê que eles chegam, porque eu acho que eles não têm esse cuidar de tudo, do social, o cuidar de tudo deles, dos valores, eu penso assim nessa parte, os valores deles, o físico, o mental, porque aqui eles chegam igual, por exemplo, a (nome da criança), você vê uma alegria na (nome da criança), uma alegria, falei isso até pra Helena (a diretora), falei “ Helena, você vê uma alegria nela”, você olha pra ela você não vê problema, você não vê nada que ela precise, mas quando você começa a conversar com ela, vê as coisas, você vê que, então, é é muito complicado. Você tem que pensar bem, mesmo; acho que em todo lugar, mas acho que o cuidar aqui é maior. O cuidar deles eu acho que é...

M: E qual você acha que é o seu papel como educadora, aqui?

R: Ah, nem sei mais, Mara (risos). (rindo) Eu nem sei mais aqui, viu? Meu papel como educadora aqui? Ah, eu acho que receber bem as crianças é um papel, fazer bem o meu trabalho, o lado pedagógico, para as crianças poderem ter uma visão melhor das coisas, para aprenderem mais, aprender com as crianças, também, cada coisa que elas trazem pra gente, às vezes eu olho assim, porque não faz parte do meu mundo... apesar de lá em casa a gente ter uma condição financeira meio complicada, agora, graças a Deus melhorou, mas quando eu era pequena também era difícil pra mim, mas não chega no que eles trazem pra mim, sabe. Então às vezes eu também aprendo, então aprender com eles, dar o máximo de mim pra eles também poderem aprender, ter muita paciência, acho que é um

(risos) (rindo) ter que aprender sempre a ter mais paciência.. Eu penso assim, que meu papel maior é tentar entendê-los, entender o mundo deles, pra tentar ampliar esse mundo que eles trazem, que é muito difícil, não é fácil. Você acha às vezes que está fazendo a coisa certa, você olha, você fala... de repente uma palavra que eles falam pra você, você fala "nossa, eu estou fazendo tudo errado!" (risos) Às vezes um abraço que eles te dão, você fala "nossa, estou fazendo errado mesmo!" (risos de ambas). Então é muito difícil. Eu acho que a gente só vai saber o nosso papel conforme a experiência. Cada dia que você vai tendo uma experiência, que às vezes eu paro e penso, eu falo "nossa, isso daqui eu não devia ter feito, isso está errado", "isso não é pra mim, isso não é assim que eu tenho que fazer", então acho que o papel não tem como você falar, "meu papel é fazer isso", porque todo dia muda. Todo dia. Todo dia ele muda. Todo dia ele amplia alguma coisa. Então é difícil... ai, é muito difícil, aqui. Aqui, então, nem se fala, porque...

M: (risos) E, você acha que faz bem o seu papel?

R: Ah, eu tento! Não sei (risos)! Pela visão dos outros, eu falo nem da Helena, porque a Helena meio que puxa o saco e ela também não está presente na sala, então ela não sabe, mas ela fala o que ela vê por fora,. Mas eu acho assim, eu tento! Mas eu acho que tenho que melhorar ainda, porque eu acho que às vezes eu perco a paciência muito rápido, ainda mais se eu estou de TPM, minha filha. TPM, então, Nossa Senhora! Então eu acho que tem muita coisa que eu tenho que melhorar, muita coisa! Mas eu tento, eu tento todo dia, todo dia eu tento melhorar, então, naquilo que eu estou tentando eu acho que estou conseguindo... mas eu acho que ainda tem o que melhorar, bastante.

M: Você acha que tem alguma característica sua que te ajuda ou que te atrapalha em relação a isso?

R: (pausa de alguns segundos) Uma característica minha? (outra pequena pausa) Eu acho que às vezes, é afobação, esse jeito meu de ser muito depressa, às vezes atrapalha um pouco, atropela algumas coisas... sabe. Isso eu acho que atrapalha. Agora, de ajudar eu acho que às vezes eu paro e penso, mesmo que for um pouquinho, eu acho que isso me ajuda um pouco, sabe? Parar e "não, espere aí, deixa eu pensar uma... isso", acho que às vezes ajuda, essa parte de pensar, mas a minha afobação atrapalha bastante.

M: A gente está falando bastante de creche, não é? Mas, e as EMEIs também trabalham com Educação Infantil...

R: É.

M: E a maioria aqui é período parcial, mas existem EMEIs que trabalham em período integral, então, pensando um pouco nessas de período integral, você acha que a função do educador é muito diferente do educador de creche, ou não, é a mesma coisa?

R: Eu acho que não é muito diferente porque acho que com criança a gente sempre tem que estar nessa... nessa parte de... prestar atenção no todo dela! Então acho que não é muito diferente. Mas eu acho que tem um pouco de diferença, sim. Eu acho que lá tem a parte do

brincar, como aqui, que é importante, tem a parte pedagógica, mas eu acho que eles j... é a independência deles, a independência deles já é um pouco diferente da nossa. Mas eu acho que o trabalho é o mesmo. Só vai mudar essa parte, da independência, aqui eles são mais dependentes da gente, lá eles já... têm uma outra visão, um pouquinho a mais do que aqui, já saíram um pouco mais ampliado do que aqui, mas eu acho que é a mesma coisa, porque você tem que olhá-los também, prestar atenção neles, porque eles ainda têm uma idade que precisa... estar prestando atenção em certas atitudes, já vai despertar um pouco mais a sexualidade que aqui, já é um pouco... Ainda mais hoje em dia, com tudo que eles veem, lá já vai ter uma coisa mais... um lado um pouco diferente daqui, então eu acho que o que você vai prestar atenção muda um pouco por causa exatamente da independência deles, que aqui eles ainda são mais dependentes, mas eu acho que o trabalho é o mesmo... é o mesmo, porque, por exemplo, lá elas não vão dar banho, mas elas vão ter que ver como a criança vai ao banheiro, ver se a criança já tem a independência dela pra fazer aquilo, que às vezes na creche ainda saiu, não saiu completo. Tem criança que sai, tem criança que não sai! E tem que ensinar também, boas maneiras, nãnãnã... porque aqui a gente vai começando a ensinar o básico, né, mesmo o cuidado deles, mas o restante vai indo, vai desenvolvendo mais. Então, acho assim, não tem essa parte nossa... como é que eu vou falar... ah...do fazer, assim, igual ir lá ajudar dar banho, mas tem a outra parte, a parte... pedagógica, "oh, gente, agora tem que lavar a mãozinha, tem que não sei que, tem que tomar banho direitinho", ela já não vai ensinar a fazer, mas ela vai reforçar, então... eu acho que é a mesma coisa. Acho que só muda mesmo a independência das crianças, que já não precisa taaanto como a gente, ficar assim mais em cima, mas... acho que o trabalho é o mesmo. Lá tem a parte pedagógica um pouco maior, que já começa a dar outras coisas, aqui a gente já deixa mais independente, lá não, já tem que começar, "oh, faz mais...", já definir algumas coisas melhores, mas eu acho que é a mesma coisa. Acho que aqui tem uma dificuldade, lá tem outra dificuldade, no Ensino Fundamental vai ter outra dificuldade, eu acho que, assim... é diferente o trabalho, aquilo que você vai fazer com a criança, mas trabalho você tem, mesma coisa, eu acho que é a mesma coisa.

M: Como foi pra você encontrar um homem numa creche, como educador?

R: Você sabe que eu conto isso pra todo mundo, né. Eu cheguei aqui... falei... aí a (nome da funcionária) perguntou assim pra mim "qual é a sua letra?". Aí eu falei "ah, minha letra é G". Ai... aí eu não sei... a... (nome de outra funcionária), que trabalhava aqui, virou pra mim e falou assim "ah, ela vai trabalhar com o bonitão". Aí eu olhei, pra mim, falei "bom, estou aqui pra trabalhar, se é bonito, se é feio...". Mas eu não entendi que era homem, falou "vai trabalhar com o bonitão", mas sabe quando não... não cai ... a ficha, porque eu olhei aquele bonitão, eu olhei uma forma vulgar de se falar de uma pessoa num local de trabalho, sabe... eu cheguei, falou assim pra mim "ela vai trabalhar com o bonitão", se tivesse falado pra mim, falado assim "oh, você vai trabalhar com um homem", é diferente, você vai... pensa, agora virou e falou assim pra mim "você vai trabalhar com o bonitão", então eu peguei e falei assim "gente, o que é isso?". Eu assustei por... por isso. Quando eu cheguei na sala que era ele, e... eu... ah, não sei, Mara, eu... achei, eu não achei diferente. Eu não achei assim, como todo mundo fala, sabe, "ai, é diferente!". Não sei, eu cheguei,

comecei a conversar com ele, falei “e aí, você está aqui faz tempo?”, ele “não, cheguei como você”, “cheguei dois dias antes que você”, sabe, falei “e... você já pegou a rotina?”, comecei a conversar normal, eu não sei... porque eu não sei, quando eu chego pra trabalhar eu penso assim “é meu trabalho”. Então, pra mim, foi indiferente... ser homem ou não. Mas depois, a partir da convivência, eu falei assim “bom...”, que eu já sou meio, como é que eu vou falar, assim... já sou meio recatada, meio... eu já não...apesar de lá em casa ser muito li... livre, eu sou assim, pra falar eu sou, falo tudo, mas em ação, eu já sou meio... eu já sou meio reservada pra certas coisas. Então, eu não tinha dificuldade, eu olhei, eu fui percebendo que tinha coisa que eu não podia fazer, que as meninas podiam fazer na sala e eu não podia, eu fui percebendo. Mas isso não me incomodou... sabe, não me incomodou. Nada, eu olhei era como uma pessoa normal que estava trabalhando comigo! Normal... não sei, eu não tive muito problema, assim, no olhar pra ele, ele é homem... Eu assustei só com esse bonitão aí, que eu falei “gente, o que é que...”, sabe, eu falei “mas espere aí, eu vim trabalhar, o que está acontecendo?”. Eu assustei com essa fala, mas com ele, quando eu cheguei lá e vi que era ele “oh, você vai trabalhar com ele, é o professor Vicente, não sei que”, isso não, não assustei assim.

M: E em relação ao trabalho dele, o que você esperava? Suas expectativas se confirmaram, ou não?

R: Eu não sei te explicar, porque a gente foi como que um complemento. Eu não esperav... ah, como assim... não sei... foi tão... foi tão normal, não tinha assim “ai, o que eu esperava que ele fizesse isso, que eu esperava que ele fizesse aquilo. Porq...eu não sei explicar. Foi normal assim, sabe, a gente começou, a gente decidiu e... e, eu acho que eu não esperava muito dele, porque eu fui fazendo muita coisa, eu já cheguei, olhei a sala vazia eu já fui querendo decorar, já fui catando tudo e ele foi permitindo, sabe, ele não ficou falando “ai, isso está... isso é assim, isso eu não gostei, isso não sei quê”, porque eu acho assim, se fosse uma mulher teria falado, “ah, eu não gostei disso”. Igual a (nome da colega com quem dividirá a sala no próximo ano), a (nome dela novamente) já falou “ai, não gostei disso”, “ah, essa ideia não”, “ah, não sei o que”, ele não, eu acho que... por conta, é, dele tamb... dele estar se acostumando mais que eu, porque ele não trabalhava com essa idade, e acho que ele nunca trabalhou, eu acho, porque ele falou também pra mim, falou assim “ai, eu estou aprendendo umas coisas com você”, então eu acho que ele me deixou à vontade pra fazer. Eu fazia, ele não reclamava. Então, a gente começou a decidir as coisas juntos e a gente... decidia e fazia e pronto. Ou se não eu trazia pronto, ele não reclamava, então foi uma coisa muito assim... ele foi, é... permitindo umas coisas, depois a gente foi conversando outras, sabe, aí a gente começou a se enturmar, mas não teve atrito, eu não esperava muita coisa, eu não fiquei esperando dele, eu fui fazer, não fiquei esperando, ai, ele fazer isso, o Vicente fazer isso, não, eu fui fazendo. Depois a gente foi... conversando, foi encaixando as coisas, e... às vezes a gente não precisava nem conversar, às vezes ele olhava pra mim, eu olhava pra ele, “vamos!” (risos). Sabe umas coisas assim, eu não sei... não sei, deu certo! Não sei se porque a gente é... tem... um sistema parecido, se a gente tem o mesmo signo, não sei se tem a ver, se a gente tem, não sei, eu sei que deu certo, foi fazendo, deu certo. Então eu acostumei. Nesse ano eu senti um pouco mais, eu esperava

um pouco mais. Porque eu já sabia que eu não gostava da idade que eu peguei, quando a Helena pediu, eu peguei, mas eu já sabia que eu não gostava. Porque eu já tinha trabalhado na outra escola com essa idade e eu não tinha gostado. Então eu já sabia que eu não gostava. Mas eu falei "eu vou tentar! Fazer o quê, vou tentar!". Então, eu esperava é que esse ano, eu acho que esse ano que eu comecei a esperar algumas coisas dele... sabe, e às vezes, eu fiquei um pouco... frustrada, eu esperava mais coisas na área pedagógica. Então, o fato de estar assim, ter pego uma turma muuito triste, porque nossa, Mara do céu, nossa, esse ano eu sofri, sofri mesmo, muito. Eu tentei, mas eu sofri, Nossa Senhora! Aquelas meninas naquele banheiro, umas meninas que não paravam, eu achava que ia vir uma turma melhor, um pouco mais trabalhada. Não melhor, não porque eles são piores, mais trabalhada, porque eles vieram da (nome de outra creche), muitos vieram da (novamente nome da outra creche), então achava que eles iam vir um pouco melhor, porque no ano passado a minha turminha começou com a gente e pegou o ritmo, sabe? E eles não eram de creche nenhuma! Era a primeira vez que eles estavam chegando. Eles estavam chegando aqui. Então eu achei assim "já que vai vir de lá, já vai vir num esquema mais trabalhado, já vai vir melhor", mas, Nossa Senhora, o que é isso? Entrava no banheiro, parecia que ia derrubar o banheiro, ia não sei aonde, parecia que ia derrubar tudo, eu falei "gente do céu, mas o que se trabalhou nesse negócio?" e aí eu fui ficando meio desesperada, e eu já não gostava muito da idade e eu tentando, tentando, o negócio não ia, o negócio não ia, sabe? Esperava uma ajuda dele, também, porque essa turma de três anos você tem que dar alguma coisa pra eles desenharem, pra eles pintarem, pra eles fazerem, porque senão eles não ficam, eles não param. Toda hora você tem que dar alguma coisa, não é igual a minha turma do ano passado, era mais calma... "Senta!", sentavam, "vamos cantar?", vamos cantar, "vamos contar uma história?", vamos contar uma história. Essa turma desse ano estava muito tumultuada, muito... sei lá eu que... não sei nem explicar o que aconteceu ...eu fiquei meio, um pouco decepcionada, mas eu vi que ele também fez o possível. Porque se pra mim estava difícil, pra ele também devia estar muito difícil. Agora uma coisa que é difícil é virar pra ele e falar que eu não gostei de uma coisa. É mais difícil do que se fosse uma mulher. Isso é difícil!

M: Por que você acha?

R: Ai, porque o Vicente é reservado. Ele é bem reservado. E, às vezes, eu fico com medo de, eu fico pensando assim "e se falasse pra mim?", entendeu? Porque ele é reservado e às vezes ele está tentando fazer o melhor dele e eu acho que essa parte que você fala assim, da parte masculina, isso é uma coisa difícil! Você virar pra pessoa e falar assim "ai, eu não gostei de tal coisa que você fez". Sabe, às vezes eu falava, falava assim "Oh, Vi, isso daí... vai dar problema, não sei quê..." Mas eu não falava assim "eu não gostei!". É difícil você virar pra pessoa e falar "isso eu não gostei!". Eu falo para o meu namorado, falo para o meu pai, eu falo para o meu irmão, falo até para o (nome do funcionário de serviços gerais), mas pra ele é difícil eu falar "eu não gostei!". Não sei! É difícil! Pra ele é difícil falar "não gostei!", é difícil.

M: Você acha que é pelo fato dele ser homem ou pelo jeito dele?

R: Eu acho que pelo jeito dele mais... (pausa de alguns segundos) Muito assim... sei lá, não sei explicar. Eu... eu acho que mais pelo jeito dele também. Tem muitas coisas, por exemplo, como eu te falei, da diferença, eu percebi a diferença das meninas. As meninas ligavam... ele, por ser homem, casado... eu, por exemplo, eu nunca liguei pra ele, eu não tinha o telefone dele. Ele foi me ligar na semana passada, no meu celular, pela primeira vez... em dois anos! Ele ligou, eu assustei até! Falei "gente!" (risos).

M: "O que aconteceu?!"

R: "Está morrendo! Está morrendo, vamos sair daqui correndo e acudir o tio Vicente, está morrendo!". Ele me ligou pra falar dos saquinhos que ele estava comprando! Foi a primeira vez que ele me ligou. Eu nunca liguei pra ele! Nunca liguei pra ele. Eu tenho o e-mail dele, eu nunca mandei um nada pra ele, mesmo porque eu odeio computador. Estou aprendendo na marra. Mas... eu nunca mandei nada pra ele, nunca. Nada! Nada, nada, nada! A pessoa que vier trabalhar com ele, ela vai ter que também ter um... não sei. Não sei como vai ser!

M: E essa coisa de ser casado eu acho que...

R: Uhum.

M: Deixa a gente um pouco...

R: Eu acho que ainda, se ele fosse solteiro, não ia ser... ia ser um pouco mais... mas ainda o fato de ser casado, então... por exemplo, posso ligar lá, a mulher dele pode achar... "ah, o que ela está falando com ele"? É chato também, né? É chato também, penso se fosse eu. Apesar de que eu sou mais liberal, eu não ligo não. Se ligar alguém do serviço do (nome do namorado)... liga mulher toda hora, eu não ligo muito, não, mas, como eu não a conheço... que eu também, outra coisa que eu pensei, já falei até pra minha mãe, falei "oh, mãe, se eu fosse mulher dele 'ai, tem uma coisa assim na creche, você quer ir?'". Como no ano passado: teve a confraternização, ela mandou a filha dela! Ela não veio! Eu viria!

M: Mas será que não é por causa do pequeno (referência ao filho mais novo do educador)?

R: Não! Ela traz o pequeno! Vem com o pequeno! Ela vem aí, de vez em quando. Você já viu-a por aí?

M: Não!

R: Você nunca a viu ? Ela vem de vez em quando com ele, quando tem médico, quando vai ao shopping passear, às vezes ele fala "Ah, a gente vai passear hoje, não sei quê", então ela chega aí. Eu... eu gostaria de participar mais. Como o (nome do namorado), quando tem coisa no banco, toda vez ele me leva, e eu vou! Não é porque eu quero ver as meninas que tem lá, ou porque eu quero participar da vida. Eu acho que, assim, você desencana de um monte de coisas, se você for uma pessoa encanada... Ela podia vir, ficar aí, conversar comigo... Na festa das crianças do ano passado, ela ficou aí um pouquinho, conversei com ela. Eu acho que, assim, se fosse eu, não sei como ela é, não posso te falar "ela é assim,

assim, assim". Se fosse eu, participaria mais. Porque escola, a gente fica enterrado aqui... A gente fica aqui... eu passo nove horas aqui dentro. Nove horas eu passo aqui. Eu passo mais aqui do que na minha casa! Então, eu ia querer participar. "Ai, tem, você pode ir, assim, assim", eu ia! Agora, eu não sei se ele não gosta. Eu nunca conversei essas coisas. Porque, às vezes, parece que ele também não quer que ela fique vindo muito, não. Às vezes dá essa impressão, mas eu nunca perguntei nada, assim. Isso não faz parte falar com ele, mas, às vezes, parece que é ele que não... "ah, não!", "não vai, a (nome da esposa do educador) não vai, Vi?" "Ah, não vai!", sabe? Então eu nem... mas eu gostaria, se fosse comigo, eu gostaria "Ai, tem confraternização", "ah, eu posso ir?". "Ai, eu vou". Eu iria! "Ai, tem tal coisa, assim, assim, assim", "ah, eu posso ir?". Eu viria, nem se fosse assim "ah, não vou ficar lá junto", mas vou ficar lá, no lugar, vou conversar com as outras pessoas. Eu iria! Eu vou, toda vez que o (nome do namorado) me chama eu vou. Eu falo "ah, eu vou sim!". Vou, converso com todo mundo, você faz amizade, você conversa outras coisas, você conhece. Eu penso um pouco diferente, mas eu acho que essa parte aí complica sim, a parte de ser casado, você tem que ter um... por isso que muitas vezes eu fazia as coisas sozinha, porque eu ia ligar? Eu não tinha o telefone... eu ia falar o quê? O que eu ia falar?! "Eu vou fazer, ué! Depois não gostou, fala que não gostou", mas ele não... não fala muito, não... que ele não gostou.

M: Até porque, depois que está pronto (riso).

R: É, então... não tem mais jeito. Então eu faço!

M: E em relação às crianças, você achava que ele ia dar conta?

R: Ah, achava! Eu achava, sim. Eu, Mara, eu olhei pra ele como se fosse... eu não olhei pra ele, assim "ai, é um homem!". Eu olhei pra ele assim "não, é o educador que vai trabalhar comigo! É como eu, é professor, vai trabalhar, é formado, vai trabalhar. Eu não... não olhei pra ele assim... Talvez tenha sido mais fácil por causa disso, até, eu penso. Eu olhei pra ele, falei "não, é a pessoa que vai trabalhar comigo, é o educador que vai trabalhar comigo, passou no concurso como eu, está aqui, vamos começar a trabalhar". Eu não fiquei olhando assim, falando "ah, ele não vai..." porque, é até engraçado, tem criança que gosta mais de você, em toda sala, tem criança que gosta mais do outro... e as crianças assimilaram que a gente era pai e mãe, no ano passado eles chamavam a gente de pai e mãe. Tinha dia que eles viravam "ô, pai!", "ô, mãe!", acho que ficava tanto tempo aqui que olhava pra nós dois, homem e mulher, e falava, "ô, pai!", "ô, mãe!", sabe? Tinha um aluno, então, que ele era o que mais falava pai e mãe "ô, pai!", aí ele olhava assim, "não, ô tio!"(risos). Então, eu não senti dificuldade, nada assim, não achei que ele ia... é, ter algum problema com as crianças. Eu não entendia porque a Helena falava tanto dele... porque eu briguei com a Helena, por causa disso, que era a sala do Vicente, era não sei o que do Vicente, era não sei que lá do Vicente, falei assim "ô, Helena, eu trabalho na sala, viu?". Sabe que ela fez? Nesse dia que a gente brigou? Ela teve reunião de pais, ela pôs o Vicente lá dentro e me deixou pra fora! (pausa) Aaaah... Cheguei aqui, ela falou assim "você vai ficar lá na sua sala, que o tio Vicente está aqui!" (tom de brava). Falei "o quê?". Fui, na hora não falei nada, falei "não vou dar escarcéu aqui, tem um monte de pai aqui,

deixa...". Acabou a reunião eu falei assim "ó, você está diminuindo meu trabalho, você está desvalorizando meu trabalho, porque eu sou professora tanto quanto ele dessa sala"... E no começo, eu, por ser desse jeito, pega tudo e vai fazendo, eu achava que eu tinha feito muito mais que ele! E ela só falava ele! "Não, porque é o tio Vicente!", tudo era o tio Vicente, falava "gente, espera aí!", não era ciúmes, Mara, é que eu existia ali dentro, também! Fazia, contribuía, tinha minha parte ali. Não era só ele! Falei "ô, espera aí!". Aí, eu briguei com ela. Ela falou que não era bem assim, começou a modificar... sabe? Falei "não, espera aí! Tudo é ele? Tudo ele? E eu, estou aqui dentro fazendo o quê? Hã?!" Briguei com ela, aí ela parou com esse negócio. Tudo era o Vicente, a sala do Vicente, não sei o que do Vicente. Eu falava "gente, mas espera aí! Eu existo aqui dentro dessa sala! Eu sou gente aqui dentro! Espera aí! Eu trabalho!"... briguei com ela. Mas, depois eu entendi! Eu não tinha preconceito... e... pra mim estava tudo bem, ele, lá na sala, trabalhando com as crianças! Mas os pais tinham! Depois, eu comecei a pensar do lado dos pais, eu parei e pensei "não, vamos começar a refletir". Aí, na reunião... no começo desse ano, ela virou para os pais e falou "oh, esse é o professor Vicente, trabalha aqui, ótimo educador"... as meninas olharam... eu vi que elas olharam e pensaram "nossa, só ele é ótimo educador, o resto morreu aqui dentro!", mas eu olhei e falei "não é isso, é que pensa um pai chegar e ter uma menina, e olhar e falar "mas é...", como a mãe da (nome de uma das meninas da turma) falou "mas é homem que vai cuidar da minha filha?". Então eu pensei "ela tinha realmente que ressaltar a figura dele, porque o pai tem que se sentir seguro em trazer a filha dele e colocar dentro da sala! Depois eu comecei a pensar. Eu falei "vamos ver também o lado... porque ela está fazendo isso?" Porque não tem só o seu. Parei e comecei a pensar, falei "bom, se eu tivesse uma filha, e chegasse na porta da sala..., pequena"... porque grande é normal, grande já tem um monte de professor, mas pequena, e colocasse ela lá dentro e olhasse e é um baita de um homem daquele tamanho, ia falar "mas esse homem vai fazer o que aí dentro, com a minha filha?" Não é? Porque ninguém pensa que você está lá pra trabalhar, já pensa o outro lado! Então, eu comecei a entender que não era que ela estava falando porque ninguém mais existia, porque ninguém mais trabalhava, era por conta do... preconceito. Ela foi bem mais rápida do que eu, mesmo porque ela é dirigente, ela já sabe como que é... o lugar aqui, como as pessoas podiam interpretar, e eu já não interpretei assim porque eu já não tenho esse negócio.

M: É uma outra posição que ela está...

R: É... então comecei a pensar. Por que que ela falava tanto e eu entendi. Que não era porque... ela não me falou isso, mas eu fui percebendo... fui percebendo. Falei "pra mim é normal, mas pra quem vai chegar... É difícil.".

M: E... essa questão do cuidado. Você está falando de um pai trazer uma filha, como você acha que é essa questão do cuidado, tendo um homem dentro da creche, responsável pelas crianças?

R: Como assim, você fala? De...

M: Você acha que é uma coisa tranquila? Você acha que, porque eu acho que, dentre as várias coisas que podem pesar de alguma forma de ter um homem na creche, e não uma mulher, eu acho que o que mais pega ali, o mais difícil pra se pensar é essa relação com o corpo da criança...

R: É.

M: Na hora do banho...

R: Mas, é isso que a Helena faz, ele não vai com as meninas por conta desse preconceito dos pais, então eu vou com as meninas, eu sempre vou com as meninas, as meninas são sempre minhas, mas ele cuida normalmente de todo mundo, ele, se precisar trocar uma roupa, normal, é como se, é uma coisa totalmente normal, não tem nada de... é um... eu... não sei... é tudo como se fosse uma mulher... igual. Não tem esse negócio "ai, porque é menina, não sei que", a Helena tem isso... sabe, mas é normal, ele vai, ele cuida, é como se ele tivesse fazendo a mesma coisa do menino, cuidando do menino, cuidando... Eu não percebi nada diferente. Eu não sei, assim... eu não tive nada assim... não olhei pra ele assim, é igual te falo, não olhei pra ele como se fosse assim "ai, é um homem que vai trabalhar", é normal, ele faz as coisas assim, normal, como se tivesse fazendo num filho dele. Na filha dele! Normal, assim, não tem... Eu não percebo nada de diferente... ele faz as coisas, ele não fica parado esperando nada, ele vê que precisa tirar uma blusa, vai e tira, ele vê que precisa isso, vai... só, assim, ele só não vai pro banheiro com as meninas não é porque ele não quer, ou porque ele vai fazer... é porque a Helena falou que é pra eu ir. "Você é que vai! Com as meninas você é que vai!". Por conta **dos pais** (ênfase), não porque ele não tenha capacidade pra fazer, ou porque ele vá fazer alguma coisa, ou porque não sei quê lá... não, ele cuida normalmente, ele faz as coisas normalmente... Não tem nada... é totalmente profissional mesmo! Ele vai, faz aquilo que tem que fazer e pronto... num... eu não ve... assim, não sei.

M: Você acha que o fato de ele ser pai, ser casado, faz alguma diferença?

R: (pequena pausa) Ah, eu acho que faz! Porque às vezes ele tem algumas atitudes que... eu vejo assim, por mim... eu não tenho. Às vezes ele sabe algumas coisas que eu não sei. Às vezes ele olha na criança e fala "Roberta, eu acho que está acontecendo isso, isso e isso. Eu acho que, por ele ser pai, ele sabe por isso mesmo, porque ele é pai. Umas coisas assim de pai mesmo? Que eu vejo assim... eu comparo com meu pai. Às vezes meu pai sabe umas coisas que ele é pai, ele sabe aquilo, que eu não sei porque eu, apesar de ter a minha irmã, a responsabilidade total da minha irmã não é minha, então eu sei algumas coisas dela, mas não é como o pai sabe. Sabe? Então, às vezes, eu acho que o fato de ele ser pai ajuda, eu vejo assim, por mim, que eu sou solteira, não tenho filho, nada, então acho assim, às vezes o fato de ser pai ajuda.

M: E em relação às famílias, você acha que isso faz diferença? O fato de ele ser casado...

R: Ah, eu nem sei se elas... assim...

M: Sabem disso?

R: Se elas prestaram atenção nisso. Hum... sabe? Porque eu acho que elas veem muito **ele** (ênfase). Não sei se elas chegaram a prestar... nunca ninguém falou, pelo menos. Porque tem aliança, dá pra você ver. Mas eu não sei se eles prestaram atenção nesse detalhe. Ou se a Helena... porque a Helena fala, "não, ele é casado, não sei que", mas eu não sei se a família prestou atenção, se todo mundo prestou atenção nesse detalhe. Eu acho que eles olham mais ele mesmo, que as crianças vêm, abraçam, gostam dele, e eu acho que eles ficam mais seguros, mas eu não sei se, por esse fato, eu acho que... acho que pelas crian... mais pelas crianças do que por esse fato, assim, eu nunca percebi se alguém... ficou... não sei! Não sei te falar isso. Porque eles falam mais por conta das crianças, igual a avó do (nome de uma das crianças) falou, que ele pulava nele, entrava... então, mais pelo fato de a criança gostar dele, como a mãe da (nome de outra criança) "ai, que ele é maravilhoso, não sei que lá", então mais pelo fato da criança gostar dele do que... por esse fato, eu acho.

M: E como que é a relação dele com as crianças? (726)

R: Ah, eu acho assim... às vezes ele dá uma de pai mesmo, (rindo...) eu olho assim, eu falo "está parecendo pai, Vicente!" (risos), "você está igualzinho a um pai!", eu falo pra ele. Ele fala umas coisas, às vezes, que é igualzinho. Eu falo "Vi, está parecendo meu pai falando," (risos). É muito legal, assim... ah, eu... ele tem...um... normal... uma relação muito boa, assim, Ele é paciente, ele brinca. As crianças gostam bastante dele, mas às vezes ele tem umas coisas de pai, ele fala umas coisas, eu falo "está parecendo meu pai, Vicente" (risos). "Está falando as coisas como meu pai, meu pai fala isso daí". Às vezes ele fala "isso não pode fazer, não, não sei o que", aí eu falo... eu olho assim pra ele, eu falo "você está parecendo meu pai, falando isso" (risos). (727-735)

M: A relação dele com as crianças é afetuosa...

R: É...

M: Ele é mais distante?

R: Não, é afetuosa. Ele põe as crianças no colo, ele conversa, ele faz um carinho no cabelo. Ele é bem afetuoso sim, ele não é... tem situações que ele é até mais que eu... Tem momentos que ele é até mais do que eu... às vezes eu peço até ajuda pra ele, eu falo "Vi, me ajuda aqui!" (riso)... Então, às vezes ele é até mais que eu... ele é bem afetuoso sim, não é... não é... arisco com as crianças... não é, sabe? Não... não é não, ele é bem afetuoso, sim, é bem carinhoso com as crianças, o jeito de conversar. Às vezes eu falo mais as coisas, ele mede mais do que eu, às vezes eu falo as... alg... coisa, vai saindo, assim, ele não, às vezes ele até mede mais do que eu pra falar, ele é sim, ele é bem afetuoso com as crianças.

M: E como que é a relação dele com vocês, colegas?

R: Ele é bem respeitador, ele não falta com respeito com ninguém. Ele é divertido, ele brinca, então às vezes morro de rir dele, ele fala umas coisas que eu falo "ai, Vi..., ai... (rindo)",

até quando ele fica bravo ele é divertido, mas com a gente ele não... às vezes, uma coisa que ele não concorda, ele fica bravo, mas ele não responde pra ninguém. Ele respeita bastante, ele é uma pessoa muito joia, ele é homem, mas ele é uma pessoa assim, ele sabe o lugar dele, ele sabe que ele... é dele, eu acho é dele, da pessoa dele, assim, ele não desrespeita ninguém, ele brinca com todo mundo, ele conversa com todo mundo, ele põe a opinião dele mas de uma forma que não vai te ofender. Eu já o vi várias vezes falar as coisas assim, até pra mim ele fala algumas coisas, mas ele não ofende. Ele dá ideia, às vezes ele fala dando ideia de uma coisa. Mas é muito boa, eu não... também quando ele tem que falar uma coisa que ele não acha certo, ele fala "não, isso eu não acho certo", como o negócio da cesta da (nome de uma das estagiárias). "Oh, eu não acho certo, a menina tem que levar, ela contribuiu, ela não sei quê". Então é de um jeito assim, que não ofende ninguém... entendeu... bem assim... É muito joia com a gente. Eu não tenho o que reclamar, não. Falar assim "ah, ele destrata...". Não. Nunca...

M: Pensando, agora, de uma maneira mais geral. Extrapolando um pouco esse espaço, a pessoa dele... você acha, o que você acha do homem nesse papel de educador? Você vê vantagens, desvantagens? Está associada à função de educador ou a outras coisas?

R: Eu acho que é uma coisa muito positiva. Por quê? É uma... assim, não sei se está muito certo pensar assim, mas as crianças... é... têm pouco contato com os pais, hoje, tanto com a figura... até com a figura feminina. Que a mãe trabalha, chega em casa tarde, aí não tem tempo, faz não sei quê, então, e o pai, então, nem se fala. Às vezes tem pais que é mais presente até do que a mãe. Mas, a gente sabe que a família, hoje, está um pouco ausente da vida da criança, então às vezes eu penso que a figura dele, por exemplo, para o (nome de uma das crianças) foi... o (nome da mesma criança novamente), o pai dele, pelo que eu entendi, pela pesquisa que eu fiz, lá do projeto identidade, não é muito presente, não! Ele fica mais com o avô. Então às vezes a criança vê nele um ponto de referência de um pai, porque ele está ali, ele cuida, ele vai com a criança no banheiro, ele conversa, ele ensina a criança... tanto na sala também ele ensina as crianças a fazer as coisas, está perto, está junto, "oh, faz assim, desenha ali". Então é um ponto pra criança se sentir um pouco segura, ter um pouco aquela figura perto dele. Então, eu acho positivo, eu acho que se toda creche tivesse. Eu acho que não é uma forma pedagógica de se pensar. Porque, ele é homem, ele tem toda capacidade, ele é igualzinho a gente, mas eu acho que nessa parte ele ajuda... Ajuda mais do que a gente! Mais do que esse bando de mulher! Porque a criança olha pra ele e vê, ela sente assim uma... figura masculina mesmo que ela não tem na vida dela. Como o (nome de outra criança), ele não vê o pai dele, você vê como o Vicente fala, como ele obedece, como ele... não é assim, uma questão de obedecer, é o respeito. Ele aprendeu a conviver com o Vicente, porque ele não aprendeu a conviver com o pai dele, porque ele fala que ele não gosta do pai. (pequena pausa) Mas ele aprendeu a conviver com o Vicente e ele aprendeu muita coisa com o Vicente, nessa parte que ele não tem na casa dele. Eu acho que é muito positiva a figura dele aqui. Não só por esse lado, mas esse lado é muito marcante, você vê nas crianças. Você vê neles aquilo. Por exemplo, o (nome de uma das crianças), ele já é mais pro lado nosso, o lado feminino. Por quê? Porque a mãe dele está sempre correndo, a mãe dele não para, ele fala pra gente "minha mãe não

para, tia Roberta!" e o pai dele já para mais em casa, o pai dele já dá mais atenção, você percebe, quem veio na adaptação dele foi o pai... você sente essa diferença, Mara, você prestando atenção, você sente a diferença. O pai dele falando dele no projeto identidade, você precisa ver que lindo! Mas lindíssimo o relato que ele fez. Ele colocou até que o (nome da criança) acorda primeiro que todo mundo na casa e vai dar bom dia pra todo mundo. A mãe dele você vê escrever, ela já é mais... sabe? Então, você percebe, o (nome da mesma criança) já é mais pra mulher, não podia entrar uma mulher na sala que ele já grudava. Como eu, todo dia você pode ver, eu chego ele vem "tia Roberta, não sei quê!". Então, você percebe a carência da criança, e eu acho que ajuda bastante. Ajuda bastante, sim, "ai, meu tio é assim, eu quero ser assim". De repente, aquilo que ele não tem na casa dele, ele não pode observar uma ação positiva do pai dele, ele observa no Vicente... Então eu acho muito positivo, apesar de não ser exatamente o que tem que ser, não é essa parte, a função dele não é essa, mas eu acho que ajuda.

M: Eu terminei minhas perguntas. Tem mais alguma coisa que você queira falar, que você acha que é interessante, que pode contribuir para o meu trabalho...

R: Ah, não sei, Mara. (pausa) Não pensei em nada... (outra pausa)

M: Você já me ajudou bastante.

R: Eu acho que a única coisa do fato de ser homem que atrapalha um pouco, no Vicente nem tanto, mas eu acho, no geral, eu acho que vai atrapalhar neles são as habilidades (risos) artísticas! A pessoa... eu acho que falta um pouquinho. Essa parte da habilidade artística para as coisas. Como lá na sala dele, eu tô ajudando. Ele está pegando muita coisa que já estava lá pra reformar, eu acho que a habilidade artística é que... a pessoa, nessa parte fica um pouco... mesmo porque, não sei, tem que... você tem que gostar da parte artística, às vezes a pessoa até gosta, mas não fica aquela coisa, assim... Não é, porque acho, assim, que quando a mulher faz, não sei, até acho... deve ser preconceito também, mas quando a mulher faz parece que tem uma coisa mais... doce... É porque você não viu as abelhinhas que o tio Vicente fez (risos).

M: Não, mas é porque você não viu as coisas que eu faço, por isso que eu estou rindo! Se você visse as coisas que eu faço, você mudaria de opinião, que é a questão de ser homem!

R: Então...

M: Acho que as minhas abelhinhas...

R: Olha!

M: ... iam ser parecidas com as dele!

R: Essa habilidade tem que...! Não, é isso que eu estou te falando, entendeu? Você tem que ter o dom do negócio, essa parte...

M: Em compensação, meu irmão é um artista!

R: Então, essa parte... você tem que ter o dom, essa parte é a parte que o Vicente fica meio... Na computação ele vai bem! Ele fez uns arcos olímpicos, uns negócios. Mas na hora de... aí, já...

M: Acho que essa parte artística ela é importante pra todo mundo...

R: É...

M: Que trabalha...

R: Isso...

M: Com Educação Infantil.

R: É, é por isso que eu te falei, pode até ser um preconceito, mas... essa parte artística é meio complicada...

M: Eu...

R: Pro homem, eu acho.

M: Eu tenho muita dificuldade, muita dificuldade...

R: Igual o pai do (nome da criança), se você vê, ele pinta capacete, se você vê os... os desenhos, é que eu não tenho mais aqui, se você visse os desenhos da adaptação, o homem desenha que, olha, eu fiquei babando nos desenhos dele! Eu falei "gente do céu, que dom!". Então, a gente tenta, mas eu acho que o dom, se o homem não tiver, é complicado pra trabalhar na Educação Infantil, fazer as coisas. Precisa de uma ajuda! (risos)

M: Mas eu também não tenho...

R: Essa parte precisa de uma ajuda!

M: ... eu acho que é uma questão de...

R: É!

M: De se permitir, sabe? Eu percebo que eu melhorei muito em relação a algumas coisas. Eu tenho uma habilidade em relação à questão do corpo...

R: Uhum.

M: Mas, quando fala de fazer algum trabalho manual...

R: É, todo mundo tem uma coisa...

M: Seja desenho...

R: É.

M: ... seja escultura, não... já não sai! Agora...

R: Eu, tem coisa que não sai!

M: ... eu melhorei bastante... do que eu era, eu melhorei bastante. Mas eu sou sempre aquela assim, tem que fazer algum documento, eu faço...

R: Uhum.

M: ... sento lá no computador, faço qualquer coisa!

R: É, igual o Vicente!

M: Se eu tenho que escrever, eu vou e faço.

R: Documento, essas coisas, tudo ele faz!

M: Agora, chega na hora de decorar a escola pra uma festa...

R: Então...

M: ... aí a pessoa tem que me falar "você tem que prender aqui, você tem que amarrar aqui", nos mínimos detalhes. E ainda assim não sai aquela...

R: É, então...

M: ... coisa maravilhosa!

R: É isso aí! Essa parte pega um pouco. O tio Vicente... pega um pouco.

M: Então eu acho que talvez, não sei, talvez não seja uma coisa...

R: É.

M: ... muito... relacionada a ele! (risos)

R: É, talvez é... Essa parte...

M: Eu me identifiquei com isso! (risos)

R: Essa parte pega um pouco. Essa parte aí...

M: E aí...

R: Tanto que eu estou ajudando-o lá, pra ele não ficar sozinho. Mas, pegar um molde, fazer, ele faz!

M: É, mesma coisa que eu! (rindo) Agora o que tem que ser à mão livre, aí já não vai!

R: Aí o negócio fica meio complexo! Eu também faço assim, molde, à mão livre também não sou muito maravilhosa, não! Mas, assim, eu ainda vou tentando, mas essa parte é meio complicada.

M: Aí, eu fico olhando vocês, eu fico boba, assim... ontem eu estava olhando as meninas arrumando a sala, a (nome de uma das educadoras) e a (nome de outra das educadoras), e eu fiquei "gente, eu não consigo!", sabe, pensar... e não é nem só o fazer, você entendeu, eu acho até que a ideia...

R: A ideia...

M: ... é muito difícil pra mim.

R: É, a ideia, isso!

M: Você entendeu?

R: É, porque às vezes se você tiver a ideia, você já vai... fazendo. Mas ele ainda tem umas ideias boas, mas na hora de fazer é meio complicado...

M: (risos) Eu vou... vou falar com ele pra ver se a gente acha uma...

R: (risos)

M: Não, mas eu acho que a rotina da instituição, ela vai...

R: É!

M: Ajudando.

R: Mas isso daí, também, a gente... está sempre em dois, um vai ajudando o outro. Eu também, por exemplo, esse negócio de computação, eu sou péssima, ele já é ótimo.

M: É, as coisas vão se completando...

R: Entendeu, então a gente vai... é, é isso aí, é um... é um complemento. Não, eu faço essa parte, você faz essa aí, como o livrinho de identidade que eu fiz, eu fiz tudo lá, agora a parte de foto, essas coisas, é tudo ele. Não faço nada. (risos)

M: Mais alguma coisa?

R: Não.

M: Obrigada, viu, Rô!

R: De nada!

Entrevista com a diretora **Helena**

Duração: 2h21m53s

M: Eu uso os dois (gravadores) porque se der algum problema com um eu tenho o outro como garantia... porque senão...

H: Muito bem.

M: Então vamos começar. Eu queria que a gente começasse falando um pouquinho sobre você. Antes da gente falar mais especificamente mesmo da creche e dessas outras questões.

H: Tá bom.

M: Quanto tempo faz que você tá na rede municipal aqui em (nome do município)?

H: Trinta e três anos.

M: E nesta instituição?

H: Trinta e três anos.

M: Ah, desde que entrou você tá aqui...

H: Isso. Eu comecei como voluntária, eu era enfermeira, trabalhava no hospital e como começaram os núcleos de favela virem pra (nome do município) e eu era da igreja, né, membro da igreja, a gente vinha ajudar a comunidade nas questões de saúde, nas questões de documentação. E eu sempre quis um trabalho de apoio social integrado a essa comunidade, porque eu morava muito próximo, então era muito importante, né, a gente tá ajudando essa comunidade. E eu comecei voluntariamente há trinta e três anos e registrada eu estou há... quinze.

M: E... qual que é sua formação? Você falou...

H: Psicopedagoga e tenho orientação de mestrado na área de educação infantil com o tema "Minha escola viajando pelo mundo", que defende a cultura das ideias, né.

M: Mas a sua formação inicial é na área de saúde?

H: Saúde. Eu sou enfermeira, sou pedagoga, psicopedagoga, tenho... pós-graduação em educação infantil, pós-graduação em... tsi... deficiente fi... defici.. é... desculpa.

M: Não, fica tranquila.

H: Deficiência física.

M: Depois eu corto essas coisas.

H: Que mais? São várias formações e vários cursos que a gente faz todo ano. Tem o curso do PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, oferecido pelo MEC em parceria com os municípios)... são vários cursos paralelos, mas a minha formação hoje é pedagoga e psicopedagoga, tanto institucional como clínica.

M: Uhum. Então você fez a formação em saúde, mas aí depois você acabou indo pra área da educação?

H: Isso.

M: Fez pedagogia...

H: É... o que que ocorreu? Eu tenho até um histórico que a gente tá mandando pra Secretaria, né, a gente tá reconstruindo a história da escola a partir de tudo que a gente vivenciou aqui. Então o que que me fez vir? Muitas vezes o pessoal gostaria que eu administrasse a escola, então eu ficava como suporte, eu fui... nós conquistamos esse espaço. Na época era uma luta de várias mães e aqui eram casinhas de modelo, né, pra aquelas pessoas que iam morar no bairro do (nome do bairro onde fica a creche), que na época era o (nome de político da cidade) o prefeito. Mas anterior a isso, existe esse histórico, existia só uma família que iniciou aqui na (nome de rua principal próxima à creche), que é o Seu V., ele é pai da (nome de ex-funcionária) que foi funcionária nossa até... mais tarde, né? Eu a conheci antes mesmo de nascer. Conheci a mãe dela. E depois ela veio ser... veio ser professora aqui na escola. E... na época o pessoal já pedia "olha, nós precisamos de escola". A gente já tinha uma visualização de necessidades que tinham aqui. E o bairro, ele foi crescendo. E os núcleos de favela foram aumentando. Então, aí, o (nome do prefeito) na época, ele coloca aqui na... na... na comunidade, à disposição, esse novo bairro, o (nome do bairro onde fica a creche). E aqui era um galpão onde lá na... na... naquele corredor eram as salas modelos para aquisição das casas do bairro. E meu irmão era assessor do... D. C., era assessor do (nome do prefeito na época), e através dele a gente conseguia dialogar com o então prefeito. Mas eu era enfermeira e trabalhava voluntariamente pela igreja católica, né. Eu era catequista na época e ajudava nessas ações voluntárias, né. Que era na área de saúde e... na... na área principalmente de alimentação, de doenças, toda essa parte de saúde. E nós conseguimos e conquistamos esse espaço. Só que nós não tínhamos é... como colocar gente pra trabalhar aqui. Então, como que a gente iria tocar essa escola? Nós tocamos essa escola como voluntários, aí vieram as primeiras mães, que eram as mães que lideravam essa comunidade para que conseguissem essa lista. Então, essa escola, ela sempre foi uma ação social e... a partir da comunidade, de ações a partir da comunidade. A sua própria formação começou por aí. E aí as mães engajadas nesse sistema de aquisição de melhoria pra própria vida delas com orientação e supervisão da gente que tinha... e dava esse apoio, nós sinalizávamos o que eles precisavam, que era a aquisição de documentação, porque muitos não tinham documento, eles vinham fugidos do norte, vários estados, né. E aqui chegando eles não

tinham documentação, eles estavam... é... completamente alheios da sociedade. Aí que que a gente fez? A gente começou... é... é... buscar documentação que estava irregular, mas naquele tempo tudo era pago. Então, a gente tirava isso do bolso, da igreja, do sistema de apoio integrado das pessoas. E... naquele tempo, então, conseguimos esse espaço, mas como tocar isso? Aí vieram os primeiros educadores, que eram pessoas voluntárias, mães que tinham seus filhos pequenos, que também iriam ficar na creche, né? Veio a N., a B., a H., o E., que fez parte do movimento, a (nome de auxiliar de serviços gerais que depois passou a educadora), que trabalha aqui até hoje e... a dona... a (nome da mesma funcionária) veio depois na verdade. A dona... ela aposentou-se... eu não lembro o nome dela agora, até nós fizemos uma festa, não lembro... nossa, fugiu. Dona... meu Deus! Como é que eu fui esquecer o nome dela? Tem até no documentário, agora me fugiu o nome.

M: Uhum.

H: E elas então trabalhavam voluntariamente aqui. Aí, conquistamos esse espaço e elas assim, praticamente elas olhavam as crianças, elas eram cuidadeiras, né, que a gente falava assim, elas cuidavam das crianças. Um educador, na verdade, um auxiliar de apoio, um auxiliar de serviços, como elas eram chamadas, ou então, pra lembrar a fala delas, elas eram voluntárias realmente na ação de ajuda ao próximo, né. Era uma... era uma agente de ação. Foi assim designado o nome naquela época. Porque como que a gente chamaria esse pessoal? A gente chamaria eles do quê? Né? E a gente... que... que tava no apoio dizia "olha, vocês são pessoas agentes de ação". Agente de ação, agente de ação e esse nome ficou um pouco... é... ficou dentro da comunidade, né. "Olha, eu sou agente de ação daquela escola", "Eu sou agente de ação porque eu ajudo o posto", "Eu sou agente de ação" e esse nome ficou. E nós conseguimos então que essas pessoas, é, que.. que trabalhavam aqui fossem efetivadas, como agente de ação comunitária, né, que mais tarde elas ganham esse cargo através de um concurso interno e são realmente nomeadas como agentes de ação comunitária. A maioria aposentou-se aqui na escola, né. Algumas que não queriam seguir o... o... o... o rumo da educação, elas acharam melhor ir pra outro lugar, continuar na cidadania, porque mais tarde a gente teria que se desmembrar, né. Nós teríamos que partir pra área educacional. E aí eu fui chamada em uma gestão, fui chamada em outra, fiz teste pela (nome de universidade pública), entrei na gestão do (nome de vereador), o hospital não me liberou, o salário era muito bom e me comprometi a vir, né. Então eu continuava nas ações à noite, ajudando a comunidade, trazendo alimentação, cuidando da saúde, né. E procurei me envolver menos com a escola porque

eu já tinha apego àquelas famílias e apego à escola. Então, me afasto da escola e fico só nos cinco núcleos de favela que existiam. Aí há quinze anos atrás, eu fui novamente convidada mas foi uma coisa meio que imposta pela própria comunidade, né, que então, porque naquela época começou a ter muito crime, muita morte, muita prisão e um desrespeito muito grande dentro da escola levava a escola ao caos, né. É... entre... aí começou o primeiro coordenador, o segundo, o terceiro, aí começaram-se as normas é... é... é... de... de... as normas técnicas começaram a ter funcionamento, né. Então, aquelas pessoas que eram mais velhas e que eram mães e que... que trabalhavam aqui se sentiam de certa forma agredidas pelas pessoas que chegavam e queriam tomar posse do lugar, porque era meio que dono daquele local, né. Então, era meio que complicado mesmo você tá... é... é... tirando daquelas pessoas o que era delas, que foi uma conquista delas, né. Então, realmente é complicado. E aí houveram muitas oposições, o... o... algumas delas chegaram a ser coordenadoras mas não deu certo e... na época foi a D. que tinha uma ação social muito forte no bairro aqui do... do (nome de bairro vizinho). E ela tem uma marcenaria próxima, me convidou novamente, né. Diz que a família cobrava isso e que... se eu podia dar uma mão, pelo menos nem que fosse meio período, que eu ficasse na escola meio período, que eu desse um respaldo. Eu tive muito medo, né, porque eu ganhava muito bem, tinha uma vida estabilizada financeiramente, mas o que me fez vir pra cá foi olhar pros olhos das crianças e pensar que... em saúde eu pegava o paciente... em fase praticamente terminal eu daria pra eles um conforto espiritual, que era só a questão religiosa, né. E... não era só aquilo que tinha dentro de mim, dentro de mim tinha um educador clamando pra que eu fosse pra frente. E... eu resolvi, olhando nos olhos daquelas crianças pedindo, as famílias, eu resolvi trabalhar com educação e vim pra cá. Deixei um salário na época de mil e oitocentos reais pra ganhar aqui duzentos e pouco. Muito diferente, muito pouco, era assim, era um verdadeiro desafio. Tinha uma vida muito difícil, porque tinha as quatro crianças, o meu ex-marido era alcoólatra. Então, foi muito difícil, né. Foi assumir uma coisa por ideal, por paixão, por amor ao próximo mesmo, né. No princípio, é... o... o... o que me levou a ir... a vir pra cá era isso. Mais tarde eu fui entender que era... era um... um chamado do legado de lugar mesmo, né. Era um chamado de Deus, né, pelo apostulado da educação, que eu acho que é uma missão. E continuei aqui, foi muito difícil. Aí vieram as guerras entre as favelas, porque aí se estenderam as favelas do (nome de um bairro próximo à creche), de to... todas as outras áreas de abrangência e... a gente se envolve então com esse pessoal, buscando aí um retorno é... é... de calmaria, buscando a integração da comunidade, nós promovemos cursos, começamos a fazer oficinas pedagógicas, é... aqui foi a primeira creche de (nome

do município) a ter casinha de faz-de-conta, primeira creche a ser elaborado o sistema de rodízio em (nome do município) foi aqui, né. Todos implementados por mim, primeira proposta pedagógica foi aqui. A primeira proposta de... de... de... ação desvinculada do social foi aqui. Não desvincular a humanização, desvincular o social. Por quê? O que que ocorreu aqui? Nós tínhamos cem pessoas atendidas diariamente pela assistente social (nome da assistente social), que eu acompanhava ela dia e noite na ajuda é... é... da legalização de documentação, entrega de leite, cesta básica, né. Então, tinha um cunho muito social e menos educativo. Embora a gente construía uma... uma sociedade é... através das caixas de contos com... com... caixas de jornal... era... era maravilhoso, sabe, a gente não deixava que o pedagógico não acontecesse. Mas eu não tinha a formação exigida, então eu não sabia porque que eu fazia aquilo e qual era a intencionalidade do fazer, né. E... mas dentro de mim já tinha aquele educador e eu fazia as coisas que hoje eu faço consciente do que eu estou fazendo e porque eu estou fazendo, mas na época como eu não tinha formação pedagógica, só da saúde, eu fazia... eu montava os projetos e depois eu mesma admirava como é que eu consegui. A primeira planilha de... de... da área de... de... de... de... de alimentação era tudo descrito em cadernos. Eu fiz um gráfico... hoje ela é na rede municipal toda, acontece na rede municipal inteira e... e cada um tem seus gráficos, mas na rede municipal a primeira escola a fazer, eu fiz, sentei no chão, catamos papelão, montei como que tinha que fazer os itens, gêneros perecíveis, não-perecíveis, sabe? Porque eu não achava correto aquele jeito de administrar como eles faziam. Dava muito mais trabalho, né. Então eu já tinha uma visão de todo mas não sabia porque, né. Quando eu fui estudar e que... eu me envolvi com a educação, eu, assim, fiquei muito fascinada. É... Entendo hoje os erros que eu cometo em língua portuguesa, por conta do vocabulário mineiro que é muito forte dentro de mim, é uma coisa que... é... eu, eu aprendi a respeitar em mim, né, a partir deste estudo, né. Porque às vezes a gente tá fazendo um diálogo e você faz um diálogo coloquial com a família pra que ela te entenda, né? E isso eu fui entender só mais tarde. Eu falava da minha forma meia... meia que amineirada de ser e conseguia chegar onde precisava chegar, enquanto que muita gente formada não chegava a lugar nenhum, né. Então foi uma história assim muito bonita, de um convencimento próprio, de muitas dificuldades, né. Porque meu marido, meu ex-marido era totalmente contra, né. Eu vivi com ele 27 anos sofrendo bastante. E... eu pensei realmente nisso, eu quero educar, eu quero ensinar a criança, se eu conseguir salvar algumas vidas enquanto tempo tem, eu vou permeada por esse caminho. E eu acho que fiz a escolha certa por conta disso, porque hoje eu entendo que a educação começa, a educação e a formação do caráter do indivíduo se forma nessa idade, entendeu? Então,

hoje eu tenho essa consciência, naquele dia que eu decidi eu não tinha. Eu não tinha essa consciência pedagógica, histórica, né? Hoje eu entendo porque eu fui escolhida pra vir pra cá, porque eu fui chamada. Não era só porque eu era uma agente de ação que ajudava a comunidade. Porque senão eu teria me tornado política, né, vereadora, que eu fui convidada, entre outras ações que... que cabem aí dentro da Secretaria, dentro do município. Teria ajudado muito com certeza, mas não era aquilo, né, que era o meu caminho. Então, continuei na escola e fui passando por cima de muita coisa, é... pra ser educador. E hoje eu sou dirigente, né, diretor-coordenador, passou-se para uma transformação, passou-se pra educação. E nessa transformação, nós somos diretores, coordenadores, ganhamos um pouco melhor, um pouco menos que os professores, porque a rede municipal paga muito bem aos professores. É... bastante complicada a vida do diretor, viu? Porque nós não temos o... a... o... a parte de secretaria, nós não temos o... o acompanhamento de estoque, estatística. Toda a coordenação pedagógica sai da direção e vem pronta para os professores. O que que a gente fez aqui na escola? Ela vem pronta, assim, a nível de digitação, essa parte. A gente faz reunião, decide, né, e vamos tocando a escola com o consentimento da família, o consentimento dos educadores. Como eles passam aqui um ano, então a gente faz essa votação um ano anterior, coloca isso na reunião de pais de janeiro. Eles podem se colocar, mas fica meio que complicado porque o do outro ano já decidiu, ainda é uma coisa que a gente tem que pensar como melhorar, né. Então, é... é um tanto quanto complicado.

(Alguém interrompe a entrevista. O gravador é desligado.)

Finalização parte 1.

Início parte 2.

M: Você tava falando sobre... a mudança, né, que teve. Aí, você tava falando da questão da remuneração...

H: É. Nós fomos pra educação e... e tudo se transformou. Todos teriam que ter... é... a pedagogia, né. E a gente foi se enquadrando. Eu fui buscando escolarização, a equipe foi buscando, a gente foi crescendo junto. Então, juntos, né, a unidade, ela se formou a partir da comunidade. Isso que é interessante, né? Ela não foi uma coisa de cima pra baixo, ela já se formou de baixo pra cima. É ao contrário, né? É uma coisa... que normalmente a coisa vem dirigida. Então, nós aprendemos desde cedo que tem que ver a família e que tem que começar de baixo pra cima, né, meio que... e tem algumas atitudes que a gente ainda não concorda em termos administrativos e técnicos, por exemplo, que o diretor, ele... ele ocupe todos esses cargos. Técnico-administrativo, técnico-pedagógico, técnico

é... social, técnico... esse envolvimento todo. Então é tudo do diretor. Recentemente, nós tivemos o apoio da (nome da funcionária), mas na segunda ela tá indo embora, né. Vamos continuar mais 15 anos, eu sei lá quanto tempo sem, ou vamos sempre acreditar numa proposta de que vai ser contratado, vai se abrir concursos, né. A gente tem essa esperança nessa gestão agora, né, que tá... começou acho que muito bem, porque estão nos ouvindo e tudo mais. Nós tivemos assim muita dificuldade, tiveram gestões melhores que as outras, tiveram gestões que... é... é... pecaram, porque associaram o social ao pedagógico, tiveram aquelas que foram extremamente técnicas, mas também tivemos gestões que souberam que a humanização é importante e sem humanização a escola não funciona, né. Não é colocar a escola só... só social. E não é colocar a escola só técnica-pedagógica, né. Essas coisas não se separam. O ser, ele... ele é indissolúvel, ele não se separa. Eu não separo o meu problema, a minha carne, do... de ser educador. Ou eu sou educador luz ou eu não sou, né. Eu não sou duas personalidades. Não dá pra ser. E a criança também, a família também. Então, o ser social, se você tá triste hoje, você vai chegar triste, você não vai conseguir separar. Não adianta falar "olha, Mara, você chega e deixa teu problema do portão pra fora". Claro, você vai ser acolhida, você vai ser olhada, você vai ser... abraçada, vai ser querida. Mas isso não vai separar o problema que você tá sentindo, de você Mara.

M: Uhum.

H: Né? Então, nós somos um ser social, passível de mudanças com o tempo, mas dentro de sua formação de caráter do indivíduo isso não se dissocia mais, né. Nós somos, criamos, crescemos e formamos nosso caráter na educação infantil, nos aprendizados. Então, é... nós tivemos dificuldades, mas assim em todas as gestões que eu fui ouvida, enquanto pessoa humana, enquanto... é... não diria enquanto diretor-técnico, né, por conta de que eu fui buscar essa escolarização depois. Então, tinha pessoas técnicas até muito melhores do que eu. Mas encontrei, por exemplo, grandes mestres como a M. V., como a... F.P., é... professor T. e... vários outros mestres assim que foram meus... M., vários professores que enxergavam em mim coisas que nem eu conseguia enxergar, entendeu? Que eles levaram muitos anos, diziam eles, né, estudando e tal, e que eu já tinha, eu nasci com aquele dom. Que é diferente. Quando você nasce com aquele dom e tem aquela habilidade, fica muito mais fácil pra ser, né. E aí, eles também passaram a entender que a técnica só, ela tinha que caminhar junto com essa... ela não dissociava, né. Então, foi uma das melhores épocas assim, porque a educação começou a tomar um novo rumo. É... estudando a gente vai melhorando. Essa equipe que dirigia naquela época nos ajudou muito a... a ter uma...

uma... visão também técnica e nos ajudou muito a... ter um olhar também mais profissional em relação a parte de... de projetos, que era aquela coisa "olha, eu montei isso", mas eu não sabia por que, "eu fiz isso", né. Aquela coisa, né, dissociada. E nos permitiu que a gente associasse essa humanização junto com essa parte técnica. Então, foi muito bom e de lá pra cá a gente vem, as creches já tinham um trabalho também anterior a isso, viu... é... Mara, lá na Secretaria. Mesmo antes de eu estar trabalhando já tinha uma equipe técnica que cuidava dessa parte, que... que já estava engajando para a melhoria das outras creches, que já apareceram até então, porque eu demorei dez anos pra vir assumir esse cargo. Dez não, vinte, né, praticamente. Quase vinte anos? Não. Dezoito anos! Então, em dezoito anos, a creche também teve um avanço, mas mesmo assim quando eu cheguei, ainda tava nessas condições que eu estou te falando e mes... há quinze anos atrás a nossa foi a primeira a ter, eram cantinhos. A primeira a ter sistema de rodízio foi a nossa, né. Então, eram propostas que saíam de dentro do ser, né. E a Secretaria foi abraçando, foi ajudando, foi implementando nas outras escolas e... e tudo um conjunto de ideias, né. Os professores e os educadores e os diretores de creche sempre foram muito unidos. Então, um sugeria uma coisa, outro sugeria outra, outro sugeria outra e a escola foi crescendo como um todo, né, a educação como um todo. Tem que se melhorar? Muito. Muito, porque a partir do momento que você acredita é... no ser transformador que é ser educador, você tem que acreditar na mudança todos os dias. A melhoria, ela tem que acontecer todos os dias, né. Senão o educador morre. Então, houveram muitas dificuldades, a gente enfrenta ainda algumas dificuldades. Por exemplo, uma delas, os cargos que existe hoje são concursos, né. Eu não sou concursada, sou comissionada. Então, todo o ano de gestão existe essa preocupação "Será que vão tirar o diretor? Será que vão trocar?". Porque eles pensam sempre em plano cargo carreira, o que eu sou totalmente contra. Por exemplo, não por conta da minha situação, né, eu penso que o educador que, ele vem com uma atitude de amor, uma atitude de respeito pela escola e que ele não tem um vínculo empregatício, ele trabalha muito melhor. Desta feita o ano passado os educadores emergenciais. Trabalharam muito melhor do que os educadores que realmente eram efetivos na rede, entendeu? E eu percebo também na direção, os diretores que são comprometidos com ação social, pedagógica, aqueles que tem vínculo, eles não têm a mesma preocupação do dirigente que não tem vínculo. É uma coisa, né, é... é assim, é uma coisa até uma... é uma contraditória, né. Porque a gente busca essa legalização, a gente quer essa legalização, mas do pon... do meu ponto de vista, esse é o meu ponto de vista...

M: Uhum.

H: ...isso não é positivo pra educação. Porque, assim, olha. Se eu percebo que você, Mara, não vai bem, não é um bom educador, mas se você tem um vínculo, é muito difícil eu te derrubar. É mais fácil você me tirar do que eu te tirar, entendeu? Então, eu não acredito em uma educação em que permanece o mau, entendeu? Graças a Deus, eu permaneço aqui, entendeu? Eu não estou reclamando de nenhuma... de nada. Mas eu gostaria, assim, que o mundo fosse diferente, onde as pessoas tivessem simplesmente comprometimento, entendeu? Independente, involuntariamente de cargo. Tanto que eu deixei um salário excelente depois de quinze anos de registro num hospital pra vir trabalhar aqui independentemente de salário, entendeu? Então, a minha vida é uma amostra disso. As minhas ações, muito mais que as minhas palavras, elas mostram quem eu sou, entendeu? Então, eu ficou muito preocupada com essa situação de que as pessoas só ficam preocupadas com os direitos. E os deveres ficam atrás, escondidos atrás da gaveta, atrás do muro e atrás da porta. Educar não é isso. E eu ainda acredito que um dia, muito mais que correr atrás desses direitos, a família possa sim votar, voltar... tem coisas, por isso que eu te falei da contraditória, no passado a família colocava a gente. Eu estou aqui até hoje. Lutei quinze anos pra não vir, porque eu amava a área de enfermagem, mas algo maior me chamava, algo maior me chamava, entendeu? Olha a contraditória. Hoje, eu gostaria que a educação fosse como no passado, onde a família realmente era ouvida. Olha que... não é estranho? Hoje não. Apesar de tudo isso, eles dizem pra nós que nós temos sim que buscar na família uma atitude que permeie o projeto pedagógico da escola, trazer a família pra escola, mas eles correm atrás de cargos altamente políticos ou correm atrás de cargos que sejam vinculados à prefeitura? Concursos públicos? Então, não dá pra entender. Existe uma discrepância muito grande no meu entendimento. Se a sociedade põe e tira, se ela manda, ela põe e tira. Se a sociedade quer, ela pode. Isso, nós fizemos assim, quando iniciou isso aqui, entendeu? Então, peraí. Existe uma contraditória, você há de concordar comigo, né. Então, me preocupa muito por quê? Porque será que... quando vai ser mantido esse querer do povo, né. Não queixo de nada, porque eu estou aqui. Estou sendo mantida porque o povo realmente manda. Se ele não mandasse, eu não estaria. Mas, quando isso vai acontecer a nível de mundo? Não tô falando na minha pessoa.

M: Uhum.

H: Então, muito mais do que talvez uma grande teórica, muito mais do que uma grande cientista, eu tenho ações do passado que me trazem à tona hoje um saber diferenciado. Um saber humano, um saber solidário, um saber de força, um saber de, de garra, de

determinação, de romper os próprios limites pra estar em pé, entendeu? Rompendo os próprios limites, o que não é muito fácil. Porque eu passei muitos problemas de saúde, você sabe, esteve aí acompanhando... estou aí com... muita força. Às vezes é muito difícil. E... o fato de... você vê, eu perdi praticamente 85% da... da audição. Então, eu falo um pouco mais alto. Se eu estiver mais... eu falo... é... é... o me... mi... minha tonalidade de voz, mas infelizmente com o tempo eu tenho ficado mais surda, então isso faz com que a gente fale mais... né, mais forte, mais... né. É... e a gente tenta até amenizar isso em relação às pessoas porque não dá pra não ouvir as pessoas, não dá pra não ser educador, mas também não dá pra aceitar o que tá errado. Por exemplo, muitas pessoas disseram pra mim "Ai, Helena, você nem sabe se você vai continuar na direção, você tá arrumando a escola pra quê?", e eu falei "Estou arrumando pra família que vai chegar". "Ai, Helena, mas você nem sabe se isso ou aquilo". "Não me interessa, eu estou aqui pra trabalhar". "Ah, mas cê não tirou férias, cê tá doente, tinha que tá afastada, mas por quê? Por quê? Por quê? Por quê?". "Eu não vim aqui pra responder porque, eu vim aqui para o quê? Para a alma. Essa explicação eu acho que eu vou dar pra vocês quando eu morrer, porque até lá eu tô buscando para quê." Entendeu? Então eu sou um educador e eu acho que realmente eu vim com a finalidade de educar mesmo, sabe? E se você ficar conversando comigo, você vai conversar o dia inteiro porque tem muitas coisas que... é... nasceram dentro de mim. Não é... uma questão de técnica, não é uma questão de formação. Meu pai era um educador nato, nos educou dentro de uma formação religiosa, mas ele tinha uma formação técnica impressionante. Ele olhava, ele era... era roceiro, ele falava, né. Morava na roça e ele criou a gente olhando pra natureza. Quando você vai ler alguns teóricos bem depois, né, quando eu era criança ele falava da natureza, desse olhar, né, pra plenitude, pra olhar pra planta, que tinha que preservar, que tinha isso, que se eu olhasse pra rosa, que até chegar na rosa tinham os espinhos, que era muito difícil ser rosa. Olha as explicações! Eram tão fortes, né, que quando eu fui entender, eu fui entender que eu tinha um pouco dele, né, era um... ele nasceu educador. Doze filhos, formou todos os filhos, veio da roça, nos formou, nos deu... acho que a maior formação que ele deu foi a moral, a formação de caráter, né, de... uma coisa que não dá pra pagar nunca mais na vida da gente. E eu acho que... uma das filhas que escolheu o que ele era, porque ele não era estudado, ele era semi-analfabeto, venceu na vida, foi um grande economista, deixou minha mãe, assim, muito bem. É... ele era consultado pelos bancos pra fazer... é... bolsa de valores... ele foi um grande economista. Cuidava da roça muito bem, gerenciou muitas fazendas, morreu com uma doença assim... estranha, né, um problema renal grave, novo, jovem, mas um guerreiro incondicional, morreu lutando pra viver. E aí eu entendi que

tudo aquilo que ele me explicava, apesar de ser analfabeto, ele era um grande educador. Meu pai nunca tinha lido um livro de teóricos importantes, mas ele falava como tal. Ele tinha o dom da palavra, ele tinha... sabe, o saber dentro dele, né. Ele não sabia escrever aquilo, mas ele sabia fazer aquilo. E aprendi com ele cedo que isso, né, muito mais do que palavras são nossas ações. E essas ações ficaram dentro de mim. Os meus irmãos formaram alguns em Medicina, outros, a maioria são Direito, são juiz, é... Enfermagem... e eu fui a única que vim pra área de Educação, que nem ele falava quando eu era pequena, ele falava que a área mais difícil era saber educar. E eu me lembro, quando eu era pequena, que ele me contou que meu nome era Helena, que eu seria chamada assim, que eu fui chamada assim no meu batismo, porque Helena significava (significado de seu nome). E que eu vim pra ser luz, e que um dia me seria cobrado isso. Então, é uma coisa meio que enigmática ainda na minha vida e eu fico pensando porque ele já sabia tudo isso. Ele já sabia que eu ia sofrer? Ele já sabia que eu ia amar tanto essa profissão, que eu me doaria de tal forma que eu me doo pra educação? Então é uma história, assim, muito complicada, muito comprida, muito bonita, né. Ela inicia a partir do momento que eu nasci. A minha educação e a minha formação, ela iniciou ali, no ventre da minha mãe, com todas as dificuldades que meu pai teve e minha mãe... E hoje eu entendo muitas coisas e muitas tenho interrogação, mas nas explicações dessas coisas eu procuro lembrar o que meu pai me ensinou. "Você veio para algo, não por algo. Faça para algo, para alguém". E... é assim que eu sou. Desculpa aí...

M: Imagina! Você falou um pouco então dessa sua escolha, né. Sair da saúde e vir pra educação infantil... falou bastante da sua experiência aqui. Qual que é pra você a função da educação infantil na vida da criança?

H: Olha. É... Eu, pra mim a educação infantil é tudo. Eu acho que o educador, ele deveria não ter só o mestrado, ele tinha que ter doutorado, porque o caráter da criança é formado nessa idade. E é aquilo que eu te falei. É complicado porque é contraditório, né. Ao mesmo tempo que se tem experiência, necessita-se das técnicas, do trabalho profissional pra que você administre essas técnicas. Mas eu acho que muito mais do que essas técnicas é essa humanização, né, o tato, é... o carinho, o respeito com a criança, o olhar, a firmeza, né. Todas essas coisas não tem técnica que explique, entendeu? Não tem. Porém, pra mim, educação infantil é a fase mais importante da vida de um ser humano. Desta feita, a exemplo a minha formação. Meu pai não era um técnico, não era um teórico, mas eu tive uma formação corretíssima, dentro dos princípios de moral, intelectual, social,

físico, sabe? Então, eu acho que é a melhor idade do mundo. É... é a idade onde a pessoa forma a sua base pra toda a sua vida.

M: Você acha que tem diferença entre o papel da creche e o papel da EMEI?

H: Eu acho que não deveria ter, porque... se tem, tá errado. Eu acho que é uma continuidade, nós estamos de 0 a 6. Educação infantil é uma coisa só. Eu não entendo a educação infantil separada (risos), né? A infância é de 0 a 6. Se ela se separa, tá incorreto. Eu não acredito que exista esse separatismo. E a gente sabe isso imputamente, tecnicamente que não é o correto, né, que existe essa disponibilidade de separação, onde a família também não entende e ela questiona "Ô Helena, por que que ficou aqui só um ano?". Eu entendo que educação infantil é de 0 a 6. Eu não entendo educação infantil com essa separação. Não vejo, não me entra, não... pra mim não... é... funcionalmente, ela existe. Tecnicamente, é viável? Não sei. Agora, te responder... a Helena respondendo pra você, eu sou contra. Educação infantil pra mim é zero a seis anos de idade. Essa é a formação do caráter do indivíduo. Não é só até os três, entendeu? Eu formo mais intensamente quando ele globaliza as ações e quando ele sistematiza no cérebro aquilo que ele quer saber. E o reconhecimento de mundo é de dois a três, que é mais forte, né, que é mais incisivo. Mas o caráter do indivíduo, de zero a seis, gente, é a educação infantil. Pra mim, não tem essa... não teria que ter, né? Então, lá na pré-escola é educação infantil. Eu acho que eles têm que trabalhar nos mesmos moldes que se trabalha em educação, através do brincar, sabe? Um olhar mais lúdico na vida da criança, um olhar diferente pra essas crianças. Chegam lá, já vão colocando banquinho, cadeirinha, chamada oral, aquela coisa tudo (risos), né. Eu sou contra. Se estiver acontecendo isso, não posso dizer que está, né, porque a rede municipal, ela tem feito um trabalho inclusive de avaliação, a gente faz uma avaliação que segue para a educação para EMEI justamente pra não terem essa re... não... não... não acontecer essa partida. É... parece-me que acontece na rede municipal mais a título de organização, por conta do espaço ser pequeno, é... das dificuldades, eu acho, de prédio, de estrutura. Mas eu não entendo que na cabeça dos técnicos, nossos profissionais que tomam conta da área de educação, que exista essa separação. Eu não acredito que não, eu acredito que não. Se existe na cabeça de algum professor, ele tá errado.

M: Eu não conheço as EMEIs daqui. Eu não tenho esse contato, então... não sei também como que é. E o papel do educador nesse contexto?

H: Olha. O educador... Eu falei no começo pra você, é... é... em relação, assim, muito mais do que palavras, as nossas ações, né. Eu penso que o educador, ele... ele tem que ter uma

proposta de vir pra escola e ser luz. Ele tem obrigação de ser um educador luz. Essa é a palavra correta para o educador de educação infantil. Às vezes me dá um desespero muito grande, como eu te falei, eu fico... muito ansiosa porque muitas vezes eu acho assim, olha, pra ser educador ele tem que ter... ele tem que ser até doutor. E é verdade. A única área que eu acho que teria que ter até um doutorado, por outro lado, as experiências de vida também nos dão essa... cê viu como é que é difícil? Mas olha, o educador que vier com a finalidade de ganhar dinheiro, com a finalidade de "ah, não sei, é mais fácil fazer pedagogia, porque não tem matemática...". Nós temos educadores que têm esse pensamento. Então o educador, ele tem que vir pra escola de educação infantil pensando que ele é um espelho que é refletido na vida da criança. Ele é o ser iluminado ou ele é um ser que não é iluminado, que tá coberto de trevas e que a criança leva carregada pro resto da sua vida. Ali no educador ela vê os seus sonhos. Ali ela desmistifica através do lúdico as coisas negativas que aconteceram na casa dela. Pra mim, o educador, ele tem que vir pra escola não por concurso. Ele tem que vir pra escola sabendo que ele veio, que ele escolheu, sabendo que educar é difícil, sabendo que educar é meio que missionado. Você tem que ser apaixonado por criança. Você tem que ser apaixonado por educação pra nunca esquecer de ler, pra nunca esquecer que você aprende todos os dias, todos os momentos, todos os minutos, porque nós somos o espelho, nós somos transparentes aos olhos das crianças. E isso é uma coisa que é dentro de mim, sabe? A criança, eu, você já deve ter percebido, ela pode tá chorando, gritando, do jeito que tiver. Eu chego na criança, me abaixo nos olhos dela, seguro ela na mão firmemente e olho nos olhos dela, ela para de chorar. Eu não concordo com o educador que senta a criança no colo, sabe, por sentar, entendeu? Eu acredito numa educação de comportamentos diversos, que tenha comportamentos de ações positivas onde o educador interaja com a criança, sabendo o que ele tá fazendo. Muito mais do que eu traga um bom planejamento escrito e na hora eu não saiba fazer uma criança parar de chorar e não... Por quê? Porque não sabe entender que o choro é a manifestação do sentimento da criança, que algo de ruim está dentro dela. E o que será que está acontencendo? Muitas vezes até medo do próprio educador. Então, o educador antes de ser educador ele tem que pensar muito. A tarefa mais difícil é essa. É educar para a educação infantil, na educação infantil, você tem que vir e viver. Você vai educar e vai cuidar. Duas coisas que não se dissociam. E muita gente chega aqui na educação infantil "Ah, mas tem que lavar a bunda da criança?". Me desculpa a força da expressão, mas é assim que elas veem. "Ah, mas eu vou ter que limpar cocô de criança?", "Ah...", mas uai, se eu me formei pra educação infantil, eu tenho que saber que eu vim pra cuidar do psicológico, do intelectual e do social e da saúde dessa criança. E se ela fica

numa escola na parte integral, eu tenho que entender que eu não sou, é... uma pessoa que vinha aqui pra olhar só essa criança e o outro fazer. Eu vim aqui pra colaborar, cooperar, ser um cooperador na educação e formação do caráter dessa criança junto com a família. Eu sou *co-parceiro* dessa família. E se eu não entendo assim, eu não posso ser educador. É muito sério ser educador. E é muito difícil ser diretor de educadores que não têm o mesmo pensamento que a gente. E aí você se esbarra muitas vezes... é... tem diretores que se esbarram no medo de perder o cargo. Eu não me esbarro. Não me esbarro, não tenho medo de ninguém, de nada. Eu prefiro morrer pobre, sair daqui, ser dispensada e lutar com a causa da criança. Mas não ficam comigo as pessoas, aos poucos a gente vai se desfazendo das pessoas que não vieram com o mesmo intuito. Por quê? Porque, pra mim, o educador, ele tem que ser no mínimo completo de alma. Porque o educador, ele sai daqui, a criança ludicamente, ela não tem... ela não acredita que a gente saia da escola. Há pouco tempo eu fui ao clube e eu vou sempre em alguns lugares e tem coisas e costumes que a gente faz que são errados que jamais eu faria perto da criança. E que eu nem gosto muito de ter uma convivência social onde as crianças tão no clube e tal, por quê? Eu perco a minha liberdade de... até de me expressar. Por isso que eu falo, o educador, ele tem que ser completo, porque ele vai ter que ser único. Se você tem o defeito de fumar e você fuma escondido, você tem que se comp... falar "Não, olha, eu não vou fumar mais, porque eu tenho que ser um educador completo". Ou no mínimo, se você fuma lá fora, não mostrar esse vício pra criança. Então, eu fui ao clube, eu, se eu for no clube eu não bebo e essas coisas assim, né. Mas se eu fumo, eu... você pode ter certeza, nenhuma criança vai ver eu fumar. Eu não fumo perto dos netos, sabe. São ações negativas na vida da criança. Embora é contraditório também porque, por exemplo, eu aprendi a fumar depois de mais velha e nenhum filho meu fuma, porque eles entenderam nas minhas ações que aquilo era negativo. Se eu dava uma boa explicação, eles entendiam. Mas o educador luz, ele não se dissocia. Então, eu cheguei no clube, e eu tenho fotos, se você quiser depois pegar aí, eu deitada na... na... na piscina de ondas e as crianças vieram deitar em cima de mim pra tirar foto. E outras crianças correndo, que os pais fotografaram, "Nossa! A tia Helena!", como se eles tivessem visto uma princesa. E chegou perto de mim, "Tia Helena! Você saiu da creche???", como se eu fosse um sonho encantado que tivesse no clube e que eles enxergavam o que? A tia Helena é da creche. Tão forte foi aquilo que eu passei pra eles, tão forte é quando eles me encontram lá fora. Tão forte é quando eu vejo uma criança correr do educador com medo. Das marcas que a gente deixa na vida dessa criança. Então, gente, é... eu acho, Mara, que... é... eu falo de educação com muita, com muita emoção, com muito sentimento, com muita paixão, né.

Então, educar pra mim é... o educador, ele tem que ser no mínimo completo de alma. E não se dissipar disso. O educador que começa a ser muito técnico, muito "Ai, por que? Ai...". Olha, bem... pra mim, ele pode servir pra parte técnica, de pesquisa, mas a atitude intencional ali na hora, não dá. Eu tive educadores excelentes que eu cheguei e falei pra eles "Olha, você tem que ir pra área de pesquisa, você tem que ir pra área de es...", e somos amigos até hoje. Por quê? Porque é diferente o contato de um pesquisador do que um professor de educação infantil. Eu não gosto de falar professor, eu gosto de falar educador. Elas querem se igualar a educação "Não, porque o professor tem que ser tudo professor". Eu não sei o que elas pensam. Elas não entendem que educador é um nome muito mais bonito, mais forte, mais... sabe? Eu acho que educador é educador. Eu sou professora? Eu sou, mas ai que nome feio! Eu quero ser educador. Eu não falo pra ninguém "eu sou diretora", eu sou educadora. Eu sou educadora. Isso é forte. E como é difícil educar, né. Então o papel do educador, eu não diria o professor de educação infantil, porque pra mim o professor de educação infantil, ele não pode ser professor, ele tem que ser educador de alma.

M: Falando agora um pouquinho sobre... mais especificamente sobre o meu tema, né. Como é que foi quando você soube que viria um homem pra cá, que na atribuição um homem tinha escolhido sua creche? Que expectativa que você tinha em relação a isso?

H: Olha, foi uma expectativa extremamente positiva. Até porque, assim, com essa proposta que eu tenho é... é... de humanização, de, de conhecer a comunidade a partir de seu seio, então a minha história, ela não veio de cima pra baixo, ela não veio da formação pra comunidade. Ela nasceu da comunidade e se formou. Percebe? Então, é um, um caminho diferente a ser percorrido. Então, eu me formei com a comunidade. E aí, percebendo que as nossas famílias é, eram a maioria pais separados, filhos que não tinham pais, eu comecei lá atrás a pensar "Puxa vida, por que, como que é importante a figura masculina na vida dessa criança". Eu via quando eles viam uma figura homem, tipo Papai Noel, o coelho, em algumas festas que a gente organizava, eu percebia que a afetividade da criança em relação ao homem era muito grande. Era uma expectativa de, de... como se fosse aquela coisa de pôr a mão e querer saber o que que era aquilo, né. Principalmente pras crianças que não tinham os pais presentes, porque a maioria na época não tinha. A árvore genealógica da família não era reconhecida. "Você é filho de quem?", "Não sei. Eu não tenho certidão", "Mas o pai é quem, minha querida?", "Olha, essa é de um, esse é de outro, mas eu não sei qual que é". Então, nosso histórico social era um tanto quanto que... complexo. E, a partir disso, eu... eu tive uma expectativa muito positiva com a chegada

do professor, por acreditar é... que... essa contribuição homem-mulher na formação do caráter do indivíduo, ela é muito importante. Então, eu acreditava assim que a figura masculina nos traria um aprendizado na equipe de como lidar com essa criança aonde os pais eram faltosos... Então foi mu... extremamente positiva a minha... Claro que, assim... As meninas "Nossa, Helena, mas você não tem medo... não tem...". O pessoal ficou meio assustado. "Um homem no meio de mulher, mas como é que será que vai ser... Meu Deus do céu! Como é que é e tal." Como eu já havia tido outras experiências anteriores com educadores, não tive problema nenhum, mas, assim, não eram os edu, educadores de alma. Quando o professor Vicente chegou, eu per... os outros, eu tinha um que tinha um problema de sexualidade, eu tive outro que tinha alguns problemas, então a pessoa falava "Ai, Helena, deve ser igual aquele." E eu "Olha, gente, olha a boca, olha a língua", né, a gente até em brincadeira e... pra descontrair, aí uma "Ai, mas será que um homem desse tamanho, mas será que ele não é *gay* não?". As próprias professoras tinham uma visão até que um pouco distorcida. Mas eu procurava trabalhar aquilo sem tocar muito no assunto. Eu aprendi assim... a lidar com aquele assunto e depois abrir aquele assunto. Eu não sei se você consegue entender. Tipo assim, meu pai falava assim "Olha, se você colocar, ficar falando muito pra criança que ela não pode, que isso, que é proibido, que aquilo, ela vai olhar atrás da fechadura pra ver o que que tem". Então, se você ficar, olha a lição que ele me deu lá atrás em termos de sexualidade, por exemplo. "Minha filha, olha, o homem, ele tem o pênis, a mulher é assim.". Meu pai, olha que brilhante, né, eu com cinquenta e tantos anos, você vê, naquela época isso não era comum. Quando eu menstruei, o meu pai me falou "Minha filha, você vai ficar mocinha, as, seus mamilos já cresceram...". A minha mãe nunca falou comigo sobre sexualidade. Então, eu tinha um negócio dentro de mim muito positivo em relação à figura masculina já vinda dessa característica de pai, e que eu sempre acreditei que... tinha que ser dividido essa tarefa dentro de casa, entendeu? Então, eu já tinha muito positivo isso dentro de mim. Pelo histórico que eu tive com o meu ex-marido, que era muito... me tolhia de tudo, muito severo, totalmente diferente do meu pai. Então, eu buscava também uma figura no meu casamento que fosse parecida pelo menos com o meu pai. Graças a Deus hoje eu tenho. Sou casada com uma pessoa maravilhosa. Eu ganhei um ouro de marido que é tudo que meu pai era, entendeu? E, falando do professor, eu só voltei pra você entender qual é essa relação de dificuldade que eu não tive, por conta desta formação que eu já tive. Então, você há de convir comigo que essa formação intelectual que eu tive, moral, social, ela não foi discriminatória. Eu não tive uma educação discriminatória. Então, fez com que eu aceitasse com muita tranquilidade, positivamente e porque acreditava nesse educador luz. Esse acreditar,

porque quando esse educador já chegou pra mim, talvez eu já tivesse rompido os meus preconceitos, que eram adquiridos, que seriam adquiridos desde o passado.

M: Uhum.

H: Que às vezes hoje o educador ainda tem esse preconceito por conta de que ainda são jovens, ainda não passaram o que a gente passou. Então, pra mim, a figura masculina, ela foi de su... ela foi muito bem-vinda, muito querida. Eu não enxergo o educador homem e mulher. Eu não consigo. Pra mim, o Vicente é um educador e a... por exemplo, a Roberta, que estava com ele, é uma educadora. Ele, os dois são educadores daquela sala, entendeu? Eu não olho ele como homem. Eu converso com ele como se estivesse conversando com um educador. Ele foi muito bem recebido por mim, eu tenho certeza absoluta, sabe. É... dei a ele as condições é... de sobrevida (risos) no meio de... vinte mulheres e... importante é que ele realmente veio satisfazer os meus anseios enquanto diretor de escola, ele veio desmistificar aquilo que era mi, que era... místico, né, dentro da sociedade. Ele veio contrapor, ele veio dizer "Olha, o educador, ele tem que ser realmente luz. É como a dona Helena falou.". Ele um dia falou isso pra mim. O educador tem que ser educador, independente de sexo ou não. Então ele falou pra mim que tinha sentido muita... liberdade de estar aqui, na vez que ele foi numa reunião que... era diferente estar aqui, que ele queria que as outras escolas fossem como aqui. Ele me falou algumas coisas assim, mais ou menos nesse sentido. Então eu percebi que ele também deve ter ficado à vontade, eu não sei, pelo menos é a fala que ele... né, ele teve dificuldade, assim, com o todo. Isso não tem dúvida. Até eu tive dificuldade de lidar com as meninas, com a família, mas não dentro de mim. E eu só consegui passar isso pra família porque dentro de mim era forte. Então que que acontece? Que que eu quero te dizer com isso? Eu não consigo passar o que eu não sinto, percebe? Pra nós não foi problema, eu não precisei ficar falando "Olha, ele é homem, ba ba ba ba ba ba", entendeu? "Figura masculina!", ficar enfatizando o tema. Nós temos essa equipe de trabalho, temos sim uma, um educador homem, que vem a su, que vem se juntar a nós, que está aqui pra educar, que... fala um pouquinho da educação. Mas eu não fico enfatizando é, é... coisas assim... que a pessoa, que leve a pessoa a ficar desconfiada. Porque dentro de mim não existe essa necessidade, porque eu não tenho dúvida. E quando você não tem dúvida de que o educador, ele é importante dentro da escola... Quando você não tem dúvida que independente do sexo, da sexualidade desse educador, quando você respeita o ser como ser humano, independente de sua sexualidade, independente da sua cultura, entendeu? É... você passa essa força. Então não precisa ficar falando, é... é... alongando grandes assuntos

em relação a essa figura. Mas eu procuro ouvir as famílias, eu procuro... é gostoso você ver que a família chega e fala "Nossa, Helena! Eu tava com tanto medo. Será que não tem perigo?", "Não, minha querida, fica tranquila, pode ir embora tranquila, fica tranquila." Se o dirigente, ele passa essa segurança, a família passa a ir seguindo tranquilamente. E ao final ela percebe o quão foi bom aquela figura dentro da escola. "Nossa, bem que a senhora falou, dona Helena, eu tava com medo à toa. Eu tenho até vergonha de dizer que eu tinha preconceito", né. Mas eu acho que foi muito saudável o Vicente aqui na escola por eu ter é... é... esse pensamento, é..., diferente, por eu ter, é... é..., tido um pai como eu tive, que foi na idade de formação do caráter, por eu ter tido uma educação que não era centralizadora, por eu ter tido uma educação que não foi manipuladora, por eu ter tido uma educação que não foi discriminadora, discriminatória, né, no caso, eu tinha sete homens e cinco mulheres de irmãos. Os irmãos eram os mais velhos. Eu, particularmente, só brincava com coisas de homem. Se me, eu tive uma boneca na vida, uma dorminhoca, entendeu? Meus irmãos tinham velocípede, trenzinho, rolemã, e eu queria andar de trenzinho, de rolemã, de... das coisas que eles brincavam. Eu era pequena e eles eram mais velhos, então eles tinham de... passava do mais velho pro menor e eles conservavam. Então, nós não aprendemos a ter essa... meu pai deixava. Eu brincava de bolinha de gude, eu subia na árvore, eu andava de rolemã, eu batia nos meus irmãos, aquelas coisas normais que acontecem na educação. E o meu pai permitia que a gente fosse livre de ideias e autônomos pra ser o que a gente quisesse. Então, a gente morava na roça, os brinquedos eram... não tinha "ó, esse é de homem, esse é de mulher", porque meu pai não tinha essa fala. Eu nunca ouvi meu pai falando isso na minha vida. Nunca ouvi falar "Olha, esse é homem, esse é mulher. Esse é de homem, esse é de mulher". Nunca, porque a construção dos brinquedos era feita com espiga de milho, com... abóboras. A gente fazia casas, castelos, cavalinhos... a... a... as espigas de milho, umas eram vermelhinhas, outras mais amarelas, outras pretas, a gente já diferenciava as cores. E meu pai mostrava "Olha, as pessoas são diferentes. Olha as cores dos cabelos." Eu tenho histórias maravilhosas escritas pelo meu pai em relação a essa educação que ele deu pra gente, que não, que... que não precisa registro nenhum, tá tudo gravado aqui. Eu lembro como se fosse hoje. Mas ele permitia que a gente subisse na mangueira, chupasse a manga, sentasse no pé da manga, entendeu? Não era uma coisa de homem. Todas nós fazíamos o que os meninos faziam. Também fazíamos o serviço pesado, o que era pior (risos). Fazíamos serviço pesado também. A gente recolhia cavalos, a gente ia colher café, a gente dividia tarefas mesmo, né, era uma coisa muito bonita, era uma... nós éramos uma família de uma... eu não sei te explicar, hoje não tem mais. Tem sim, lá em

casa eles são assim. Meus filhos foram criados e são criados assim. É... tanto que meus filhos lavam, passam, cozinham, ajudam as mulheres, olham as crianças... Meu filho teve na sala do professor Vicente o filho dele. Ele não teve preconceito. E meu neto adora brincar de boneca, ele é o papai, ele pega a bolsa, sabe? E foi até difícil ensinar os educadores que não tem problema nenhum, entendeu? Porque eu, quando era pequena, eu brincava com coisas de homem e meu irmão, que, nossa!, nem por isso ele deixou de ser homem, hoje ele é o chefe geral da educação no estado de (nome do estado), ele é o dr. C., ele é meu irmão, ele trabalha na (nome de universidade pública) e ele é da... de (nome do município), membro efetivo e ele é da... de Brasília ele é um dos mentores lá muito fortes, mas não é política, é... é cargo mesmo de carreira, né. Uma pessoa brilhante e ele brincava de bolsa, boneca com a gente, penteava as filhinhas, punha as filhas pra dormir, sabe? E isso não fez ele menos homem, né. Então foi difícil passar para os educadores. É difícil passar para os educadores. Mas quando eles são abertos, eles entendem. O difícil é quando eles não são abertos. Aqui, não se teve problema nenhum, porque também a figura do Vicente trouxe uma... uma espécie de... de respeito. O Vicente é uma pessoa extremamente séria, ele é uma pessoa feliz, ele é uma pessoa... um pai muito presente na vida dos filhos e eu acho que isso ajudou com que elas também o respeitassem, porque ele passa tudo isso também, né. Agora, se lá na frente não aceita, nada funciona. Eu acho que começa lá no diretor. A escola é a cara do diretor. O secretário tem que ser a cara do diretor. Se não for, não serve. Se ele não enfrentar chuva, não ficar no portão, se não beijar, entendeu? Você conhece o seu diretor pelo, por quem te recebe. Entendeu? Então é assim que eu penso. Eu penso que começa lá na frente e eu nunca tive preconceito nenhum e acho que nunca vou ter, porque não tem isso na minha casa, não acontece isso na minha casa, não aconteceu na minha infância. Olha que interessante, né, eu nessa idade poderia ter vindo de uma educação totalmente diferente, por isso que eu te falei que eu tenho, eu tive uma formação muito brilhante. Não da minha mãe, do meu pai. Minha mãe sempre foi preconceituosa, umas coisas assim, né. Hoje não, hoje minha mãe, nossa!, é um doce, é um... ela também aprendeu com meu pai, ela também aprendeu com a gente. Ela é maravilhosa, entendeu? Mas ela precisou aprender. E eu também, eu fui aprendendo.

M: E como tem sido a experiência de ter um homem como educador aqui na creche?

H: Extremamente positiva. Eu acho assim, a nível da família, eu acho que a nível da... dos educadores, né, eu acho que trouxe essa, esse bom entendimento com a figura masculina, relacionada a esse educador luz. Nos deu, assim, muita abertura pra temas em, em

reunião pedagógica. Nos leva a discutir isso de uma forma menos discriminatóri... discriminatória, né. E... tem, é provocado, é... bastante reflexão. Muitas vezes elas nem percebem o tanto que a gente reflete em relação a isso, porque eu não fico apontando o dedo. A gente coloca ações e deixa ela... é... é que nem, é como o caldeirão da bruxa, né, você coloca tudo lá, do mundo lúdico, e deixa vazar, né. E... tem gerado uma reflexão muito boa por conta disso que eu te falei agora, em relação à dificuldade que elas tinham da criança brincar com a boneca, que era homem, se podia, se não podia, né. "Ah, mas não sei o que..." "Ah, mas...". Aí, outro dia eu ainda fiz uma pergunta pra elas sem elas perceberem numa reunião pedagógica, eu falei "Escuta. Que tipo de marido vocês queriam ter?". Aí, elas todas ficaram... E eu "Então, por que que vocês tão educando pra eles não cuidarem da boneca, da criança, das coisinhas, fazer comida... Vocês não querem um marido que ajude, que participe, que seja participativo nas... porque hoje as mulheres estão na rua trabalhando!" "Ah, não! É verdade!" Aí eu falei, "Engraçado, né. E as crianças aqui da escola não pode!" Até por... por conta de uma ação reflexiva, negativa, de alguma educadora que eu tive essa ação intencional. Então, provoquei uma reflexão na pessoa do Vicente. Eu falei "Olha, se você me permitir eu vou usar você nesse momento. O Vicente é menos homem do que os homens que gritam, que batem, que fazem e acontecem, que são machistas?" "Nãão! Pelo amor de Deus! Não!" "Então, mas por que que vocês estão fazendo isso com as crianças? Por que que, por exemplo, o meu neto não pode brincar com boneca? Se eu coloquei ele nessa escola é porque eu acredito nessa escola. Se eu ficar enfatizando o que ele não pode...". Tanto que houve um reforçamento em relação a... ao rosa e... ao azul. Porque a gente não pode ter esse reforçamento, né. Mas aconteceu e foi muito interessante que o (nome de seu neto) leva isso até hoje. Roupa azul é de homem e rosa é de mulher. Porque elas querendo ajudar e o medo de que isso fosse negativo pra ele, elas começaram a trabalhar cores. Eu falei "Gente, trabalha cores... é... trabalha... é... áreas de conhecimento, de cumplicidade, de ajuda mútua. Não fica falando que boneca não é coisa de homem, mas pergunta quem é aquela criança, se é um bebê, se ele tá brincando. Entra na brincadeira ludicamente pra que você reforce nele uma atitude menos machista." Mas o educador tem muita dificuldade de aceitar esse preconceito pré-estabelecido dentro dele. Tanto que o meu neto saiu daqui, com professores ótimos e, inclusive, com o Vicente e com a Roberta, que eu acho os melhores professores da escola, eu adoro, tenho... gosto demais, mas ainda saiu com preconceito. Olha que interessante! Ele disse pra mim outro dia "Olha vovó, mas eu não posso comprar essa camiseta, ela tem um cor-de-rosa aí, essa camiseta é rosa, ela não é de homem". Ela tinha uma marca meio assim cor-de-rosa, né. Muito bonita a camiseta. Azul,

muito colorida, mas no meio ela tinha uma... Então eu percebi que, apesar de tudo, houve um reforçamento do homem e da mulher. Mesmo aqui, que eu trabalho naturalmente e... importante que eu vi isso no meu neto. Então, eu tenho corrigido, tal, mas aquilo que foi feito, olha que interessante, já ficou. Ele já gravou que rosa é de mulher e azul é de homem. Eu entendo assim. Eu não entendo assim (risos). Então, mas é extremamente positivo essa figura e traz esses momentos reflexivos. Que homem eu quero pra mim. Por que que eu quero formar um homem machista? Se eu quero brigar com meu marido, eu falava pras meninas, chegar em casa "Por que que você não arruma a cozinha?" "Ué, mas não é coisa de homem." Educador também não é coisa de homem? No passado, se dizia. Então, eu acho que ele provocou dentro desse caldeirão mágico, do faz-de-conta, desse momento lúdico, uma ação de reflexão muito positiva pra escola.

M: E além dessa, assim, você vê outras vantagens ou desvantagens em relação à presença dele?

H: Vejo. Em relação à criança mesmo que, que... pela dificuldade que eu te falei anteriormente de não ter é... é... o, a família, ela... a nomenclatura de família modificou. Nós tínhamos uma família mononuclear, uma família totalmente diferente do que é hoje. Nós tínhamos pai, mãe, avós, aquela família toda certinha. E o contexto atual é diferenciado, né. Nós temos filhos de vários pais, irmãos que são irmãos por parte de mãe, pais separados, avós postiços e etc e tal. Essa família se modificou, né. Então, essa figura masculina, ela nos ajuda independente de reforçar, é... que o pai é obrigado a viver com uma mulher que ele não ama, é uma coisa, mas ele tem que ter uma vivência com essa criança de respeito, no mínimo. Então, a figura do Vicente, ele traz em muitos momentos a segurança do pai. Não só a segurança, eu vejo que o menino, ele se espelha nele como educador, entende? Lançado essa figura masculina pra gerenciar nele o pensamento diferente em relação a uma proposta de vida, uma proposta humana. Como eu te falei, eu não vejo nele o homem, a mulher. Eu vejo nele o educador. E para a criança tem sido, e a gente tem procurado que, é... é... que isso seja tranquilo. Não é, conforme eu te falei anteriormente. O meu próprio neto saiu com preconceito pré-estabelecido dentro da escola que eu trabalho, com professores excelentes, inclusive com o Vicente no começo. Mas não é uma crítica. É uma ação que eu tenho que trabalhar muito em relação ao educador, entendeu? A essa figura masculina. Então, eu percebi que também só ser positivo pra mim, não mostrar pra eles com mais ênfase essas ações não vai adiantar. E eu achei que eles iriam perceber com tranquilidade, essa questão de enfatizar, entendeu?

M: Uhum.

H: Mas eu percebo que eu vou começar... por exemplo, essa reflexão que eu vou fazer no próximo dia 2, eu vou fazer também em cima dessas ações dessas crianças que foram, do que elas levaram de positivo, do que elas levaram de negativo. Esse ano eu tenho um neto que saiu daqui, que me é fácil colocar. Se eu não tenho, a família lá tá vivendo isso. Se eu faço uma avaliação, eu tenho que ter esse olhar. Então, o Vicente, ele veio num momento especial, onde a criança, ela olha pra ele e aprende. A menina aprende a respeitar a outra figura masculina como integração de uma sociedade mais fraterna, entendeu? Eu não vejo assim homem e mulher, entendeu? Não sei se eu tô sendo clara, mas eu vejo essa... o olhar da menina pra ele, com esse respeito, porém com amor de respeito ao seu colega. Que pra ele ali não fica feio o colega tá brincando com a boneca, pra ele não é tão complicado, porque têm crianças que já chegam aqui com preconceitos pré-estabelecidos. "Oh, isso é de homem, viu? Isso é de mulher!". Você vê crianças nessa idade falando isso. Você concorda porque você deve ter visto. Então, nós, é... é... essa figura que eu quero que reforce nas crianças. Muito mais do que mostrar que ele é um homem, que ele é uma mulher, é mostrar que nós somos figuras humanas, que vivemos num mundo e que, através dessa figura humana, homem, que trabalha com a gente, nós vamos aprender a ter um comportamento melhor com os nossos filhos, com uma sociedade menos discriminatória. E essa criança vai ter esse olhar. Então esse é o positivo da criança em relação à figura dele. É o olhar pra ele, pra Roberta, e dissociar, que ainda não é agora, viu? Ainda vai demorar um pouco. Por exemplo, tem criança que achava que o Vicente era marido da Roberta. "Ah, ele é...". E se a Roberta aparecesse com o namorado, eles tinham raiva do namorado da Roberta, porque eles achavam que ela tava traindo o Vicente com aquele namorado. Olha que interessante. Como é importante isso, eu conseguir visualizar que realmente acima de tudo existe um preconceito pré-estabelecido, na mente da própria criança. Se a criança consegue perceber isso e ela faz disso um histórico pra não aceitar o outro, é porque ela não dissociou o negativo. Então, isso me chama pra uma reflexão mais profunda, entendeu? Que eu vou trabalhar esse ano em cima disso. E essa postura de você tá aqui junto com a gente, pra mim é extremamente importante, porque me faz refletir mais vezes, são ações mais positivas de reflexão. Então, o que eu quero finalizar é que apesar de ser importante pra criança, é uma visão que eu tenho, entendeu? Eu, Helena. Eu ainda consigo pegar ações negativas. Eu consigo obter também negações... é... é... re... é... reforçamento de coisas negativas, dentro do seio aonde se trabalha a não... o dizer não à discriminação. Então, se existe a figura masculina, existe o negro, existe o... Isso é muito claro. Eu chego a arrepiar, porque eu tenho muito medo do preconceito. Eu não sou preconceituosa, eu nunca fui. Então, eu fico ansiosa em

relação a isso. E... e o que é positivo é isso. É poder olhar pra menina e pensar que ela pode olhar sim pro seu colega como parceiro, como ser humano, que eu posso construir, a partir dessa geração, história. Esse educador é educador e esse aqui também é educador. Essa é mulher e esse é homem. Aí é sexualidade, porque o educador homem tem alma e a educadora mulher tem alma. E se eles têm alma e nasceram pra ser educador, não tem problema nenhum. Então, eu acho que positivo para as crianças é isso. É desde cedo, quando estão formando o caráter, começar aprender a não discriminar, a já, imediatamente, aprender que homem pode ser educador sim. E que ele pode assim como mulher. E que não pode ser educador não, quando ele não é educador de alma. Não é só a figura masculina, é a figura educador. Eu tenho que enxergar, assim como eu olho pro negro e digo "Olha, você é gente!". Eu sou gente. Eu tenho que ser respeitado como gente. Então, é assim que eu enxergo a figura masculina. E esse positivo ele tem... eu fiquei muito feliz com a vinda dele, porque eu tô conseguindo, é, enxergar que é difícil, mas que é possível. E a intenção que eu vejo no olhar da criança é essa. Eu quero olhar pra criança um dia e que ela tenha já desmistificado isso. Eu quero trabalhar melhor esse ano de 2009 em relação a essa discriminação, porque apesar de ser aberto, ainda é discriminatório. E sem perceber, né. É uma coisa meio que, é..., tá dentro do, do, das pessoas mesmo, né. E você vê que a criança vem pronta de casa. Ela vem pronta. O meu neto não tinha esses problemas, mas aqui dentro foi criado um problema. Ele conseguiu sair daqui enxergando que o rosa é de homem e o... Isso pra mim... é uma coisa, olha, é uma coisa tão pequena, mas é importante. A ação do educador na vida da criança. Então, eu tenho que te dizer o quê? O que vai ser importante pra criança, e o que vai ser tanto pra menina como pro menino, é essa convivência fraterna, de solidariedade, de respeito, entendeu? Se eu respeito o homem como homem e o homem respeita a mulher como mulher, o homem pode ocupar, e a mulher também, qualquer espaço no mundo, em qualquer lugar do mundo. Isso é positivo na vida das crianças. Muito positivo. E essa figura que vem faltando cada vez mais na vida da sociedade, na vida das famílias, ela vem contemplar a nossa escola com uma única presença e mais um servente, que agora são dois. Nós tínhamos duas figuras e agora temos três. E como eles são diferentes, né. Então, pode ter na administração, na escola, homens? Deve ter, porque se nós somos sociedade, se nós somos seres humanos, educadores que aceitamos a convivência fraterna, que aceitamos a convivência, eu acho que a figura do homem vai trazer aprendizado pra vida da mulher. Como lidar com esse homem em casa. Pena que as pessoas não se apercebem disso. Pena que ela não tira a lição de exemplo de um educador, que é figura masculina, de um senhor que vem trabalhar na escola, que acaba

tomando outras posturas frente às mulheres. Porque existem homens e homens, existem mulheres e mulheres. E essa discriminação, ela não é feita pelo ápice que é no final da figura masculina e feminina. Ela é feita no cotidiano, nas ações intermediárias do ser humano. Ele é ação positiva e ele é ação negativa. Dentro daquilo que ele faz. Por isso, eu falo pra você, eu não consigo enxergar o educador homem e o educador mulher. Isso pra mim é fora de cogitação. Não existe mesmo. Porque eu vim pra cá, desmistificar justamente esse preconceito existente, inclusive era preso, era negro, né, vinham de outros estados, de outros lugares, pobres, sub... vivendo em condições sub-humanas. Hoje eu entendo, o que eu vim fazer aqui era muito sério. Era desmistificar. Tanto que meu primeiro projeto foi preservação do verde e o cultural na escola viajando pelo mundo, o reconhecimento. "Bem, eu quero saber quem é sua família". Se você ver os livros lá, você vai ver que eu já fazia, sem saber o que eu tava fazendo, eu fazia um estudo psicológico da família. Pedia foto, "Não, vamos resgatar! Vamo... me dá uma foto." Eu ia pra favela, tirava foto, colocava no caderno. Depois você pede pra C. pra você olhar. Têm registros importantíssimos "Mas quem é você?" "De onde você veio?" "Como é que você vive?" "Vamos fazer, vamos reconhecer a sua árvore genealógica?" E eu percebi que 99% na época eram afro-descendentes. Quer dizer, muito antes da inclusão do negro, eu já trabalhava com a inclusão social. Diferente, por isso que eu falo com muita tranquilidade da figura masculina, entendeu? Porque lá atrás... já, já me... Deus já me prepara, eu acho que é... eu... eu fico muito preocupada em colocar Deus no meio dessa história toda, mas eu tenho Deus muito presente na minha vida, né, eu acho, assim, que eu venci pela fé e sou vencedora pela fé. Não imponho religião na escola, né, porque nem se pode. Cada um é o que quer. Mas eu creio num Deus unitrino. E essa esperança, essa fé que eu tenho, me movimenta, me move, faz com que eu me respeite. Você entendeu? Eu aprendi isso quando criança, mas não falo em religiosidade, eu falo em fé, né. E essa fé, ela me fez entender que o ser humano, ele pode ter igual direito como ele deve ter deveres. Não adianta cobrar só direito e não ter deveres. Ele... pode ser... é... tenho hora que eu... eu vi muita coisa aqui, a gente fica, assim, muito emocionada. Eu acho que o ser humano, ele pode tudo, desde que seja para o bem. Entendeu? Eu não tenho... eu acho que eu nunca tive preconceitos. Sou casada com um negro por exemplo hoje. Meu bisavô era negro. É... e a minha história é uma história, assim, muito interessante, muito bonita, há que se um dia eu consiga escrever um livro dessa história. Tenho certeza que vou conseguir. Já havia escrito, perdi e vou começar do zero. Talvez não fosse o momento de escrever, porque eu escrevia num momento de dor, de sentimento, né, porque sofria muito. Hoje eu escrevo com amor, com... uma diversidade de sentimentos. Eu escrevia como se o mundo

tivesse todo errado e... né. Hoje eu já paro, já escrevo e já consigo perceber que o que movimenta as minhas a... o meu mundo, são minhas ações, entendeu? Então, eu tenho que passar esse curso, eu tenho que passar, que é importante sim, eu tenho que ser categórica nas coisas que eu falo. Eu não tenho que ter medo das pessoas, quando eu sei que aquilo é correto, quando eu sei que o caminho é aquele, eu não posso me calar, entendeu? Então, eu não me calo diante do educador masculino dentro da escola ou em qualquer âmbito. Eu me calo, eu não me calaria nunca, mas eu não falo realmente em relação só à figura masculina. Eu não me calo diante da... do desrespeito. Eu não me calo diante da... da discriminação racial, da discriminação da pobreza... é... a realidade dessa família é muito triste. Muitas vezes a pessoa fala "Ai, a criança chegou toda suja, toda de xixi e tal" e eu falo "Você já foi na casa da família saber se eles têm pelo menos um tanque pra lavar roupa?". É muito fácil julgar, é muito fácil falar, se eu não vivo e não vou vivenciar aquela realidade. "Ai, mas o cabelo dessa menina tá cheio de piolho!", entendeu? Então, a discriminação, ela tanto vem do professor homem ou da professora mulher. E muit... muito mais das mulheres, viu? A discriminação sai da boca das mulheres. Eu acho que muito mais, porque nós temos menos homens, claro, né. Então, o percentual é realmente maior em termos de, de, de, de... de, de... de nomenclatura, né. Eu acho que o... realmente a mulher, ela é mais preconceituosa do que o homem. O homem é muito menos preconceituoso do que a mulher. Assim, a gente tem conversado, né, com a figura masculina... em vários âmbitos, né. O homem tem sido muito menos preconceituoso do que a mulher hoje, pelo que eu vejo, né. Os pais em relação, quem se preocupa mais às vezes é a mãe, entendeu? Às vezes é... a... não é o próprio pai. Ele tem sido mais... menos preconceituoso, eu acho, em relação a essa figura masculina na escola.

M: Tem alguma desvantagem em relação à presença de um homem como educador na instituição?

H: Eu só vejo vantagem. Não tem nada negativo pra relacionar. Assim, principalmente porque... o Vicente é uma figura muito diferenciada.

M: Uhum. Como que é a relação dele com as crianças?

H: Ah, eu acho... melhor do que uma educadora mulher, muitas vezes, em termos... Tá vendo? É complicado, é... é... essa contradição, né, a gente fala "Olha, eu não quero discriminação", mas se você, muitas vezes a gente discrimina falando. Tá percebendo? Eu já tô discriminando a mulher. Eu não estou discriminando. O que eu quero dizer é assim, ó. É... Se eu sou bom educador, eu quis dizer que ele é melhor que muito educador que tem uma formação maravilhosa. Pronto! Vamos esquecer a figura da mulher, pra eu

ser mais clara. Eu acho que ele é um dos melhores educadores que eu tenho. Pronto! Acho que fica melhor assim.

M: Você acha, como que fica a questão do afeto, por exemplo, na relação dele com as crianças?

H: Olha, eu percebi, assim, que era muito interessante, eu vejo o (nome de seu neto) hoje, o meu neto que estudou com ele, é... ele é muito carinhoso, ele é... ele, ele lembra muito dele em ações assim, de diálogo. Quando ele vai conversar com o pai, eu percebo que foi muito positivo, que o diálogo do meu filho é muito parecido com o Vicente, e calmo, sabe? E eu... o, o (nome de seu neto), ele teve esse segmento na escola. Quando voltou pra esse crescimento, ele não tá tendo aquela idade de revolta, sabe? Eu achei interessante isso. O que já ocorreu nos outros netos que não tiveram uma figura masculina presente na vida deles. Eu tenho sete netos. Então, eu percebi que com ele, a coisa aconteceu meio que diferente. Ele é uma criança diferenciada e acredito que por essa postura da nossa própria família e essa ajuda, porque teve um complemento escolar. Se toda criança pudesse ter esse complemento escolar, já aconteceria diferente. Por exemplo, as minhas amigas "Nossa, Helena, mas o seu neto vai estudar lá? Não sei o que... Põe lá no (nome de colégio particular), põe não sei onde". Eu falei "Não. Eu acredito na educação que eu dou lá, na escola. Eu acredito na educação do município." Então, se eu não acreditar na educação, "Ah, mas lá tem favelado, tem isso", me desculpa até de ser extremamente sincera, porque eu sou extremamente sincera. Colegas educadoras, diretoras e etc e tal. "Mas lá tem favelado." Eu falei "Escuta, mas você tá no lugar errado, minha cara. Você tá trabalhando com educação, você é diretor de escola, você é professor? Você me desculpa, você tá no lugar errado." Muitas amigas mesmo. "Ah, eu não tenho coragem de colocar." "Uai, então você tá no lugar errado." Se eu não acredito no que eu faço, se eu não acredito que educação, principalmente a educação infantil, ele tem que conviver com o ser integral, independente de ser pobre, rico, feio, negro, branco, amarelo, índio, o que que eu tô fazendo na escola? Então, eu tive também que vencer barreiras pra trazer os meus netos pra cá. Esse ano vem a (nome de sua neta). O pai dela é totalmente preconceituoso, a exemplo, por conta do militarismo. Ele é polícia civil, é da característica de criação dele, que eu respeito. Mas, como a minha filha não tem essa vivência, ela vai trazer pra cá, como todos trouxeram. Vai estudar na escola. Por quê? Porque acredita naquilo que a mãe faz, porque acredita naquele trabalho, entendeu? Então, a figura masculina na escola, ela tem que ser concebida, ela tem que ser aceita sem preconceitos pré-estabelecidos.

M: Você acha que ele dá conta então dessa questão da afetividade com as crianças?

H: Tranquilamente, ele é uma pessoa, é..., muito dócil. Eu acho que ele é uma pessoa... muito bem preparada. Ele vem, é..., como a gente fala pra vocês, né, a gente estuda um pouco o educador, observa. Eles pensam que a gente fica fechado lá e não está vendo, mas eu sei tudo deles. Por exemplo, o Vicente, ele vem de uma família de professores, é..., uma família toda diferenciada também. Ele teve um histórico sócio-educativo diferenciado. A família toda dele é de educadores. Então eu percebo que ele tem mais ou menos, assim, o que eu penso, assim, eu falo "Puxa vida! Será que um dia o (nome de seu neto) vai ser um educador?" Por conta dessas características, que já vem diferente. O outro já gosta de futebol, mas também não é preconceituoso. Porém, o (nome de seu neto), ele pegou todo aquele... foi muito importante essa questão da afetividade, porque ele pôde na escola, é..., dobrar num período muito importante a afetividade na escola com a famí... com a figura masculina. Ele dobrou, né, esse conhecimento. Ele dobrou, ele tirou de letra aquilo que era equilíbrio sem preconceito. Ele buscou um equilíbrio sem preconceito. Então, essa questão do Vicente aqui na escola, agora eu estou falando do professor, eu não estou falando da figura masculina mais, entendeu?

M: Uhum.

H: Eu quero que você entenda bem isso. O professor Vicente é uma figura extremamente importante, extremamente capaz, extremamente... simpático, extremamente dócil, extre... ele, ele dá conta disso tudo. E eu tenho outras pessoas, independente da figura, que não são o que ele é. Não estou falando mais do...

M: Uhum.

H: Entendeu? Tô falando do ser, esquecendo... porque pra mim não existe mesmo, sabe, eu não consigo falar... Eu consigo falar de educação toda, eu não consigo... Eu já não consigo mais, entendeu, Mara, separar "Ai, a figura, ai..." Eu falo "Ó o educador. Olha o exemplo de educador que é esse homem. Olha o exemplo de educador que é aquela moça."

M: Humm.

H: Entendeu? Então, eu, eu não consigo mais, é..., olhar e... e che... e falar homem e mulher, entendeu? Então, é complicado. Eu consigo olhar e falar "Olha, o professor Vicente, o educador Vicente é um grande educador."

M: E a questão do cuidado? Né, principalmente na relação com o corpo da criança...

H: Eu não vejo problema nenhum, porque assim, ó, aqui nós trabalhamos a autonomia independente, né. Quando se trabalha autonomia e independência, o homem tem que

educar e ensinar a criança pra que ele aprenda a se cuidar, tanto a criança de figura masculina quanto a feminina. Este ano a gente tá trabalhando um pouco diferente. Não que isso seja necessário, mas nós estamos fazendo. Nós temos pouco espaço e fizemos um banheiro masculino e um banheiro feminino. Por quê? A criança passa aqui um ano. O ano que vem ela vai pra EMEI. Lá já vem escrito "masculino" e "feminino". Isso é uma questão hierárquica de organização, organizacional, né. Então, é... eu não vejo problema nenhum, não sinto problema nenhum, porque sin... se eu não sinto ele como homem, eu sinto ele como educador, eu não consigo ver problema. Entendeu? Eu acho que as crianças nessa idade, elas podem tomar banho juntas. Não vejo nenhum tipo de problema, porque lá em casa toma... entendeu? Eles tomam banho junto e não tem aquela curiosidade. Já a outra netinha que é co... que é, é... é criada mais longe daqui do, do... dos que estão sempre juntos, da... mais longe da minha educação, entendeu? Porque, por exemplo, eles vão lá pra casa, eles vão tomar banho, todo mundo toma junto. "Vamo que a vovó vai dá banho!" Aí corre todo mundo, vai tomá banho... e ninguém fica olhando pro pipi, pra perereca, que nem eles falam, né, do outro. Não tem esse... fica aquela coisa, né? Então, eu vejo que não tem realmente problema, né. Isso eu não estou falando só do que eu acredito, eu estou falando do que eu vivo.

M: Uhum.

H: Né? Então, o... é... Eu nunca tive problemas em relação a isso, em relação à figura do professor homem. Na escola, eu percebo que os pais têm essa preocupação. "Ai, será que ele vai dar banho na minha filha? Será que não sei o quê...", né. Tem ainda esse preconceito e, pra se livrar desse preconceito, vai demorar, né. Não é agora. Agora, eu posso te garantir, não existe problema nenhum. Isso tudo é realizado com a maior naturalidade do mundo aqui nessa escola. Pelo menos enquanto eu estiver dirigindo eu acho que é com a maior tranquilidade, pelo menos eu acredito assim, entendeu. Eu não posso te garantir que isso permaneça se for um outro dirigente, mas eu posso te garantir que enquanto eu estiver dirigindo eu percebo isso com muita naturalidade, com muita tranquilidade. Não tenho problema nenhum, é, é... porque o pessoal hoje fica muito preocupado e tem razão de se preocupar por conta da pedofilia e todo esse, esse... essas coisas que vêm acontecendo aí na internet. O agravante maior é essa tecnologia à mão da criança e esse suporte sem cuidado, é, é, é... dirigido, né. Porque a família deixa lá e acha que tá no computador, tá uma beleza. "Meu menino sabe tudo", "Ah, meu menino, ele navega, ele desnavega" e é aquela fala toda e acha uma beleza, né. Eu, por exemplo, sou contra. Entendeu (risos)? Não sou contra a tecnologia. Eu sou contra o pai, a mãe delegar

uma responsabilidade pro Pica-pau que bate, o Pica-pau que é severo, que machuca, que agride. Eu sou contra essa, esse pai colocar essa filha lá naquela internet pra se ver livre de um diálogo formal, de um diálogo amoroso, de um diálogo de carinho, de um respeito. Por exemplo, na minha casa a gente ora antes de se alimentar, antes de dormir. O (nome de seu neto) todos os dias. Ele estudou aqui, as meninas sabem. Ele invoca o espírito santo, ele faz questão de orar "Vovó, eu tô com uma dor no meu coração", ele fala. E eu falo "Mas por que, bem?". "Ah, eu queria tanto, você pode orar comigo?". Eu falo "Claro!". Ele pega lá as imagens que eu tenho, tal. E eu falo "(nome de seu neto), mas não precisa, bem." "Não, mas eu vou pegar a vela, eu vou pegar, eu quero rezar, eu tô com uma dor no co..." Menina, e muitas vezes tá acontecendo alguma coisa. Outro dia o fi, o meu filho tinha sofrido um acidente. O pai dele. Ele... sabe, ele tem umas coisas assim que eu falo "Meu Deus! Que coisa linda!". Talvez ele tenha puxado meu pai, meus bisavós, a mim. Eu não sei que que vai ser dele. Talvez ele seja um educador também. Coitado, né, porque sofre demais, né. Você passar essas ideias... normalmente o pessoal quer ouvir pessoas cultas, que tem doutorado, que tem mestrado, que tem não sei o quê. Esquecem de ouvir as pessoas que têm história de vida. Entendeu? É essa a contraposição que eu fico desesperada, que eu ainda não consegui entender na minha cabeça. Ao mesmo tempo que eu quero um doutor pra entender aquilo, eu quero um carpinteiro que vem lá, entendeu, e venha... cê entende? É tão difícil e tão fácil. Então, eu não vejo problema na escola. Na nossa escola, nós temos muitos defeitos, muitos problemas, que se eu não tivesse, eu já teria morrido, né. Com certeza. Eu não estaria aqui. Como eu te falei, educar é acordar e acordar pros vários problemas pra resolver, né. Mas eu não vejo esse tipo de problema... preconceituoso, esse tipo de problema em relação à figura do Vicente na escola, em relação à sexualidade, em relação ao banho. Nada disso.

M: E...

(Uma pessoa interrompe a entrevista pra se despedir das duas.)

H: Então, eu acho que é muito tranquilo. Não tem problema nenhum.

M: E em relação às famílias? Como é a relação dele com as famílias pelo que você observa?

H: Em relação a essa questão do, do banho?

M: Não. De uma maneira geral, como que é a relação dele com as famílias? Como é que você...

H: É. A princípio, todo mundo assusta. Todo mundo olha desconfiado, que é do ser humano, né. Mas eu, eu procuro pensar que é aquele olhar que você tem "Puxa vida! Eu vim conhecer a escola, porque mudou de escola, e aqui pode ser diferente e eu quero o melhor

pro meu filho. Então eu vou verificar na escola se ela tem um padrão que está adequado àquilo que eu preciso pro meu filho". Então, eu sou muito otimista, né, em relação a isso. Então, eu não vejo problemas. Eu vejo essa observação assim, né... mas eu não consegui observar, tanto me surpreendi em algumas falas de algumas mães, que alguma... em alguns momentos disseram "Nossa, Helena. Eu tinha tanto preconceito, mas isso veio me, me dá um tapa de pelica. Me veio, me, me... fazer uma reflexão totalmente diferente..." Foi muito legal, sabe. Foi muito... positivo. Então, eu não consigo ver ainda aquele medo, né. O professor Vicente, ele já não... ele não causa um medo. Ele causa uma ação de reflexão para a família também. E eu quero apostar que essa... atitude da família seja de observação, porque nos comentários posteriores aos diálogos que a gente vem tendo durante os anos, é... é colocado isso assim dessa forma meio que tranquila. A gente não fica enfatizando "Ó, tipo, isso é pecado. Não vai lá. Não pode." Você fica reforçando no ser desconfiança. Então, como eu trabalho adaptação com a criança e eu falo pros pais "Olha, não fica falando da escola 'Ó, mudou, vai pra escola'". Eu vejo também em relação aos pais essa ação. Então, eu também não fico reforçando muito não, sabe, Mara. Eu acho que reforçar é querer mostrar que algo não poderia ser daquele jeito. Então, eu estaria fazendo o inverso do que eu acredito. Então, eu não reforço muito não.

M: Você não faz nenhuma discussão específica...

H: Não. Não. Nunca.

M: ...sobre isso. Não prepara os pais...

H: Não. Nunca travei um diálogo discriminatório. Eu acho que se eu travar esse diálogo, eu vou... Nós fazemos sim uma avaliação anual, como eu faço de toda a equipe escolar que você presenciou e, nessa discussão, é abordado todos os temas que eles quiserem, inclusive a sexualidade, o tema da figura masculina, o negro na escola, o projeto pedagógico, é... Avaliação se o diretor fica ou não. É... A gente não tem esse medo e essa preocupação, porque o saber, ele vem desvincu... ele vem realmente desvinculado dessa ação negativa. E eu acredito que, se eu ficar reforçando, é meio que como a criança mesmo. Você vai ficar causando interrogações desnecessárias. Eu acredito muito mais nesse poder potencial de... do educador luz, entendeu? Do que ficar mostrando "Ó, é homem...". Eu falo "Olha, nós temos um professor que é homem...". Lógico, eles tão vendo ali. A gente apresenta "É o professor Vicente. Veio somar com a equipe. Nós temos uma equipe muito boa." Mas eu não fico enfatizando, é..., aquela figura, é... é..., como se fosse uma coisa pra ser descoberta, porque eu estaria aí, é... é..., indo contra o que eu penso, entendeu? Então, eu não trago diálogos que venham reforçar que é estranho

a presença de um professor a..., homem na educação. Se eu quero que ele seja tratado como educador, eu não posso ficar sinalizando que ele é homem, que ele é homem, que ele é homem, que ele é homem. Eu tenho que reforçar sim que eu sou uma educadora, que ele é um educador e que o outro é um educador e que juntos, nós vamos ter ações positivas sem discriminação junto à vida da criança. Então, eu não reforço nunca, mas trago sim diálogos, é..., semestrais de avaliação, é..., junto aos pais, e nessas avaliações eles se colocam sim. Você presenciou a última, "Nossa, olha, eu pensei que, que, que... Ah eu tenho até vergonha de falar que eu fiquei com medo". A gente dá liberdade deles falarem o que querem. Entendeu? Então, nós não ficamos reforçando não.

M: E... como que é a relação dele com as colegas?

H: Olha, eu, eu, eu vejo que o Vicente, ele assim... por ele ser homem, ele... às vezes ele é mais retraído. Ele... ele fica mais afastado, ele se recua, ele não participa tanto das ações, que as meninas falam, no momento de lazer delas, no horário de almoço tem o relaxamento, né. E eu acho ele bastante ético. Então, neste momento, ele volta pra sala dele, ele não participa muito dos ti-ti-tis, né, de mulher, aquela coisa toda. Então, eu vejo que ele tem um bom relacionamento, porque ele é muito ético, né. E essa forma ética de ser, ela tem que ser uma postura do educador, tanto figura masculina quanto feminina, né. Não teria que ser só dele. Teria que ser de todos, né. Então aí está a controvérsia. Ele não causa constrangimento, mas nós temos muitos educadores que já nos causaram muitos constrangimentos em relação ao ser educador, pelas posturas inadequadas frente à educação infantil. Mas, em relação a ele, eu acho bastante ético, eu acho que as meninas gostam muito dele. É... Eu não vejo nenhum... nunca vi ninguém falando mal dele. Isso é um sinal muito positivo. Eu nunca o vi envolvido em conversas fiadas, né, um... conversas, é... que levassem a obter uma... sensação de discórdia do grupo. Eu vejo ele sim, se colocando como mestre, eu vejo ele se colocando como educador. "Olha, Helena, eu gostaria que isso... isso é certo, isso é errado... Como que você vê isso? Olha, Helena, eu poderia fazer assim? O que que você acha assim...". Se ele tem uma dificuldade, ele vai até mim e ele "Olha, Helena, eu posso fazer assim? O que que você pensa?". Em relação aos colegas eu percebo que também é assim, né. Achei positivo ele sair agora, ir pra outra sala. É... porque ele vai lidar com outra pessoa, que vem de fora e que eu também quero observar esse comportamento, porque a Roberta, ela tem algumas posturas, né, eu... eu, eu até não sei se pode colocar o nome, mas como eu sou muito aberta e falo isso pra eles, eu me coloco abertamente, né.

M: Eu não vou deixar nomes...

H: Tá. É a professora, ela é muito... que está com ele, ela é extremamente... sistemática, né. Então, na verdade, lá eu falo que ele ocupava a figura do... da, da, da mãe e ela do pai. Era uma coisa, assim, engraçada, né (risos). É, e, e... foi muito interessante isso pra minha vivência, né. E, muitas vezes, ele precisava ficar lá, e aceitar, então eu acho que ele agiu mais passivamente, porque ele teve o respeito de educador ético, entendeu? E que as ações dele, ao arrumar outra sala pra esse novo ano, já foram diferentes de que quando ele arrumou com ela. Ele só, tipo, obedecia ordens, eu percebi. Engraçado, né. É uma coisa assim, é... Porque até ela. É uma característica de educador, né. E a gente dá a liberdade, né. Ela me falou da rotina e eu falei "Olha, pode ficar à vontade, tá aqui a rotina, vocês façam o que acharem melhor". Porque quem vive a rotina são eles. Então, a gente ri muito, porque aí ela fala "Ai, porque isso... ai, porque aquilo..." E a gente respeita. E ele percebendo que como a direção respeita, ele também respeitou. Foi muito legal isso, entendeu? E a gente respeita as pessoas exatamente como elas são. Elas nem percebem mas a gente respeita. Porque a gente deixa tão à vontade, mas elas pensam que a gente não tá percebendo, entendeu? A Roberta... a professora é totalmente dominadora e ele teve que, olha!, que ser um *gentleman* pra conseguir se safar das situações (risos). É o contrário. Ele, assim, não me trouxe... ele, educador, é..., não fe... figura masculina, ele educador, eu estou olhando e falando dele educador, ele teve todo o bom senso, ele teve toda a ética profissional, que um bom educador teria. Entendeu? Talvez outras pessoas não tivessem, mas ele teve. Ele é um grande educador. Ele nasceu educador.

M: E em relação aos outros funcionários da creche?

H: Nunca ouvi comentários, é... é... é..., da pessoa dele. Os comentários que eu ouço são extremamente positivos. São "Puxa! Como pode, né? Um homem ter tanta educação, tanta fineza, tanta clareza dos seus objetivos, né, como que um homem pode ser tão bem formado!" Você vê, o Vicente... Ele tem só o magistério, se não me engano. E... eu ainda falei "Olha, Vicente, busca Pedagogia, vá, porque você está no caminho certo", sabe? Eu acho que... Pra ele também foi uma experiência nova, porque ele trabalhava eu acho que com educação de até quarta série, eu não me lembro, no diálogo que nós tivemos, eu me lembro que era com crianças maiores, né. E pra ele, ele veio como experiência, é..., foi muito positivo também eu acho que pra ele em relação a, a qualidade do trabalho que ele pode dá pros filhos também... Eu acho que isso deve ter uma colaboração grande. Eu não parei pra sentar com ele esse ano ainda pra fazer um fechamento. Você viu a dificuldade, que eu estou organizando as coisas e ainda não tive. Mas devo falar com eles dia 2 e aí eu falo individualmente, né. Eu tenho essa postura, sempre no planejamento eu falo

individualmente com as pessoas. Pra ver o que achou, o que conseguiu atingir, o que acha que não foi legal, né, o que foi bom, o que foi positivo, o que foi negativo. É... no final do ano eu falo em dupla. E no começo do ano eu falo... porque aí o que eu consigo perceber, é..., que muitas vezes juntos eles não se colocam da forma que precisam se colocar. Entendeu? E aí a gente ajuda menos. Então, eu devo falar com ele agora em fevereiro, no dia 2, né, temos reunião de planejamento e, com isso, eu vou conseguir, é..., tirar o que foi positivo, não em relação a essa vida dele... familiar, né, essa vivência dele, ainda não tive esse diálogo, né. Mas nos outros anos nós tivemos, os... as pessoas da, da limpeza que, que trabalhavam com ele, as pessoas da equipe de modo geral acho que perceberam essa tranquilidade mesmo de... do que ele é como educador. E... e chega a ser preconceituoso, porque todas as vezes as pessoas dizem pra mim assim "Ó, ele é melhor do que muita mulher!". Olha o preconceito, né. Ele é melhor do que muita mulher. E isso eu ouço diariamente. Eu falo "Gente, olha o preconceito contra a mulher também. Aí vocês já tão com preconceito contra mulher." E sem querer a gente mesmo fala, porque são as expressões do cotidiano que calam nosso bom senso técnico, né.

M: A gente acaba comparando, né?

H: Exatamente.

M: E com a direção? A relação também é tranquila?

H: Muito tranquila. Nunca tive problemas. Ele é um educador extremamente zeloso, ele é um educador que faz seus planejamentos muito bem feitos, ele é muito crítico, ele é participativo, ele ajuda, ele, ele, ele usa dinheiro do bolso pra comprar as coisas pras crianças, pra ajudar na escola. Ele, ele... ele tem uma... uma boa desenvoltura, ele... compreende as dificuldades da direção e eu vejo nele, assim, esse grande educador porque tem momentos que o dirigente, ele tá no auge do limite e as pessoas tem que ter essa compreensão, porque senão a escola não caminha bem. E tem pessoas que independente, é... é..., disso ou daquilo, não tem aquela compreensão. E é onde às vezes o trabalho, ele não se... Então, o Vicente, desde o, do dia que ele chegou na escola, é..., eu não tive nenhum tipo de problema em relação a ess... a falta de ética, a falta de respeito, a falta... Sabe, ele respeita muito, ele sabe a hora de falar comigo, ele sabe a hora de se calar, ele sabe... ele tem muita ética. Ele é muito... Falei até com a esposa dele, quando esteve aqui, ela falou "Olha, ele é assim em casa, ele é assim com a família dele." Que é dele mesmo. É um educador que nasceu pra ser educador, né. Ele é um educador de alma, né, eu acho. Então... Com a direção também nunca... tivemos algum... nenhum problema.

Nenhum, nenhum, nenhum que eu possa... Nem de estremecer, né. Ele tá sempre sorrindo, sempre simpático, sempre cordato. Ele é um grande educador mesmo, eu acho.

M: E como você avalia o trabalho dele?

H: Olha, eu... eu acho ele um excelente educador. Eu acho ele um excelente educador. Tem defeitos? Temos. Como todos nós temos. Eu não posso achar ele o maior dos educadores. Isso eu falo pra ele mesmo, né. Tem muito a melhorar, como educador, não como figura. Gente, então vamos separar isso porque senão fica complicado pra eu explicar isso.

M: É. Eu quero saber do trabalho mesmo.

H: Isso.

M: O cuidado com a criança, a educação...

H: Então o, o... trabalho do educador, ele tem que tá sempre melhorando. O educador em si. O Vicente, eu percebo que ele tem mais qualidades do que defeitos. Então, tá muito próximo de ser um grande educador, né. Mas, assim..., o dia que eu achar que ele é nota mil, eu vou dizer pra ele que ele não precisa estudar mais. É o que eu te falei. O dia que você achar que eu sou uma grande diretora, eu tô morta, enterrada. "Olha, ela... até onde ela trabalhou ela foi grande". É aí que o ser humano termina sua tarefa. Então, eu dou sempre nove, oito e meio, pra, pros grandes educadores, pra que eles não pensem que eles sabem tudo, que eles já têm todo o conhecimento necessário, né. Mas, perto do que se tem, a nível de educação, a nível de educador como um todo, eu acho que ele é um dos bons educadores que se tem na rede municipal, contando um todo, todos, né. Vamos esquecer a figura. Eu acho que o trabalho dele é muito bem realizado. Ele é muito disciplinado, né, essas pessoas disciplinadas, elas têm, é... é..., as técnicas mais voltadas pra criança. Eu percebo que ele se abaixa à altura da criança, ele corresponde a ações positivas. Então, aqueles erros menores que a gente comete, eles não são importantes, porque as ações positivas foram mais importantes no dia. E eu acho as ações dele mais positivas do que alguns educadores que eu tenho dentro da escola, entendeu? Então, o que eu quero dizer é isso, em relação não à figura, mas sim à pessoa dele.

M: Como profissional.

H: Eu acho que ele é muito profissional. E ele vem melhorando a cada dia, é..., nós nunca vamos ser dez, mil, essas coisas. O pessoal fala que a gente é, mas a gente não é. A gente tem defeitos, né. A família avaliou ele nota mil também e eu também se pudesse dar uma nota pra ele, daria essa nota. Mas eu não dou, pra ninguém essa nota. Porque nós somos passíveis de errar sempre. Porque educar é estar em movimento. E o ser em movimento

erra, né. Você erra o compasso da dança, você errou o passo. Então, eu avalio ele como um educador que está atuando numa área que cabe a ele. Eu acho que ele tem perfil.

M: Falando agora de uma maneira mais geral, né, pensando não só essa instituição, mas a educação infantil de uma maneira geral e não essa pessoa, mas pensando nos homens de uma maneira geral. O que que você pensa, é..., em relação à inserção do homem na educação infantil como educador?

H: Eu acho positivo. Eu acho positivo por conta de tudo que eu te falei. Eu não sou uma pessoa que, que existe dentro de mim um problema de discriminação. Então, eu vou sempre dizer pra você que o que eu vou olhar e o meu olhar como um todo, a nível de mundo, é..., de outras instituições de educação, o meu olhar, ele é profundamente, é..., sistematizado em cima do ser. Entendeu? Então, se eu tenho, dentro de mim, a convicção que eu não posso ser uma pessoa que discrimina e que não abre pro outro a oportunidade, eu não seria correta em dizer pra você que eu sou extremamente a favor da inserção da figura masculina. Eu sou. Do negro, da figura masculina, do índio, do... entendeu? É uma questão de... de, de conceito já adquiridos dentro de mim. A minha formação, ela me dá a, a, a, a sistemática de direcionamento pra pensar que não é negativo, que não é negativo. Porque se, o dia que eu pensar, que eu não estiver aberta pra uma reflexão, que modifica uma sociedade, numa época de transição, eu não vou conseguir mais ser educador, entendeu? Eu tenho que acreditar numa transformação. A educação é transformação, entendeu? Agora, tem coisas muito mais perigosas que a figura masculina na escola, que é o que tá acontecendo na sociedade hoje, no próprio computador, conforme eu te falei tudo. Então, nós temos que nos preocupar mais, os preconceitos que a gente tem que pré-estabelecer agora, são outros. Esse preconceito, eu acho que ele já devia ter se... é... ter sido exterminado da educação (risos). Hoje tem outras coisas muito mais perigosas, muito mais graves pra gente se preocupar. A figura masculina é..., é..., não poderia ser. Eu, e... eu sou uma pessoa otimista, fico feliz de saber que você está fazendo essa, essa, essa conscientização, essa tese em cima disso, porque é uma realidade mundial. A figura masculina não é aceita. Fiquei muito feliz de você ter essa abertura, estar vivenciando isso, estar tentando levar uma tese pra uma dissertação em cima dessa figura, porque infelizmente não deveria ser. É conforme eu tô te falando. Os preconceitos deveriam ser a nível de outras coisas, mas infelizmente ele ainda é muito grande em cima da figura masculina, porque existe um, dois, três, quatro. Pô! Ontem eu estava numa reunião de diretores de escola, tinham cinco homens diretores e tinham trezentas mulheres. Você percebe a partir daí, até na própria direção da escola, a direção normalmente tem a figura

feminina, na educação. Então, é um papel importante, tem que se preocupar sim, tem que trabalhar, levar esse incentivo pra rede, pra... pra outras instâncias, colocar essa importância e mostrar sim. É o que você tá fazendo.

M: Você acha que deveria ser incentivado então, essa...

H: Precisa urgentemente! Eu acho que o trabalho que você está fazendo, ele, a partir dessas visões, a partir desses conhecimentos que você veio adquirindo, técnicos, dessa sua pesquisa, das dificuldades que você vai encontrar, você tem que já partir em seguida para o incentivo, dentro da sua própria instituição. Você se colocar também mentora de que isso é importante pra sociedade, esse incentivo, mas não aquela coisa de, de, de.. apontamento, porque aí você já tá discriminando. Mas esse incentivo de ações positivas junto a essa figura. Na coordenação pedagógica, nas ações positivas com a família, entendeu, assim, mais que... de uma forma não preconceituosa. Mas o incentivo dessa figura, de se... Eu digo assim, olha, a pessoa vem falar mal da figura masculina, a gente se colocar como educador luz, se colocar como educador que não tem esse preconceito, entendeu? Porque o educador, é..., eu vejo muitos técnicos falando e a fala ainda dos grandes técnicos hoje que são pra mim... Eu tenho muitas pessoas que eu admiro enquanto mestres. E que ainda pra mim são falas preconceituosas e que eu ainda discordo, que eu vou na (nome de universidade pública), que eu vou na (nome de universidade particular), que eu vou na (nome de outra universidade particular), ouço palestras preconceituosas, em relação inclusive à figura masculina. E eu tenho muito medo em ser preconceituosa, é o que eu te falei. Eu fico preocupada em colocar a figura masculina em questão, porque a minha questão é o educador. Essa questão é importante pra mim. É a figura... mas eu sei que essa pesquisa sua, ela tem fundamento, ela é necessária, que deve ser incentivado sim e mostrado o que é positivo, o que é negativo, né. Eu tive a... essa parte extremamente positiva do professor Vicente luz. O que que cê tem que incentivar? O educador luz. Não um problema de incentivo em relação à figura, entendeu? Não sei se deu pra entender.

M: Deu, mas o que eu queria que você respondesse é se você acha que existem vantagens suficientes em ter um homem na educação infantil que justificassem um incentivo a essa inserção. É...

H: Existe.

M: A minha pergunta é essa, na verdade.

H: Existe.

M: Agora eu quero falar do homem mesmo.

H: Mesmo. Existe. É positivíssima. Tem que ser incentivada a inserção do homem na escola. Eu acho importante.

M: Essa última pergunta eu acho que você já respondeu, né. Que é se a creche já promoveu alguma discussão sobre essa questão entre a equipe e a família. E você já me disse que você procura não apontar tão diretamente, né.

H: É, na verdade o que a gente faz, a gente promove sempre reuniões a cada seis meses.

M: Mas não sobre...

H: Todas as ações da escola, elas são tratadas com a família. As famílias coloca sim a questão da figura masculina, mas não é apontado o dedo para aquela questão, tipo assim "Olha, o homem..." né? Mas...

M: Não é incluído na pauta.

H: É... Mas ela entra sim, da importância do educador na escola, na vida do filho. E eles respondem. "Eu achei importante o educador... Eu achei que na educação infantil não tinha figura masculina, mas tem", né, "Que que eu senti...". Então, você dá a liberdade pra eles. Então, ela, de certa forma ela... é trabalhado sim essa questão. Mas de uma forma que você dá liberdade deles se colocarem, entendeu? Não aquela coisa dirigida.

M: Uhum.

H: Tem sim, uma rotina de pauta dirigida. "Olha, até aqui nós temos que votar isso, temos que fazer isso, darãrãrãrã...", mas na avaliação, quando eu avalio, eu sento com os pais e falo "Gente, vocês escrevam uma carta pra escola dizendo o que vocês acham que foi importante do que não foi". Eu até tenho as cartas, se você quiser depois tá... tá vendo, ela tá, nós, deixei com a secretaria pra xerocar. Nas cartas, você vê que fala da figura masculina, fala do, da rotina da escola, fala do pedagógico, fala de tudo. É maravilhoso.

M: Eu vou querer dar uma olhada.

H: Depois eu vou te emprestar. Tem tudo. Nós vamos ficar com uma cópia, se você quiser xerocar. E tem a questão também da, da, da importância do que foi a escola como um todo na vida da criança... Então a gente dá abertura. Quando a gente percebe que a maioria não se coloca, que a gente percebeu que, é..., diante de cem alunos, vinte escreveram e oitenta e cinco responderam questionários. Entendeu? Daí tem uma dificuldade da escrita, da colocação. Outros não mediram esforços lá, não tiveram medo de errar, de escrever errado, mas escreveram. Olha que legal, né. Então também isso é uma coisa pra você pensar outras coisas. Cada vez mais a família se coloca. Aqueles que não se colocaram através de cartas, escreveram e responderam o questionário. E no

questionário tem uma pergunta que... o que eles acham sobre a figura masculina. Você vai observar que tem.

M: Ah. Que legal.

H: Aí eles responderam. Então você pode pegar lá no questionário. Então é feito sim a pergunta, mas não é uma coisa, né, mas é feita. Lá no questionário uma das perguntas, é..., e é a última se não me engano, eu coloquei propositalmente, eu coloquei o que eles achavam da figura masculina na escola. Tem essa pergunta no questionário.

M: Ai, vai me ajudar tanto.

H: Tá? Então...

M: Que bom. (risos)

H: Tem essa pergunta. A gente não fica apontando, mas para os pais que não conseguem ainda descrever o seu sentimento e colocar o seu sentimento aflorar no papel, a gente faz um questionário e entrega pra família. Então, esse questionário tá aí. Ele é... ele vai ser passado pra supervisão e ele pode ser visto por qualquer pessoa que venha na escola. Porque ali tem inclusive dizendo "Olha, o... diretor deve continuar ou não deve continuar?" Quem acha que não deve colocou não deve, quem acha que deve colocou que deve, quem acha que tá ruim colocou que tá ruim, entendeu. Então é uma... é aberto. Entendeu? Assim como a pergunta da figura masculina. É aberta. Eles respondem o que acham que sentem. E eu vou filtrar e trabalhar melhor no próximo ano em cima daquilo. Se eu percebo que existe um preconceito estabelecido na figura masculina, que é o que eu te falei que vou falar com o Vicente dia 2, com as avaliações na mão, é mostrar pra ele se está sendo positivo, se não está, onde nós estamos errando. Por exemplo, um dos pontos questionáveis é o (nome de seu neto) ter saído da escola sabendo que rosa era de mulher e o azul era de homem.

M: Humm.

H: Entendeu? Então é questiona... você concorda que é uma coisa que a gente tem que questionar, com os educadores.

M: Uhum.

H: Então, é complexo. Educar é extremamente complexo. A figura masculina dentro da escola? Extremamente complexo. Não vai deixar de ser. Eu acho que uma coisa puxa a outra, entendeu? Mas a gente faz sim essa pergunta, mas não é uma coisa de, de gerar conflito, né?

M: Uhum.

H: O que eu quis dizer é isso. Não que a gente não, não passa e não peça essa...

M: Você não põe isso por exemplo como um ponto na sua pauta, isso que eu quis dizer.

H: Não, ele tem.

M: Chamando atenção...

H: Ah, é. Chamando atenção de pauta não, mas na reflexão eles tem como tópico de resposta "O que você acha da figura masculina na escola?".

M: Uhum.

H: Você vai ver no questionário, tem essa pergunta. Mas eu não coloco como objetivo principal aquilo.

M: Uhum.

H: Né? Tipo assim...

M: Em reunião você nunca teve isso como um ponto de pauta.

H: Não.

M: De discutir...

H: Não, sempre foi colocado...

M: O que apareceu veio dos pais.

H: Dos pais. Dos próprios pais. Este ano, por conta da sua presença na escola, a gente colocou como uma pergunta porque eu achei importante fazer essa pergunta.

M: Uhum. Que legal.

H: Tá? Então, assim, a sua presença nos trouxe uma reflexão de que na avaliação de final de ano, eu deveria sim perguntar o que eles achavam da figura masculina. Mas ele nunca veio como um ponto de pauta. Mas já se... Esse ano já perguntamos. Mas perguntamos também de uma forma não discriminatória, nem incisiva, mas eu achei importante colocar. Por quê? Porque eu acho assim, os pais que quiseram escrever, escreveram, aquilo que acharam que tinham que escrever. Já que eu tinha que forçar algumas respostas, porque tem gente que só sabe escrever aquilo que é dirigido. Isso acontece até com educador, que tem dificuldade de se colocar na escrita ou de verbalizar o que pensa. Isso acontece com a família. Então, eu tive que criar dez perguntas. Uma delas, e a última delas, é "O que você acha da figura masculina na escola?". Então, eu achei importante esse ano colocar essa pergunta, entendeu? Porque foi uma coisa de pauta da reunião. Os próprios pais levantaram essa questão. Aí, se eles levantaram, e o todo? Como é que ele vê isso? Eu quis saber como o todo vê isso. Então foi muito importante. Então ele já passou a ser pauta de pergunta sim, mas por conta da gente estar refletindo, que neste momento seria importante, que a família se colocou e colocou isso como pauta.

M: Uhum.

H: Mas se no ano que vem eles não colocarem isso como pauta, eu vou... Entendeu? É assim, a gente tem que ter esse respeito pelo que o outro tá buscando. Mas eu achei importante colocar. E diante das respostas, eu não vejo problema nenhum. Tem gente que é muito objetivo. "O que que você acha da figura masculina?" "Nada." "Importante.". Tem gente que é... não... né? Mas isso também é importante. É uma forma de trabalhar como eles tão realmente vendo o educador-pessoa. Nada? E depois responde que tá mil? Então, eu achei essa pergunta bastante reflexiva, não a nível só da figura masculina, mas ela é uma pergunta muito pertinente e me dá um embasamento, é... é..., mais reflexivo pras outras áreas de conhecimento. Eu achei que ela leva à uma discussão mais ampla. Achei muito importante essa pergunta que eu fiz esse ano pras famílias. Tirada deles mesmo. E com a sua presença a gente também refletiu algumas outras coisas, né, que nós precisávamos refletir e tem levado a uma reflexão mais ampla.

M: Humm. Legal. Eu terminei minhas perguntas. Se você quiser colocar mais alguma coisa...

H: Não.

M: A gente conversou bastante...

H: Eu acho que... foi muito legal. Eu acho, agradeço a sua presença. É... A escola, ela tá sempre aberta às novas pesquisas, independente das áreas, em que quer que sejam, de conhecimento. A gente só chegou até aqui porque nós fomos sempre abertos, sem trauma, sem medo, sem problemas nenhum. É... Porque não adianta nada eu esconder aquilo que eu quero vê, entendeu? Então, nós somos bastante abertos. Então, colocar a nossa escola à disposição sua, das pessoas que se envolvem com você, de todas as pessoas que quiserem estar na nossa escola, nossa escola tá aberta, né. A gente faz isso, assim, com muita tranquilidade, foi muito importante a sua presença. Toda vez que chega uma pessoa pra somar com a gente, é muito importante. É... Porque me chama à reflexão. E eu sou uma educadora altamente reflexiva. E eu acho muito importante. Eu agradeço a disponibilidade, agradeço a escolha da escola, agradeço você ter permanecido até aqui, porque de repente o educador começa, desiste, ele não tá com aquela... né, e a área dele é outra e de repente não é muito por ali. Eu agradeço você ter permanecido esse te... é... ter se tornado parte dessa família durante esse ano, porque você passa a ser parte. A gente já não te vê como membro separado dessa escola, né. É dolorido saber que logo você termina sua pesquisa, mas que você vai voltar aqui muitas outras vezes. Então é assim que a gente chama o educador. É um chamado mesmo, porque o chamado do educador é um apostolado, né. Então...

M: Eu que agradeço muito, porque...

H: Fica muito à vontade... Nós só temos que agradecer a você aí pelas...

M: Pra mim foi muito bom, assim, tudo. Todas as coisas... Eu trabalho também com educação infantil. Não sei se...

H: Aham.

M: Acho que eu devo ter chegado a comentar...

H: Não, nós não... Comentou assim por alto.

M: E... mas acho que a gente deve ter conversado isso no primeiro dia...

H: Isso. É.

M: ... que eu me apresentei e a gente acabou falando um monte de coisa.

H: Isso, foi correndo.

M: Eu trabalho também, é..., com educação infantil lá em (nome do município).

H: Ah, legal.

M: Esse ano eu vou tá com a faixa etária de cinco anos, e..., então assim, eu tava até comentando com as meninas, né, que eu tava vendo lá o pessoal mexendo na... na rotina que a Roberta elaborou, né?

H: É, ela...

M: E aí...

H: É, na verdade eu tenho aquela rotina. Elas tão tentando...

M: É, eu... Elas me deram no começo do ano, aquela rotina...

H: Ah tá. Elas tão tentando modificar.

M: Estão mexendo, né. E eu fiquei pensando "Nossa, isso deve dá muito trabalho!", né, porque você tem que pensar em todas as turmas, em várias...

H: Não, e você não sabe da maior. Elas não conseguiram tirar a rotina que tem, entendeu?

M: É. Ela acabou fazendo...

H: É. Acabou a... a... os ajustes que têm essa sala aqui que não te... que não tinha e nem a casinha do faz-de-conta. O resto continua como eu havia colocado.

M: Uhum.

H: Mas toda vez elas falavam "Helena, tem que mudar isso." Eu falava "Tudo bem.". Aí eu mudava. Aí uma não ficava satisfeita. Eu mudava de novo a outra não tava satisfeita. Esse ano eu fiz diferente. Eu entreguei na mão delas. Falei "Sabe o que que vocês fazem? Vocês tão lá na, no cotidiano. Tenta fazer! Tenta mudar!". E ontem nós rimos muito, porque a Roberta falou "Helena! Que que é isso? A minha mãe ainda falou 'você vai apresentar isso pra sua diretora?' Mas ela vai entender. Ela sabe o que que é isso.", ela

brincando comigo. Então, é muito complicado. E antigamente, nós não tínhamos essa disponibilidade do educador, Mara. Entendeu? De nos ajudar, entendeu? Antigamente, a gente tinha o educador, ele... a gente fazia, passava pra eles, conversava, tinha esse diálogo, tudo, mas a gente mandava tudo prontinho. Manda tudo pronto até hoje, né, porque vem pronto lá da... da Secretaria. E isso é feito pelo diretor. Só que elas não entendiam que no final do ano você tem avaliação, e eu não tiro férias, eu tenho avaliação de 2008, tem a família que chega, matrícula. Esse ano eu tive a (nome da funcionária) que fez matrícula e inscrição, mas matrícula e inscrição é feito por mim, entendeu? Aí, esse ano eu comecei... eu tive uma equipe também, que se dispôs, entendeu? Porque se você não tem, é aquele negócio, a pessoa fica parada "Ó, eu vim aqui pra fazer isso", se ela não for a diferença, ela não vai pra lugar nenhum. Você sabe disso. E essa equipe que a gente tem faz a diferença. A Roberta é muito assim, a (nome de outra educadora) é muito prestimosa, o Vicente, então é... "Ô Helena, o que você tá precisando?" "Bem, ó é isso.". Eles ajudam, eles se empenham. Então você vê o resultado filtrar, mas até chegar a essa equipe foi difícil. Muitos anos até chegar uma equipe dessa. E mesmo assim eles têm defeitos que eu falo que lá no passado era melhor do que agora. Tipo assim "Nossa, Helena! Não tem material." Eu falo "Nossa, mas quanta caixa jogada fora por aí, por que que não tem material?". Tipo assim... entendeu? É só aquele material o... é... específico, né. Eu fazia sucata. Está aí ó, a prova disso são os... instrumentos musicais. Tudo que... eu era a maior catadora de lixo pra trabalhar dentro da sala de aula...

M: Eu sou lixeira também (risos).

H: Não é, menina? Então, ainda tem muito defeito, mas você viver isso não é gostoso? E elas tão vivendo. Vai ver elas sozinhas na sala conversando... e tô deixando. Aí "Ai, ela nem chamou a (nome da merendeira)". Aí a (nome da merendeira) vem. Aí outra vem e fala. E eu tô achando uma delícia, por quê? Não é porque, é... é..., é porque elas tão construindo história, elas tão tentando chegar a algum lugar. Não é só cobrando de mim, não é? É a mesma coisa, eu fico cobrando do governo, do governo, e não faço nada, meu prédio tá caindo, mas olha que lindo que tá. Você entendeu? Eu mostrei lá trezentas fotos, pedi um monte de coisas. O homem veio aqui "Nossa! Mas tá tão bonita, a sua escola é uma das mais bonitas!". Eu falei "Ah, é? É? Então eu não vou trabalhar mais. Eu vou começar a tirar as cortinas, mostrar o que tem atrás dos bastidores. É por isso que vocês não arrumam a minha escola???" Aí que que eu fiz? Arranquei tudo os TNT, fiz a... a (nome de uma das educadoras) fotografar tudo de errado. Depois eu comecei a cobrir. Por quê? Eles vêm aqui, visualizam aquela coisa funcionando e bonito...

M: Pode deixar que tá tudo...

H: Tá tudo bem! Entendeu? Mas não. Atrás dos bastidores nós temos bastante defeitos, bastante problemas. E... Desta feita, um deles é não ter agente administrativo, não tem quem cuida do, do... da parte de, de... da alimentação, não tem quem cuida dessa parte... geralzona, né. Tem o cardápio que vem pronto, né, mas é... é complicado... não ter o número de educadores que... da organização e limpeza suficiente, pra limpar a escola. Então, tem muitos problemas, né. Mas a gente é muito feliz fazendo a educação.

M: E vai aprendendo, como você disse.

H: É... diariamente.

M: Eu tô aprendendo muito aqui, muitas coisas. Já troquei várias figurinhas com as meninas...

H: Elas são...

M: Eu brinco que se eu pudesse eu levava elas pra arrumar minha sala...

H: É... bem.

M: Elas têm um, um talento, né?

H: E chegaram aqui, não sabiam, viu? Tinha professor, acho que foi a Roberta mesmo? Não, foi a (nome de uma das educadoras). (nome da mesma educadora). (nome da mesma educadora) chegou aqui ela não tinha habilidade nenhuma com essas coisas manuais. A (nome de outra educadora), uma outra educadora, que era de um outro lugar, que hoje ela está em outro lugar, na convivência, cê precisa de ver o que a (nome da mesma educadora) deu pra ela de subsídio pra ela se desenvolver. Eu não sei se você observa que tem educador que tem posturas bastante técnicas e menos pedagógicas. Tem professores que tem posturas bastante pedagógicas e menos técnicas. O que eu quero dizer é assim, por exemplo, ó, a (nome da funcionária), ela é uma técnico-administrativa. Ela tem aquela postura técnico-administrativa. O educador não pode ter duas posturas ao mesmo tempo. Ele tem que ter uma só. Entendeu? E tem educador que ainda tem, apesar de ser excelente. Ele ainda tem aquela... um, um preconceito do humano, umas coisinhas que não tem nada a ver, né. Mas elas tão crescendo muito, viu? Elas cresceram muito estando aqui. Cresceram... assim, chegaram aqui novas. A (nome de uma educadora) chegou aqui não tinha formação pra educação infantil. A Roberta, foi a primeira escola que ela trabalhou acho que com educação infantil, não sei. Não... É... E assim, ela dava aula de português... uma era de inglês e outra era não sei o quê... outra era não sei o quê. Essas meninas são todas novas. Elas começaram a educação aqui. E ainda tem muita coisa a ser mudada.

M: É um processo, né?

H: Apesar do, do, do... É. Assim como eu. É isso que eu tô te falando. É um processo lento, de... Pra grandes mestres e demora eternamente. (Risos).

Entrevista com a família de **Douglas -** Mãe de Douglas (MD)

Duração: 35 minutos

M: Pra gente começar, eu queria que você falasse um pouquinho da sua família, quem mora na casa, quantos filhos vocês têm... se as crianças estudam, onde estão estudando, se é creche, se é Fundamental, que série que está. Queria que você falasse um pouquinho da sua família pra mim.

MD: Tá bom.

M: Pode falar, fica à vontade.

MD: Aqui em casa somos em quatro, né? Eu, meu marido e mais dois filhos, mas eu tenho mais três filhos do meu primeiro casamento, que moram com o pai deles e... que mais?

M: E os dois estão estudando?

MD: Ah, tá! O Douglas tá na creche no período da... meio período, né? E o (nome do irmão) não conseguiu vaga, ele fica na casa de uma senhora que cuida de crianças.

M: E... desde quando? (Douglas vem me mostrar robô que havia montado com blocos) É... agora fica quietinho que a gente tá gravando aqui, tá bom?

M: E... quando que o Douglas começou a frequentar a Educação Infantil?

MD: Foi em... ai...

M: Quantos anos?

MD: Ele tava com... dois anos.

M: Dois anos?

MD: Dois aninhos ele já entrou.

M: E por que que cê decidiu colocar ele na Educação Infantil?

MD: Porque eu trabalho, né? E... é bom lá, né? Eu sei... Eu vi... Já trabalhei em escolinha particular e vi que lá é um lugar bem seguro pra criança, né, também!

M: Você tinha com quem deixar ele na época?

MD: Não, não tinha. Como não tem também pra deixar esse (falando do filho mais novo, que estava em seu colo), né? Porque acabei não... Família não tem como contar, nem com avó, nem com irmã, porque eu não tenho nenhuma irmã que mora aqui em (nome da cidade), né? Mas... nem cunhada, né? Então por isso que eu deixo ele ali, até eu conseguir uma vaga.

M: Se você tivesse opção, você teria colocado o Douglas na creche, se você tivesse alguém que pudesse ficar com ele, alguém da família, um vizinho, mesmo assim cê teria colocado?

MD: Não... Eu teria colocado, porque em casa igual o (nome do irmão) ele fica na casa da (nome da pessoa senhora que cuida de crianças), né, lá ele só fica na televisão, e lá na escolinha, na creche eu sei que ele tem as atividades, tem as brincadeiras, ele tem outras coisas, né? Que não é só televisão.

M: Uhum. E por que que você escolheu a (nome da creche)?

MD: Ah... Por que? Bom, a (nome da creche) foi transferência da (nome da outra creche), né? Transferiu pra lá, não foi bem uma escolha, foi, eu tive que...

M: Ah, tá, entendi. É meio que uma... Um encaminhamento direto, a família nem é consultada então?

MD: É...

M: Entendi.

MD: Não, eu já tive opção de vir aqui pra perto, né? Acho que na época era aqui na (nome de outra creche), mas aí eu preferi lá, porque lá é período integral.

M: Ah, a (nome da creche) não, é meio período?

MD: Não, é.

M: Entendi.

M: E vamos falar um pouquinho assim do momento de matrícula. Como é que foi? Quem que te recebeu na creche? Foi a diretora que fez a matrícula ou foi uma outra pessoa? O que que conversaram com você nesse momento?

MD: Ah... Sobre a matrícula foi... Eu fui lá, levei os documentos, fez a inscrição dele, deu aquele certificado lá e eu fiquei na espera... Normal.

M: E... Chegaram a conversar... quem que foi que fez a matrícula?

MD: Na época que eu fiz a do Douglas, não foi a (nome da diretora da primeira creche), foi acho que funcionária mesmo.

M: Mas lá na (nome da creche).

MD: Na (nome da creche)... Foi de transferência pra lá... Eu já tava com o papel de transferência... Foi só... Fui só lá é... Reservar, deixar reservada, né? Falar que queria ir pra lá, confirmar matrícula. Só fui lá pra confirmar.

M: Você fez isso com a diretora ou não?

MD: Não, foi a di..., foi uma moça que fica lá na diretoria lá, mas não era a diretora, não.

M: Tá. E ela chegou a conversar alguma coisa com você sobre a creche, sobre a turma em que o Douglas entraria?

MD: Não, não.

M: Falou alguma coisa sobre os educadores, quem seria responsável?

MD: Não, não.

M: Não foi conversado nada nesse momento?

MD: Não.

M: Você teve alguma oportunidade de conversar com os educadores antes de iniciar as atividades?

MD: Não, não porque eu trabalhava, então muitas vezes nem era eu que ia às reuniões, era minha sogra. Então, eu, na época, nem sabia que ia ter um educador é... masculino, né? Professor. Depois que eu fiquei sabendo, né? Até porque eu não ia às reuniões, né? Mais a minha sogra é que ia.

M: Entendi. E... fala uma coisa pra mim, o que que você... pensou, assim, quando você ficou sabendo que tinha um homem lá como educador? O que que você sentiu, o que que você pensou, como é que foi esse primeiro momento?

MD: Ah... Eu estranhei, porque eu nunca tinha visto, né? E eu trabalhei em escolinha também, era sempre mulher, era sempre tia, nunca tinha visto, nem na minha época que eu frequentava assim, né? A não ser escola, mas é normal, né? Ter. Mas em escolinha assim pra criança, primeira vez. Lembrei daquele filme lá do... do Arnold Schwarzenegger.

M: "Um tira no jardim de infância", né?

MD: É, "Perdido...", é, acho que esse aí mesmo. Lembrei dele... Mas eu achei muito legal, achei muito bom ter uma presença masculina assim, né? As meninas, pras meninas só acrescentou, agora pros meninos eu acho bom ter uma... tipo um espelho de um pai, né? Por que eles ficam a maior parte do dia também lá na creche... Então pra mim foi bom, achei muito bom.

M: Você teve algum tipo de preocupação?

MD: Não, nenhuma.

M: E pra sua família? Você chegou a comentar isso, sua sogra, como que ela reagiu, seu marido?

MD: Não, não, não, não fizeram comentário não, nenhum comentário.

M: E como é que foi pro Douglas, ele comentou alguma coisa?

MD: Ah... Ele gostava, né? Porque... era tudo o professor que... que encaminhava eles, né, pra... ele gostava assim do professor, é... Vicente, né? Vicente?

M: Isso.

MD: Ele gostava dele... Só comentava coisa boa.

M: Tinha alguma coisa que ele falava assim, que cê tenha observado, achado interessante?

MD: Não, só achava... ah o tio, o tio, porque é só a tia, tia, né? Então...

(Douglas fala alguma coisa enquanto assisti à TV)

M: Quando vocês colocaram ele lá, então, você falou que não esperava, você nunca tinha imaginado...

MD: É, né...

M: ...um homem numa creche?

MD: Não.

M: Nunca tinha passado isso pela sua cabeça?

MD: Não, não.

M: Por que você acha que nunca tinha pensado nisso?

MD: Ah... Sei lá, pra mim as mulheres têm mais jeito com criança, né? Mais paciência, mas depois que eu vi, eu vi que ele também tem a mesma paciência como a mulher tem... Só que é uma presença masculina, né? Eu achei interessante, porque... eu tive um sobrinho que num teve uma presença masculina, né, na família. Na época que ele morava com a gente, assim, nós éramos em quatro irmãs, era minha mãe... Então, fez muita falta uma presença masculina em casa. Aí lá, eu achei interessante por causa disso, porque não era só tia, não era só mulher, podia ter uma figura masculina, assim, com quem se espelhar, né, durante o dia que eles passavam lá... Foi muito interessante também.

M: E aqui na sua casa como é que funciona?

(música alta vinda da televisão cujo volume foi aumentado por Douglas)

M: Tem que deixar bem baixinho, amor, senão depois a tia... Douglas... Douglas, tem que deixar bem baixinho senão a tia Mara não houve a mamãe falar depois.

(Douglas faz birra. Peço pra ele falar um pouco no gravador e o incentivo a voltar para a brincadeira com blocos de montar)

M: E aqui na sua casa, (nome da mãe), como que funciona? Quem que cuida mais deles, quem cuida menos, por quê?

MD: Eu cuido mais, porque eu tenho mais paciência (riso). Esses meninos são muito teimosos. Mas eu cuido mais porque eu fico mais tempo em casa assim... Igual meu marido, ele chega do serviço, às vezes tem alguma coisa pra consertar lá no fundo, porque ele mexe com mecânica assim, de moto, com pintura, então eu que fico mais... a parte maior do tempo aqui, né? Junto com eles aqui dentro de casa... Então, eu que cuido mais.

M: Entendi. Mas assim quando ele tem tempo, ele participa, ou é mais uma... função que é considerada sua?

MD: Ah... Ele participa às vezes, mas é uma função minha... Eu que dou banho, eu que troco, eu que dou a comida, né? Então eu faço tudo, essas coisas ele não tem muito jeito (risos), mais é eu mesmo. Mas pra corrigir ele ajuda, né, aí ele vai e corrige também.

M: Entendi, é mais a parte dos cuidados...

MD: Eu tenho mais paciência, mas ele na hora que também chama atenção, se não obedecer... apanha (risos).

M: A parte do cuidado então, acaba ficando mais com você?

MD: É, mais comigo.

M: E... Deixa eu perguntar uma coisa, quando vocês colocaram ele na creche, lá na (nome da creche), o que vocês esperavam da creche, em relação a ele?

MD: Olha... Eu, na época, é... que eu fiquei na creche, foi numa época diferente, então eu fiquei meio assim... Mas aí, com o tempo, que eu conheci as pessoas da creche, conheci a creche em geral, eu vi que nossa! Bem melhor do que a escolinha particular que eu já trabalhei, entendeu? Não tive preocupação nenhuma, gostei muito da creche, muito diferente das outras épocas passadas, né?

M: Uhum. E qual que era o trabalho que você esperava deles?

MD: Não... Era esse mesmo de alimentação, que vinha até cardápio, assim, todo mês pra gente acompanhar a alimentação da criança... banho, aprendizado, assim, tudo... Eu achei muito, assim, bem... Não teve nada a perder pra uma escolinha, uma escolinha particular se eu fosse pagar.

M: E do educador, o que que cê esperava dele?

MD: Esperava dele?

M: É, qual que era a sua expectativa, como que você achava que ia ser o trabalho dele?

MD: Ah... Eu acho que era essa mesmo, assim, de marcar presença como um pai, assim, né? Ser mais duro, porque às vezes a criança ali, na... na... na teimosia, lá na escola às vezes a tia ele não obedece muito, mas uma voz assim mais firme, às vezes a criança dava mais, né, atenção, ela ficava mais assim... Acho que ela ficava mais atenciosa assim... Sei lá... A mulher, né, é... mais, assim, do jeito carinhoso, a criança acaba achando que pode fazer as coisas, não obedecer, mas o homem... o homem em si já representa uma figura mais forte, assim né?... Muito bom.

M: E... Você... Algum dos seus filhos... Você falou que tem mais três filhos além dos dois que são menores, algum dos seus filhos já teve um homem como professor em algum momento?

MD: Não.

M: Nunca?

MD: Os três ficaram na escolinha... Assim... Eles não ficaram em creche, ficaram em escolinha, mas não tinha... Não tinha figura masculina lá, só as professoras, né?

M: E nem depois, no Fundamental?

MD: Fundamental, assim, cê fala...

M: É, até a oitava série?

MD: Não, aí sim.

M: Eles chegaram a ter?

MD: Não, aí sim. Tiveram.

M: Você lembra em que momento?

MD: Não. Não lembro.

M: De primeira a quarta, chegaram a ter?

MD: Teve... Chegaram.

M: De primeira a quarta também...

MD: Tiveram um professor de matemática, acho que foi do (nome do irmão), então teve sim... Acho que foi até no segundo, acho que foi no segundo ano dele.

M: Na segunda série?

MD: Na segunda série.

M: E como é que foi essa experiência na época, você lembra?

MD: Ah... Sei lá... Parecia que ele aprendia mais com o professor.

M: É?

MD: Com o professor ele captava mais.

M: Por que que você acha? O que acontecia?

MD: Sei lá, acho que o jeito de explicar, né? Porque às vezes a mulher enrola demais, dá muita volta, o homem não... já é mais direto, né? Então, eu acho que ele aprendia mais por causa disso, né? Ensinava do jeito que tinha que ensinar... Ele... acho que captava melhor.

M: E... Falando agora um pouquinho dessa experiência, da família com o Vicente, tá? Vamos falar dessa situação agora. Qual que foi a experiência que vocês tiveram, vocês e o Douglas em relação a isso? Como que foi essa experiência, esse ano todo que vocês conviveram, que o Douglas conviveu com ele? Fala um pouquinho disso pra mim.

MD: Ah... Foi uma experiência muito boa, né, porque ele acompanhou, o Douglas não desrespeitou ele, e ele também teve... Ah... Foi assim, recíproco, né, também. E... Ah, chegava lá, ele acompanhava os meninos, assim pra ir no banheiro, e que... Sei lá, né?

Ficou até bom, porque ali não seria a tia a ir no banheiro com eles, né? Seria a figura de um homem, porque... Ah, não sei como explicar isso, assim... Mas foi uma experiência... foi válido pra eles, né? Acho que eles... Sei lá... Aprenderam mais coisas, assim, com ele, por ser homem do que se fosse com uma professora, né? Então, acho que eles ficaram mais, assim, amigos, mais... se soltaram mais.

M: Entendi. E tinha reuniões com frequência, geralmente você comentou que às vezes você não podia ir?

MD: Não, não, sempre tinha sim. Quando dava, quando dava eu ia, né, quando dava pra eu ir! Mas às vezes num dava, aí eu pedia pra minha sogra, aí ela ia.

M: E como é que era esse contato dele com vocês nesses momentos, durante as reuniões ou até mesmo no dia a dia?

MD: Ah... Era bem atenciosa, né? Todos. Eles... Ah, eram bem atenciosos. O Douglas não é uma criança problemática, né? Ele sempre foi assim ativo, nunca teve problema nenhum, então não tinha muito o que ficar, né, falando e aconselhando... Sempre foi elogio dele.

M: E... na sua relação com o educador. É... tinha algum assunto que você ficava sem jeito de conversar com ele, que você acabava optando por falar com a educadora, alguma situação que você preferia falar com ela que com ele?

MD: Não, não teve essa situação não. Porque eu ficava bem à vontade, assim... porque o jeito que eu conversava com as professoras eu conversava com ele também. Então, não teve isso não, tudo normal, não teve diferença nenhuma.

M: E... pensando agora, hoje, né, que você já passou por essa experiência, o que que cê pensa sobre isso, de ter um homem como educador numa creche?

MD: Ah... Podia ter mesmo, né, em todas as... porque lá só tinha um, né? Podia ter mais, assim, em todas as salas, podia ter mais participação, né, de professores. Achei bastante interessante e pras crianças ia fazer bem, né, ainda mais, principalmente pros meninos, né, que iam ter uma presença masculina assim, um... tipo uma figura de um pai, né, pra eles.

M: Pra sua família, você acha que a sua família hoje, depois dessa experiência...

MD: Ah, eu acho que elas aprovam também, né? Aprovam.

M: Você chegou já a conversar com alguém da sua família, seu marido...

MD: Não assim, não, não cheguei a conversar não, mas elas...com certeza...

M: Seu marido também... você acha que aprova?

MD: Aprova.

M: E... Você acha que... Como é que você acha que foi a relação que o Douglas estabeleceu com o Vicente? Fala um pouquinho da relação dos dois.

MD: Ah... era de amizade, né, assim... De... que ele ficava bem à vontade, tudo o que ele queria ele pedia, ele não tinha receio nenhum. Ele gostava tanto da, da professora, da Roberta, né, como dele... Não tinha diferença. Eles eram bem amigos e... Não tinha medo, porque... às vezes, né, criança fica meio assim, né... Porque na escola, na outra creche que ele tava antes não tinha professor masculino, né, assim, então... ele não teve nenhum receio, nenhum preconceito, nem medo, nem... Tratava os dois normal, assim, naturalmente, né?

M: Uhum. Você comentou que... É... As mulheres geralmente são mais carinhosas, né?

MD: É. Têm mais paciência...

M: Mas a gente costuma dizer que criança precisa de carinho. Eu queria que você falasse um pouquinho o que é que você pensa sobre isso. E se você acha que o educador deu conta de oferecer pro Douglas o que ele precisava nesse sentido, de afeto.

MD: Ah, eu acho que sim. Deu... Ele deu carinho na dose certa, né? Porque a mulher é mais assim... É um carinho a mais, e ele deu carinho sim, só que na dose certa que a criança... ainda mais menino assim, né? Num pode ficar melando muito não, carinhando muito não, né? Então, acho que na dose certa ele deu carinho sim.

M: E você acha que o educador, o Vicente, fez bem o papel dele? Como que você avalia o trabalho dele?

MD: Não, fez bem com certeza. Pra ele deve ter sido difícil também, né? Porque pra ele também acho que é algo novo, né? Então, eu acho que ele... deu conta do recado e... Foi uma experiência muito boa, ...

M: Agora vamos falar um pouco assim...

MD: …diferente.

M: ...de uma maneira mais geral, né, pensando não nessa experiência de vocês, mas de uma maneira geral na Educação Infantil. O que é que você acha é... de ter um homem como um educador nesse espaço, da Educação Infantil? Você acha que é uma coisa que cabe em qualquer momento, em qualquer instituição, ele (o Douglas) passou por uma creche que trabalhava com crianças mais novas e depois veio pra essa outra, né? E agora ele tá numa EMEI que trabalha com crianças um pouco mais velhas. Eu queria que você falasse do homem na Educação Infantil, o que é que você acha sobre isso?

MD: Ah... Eu acho que é uma presença assim pras crianças vai ser bastante válida. Vai ser uma figura assim forte, né? E... Ah, sei lá, né? As crianças vão respeitar mais, assim, vão ter um respeito diferente, assim, né? Porque às vezes as crianças da... as crianças num param, né? Elas correm, elas brigam, elas ficam, assim... Às vezes elas perdem o controle, então acho que um homem lá, um professor assim chamando a criança assim, ela já fica mais atenta... Eu acho que ela vai respeitar mais... Eu acho que é outro tipo de educação, assim, não, não que as professoras não... também não sabem educar, não é isso, é que só a voz de um homem assim, a criança já fica mais... né? Que nem quando, quando um...

Não. Nem vou comparar isso. Ia comparar com uma, um chamado quando a gente chama um cachorro, né? Quando a gente chama um cachorro, se a gente num chamar firme ele nem vem, né? Então, criança tem que usar uma forma, uma voz firme. E o homem, a figura masculina no caso, seria bom por causa disso, né? Às vezes eu chamo o Douglas e ele finge que nem me escuta, aí o pai dele chama, só de chamar uma vez, ele já, né, ele já... já vem correndo, então é... Até o tom de voz já, já é diferente.

M: E então você acha que seria uma contribuição a gente ter homens na Educação Infantil?

MD: É, seria.

M: E você vê alguma desvantagem?

MD: Desvantagem? Não... eu não vejo desvantagem... não vejo... não tem... acho que não tem desvantagem.

M: Pra criança, você acha que faz diferença ela ser cuidada por um homem ou por uma mulher?

MD: Eu acho que pra meninas sim, né, assim, tipo na hora de um banho, na hora de levar ao banheiro, aí é, acho que uma figura feminina é mais, né, aconselhável, mas... só n... só nessa parte, né, porque aí separa, separa um pouco as meninas, né, dos meninos, assim, só nessa parte de higiene, de banho, só... agora, de educação... tanto faz, né.

M: E... você acha que... você falou assim... pra você né, que você acha que seria diferente pra um menino e pra menina, mas eu queria que você falasse pra criança, você acha que pra criança faz diferença ela tá sendo cuidada por um homem, e se faz diferença, por que que você acha que pode fazer diferença?

MD: Pra criança eu acho que não faz diferença, que as crianças, elas são bem inocentes assim, né, elas não tem malícia com certas coisas, então... pra criança não faz diferença. Pra criança não faz.

(Douglas interrompe novamente e, de novo, peço a ele que colabore)

M: E... você falou né, que você vê vários pontos positivos, né, de ter o homem na Educação Infantil, você acha que isso cabe em qualquer idade, por exemplo, seis meses, dois anos, seis anos?

MD: Ah, eu acho que pra, pra seis anos, assim, idade maior de, vai fazer mais diferença do que pra uma criança de, de meses né, que elas nem vão perceber se é homem ou se é mulher que tá cuidando, mas faz diferença pra uma criança maior... igual o Douglas, assim, quatro anos, cinco anos faz diferença.

M: E... em relação a, ao trabalho, né, desse homem, nesse espaço, você acha que em qualquer faixa etária, e... seria tranquilo ter um homem trabalhando?

MD: Eu acho que sim.

M: Tanto com bebê, quanto com criança mais velha?

MD: É, assim, depende do, do homem, né, porque tem homem que não leva muito jeito pra bebê, né, pra cuidar de criança menor, mas é... tendo jeito, eles vão dar conta do recado, né.

M: Entendi. Você acha que isso também é válido pra mulher ou você acha que...

MD: Não, tanto faz pra homem ou pra mulher.

M: Mas essa coisa do jeito que você falou que às vezes o homem não tem o jeito com o bebê...

MD: É, às vezes não leva o jeito pra trocar, pôr uma fralda, né, mas ele tendo esse jeito, sabendo que tá preparado pra isso, ele vai fazer o papel dele tranquilo.

M: Você acha que pra mulher também vale isso que você tá falando?

MD: Vale, vale.

M: Sobre ter jeito ou não?

MD: A mulher já, acho que ela já nasceu com esse jeito né (riso), pra isso, então é... é... é isso, pra mim, a mulher já tem esse jeito dela, já nasceu com jeito.

M: E você falou um pouco, né, do menino e da menina, né, então você acha que faz diferença ser um menino ou uma menina... porque a gente... você falou que seria bom que tivessem mais homens, né, dentro das instituições, mas vamos imaginar que na sala onde o Douglas tava, tivessem dois homens, em vez de um homem e uma mulher... né, então teria um homem que poderia acompanhar os meninos e o outro teria que acompanhar as meninas. O que que você acha disso... dessa situação hipotética? Você acha que faria diferença?

MD: Não, aí não, aí acho que faria diferença, eu acho que teria que ter um homem e uma mulher, né, que aí ia ter um equilíbrio, assim, né, iria ter tipo uma figura de um pai e de uma mãe, eu acho que... dois homens, assim, eu acho que, pras meninas não ia ser bom, né, que elas não iam ter aquela figura feminina, elas não iam, sei lá, elas não ia... não sei... uns gestos masculinos, assim, elas não iam ter aquela presença, assim, né de... da figura feminina, assim, no caso.

M: Mas os meninos ficaram por tanto tempo sem a figura masculina?!

MD: Então, mas sei lá, pros meninos... agora... por isso que eu falei que é uma boa ideia ter, né, surgido isso... porque acho que f... ficou faltando, né, acho que ficou tipo, agora... agora tá um equilíbrio, né... os meninos... fizeram falta mas... demorou pra acontecer essa revolução (riso).

M: E você falou um pouquinho, né, dessa coisa do jeito pra trocar, né, pra cuidar, que característica você acha que um homem tem que ter, pra trabalhar na Educação Infantil, pra trabalhar com criança pequena? Como que esse homem deve ser, que que ele...?

MD: Ah, ele não pode ser aqueles homens estourados, sem paciência, né... têm que ter, assim, aquela tranquilidade, aquela... sei lá... ah, não sei te explicar, só tem que ter paciência, gostar de criança, né, porque tem homem que não tem paciência e não gosta de criança e não vai saber né... e... e... educar também, então... tem que gostar, né, tem que ter ... tem que ter tranquilidade.

M: Ser tranquilo, ser paciente, gostar de criança?

MD: É, tem que ter calma né, porque homem, porque homem fica... se estoura por qualquer coisa, né, não tem a mesma paciência que uma mulher, então ele tem que ter tranquilidade, ter equilíbrio, ser equilibrado... porque lidar com criança não é fácil, né, criança, nossa, tem hora que estressa (riso), e homem é estressado né... então...

M: E tem mais alguma outra característica, assim, que você acha que a pessoa teria que ter?

MD: (pequena pausa de alguns segundos) Ah, não.

M: É mais isso mesmo?

MD: É, mais isso mesmo.

M: E... eu queria que você me dissesse, assim, existe alguma diferença na função do homem e da mulher, pra educar e cuidar de criança, você acha que existem papéis diferentes, um papel do homem, um papel da mulher, como é que você vê isso?

MD: É, não deveria, mas, né, é o que acontece, tem homem que não faz o que a mulher faz, tem homem que não... ou não leva jeito, ou não quer fazer, dar um banho, trocar, fazer mamadeira, essas coisas, mas deveria ter os mesmos pap... fazer as mesmas coisas, né, ajudar em tudo, assim.

M: Na sua opinião, você acha que não teria que ter diferença?

MD: Não, na minha opinião não teria que ter diferença. Tanto homem como a mulher tinha que estar preparado, né... porque aí também não cansa nenhum dos dois (risos).

M: Mas, a nossa sociedade, o que que você acha que ela espera, hoje?

MD: Ah... Bom, eu acho que ela espera, assim, igualdade, né, tanto do homem quanto da mulher, igualdade, porque tem muito homem que, hoje em dia, troca, dá banho e faz dormir, faz mamadeira, prepara, tudo. Então... acho que os homens de hoje fazem isso, porque uns cuidam dos irmãos, né, a maioria, assim, hoje em dia, as mães trabalham, os mais velhos cuidam dos mais novos, né, então quando nasce, quando eles crescerem e tiverem seus filhos, eles vão saber fazer isso, saber cuidar. Os de antigo que não, né, que às vezes até sabe mas não faz, porque é homem! Coisa de mulher! (risos).

(irmão de Douglas pede a mamadeira pra mãe, que já havia deixado-a pronta)

M: Agora chegamos na nossa última pergunta. Se você encontrasse alguém, hoje, preocupado porque ia colocar o filho ou a filha numa creche e teria um homem lá como educador. O que você diria pra essa pessoa que tá preocupada com essa situação?

MD: Ah, eu diria pra não se preocupar, que a criança só tem a ganhar com isso, porque, é... ah... eles tão preparados pra isso também, né, então... ficar tranquilo que... (riso) porque, sei lá, né, porque... pra criança é bom ter a presença masculina e feminina assim, né... porque tem criança que, certa idade, só presta atenção no que a mãe faz, né, aí passa uma certa idade ela só quer saber o que o pai faz, né, nos gestos, no jeito, então tendo uma figura masculina e feminina ele vai perceber os dois gestos, vai tá ali, né, aprendendo o jeito de ser dos dois tipos, o jeito de ser... (irmão de Douglas fala ao mesmo tempo que a mãe, informando que mamadeira acabou), é no caso que eu te falei do meu sobrinho, né, que teve uma época que ele só ficou observando a mãe, na hora que ele foi observar o pai, não tinha pai, aí ele voltou a observar a mãe, aí ele ficou assim, meio afeminado, né, o gesto dele meio afeminado, por causa disso, não tinha uma figura masculina... pra ele se espelhar, então pra criança eu acho que é bom.

(irmão de Douglas pede algo pra mãe, que não entendo o que é. Acaba o DVD que eles assistiam nesse momento)

M: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

MD: Não, só isso aí.

M: Obrigada.

MD: Não sei se eu ajudei muito, mas...

M: Nossa, muitíssimo!

Entrevista com a família de **Clara** - Mãe de Clara (MC)

Duração: 32 minutos

M: Eu queria que você começasse falando um pouquinho sobre a sua família, quantos filhos você tem, quem mora aqui na casa, se eles frequentam escola. Queria que você falasse sobre isso pra mim.

MC: Eu tenho quatro filhos, é só três aqui e a mais velha é casada, meu esposo né, meu esposo também mora aqui.

M: Tem uma diferença grande então da Clara pra sua mais velha?

MC: Tem, a mais velha tem vinte um, tem a de dezessete né, e a (nome da irmã) com onze e a Clara que fez quatro aninhos.

M: A (nome da irmã) é essa que tá aqui fora?

MC: É, foi lá na lan house, que tava aqui,... a diferença é bem grande.

M: Deu pra você curtir bastante cada um, né?

MC: Curti, só que as duas mais velhas são do meu primeiro casamento, é que eu sou casada pela segunda vez, né, não deu certo, eu casei de novo.

M: Aí as duas menores são do seu esposo agora.

MC: As duas menores são do segundo casamento, é.

M: E as três que moram com você, as três frequentam escola?

MC: Frequentam escola, as três frequentam escola.

M: A Clara tá aqui, né? (referindo-me a uma creche próxima da casa de Clara).

MC: Na (nome da creche) e as outras duas no (nome da escola), no (nome do bairro).

M: Estão no ensino médio já, as duas?

MC: É uma tá na sexta, e a outra na sexta também, porque repetiu quatro anos a sexta série.

M: Ai, meu pai!

MC: Não teve muito interesse, sabe, em estudar a de dezessete anos, quatro anos tá fazendo a sexta série.

M: Meu sobrinho tá nessa vida no primeiro, é o quarto ano que ele faz o primeiro.

MC: Ela não tem muito interesse, não, a gente pega no pé, mas não está resolvendo.

M: É difícil, né?

MC: É difícil.

M: E a Clara, desde quando que ela frequenta a educação infantil?

MC: Dois aninhos, porque ela fez, é, desde os dois anos que ela fez aqui no primeiro aqui e depois foi pra lá na outra creche.

M: E por que que vocês decidiram colocar ela na educação infantil?

MC: É porque eu achei que eu precisava trabalhar, né, lá eles iam cuidar melhor.

M: Você pôs então, porque você não tinha com quem deixá-la, é isso?

MC: Não tinha com quem deixá ela, é isso, aí; Porque eu trabalhava direto, todos os dias, né, agora que eu tô uma vez só na semana.

M: Entendi, se você tivesse uma alternativa assim, uma avó dela, uma tia, uma vizinha que você tivesse com quem deixar, você teria deixado com alguém?

MC: Eu tenho minha mãe, que é até minha vizinha, mas minha mãe, meus irmãos, tudo trabalha também, né, se tivesse alternativa eu deixaria.

M: Você deixaria, e não colocaria na creche?

MC: Não.

M: Você só colocou, por que você não tinha?

MC: Porque eu não tinha, mas eu gostei muito da creche, foi uma boa experiência, porque, foi lá que ela aprendeu a comer, que ela não gostava de comer... conviver mais com as outras crianças.

M: É uma coisa muito importante, né?

MC: É, importante, achei muito importante.

M: Até porque você não tem nenhum pequeno, né, mais.

MC: É, as minhas estão tudo grande já.

M: E, deixa eu te perguntar uma coisa, é, por que que você resolveu colocar ela lá na (nome da creche onde foi desenvolvida a pesquisa), teve alguma razão especial, como é que foi essa decisão?

MC: É que os comentários, né, falaram que lá a diretora era muito legal, boa, todos os educadores, aí eu resolvi pôr lá, aí eu gostei.

M: Você conheceu pessoas que já tinham filhos lá?

MC: Tinha lá, me falaram bem, eu coloquei, e gostei também, adorei.

M: E como que foi, (nome da mãe), no momento da matrícula? Quem que te recebeu, o que foi conversado?

MC: Foi a dona Helena, a diretora, né, a diretora mesmo que me recebeu, fez a matrícula, pediu todos os documentos necessários, né, entreguei a ela o até xerox da certidão e da vacina, né, e eu fui muito bem recebida. Graças a Deus.

M: É? E sobre o que vocês conversaram? Ela falou da creche...

MC: Creche, dos educadores, né, falou da alimentação da escola, falou dos horários, conversou tudo isso.

M: Uhum, e ela chegou a comentar alguma coisa sobre a turma que a Clara ia frequentar, alguma coisa sobre os educadores que iam ficar responsáveis por ela?

MC: Não, ela só comentou sobre os educadores, né, falou que até o neto dela estava lá, que ela amava os educadores, ela adora eles.

M: Mas ela falou dos educadores de uma maneira geral?

MC: Isso, geral, falou só de quem...

M: Ela não falou de quem ficaria, quem ia ficar responsável pela Clara?

MC: Isso, no geral.

M: Entendi. E você teve oportunidade de conversar com eles antes de começarem as atividades?

MC: Não.

M: Não?

MC: Não tive.

M: Foi só quando começou?

MC: Foi, só quando começou, isso.

M: E como é que foi no primeiro dia, porque, esse ano eu acompanhei um pouquinho o início do ano, ela fez uma reunião com os pais, e aí depois de uma semana que começaram as aulas, foi assim no outro ano?

MC: Foi assim também no outro ano, é, teve a reunião e depois começaram as aulas.

M: E nesse dia dessa reunião, você também não conseguiu conversar com os educadores?

MC: Não, não conversei, só conheci só quem ia ser, mas não conversei com eles.

M: Entendi. E deixa eu te perguntar uma coisa, quando falaram a sala pra onde a Clara iria, que foi falado nessa reunião

MC: Na reunião, falou.

M: É...

MC: Que até eles levaram mas nós não tivemos tempo pra conversar.

M: Entendi, então vocês chegaram a ir até a sala.

MC: Até a sala, mas nós não conversamos.

M: E o que eles falaram na hora de falar as turmas, as crianças de cada turma, foi falado todo mundo junto ou cada educador falou o seu? Porque lá são duas, dois educadores por sala, né?

MC: Isso.

M: Você lembra disso?

MC: Eu lembro que foi todo mundo junto, foi isso mesmo.

M: Entendi. Porque que estou te perguntando isso, eu queria saber, se você se lembra se a Clara era da turma do Vicente ou da turma da Roberta?

MC: Do Vicente e da Roberta, os dois juntos.

M: Ah, era os dois juntos?

MC: Os dois juntos.

M: Ah, então não foi separado.

MC: Não, sempre foi os dois juntos.

M: Era isso que eu queria saber se você lembrava, porque no outro ano eu não tava ainda na creche, comecei a frequentar a creche só em agosto, finalzinho de julho começo de agosto.

MC: Quando foi apresentado, já foi os dois juntos mesmo.

M: Entendi. E agora assim, pensando um pouco, né, lá no primeiro dia quando você levou a Clara pela primeira vez, como foi, né, esse dia da reunião que foi o primeiro encontro, como foi você encontrar um homem lá como educador?

MC: Eu fiquei muito preocupada né, porque... fica pensando assim, nossa minha filha é uma menina vai ser tratada por um homem, né, fiquei preocupada, fiquei com medo também, mas depois eu vi que não tinha nada disso, que foi só uma coisa que tava na minha cabeça mesmo, porque o povo fala tanta coisa, né, a gente põe na cabeça, mas eu vi que não era nada disso, gostei muito.

M: Você chegou a conversar com as pessoas da sua família sobre isso, com seu marido?

MC: Já. Conversei, ele também falou "oh, não tem perigo não?", eu falei "não, não tem nada não, porque tem uma mulher junto, ele vai cuidar dos meninos na forma do banheiro", ele ficava preocupado com isso, né, eu falei "não, a professora leva as meninas e o professor leva os meninos.

M: Então isso foi esclarecido pra vocês desde o primeiro dia de aula?

MC: Não, eu comentei isso com meu marido, com meu esposo, né.

M: Mas na creche eles não tinham falado isso?

MC: Não, não falou, não chegou a comentar.

M: Você que deu essa aliviada! (risos de ambas)

MC: Eu cheguei, falei assim pra aliviar, isso, mas eu acho que é assim, né?

M: Foi, foi, por isso que eu te perguntei se eles tinham avisado, que é assim mesmo que acabou funcionando.

(Risos)

M: Legal. E a sua filha, como é que foi pra ela, ela chegou a comentar alguma coisa nos primeiros dias?

MC: Nos primeiros dias ela ficou quase um mês chorando na creche, né, porque não estava acostumando, depois que começou a acostumar bem, mas ela falou que gostava muito do tio, da tia, dos amiguinhos, chegou a comentar essas coisas, chegava em casa começava a cantar as musiquinhas que eles cantavam lá, fiquei até alegre depois, falei "nossa, tava tão preocupada, né!".

M: Mas ela já ia antes à outra creche?

MC: Na de cá, ela ia.

M: Mesmo assim ela estranhou?

MC: Só que ela não ficou até terminar, porque eu fiquei... ela chorava demais, eu tirei, ali ela não acostumou de jeito nenhum, aí eu fui e tirei, lá ela não ficou o tempo todo.

M: Então não teve uma proximidade na verdade.

MC: Não, não teve, ela ficou menos, aí depois, com três anos, aí eu não vou desistir, vou ter que ser firme, e fui, bom que...

M: Ela acabou se adaptando, quando cheguei lá, ela... nossa, ela não demonstrava nenhum problema, pelo contrário.

MC: Nossa, depois ela pedia até pra ir pra creche quando não tinha aula, ela pedia até pra ir!

M: Ela gostava bastante.

MC: Gostava.

M: Eu lembro dela lá, ela se divertia bastante com a criançada.

MC: É verdade.

M: E antes de vocês levarem a Clara pra creche, né, antes dela frequentar até a outra creche aqui, vocês já tinham imaginado alguma vez a possibilidade de ter um homem como educador?

MC: Não, nunca imaginei.

M: Por que você nunca imaginou?

MC: Porque eu achava que homem não podia ser professor de criança, eu pensava assim, o professor homem não cuidava de criança, não sei, acho que era preconceito, sei lá (riso), mas aí tudo de bom.

M: E você consegue, assim, pensar algum motivo pra isso, você falou que achava que homem não podia ser educador de criança pequena, por que razão o homem não poderia ser?

MC: Eu achava que homem não... nunca ia pensar em cuidar de criança, ia arrumar um outro serviço, né, mas menos cuidar de criança, porque eu penso assim "ai, gente, eu não seria professor de criança, porque eu não tenho muita paciência, né", ai pensei "mas homem?!", mas graças a Deus deu tudo certo, né.

M: E aqui na sua casa, como é que é essa coisa do cuidado da educação das crianças, você e seu esposo dividem isso?

MC: É difícil, porque o meu esposo não para em casa, a maioria sobra tudo pra mim mesmo, meu esposo não para em casa de jeito nenhum.

M: Ele trabalha bastante?

MC: É, ele sai cedo, ele tem a firma, né, que ele tem o sócio colega dele, é bem difícil, até de domingo também ele não fica em casa.

M: É... do que é a firma dele?

MC: É firma de, fábrica de ladrilho.

M: Ah, tá!

MC: É bem difícil!

M: Quando a pessoa é dona do negócio, assim, tem que ficar em cima.

MC: Ele só chega à noite em casa, mas quase não convive com as meninas se for ver, né?

M: Mas quando ele tá junto, assim, ele é um pai que se aproxima, que se relaciona mais?

MC: É, ele conversa, conversa bastante com as meninas, ele é muito bravo também, sabe, mas ele conversa bastante com as meninas, até as outras duas que não são filhas dele, considera como filha dele, porque se for ver foi ele que criou, né, a minha mais velha estava com cinco anos, a outra tava na minha barriga ainda.

M: Nossa, (nome da mãe de Clara)!

MC: É, eu separei do meu primeiro com a minha filha na barriga, né. Aí depois, se for ver a... essa de dezessete anos acho que tava com dois ou três anos quando eu comecei a namorar com ele, num lembro direito, mas acho que era isso mesmo. Aí considera como um pai mas mesmo assim a mais velha chama ele de pai também.

M: Ai, que gracinha!

MC: Porque o pai verdadeiro não vem ver, não considera.

M: Essas relações são meio complicadas, né?

MC: É complicado, verdade.

M: É que a gente tem que aproveitar quem tá perto, não é?

MC: Nossa, é verdade, graças a Deus! Nossa, eu ficava preocupada com monte de gente falando na minha cabeça, "ah, padrasto, padrasto tem que tomar cuidado!", mas graças a Deus aqui em casa não tem nada disso.

M: Também é uma coisa que as pessoas falam bastante, né?

MC: Falam muito, e como fala, a gente fica até com coisas na cabeça também!

M: É, acho que a gente tem que ter sempre um cuidado, né?

MC: É, e como tem! E como tem que ter!

M: A situação que for, criança sempre tá exposta, né, porque eles estão do lado mais fraco, né?

MC: Verdade, é.

M: Acho que até da gente mesmo, a gente tem que às vezes protegê-los!

MC: Não, mas é verdade.

M: Às vezes a gente perde a paciência, num dia que tá mais nervosa, mas então, cuidado tem que ter mesmo.

MC: Tem que ter muito, né?

M: E, me fala uma coisa, antes de você colocar a Clara lá na creche, o que você esperava da creche, o que você esperava da pessoa que estivesse trabalhando como educador, que fosse responsável por ela lá na creche? O que você esperava?... Você procurou a creche porque você precisava de um lugar pra Clara ficar.

MC: Isso, é, pra ficar.

M: Mas você tinha, é... alguma outra expectativa além dessa? De ser um espaço pra ela ficar?

MC: Não, era só isso mesmo, eu ficava assim, que eles iam cuidar muito bem dela, né, porque eu não tinha com quem deixar, ia ficar todo tempo fora, ela ia conviver mais com as outras crianças, né, porque aquela fase não brinca com as outras crianças, né.

M: E depois que você conheceu o Vicente e a Roberta, o que você esperava do Vicente como educador? Você falou que não imaginava que um homem ia pensar em trabalhar, né, como educador, mas ele tava lá, quer dizer, ele se dispôs e aí, o que você esperava dele, do desempenho dele, como é que você achava que ele ia se sair nesse papel?

M: Ai, por mais preconceito que eu tava, eu achava que ele iria cuidar muito bem dela, porque eu falei assim “ah, se ele tá lá, não é a primeira vez que o...”, eu pensava assim que não era o primeiro ano que ele tava trabalhando lá, né, eu imaginei que ele já tava bem antes, eu não cheguei a perguntar, nada, mas aquilo ficou na minha cabeça, que ele já tava lá, então sinal que ele é um bom educador, cuida muito bem das crianças, imaginei.

M: Entendi.

MC: Imaginei!

M: Você nem quis ter certeza! (risos)

MC: É, nem quis ter certeza, falei..., eu ficava com vergonha, sabe, de perguntar pra dona Helena se ele já tava lá antes, aí eu não perguntei, fiquei... mas eu acho que ele já tava lá, aí eu fiquei com aquilo na cabeça.

M: Alguma das suas filhas já teve, num outro momento, um homem como educador, como professor?

MC: Como professor, assim das primeiras séries, não.

M: É... em qualquer momento da vida escolar, já tinha acontecido?

MC: Não, não, acho que não, as meninas nunca tiveram educador, professor de homem.

M: Sempre foi mulher?

MC: Sempre foi mulher, é verdade, eu nunca vi elas comentarem, assim, nas reuniões também nunca fui com professor.

M: Como é que você pode falar dessa experiência que vocês tiveram, hoje, depois, né, da Clara ter passado um ano todo lá, né, dela tá agora até em outra instituição, o que você pode falar dessa experiência que vocês tiveram com esse educador?

MC: Não sei, não. E... como assim eu posso explicar pra você, dele assim?

M: É, como é que foi, como é que você se sentiu, hoje, você olhando essa situação, o que você pode falar, como é que você avalia tudo isso que vocês viveram, sua família, a Clara?

MC: Eu achei que foi uma experiência muito boa, né, e agora eu não tenho mais essa... vamos supor, se cair outro professor homem eu não vou ficar com isso na cabeça, porque minha filha já teve, né, a experiência de estudar com um educador homem, e eu gostei muito, gostei muito dele ter cuidado... a Roberta também... ter cuidado da minha filha, nunca tive uma reclamação, nem ela mesmo falou nunca falou nem um “a”, assim, “o professor me relou a mão”, assim, “me deu um tapa”, nunca reclamou, sempre falou muito bem deles.

M: Que bom, né?

MC: É.

M: E você tinha reuniões com os educadores, nessas reuniões vocês conseguiam conversar bastante ou em outros momentos assim, no dia a dia, vocês tinham momentos assim que vocês podiam conversar, como que era essa relação sua com eles?

MC: Era mais nas reuniões, né, era mais nas reuniões que aí a gente conversava.

M: Tinha reuniões frequentes, como que era?

MC: Eram frequentes, frequentes, acho que era de, todo mês ou de dois em dois meses, num lembro muito bem, mas teve bastante reunião.

M: Entendi. E alguma vez aconteceu de ter algum assunto, algum problema que você tenha ficado meio sem jeito de conversar com **o** educador?

MC: Não, acho que não, porque eu sempre conversei mais foi com a Roberta mesmo, né, sempre pude conversar mais com a Roberta, educador mesmo eu falava mais, era mais um bom dia, boa tarde, né.

M: Você não se sentia à vontade, ou era por causa do...

MC: Era porque, é, vergonha, eu tinha vergonha de conversar com ele, né, nada a ver, mas eu conversava mais era com a Roberta, mesmo.

M: Você se sentia mais à vontade?

MC: Mais à vontade, é, com ele eu tinha vergonha de conversar, nada a ver, mas... (riso).

M: E... você comentou, né, um pouquinho de como você se sente hoje, né, em relação a ele, e, pensando de uma maneira geral, né, nessa coisa do homem como educador, o que você pensa hoje sobre isso, passado todo esse tempo, depois dessa experiência que você teve, o que você pensa sobre isso, em ter um homem como educador?

MC: Eu penso que é muito bom, poderia ter mais, né, homens como educadores, né, porque foi uma experiência muito boa que eu vivi, eu acho que deveria ter mais agora, mais homens como educadores.

M: E...

MC: Professores, né?

M: ... que vantagens você veria nisso, você acha que tem vantagens em ter o homem lá, você falou que deveria ter mais, por que que você acha?

MC: Eu acho que tem vantagem, porque, a gente tem muito preconceito na nossa cabeça, né, aí eu vi que, depois que a minha filha teve um educador como homem, eu vi que não tem nada a ver, que eles cuidam como se fosse uma mulher cuidando, eles cuidam igualzinho.

M: E desvantagens, você acha que pode ter alguma em ter um homem lá, numa situação mais delicada, você falou um pouco, né, dessa... desse receio seu, dessa vergonha de conversar

diretamente com ele, você acha que isso, por exemplo, pode ser uma desvantagem, ou você acha que é uma coisa sua?

MC: Eu acho que não, eu acho que é uma coisa minha mesmo, porque eu tenho vergonha de... até, assim, com os outros, eu morro de vergonha de conversar com outros homens, eu acho que é por causa disso, mas desvantagem nenhuma.

M: Nenhuma?

MC: Nenhuma.

M: E a sua família agora, né, o seu esposo, outras pessoas, como você acha que eles veem essa situação hoje, depois dessa experiência da Clara lá na creche?

MC: Eles também acharam muito bom, depois que eu comecei a comentar, acharam muito bom e eles também, ele também parou com isso, parou de ficar fazendo muitas perguntas, achou também que deveria ter mais homens como educadores.

M: Ah, legal.

MC: Porque no começo, no começo quando entrou lá, ele falava assim, ai "aquele homem deve ser viado porque pra cuidar de criança", aí vem outro, até comentei com essa menina minha mesmo, "nossa, o preconceito do povo, só porque o homem é homem tá cuidando das crianças, o povo já acha que o homem é viado", eu até comentei com minhas filhas isso daí. (Clara nos interrompe neste momento)

M: E como é a relação que a Clara estabeleceu com ele, como é que você descreveria a relação dos dois?

MC: Foi muito boa.

M: É?

MC: Muito, muito mesmo.

M: Você acha que, é, ele foi uma figura importante pra ela?

MC: Foi, foi uma figura muito importante pra ela, porque como ela chegava e falava tão bem desse professor, eu ficava gente, parecia que tava até apaixonada, no bom sentido, né (riso), ela falava muito bem dele.

M: Ai que bom!

MC: Parece que ela se desenvolveu muito bem também com ele, né.

M: Entendi. E você acha, então, que ele fez bem o papel dele de educador?

MC: Fez muito bem o papel do educador, ele fez muito bem mesmo.

M: Deixa eu te fazer uma outra pergunta, você acha que pra criança tem alguma diferença ela ser educada e cuidada por um homem ou por uma mulher, você acha que faz diferença?

MC: Acho que não.

M: Você acha que não?

MC: Acho que não.

M: E pra você?

MC: Eu também acho que não.

M: Você acha que não?

MC: Não.

M: Pois você tinha comentado, até, a coisa do banheiro, por exemplo...

MC: É, sei, aham, é sei.

M: E aí, ali realmente era uma coisa que era dividida, mas, e se não fosse, imaginemos que fossem dois homens na sala, você acha que aí teria algum problema, ou você acha que mesmo assim não haveria diferença?

MC: Ah, eu acho que não haveria diferença nenhuma, não.

M: Você acha que não?

MC: Acho que não, não haveria não.

M: E em relação à idade, você acha que pode fazer alguma diferença ser um homem ou uma mulher educando e cuidando a criança, por exemplo, um bebê de seis meses, uma criança de três anos, uma criança de oito, você acha que faz alguma diferença em relação à idade?

MC: Eu acho que sim, será que ele iria saber cuidar de um bebê, é o que eu penso, né.

M: Você acha que aí faria diferença, por um homem ou por uma mulher?

MC: Bom, é o que eu acho, né, eu penso, será que eles iam saber cuidar de bebê que nem uma mulher cuida, nossa.

M: Você acha que pra uma mulher é uma coisa que é tranquila?

MC: É verdade, tranquila, eu acho que é, muito tranquilo.

M: Quando você teve a sua primeira filha, você tirou de letra?

MC: É, com a minha mãe em cima, né (risos), com minha mãe em cima (risos).

M: Ah! Entendi.

MC: Tinha muitas coisas que eu não sabia fazer.

M: Entendi.

MC: Que nem cuidar do umbigo, foi tudo minha mãe que fez essas coisas pra mim.

M: Então você acha que faria diferença neste sentido, uma criança muito pequena?

MC: Muita pequena, acho que faria.

M: Em relação a ser menino ou menina, você acha que não teria problema nenhum?

MC: Não.

M: Um homem dando banho, trocando fralda, tanto de menina, quanto de menino, não teria problema?

MC: Não, nenhum, não teria problema.

M: E pra você que características que deve ter um homem que vai trabalhar numa creche como educador, como é que deve ser esse homem, o que ele deve conhecer, né, a gente falou agora do bebê, nessa carreira que o Vicente ingressou, no concurso, ele pode dar aula pra criança desde que ela entrou na creche, então ele pode, de alguma maneira, em algum momento, por uma opção dele, cuidar de bebê.

MC: É verdade.

M: Então, assim, pensando em tudo isso, né, que um educador pode trabalhar com a criança desde que ela entrou na creche até o momento que ela saia, por volta dos três anos hoje, né, o que você acha que esse homem tem que ter, o que que tem que saber, como é que ele deve ser pra ele poder exercer esta função?

MC: Acho que ele teria que saber cuidar de criança, né, eu acho que se ele é o educador, ele já ia saber, né, dar o banho na criança, que mais poderia falar...

(Silêncio)

M: Pensa na sua expectativa, imagina sua filha lá, com esse educador, o que é que você acha que ele tem que ter, como que ele deve ser, né...

MC: Ele tem que ser carinhoso, né, tem que gostar muito de criança, né, tem que gostar muito.

M: Tem uma coisa que você já me falou, você disse que não tem, que pra você precisa ter...

MC: Eu falei?

M: Falou, você não serviria pra cuidar de criança...

MC: A paciência, é verdade, muita paciência, porque eu não tenho muita paciência ultimamente, eu tinha muito, mas depois que eu tive minhas filhas minha paciência acabou tudo, ainda mais ela que tá agora adolescente, dá mais trabalho ainda, aí minha paciência foi tudo embora, é isso, teria que ter muita paciência mesmo.

M: Você acha que essa coisa que você falou do bebê, você acha que se fosse oferecido um curso, por exemplo, que ensinasse isso, permitiria que tanto um homem quanto uma mulher fosse lidar com um bebê, você acha que ainda assim mesmo o homem sabendo

como trocar fralda, como dar o banho, ainda teria alguma coisa que não seria, como é que eu vou dizer, que não seria confiável um homem lá cuidando do bebê?

MC: Eu acho que ele deveria fazer esse curso sim, mesmo sabendo deveria fazer o curso.

M: Então você acha que esse curso seria o suficiente?

MC: Suficiente.

M: Ou você acha que ainda sim, não, teria que ter uma mulher?

MC: Não, poderia ser o homem e a mulher, com o curso, soubesse cuidar da criança.

M: Entendi, que tem mulher que também não sabe, viu?

MC: Tem mulher que não sabe, é verdade, joga tudo pra mãe, pro vizinho que tá ali.

M: Eu vou te falar uma coisa, o Vicente é pai, não sei se você sabe.

MC: Como?

M: Ele é pai.

MC: O Vicente?

M: É...

MC: Eu não sabia.

M: Ele tem dois filhos...

MC: Eu não sabia.

M: Ele tem uma menina e um menino. Eu acho que ele sabe cuidar mais de bebê do que eu (risos) que sou mulher, por isso que eu estou te perguntando.

MC: Ai, eu não sabia que ele tinha filhos...

M: Qual a função do homem e da mulher na educação das crianças? Pensando de uma maneira geral, o que é que você acha que é o papel do homem e o que é que você acha que é o papel da mulher, no cuidado das crianças, seja dos filhos, sejam na creche, o que é que você acha que é papel de cada um, existe um papel que é diferente, você acha que não?

MC: Eu acho que não.

M: Que você comentou que seu marido não tem muito tempo.

MC: Não, meu marido não tem.

M: Mas, se ele tivesse tempo, você acha que ele teria o mesmo papel que você?

MC: Ele teria. Tenho certeza que teria.

M: Então você acha que os dois têm que...

MC: Eu acho que os dois têm que ter o mesmo papel pra cuidar da criança.

M: Entendi, e a nossa sociedade? Você acha que a nossa sociedade também pensa assim, que o homem e a mulher têm o mesmo papel?

MC: Não pensa.

M: O que a nossa sociedade espera?

MC: Eu acho que não pensa, eles acham que só a mulher tem que cuidar, porque tem homem que é assim que só a mulher tem que cuidar da criança, eles não tem que ajudar, eu penso assim (riso).

M: Acha que é.

MC: Foi comentário que eu já até escutei já, eles falam "ah, é só a mulher que tem que cuidar do filho, meu papel é só trabalhar".

M: E você acha que não?

MC: Eu acho que não, eles têm que ajudar também!

M: Então tá. Agora que vou te fazer uma última pergunta. Vamos imaginar que hoje você conhecesse alguém, que fosse colocar uma criança numa creche e nessa creche tivesse um homem como educador, então você tá conhecendo essa família, ou é uma família que você já conhecia e ela tá cheia de dúvida, de medo, o que você diria pra essa família?

MC: Eu diria... eu diria pra ela que podia colocar tranquila, tanto um homem como uma mulher faz o mesmo papel igual, que eles cuidam muito bem, direitinho, talvez até melhor que a mulher (risos), que eles ficam mais, vamos dizer assim... como se diz, atencioso, né, que se diz, que eles olham muito bem, eu diria que poderia colocar...

M: E tem alguma outra coisa que eu não perguntei que você queria falar, que você acha que seria importante pro meu trabalho?

MC: Não sei, acho que não.

M: Alguma coisa que aconteceu, alguma coisa que a Clara falou, que você viu, que você achou interessante?

MC: O que eu vi foi quando a Clara ficava naquela quadrinha, lá nos brinquedos brincando, que eles cuidavam, quando eu passava às vezes nem eles me viam passar, nem ela, eu via os dois lá brincando com ela de roda, brincando na areia com ela, achei muito bonito aquilo, falei "olha lá eles cuidam muito bem da minha filha", e das outras crianças, é lógico, tanto a minha filha como das outras crianças.

M: Você acha que é uma vantagem daquela creche, que ela é bem aberta?

MC: É, a gente passa, tem vez que eles nem vê a gente passando a gente tá vendo o cuidado que eles têm com a criança, eles prestam atenção pra vê se as crianças não vão se

450 machucar, eu gostei muito, o meu medo eu, tinha acabado tudo, no começo eu fiquei com
451 muito medo de deixar, né, mas aí meu medo acabou tudo, depois que eu comecei a vê
452 certas coisas, acabou tudo.

453 M: Isso te tranquilizou?

454 MC: Me tranquilizou e muito, comecei a trabalhar tranquila pensando "lá a minha filha tá
455 muito bem cuidada", até que agora eu sinto muita falta de lá, ah, meu Deus, se eu pudesse
456 pelo menos de terça deixar minha filha lá com eles, aí eu trabalharia tranquila. Agora,
457 terça trabalhando não tem com quem ficar mais na parte da tarde, né, que todo mundo tá
458 estudando na parte da tarde, minhas filhas, aí tem que levar lá no outro bairro pra depois
459 buscar.

460 M: E você não conseguiu colocar ela à tarde?

461 MC: Então, é porque meu marido pediu pra pôr de manhã, aí eu já deixo de manhã, né, e
462 depois de tarde a pessoa, vamos supor, a pessoa que vai ficar com ela, vai ficar só pouco
463 tempo, porque lá pelas quatro e meia eu já estou em casa, aí a outra pessoa só ia ficar
464 pouco tempo com ela, que até duas horas meu pai fica, aí seria depois das duas pra pessoa
465 pegar ela.

466 M: Entendi, é que eu fiquei pensando talvez pela suas filhas estarem em casa à tarde, talvez
467 ficasse mais fácil.

468 MC: Ah é, não, é porque elas estudam tudo à tarde, caiu tudo à tarde esse ano de novo, né, a
469 mais velha também não tem...

470 M: Fica em casa à tarde não, é de manhã, né?

471 MC: De manhã?

472 M: É porque elas estudam à tarde!

473 MC: É, elas estudam à tarde, ficam de manhã, né.

474 M: Então aí elas não teriam como deixar a Clara, acho que a Clara entra depois delas, né?

475 MC: A Clara entra sete horas.

476 M: Então, mas, se fosse à tarde, ela entraria à uma, não é?

477 MC: É.

478 M: Elas entram meio dia e meia.

479 MC: Isso à uma, entram meio... não, elas entram à uma também.

480 M: Também, mas é lá em cima!

481 MC: Lá no (nome da escola).

M: Então não daria tempo.

MC: Não daria.

M: É, tem que ir se ajeitando, né?

MC: Se ajeitando.

M: Quem sabe eles abrem aí EMEI com período integral.

MC: Verdade, aí seria tudo de bom, se fosse integral, falei se eu tivesse condições de pagar uma escolinha colocaria no período integral, mas a gente não tem condições, né, porque escola assim é bem caro!

M: É, mas parece que existe aí uma ideia de abrir algumas EMEIs no período integral, vamos ver, né, se sai.

MC: É.

M: Então tá, era isso que eu queria perguntar.

MC: Não sei se eu respondi certo.

M: Não, foi ótimo, imagina!

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo